

Itaytera

Número 28

Ano 1984

É extremamente difícil entender-se um Legislativo democrático todo desvinculado do processo político gerado pelos partidos. Isso é absolutamente impossível numa democracia verdadeira, cuja organicidade se constitui exatamente de partidos e programas. Por mais respeitável que seja a proposta de Henry Maksoud no sentido de desvincular o Legislativo dos partidos, não vejo como atingir tal objetivo, a meu ver inalcançável mesmo nas maiores democracias do mundo, como a americana ou a escandinava.

Quanto à sugestão de um Senado com funções específicas, sim.

Na monarquia ele já exerceu estas funções graças aos mecanismos existentes e o processo do poder moderador representado pela sábia figura de D. Pedro II. Mas o procedimento democrático específico para a constituição de um Senado, como sugere Henry Maksoud, não deverá ser de forma alguma confundido com essa horrível medida casuística que resultou nos senadores biônicos, os quais, como se viu, em nada melhoraram o nível senatorial.

O que importa em política é que o legislador, ao assumir suas funções, não leve para elas idiosincrasias de ordem pessoal ou ideológicas, mas antes idéias e planos dignos de verdadeiros e autênticos estadistas e administradores como ocorre, por exemplo, na Inglaterra, França e demais países civilizados.

Nertan Macêdo

* Nertan Macêdo é jornalista, natural de Crato. Já foi Secretário de Comunicação Social do Estado, Chefe da Representação do DASP no Rio de Janeiro, Assessor do ex-Ministro Mário Simonsen e é membro da Academia Cearense de Letras, com vários livros publicados, notadamente sobre a saga das grandes famílias cearenses.

a ferragista

uma organização
tão cratense
quanto esta revista

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial.

Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para A FERRAGISTA.

Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, A FERRAGISTA, capitaniada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cearense. Mas o nosso maior orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

a ferragista

A ÚNICA FIEL A ORIGEM DO SEU NOME

MATRIZ: Sena Madureira - Tel.: 231-0655 - Fortaleza

FILIAIS: Dr. João Pessoa - Tel.: 521-0058 - Crato-Ce

Av. Gomes de Matos, 505 / 513 - Fortaleza

ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri

Nº 28 — CRATO — CEARÁ — 1984

Presidente do ICC:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Diretor de ITAYTERA:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Redação:

Praça Juarez Távora Nº 950

CEP: 63.100 — CRATO - CEARÁ

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres.

Os originais não serão devolvidos.

Diretoria do ICC

Período de Dezembro de 1983
a dezembro de 1985

Presidente:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Vice Presidente:

JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA

Secretário Geral:

FRANCISCO HUBERTO E. CABRAL

Secretário:

JURANDY TEMÓTEO DE SOUZA

Tesoureiro:

ANTONIO CORREIA COELHO

Comissão da Revista ITAYTERA

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO
JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA
FRANCISCO HUBERTO E. CABRAL
JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR CORTÊZ

Comissão de Ciências, Letras e Artes

JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUZA
PLÁCIDO CIDADE NUVENS
FRANCISCO DE ASSIS BRITO
RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Comissão de Sindicâncias

ELOI TELES DE MORAIS
JÓSIÓ DE ALENCAR ARARIPE
ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO
PE. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SECÇÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO - Pe. Dr. José Antonio Maria Ibiapina
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
- 2 - PATRONO - Bruno de Menezes
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 3 - PATRONO - José Alves de Figueiredo
OCUPANTE: Pe. Neri Feitosa
- 4 - PATRONO - Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE: Edméia Arraes de Alencar
- 5 - PATRONO - Mons. Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE: Vaga
- 6 - PATRONO - Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE: Pe. Antônio Gomes de Araujo
- 7 - PATRONO - Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE: Vaga
- 8 - PATRONO - Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Sousa
- 9 - PATRONO - Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE: Prof. Rubens Gondim Lóssio
- 10 - PATRONO - Pe. Emídio Leite Cabral
OCUPANTE: Thomé Cabral dos Santos
- 11 - PATRONO - Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE: Pedro Gomes de Matos
- 12 - PATRONO - Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE: General Raimundo Teles Pinheiro
- 13 - PATRONO - Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE: Cláudio Martins
- 14 - PATRONO - Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE: F. S. Nascimento
- 15 - PATRONO - Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE: Vaga
- 16 - PATRONO - Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO - João Brigido dos Santos
OCUPANTE: Nertan Macedo de Alcântara
- 18 - PATRONO - Raimundo Monte Arraes
OCUPANTE: Vaga
- 19 - PATRONO - José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE: Mozart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO - Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE: Vaga

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO - Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

EDITORIAL

MAIS UM NÚMERO DE ITAYTERA

Entrega-se, hoje, ao público leitor, mais um número da revista ITAYTERA, justamente o de número 28, correspondente ao ano de 1984.

É mais uma expressiva vitória do Instituto Cultural do Cariri, a braços, a cada ano, com dificuldades financeiras, para lançar sua revista oficial, dados os preços elevados do setor gráfico.

Evidencia-se, neste País, que as entidades dedicadas à pesquisa, à cultura e divulgação histórica, estão cada vez mais difíceis de sobreviver, nas capitais, e, principalmente, no interior, onde os recursos são, ainda, mais escassos e difíceis de obter.

ITAYTERA não foge à regra.

Revista especializada no setor cultural, portavoz de uma instituição que já vai com 31 anos de existência, enfrenta dificuldades sem conta para circular, embora anualmente.

A luta vai continuar, temos certeza disso.

Mas sempre nos encontrará com a firme e inabalável disposição de enfrentá-la.

Tem de recorrer — e isso já vem fazendo há muitos anos, à colaboração do comércio, indústria, bancos e amigos particulares, e às instituições públicas, que, felizmente, tem acudido aos seus apelos, de modo a reunir os elementos financeiros indispensáveis à sua publicação.

Evidentemente que a tiragem não atinge as proporções ideais, em vista, mesmo, do problema.

Enquanto não se modificar, nesta Nação, a visão para com as causas da Cultura, propiciando-se às suas instituições culturais os meios necessários às suas atividades, suas pesquisas e sua própria sobrevivência, a situação continuará assim.

A memória nacional ainda não é de todo compreendida, respeitada e estimulada, e os que se aventuram à produção intelectual tem de passar por essa difícil situação.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI tem vencido o passar dos anos, mesmo sobrecarregado de problemas, e os vai vencendo, por teimosia dos que o dirigem e se lançam à aventura — pode-se dizer que o termo é esse — de publicar uma revista deste porte, no interior.

Nossos agradecimentos, de coração, a todos os que cooperam com o presente número de ITAYTERA, que significa mais um marco em nossa existência, e se firma cada vez mais no reconhecimento e no conceito dos meios intelectuais do Ceará e do Nordeste.



Itaytera
Homenageia

o

Cel. Filemon Fernandes Teles

SALVE! 20 DE AGOSTO DE 1947

*Homenagem
da
Familia Cratense
ao
Cel. Filemon F. Teles*

Ilmo. Snr.

O dia 20 de Agosto registra a data aniversária do Cel. Filemon Fernandes Teles. Esse nome se impõe à consideração imparcial de quantos o conhecem. Filho desta terra, de familia tradicional, honrado como ninguém, o Cel. Filemon é um vulto de destaque na sociedade cratense.

Quer a comissão abaixo prestar ao ilustre filho do Crato um preito solene e sincero de respeitavel e bem merecida homenagem de carater puramente familiar, abstrando-se por completo de qualquer interesse partidário.

É a familia cratense que deverá prestar a um dos mais preclaros dos seus membros uma homenagem de apreço que condiga com as inegaveis credenciais dos seus inegaveis méritos pessoais.

A comissão, pois, que subscreve a presente, composta de nomes de cratenses natos e de elementos de valor que aqui residem, embora não sejam filhos do Crato, têm a honra de convidar V. S^o e Exma. familia para abrihantarem com suas presenças o sarau dançante que se promoverá, no dia 20 deste mês, às 20,30 horas, nos salões do "BAR-IDEAL-CLUBE", em homenagem ao nosso ilustre conterraneo, o Cel. Filemon Fernandes Teles.

CEL.
FILEMON
FERNANDES
TELES

Dizer e não provar, é não dizer, já afirmaram os romanis, e é principio fundamental em nosso direito.

Por questões de ordem particular, alguém afirmou contra Filemon Fernandes Teles, cobras e lagartos. Foi facil faze-lo, porque ninguém se pode livrar das más linguas e a insinceridade não respeita a esfera de limites alheios, mas é dificil prova-lo, por ser inveridica a afirmação.

Filemon Fernandes Teles é um cidalão inatacavel, que pesa no conceito social, não por força de conveniencias politicas ou de influencia particular, mas pelo seu proprio valor pessoal.

Se é um homem sem curso de escola superior, nem por isso deixa de ser tão digno quanto quem mais

Antecipando sinceros agradecimentos, a comissão se subscreve.

Atenciosamente

José Luiz de França
Dr. Antenor Gomes de Matos
Dr. Otacílio Macêdo
Osael Medeiros
Ra:mundo Teixeira
Dr. Luiz de B. Maranhão
Dr. Dalmir Peixoto
Aldegundes Gomes de Matos
José de Brito
Ramiro Maia
Dr. Anibal V. de Figueirêdo
Dr. Antonio José Gesteira
Antonio Landim Filgueiras
Antonio Tavares Bezerra
Crato, Agosto de 1947

Exibível e intransferível

NOTA: — Pede-se o não comparecimento de crianças.

o fôr, porque é honesto, cumpridor dos seus deveres e absolutamente conscio de suas obrigações, especialmente ás que dizem respeito ao ramo das actividades que se traçou.

Demais, devemos nos lembrar que não somente as letras dignificam, senão também todo trabalho produtivo e honesto.

Adiantamos que não nos móve a isto qualquer interesse junto a Filemon, senão o da amizade que nos liga ao mesmo. E, para demonstrar que não somos exclusivamente nós que o vemos assim, passamos a transcrever uma apreciação a seu respeito, publicada em "Correio do Ceará", edição de 1937:

— "O que marca, sobretudo, a personalidade de Filemon Fernandes Teles, é o poder de cativar. Todos se sentem bem em contacto com essa figura que não tem complexo de superioridade. Risonho e cheio de amabilidades, o sr. Filemon Fernandes Teles representa exatamente o contraste de certos personagens a quem a presunção transforma em seres inabordáveis. Membro de uma das mais ilustres famílias do Cariri, capitalista, benfeitor de sua terra, nem por isso ele exibe qualquer sinal de arrogancia. Pelo contrario, a simplicidade é a sua característica.

Espírito democratico, despido de qualquer sentimento de vaidade, o sr. Filemon Fernandes Teles é, indiscutivelmente, um dos filhos do Crato que mais conta com a estima dos seus conterraneos. Esse prestigio justifica-se não apenas pelo seu cavalheirismo, mas também pelos abnegados serviços prestados à sua terra.

Na verdade, o sr. Filemon Fernandes Teles não é somente o homem de negocios, inteligente, que administra exemplarmente a sua fortuna. Ele não sabe isolar-se nas atitudes de egoísmo que são o refugio dos nulos e dos pusilânicos. Antes, compreende que cada individuo tem

uma função de responsabilidade a desempenhar no seu meio social. Nesta convicção foi que se tornou, no Crato, um elemento que está sempre à frente das boas iniciativas. É o homem que se destaca em todos os movimentos e campanhas em prol do engrandecimento da cidade e do município.

Politico, o sr. Filemon Teles jamais se deixou dominar por excessos de paixão partidaria, mantendo-se em todos os momentos, num plano superior, pela serenidade de gestos e pela honestidade de propositos.

Antecessor, no governo da comuna, desse outro vulto, da mais fina estirpe, que é Alexandre Arroes de Alencar, o Sr. Filemon Fernandes Teles trabalhou pelo progresso do Crato com uma solicitude rara e uma tenacidade edificante.

Entre outras conquistas, basta uma para consagra-lo credor da gratidão de seus conterraneos: a concretização do empréstimo de mil contos de reis, feito pela Caixa Economica do Rio de Janeiro, à Prefeitura do Crato. Para isso, passou quase um ano na capital do país, lutando contra todas as dificuldades, disposto a só regressar, como o fez, depois de efetuar essa pretensão.

Presentemente o sr. Filemon Fernandes Teles é presidente da Associação Agricola Pastoril e da Cooperativa Agricola do Cariri. Através desses dois órgãos ele continua a empregar energias pelo desenvolvimento social e economico do Crato".

Foram estas as palavras do reporter, que fazemos nossas, porque conhecemos Filemon.

Tudo o que se disse é verdade. Entretanto um irreconhecido e irreconhecivel achou, ultimamente, acobertado por segundas intenções de querer diminui-lo, sem duvida, não perante o povo de Crato, o que é praticamente impossivel, mas á vista de estranhos àquela terra.

Quis-se acusar Filemon, com respeito ao contrato e á construção da Praça Siqueira Campos, em Crato, à época da sua administração. Trabalho perdido, visto como o contrato em questão foi firmado pelo prefeito interino, Cel. Antonio Esmeraldo e testemunhado pelos drs. Ivan de Oliveira Ramos, então promotor de justiça, e Jefferson de Albuquerque e Souza, advogado tendo sido realizada a construção justamente quando Filemon se encontrava no Rio de Janeiro.

É certo que a lembrança e os esforços no sentido da construção dessa Praça, foram seus, embora a realização tenha sido levada a efeito na sua ausencia, a despeito do que, no seu periodo de administração.

E sobre a administração de Filemon diremos, sem receio de contestação:

a) — que foi, salvo engano, o primeiro Prefeito do Crato que publicou relatório de sua gestão;

b) — que concedeu subvenções a diversas associações de Classes, no valor de Cr\$ 47.186,90;

c) — que conseguiu o empréstimo de um milhão de cruzeiros para construção da Usina Hidro-Eletrica;

d) — que construiu a rodagem do sitio "Lameiro" à nascente do rio "Batateiros";

e) — que construiu uma ponte de cimento armado sobre o rio "Saco", uma ponte de madeira sobre o riacho dos "Coxos", e reconstruiu a ponte sobre o rio Carás;

f) — construiu a Praça Siqueira Campos;

g) — Construiu um prédio à Rua José Carvalho, com três grandes pavimentos, para almoxarifado, garagem e casa da musica, da Prefeitura;

h) — construiu 8.053 metros quadrados de calçamento;

i) — mudou o piso da Praça Jua rez Tavora;

j) — tendo encontrado a Prefeitura com "deficit" de Cr\$ 66.987,74, entregou-a ao seu substituto com um saldo de Cr\$ 19,621,90.

Por tudo isso é que Filemon vem merecendo acatamento dos seus concidadãos, os quais, reconhecendo nele o homem que é, lhe tem distinguido com presidencias de associações de classes e outras distinções e encargos.

(Da "Gazeta de Noticias" — 25-5-1947)

Ivan Ribeiro Parahyba

Republicado no opúsculo "Porque, no Crato, os Teles controlam", Tipografia Moraes, Fortaleza, 1947).

SAUDAÇÃO A FILEMON TELES

Não vim fazer um discurso, tarefa de que outros se encarregaram, com ênfase e brilhantismo. Meu papel, aqui, é muito mais modesto. Desejo, apenas, narrar, **inter amicos**, um episódio da política cearense que, penso, deverá interessar àquele que agora recebe as nossas homenagens.

Nos idos de 1917, se me não trai a memória, o então Governador do Ceará, Dr. João Tomé de Sabóia e Silva, resolveu visitar a zona do Cariri, e, acompanhado de grande comitiva, parou em Lavras, onde recebeu as homenagens do povo lavrense e do seu chefe político — cel. Gustavo Lima.

Naquela cidade, veio encontrar-nos o moço Filemon Teles, filho do cel. Teodorico Teles de Quental, Prefeito do Crato, trazendo avultado número de animais de montaria e de carga, destinados ao transporte da comitiva e de sua bagagem. Fizemos ótima viagem até o Crato, onde nos aguardava uma recepção estrondosa, sendo règiamente tratados e homenageados durante alguns dias, pois

não podíamos encetar o regresso, antes que voltassem ao Crato as delegações da comitiva que foram encarregadas de visitar, em nome do Governador, diversos municípios vizinhos. Após as mais expansivas e afetuosas despedidas, voltamos a Lavras, conduzidos pelo mesmo guia, sempre solícito e gentil. Este, o primeiro capítulo do episódio que me proponho a narrar.

O segundo capítulo iniciou-se logo após o rompimento dos chefes do partido Marrêta com o governador João Tomé. Este, apoiado pelos Democratas (Rabelistas), e Aciolinos e pelos meus amigos, depois de haver perdida a esperança de sua reeleição, em virtude da indicação do nome de Justiniano de Serpa, feita pelo presidente Epitácio Pessoa (através de D. Antônio Carlos), contentou-se com a senatória que Rabelistas e Aciolinos lhe ofereceram, e concentrou sua atuação política na realização desse objetivo.

Para começo da nova diretriz, resolveu demitir todos os prefeitos ligados ao partido Marrêta, substituindo-os por adeptos dos partidos que o apoiavam.

Quando chegou a vez do Prefeito do Crato, resolveu ouvir-me sobre o assunto, pois não ignorava as relações que me prendiam ao cel. Teodorico Teles.

Pedi-me que eu mostrasse ao Prefeito do Crato a conveniência de sua renúncia, a fim de evitar que ele o demitisse, o que não desejava fazer.

Respondi-lhe que isso me custaria tanto quanto a ele (Presidente) demiti-lo.

Por que sente tal dificuldade? — perguntou-me o Governador. Porque, respondi eu, conheço bem o cel. Teodorico, e acredito que ele não receberia bem o meu alvitre, preferindo cair com os seus chefes a tomar uma atitude de renúncia, que equivaleria,

no momento, ao abandono dos seus correligionários. Prevendo tal eventualidade, os chefes marrêtas já haviam telegrafado a todos os seus Prefeitos, pedindo-lhes que não renunciassem, mantendo-se nos seus postos. Querem obrigar-me a demiti-los, observou o Dr. João Tomé.

É claro, disse eu, pois, assim, fará de cada um deles um inimigo implacável de V. Exa. Lembrei-lhe, jeitosamente, episódios de nossa viagem ao Crato, e êle me confessou que, realmente, lhe doía praticar o ato de exoneração do cel. Teodorico, mas as contingências da política a tanto obrigavam.

Vendo que eu não estava disposto a atender ao seu pedido, falou sobre outros assuntos e assim terminou, calmamente, a nossa conferência. Calmamente, apenas na aparência, porque, desde aquêlê dia, João Tomé modificou sua atitude a meu respeito.

Compreendendo que já não era **persona grata** do Governo, procurei afastar-me, pouco a pouco, de Palácio, porque nunca prestei solidariedade incondicional aos senhores do poder.

Assim terminou a segunda fase do episódio político. A terceira fase diz respeito à minha pessoa, pois nela figuram apenas os meus castigos. João Tomé já me considerava seu adversário e não poupava os meus amigos. Entretanto, chegou, ainda, a perguntar minha opinião sobre o cel. Antônio Luís Alves Pequeno que êle deliberara colocar no lugar de Teodorico e ao qual atribuía todas as boas qualidades e um prestígio extraordinário, em todo o vale do Cariri.

Como eu, concordando com as boas qualidades do futuro Prefeito, a quem muito auxiliara na luta contra o cel. José Belém e na sua ascensão à Prefeitura do Crato, após a queda daquele potentado, mas fazendo sérias restrições ao prestígio político

do seu candidato, na zona do Cariri, o Governador não me disse mais nada, e fêz o que lhe exigiam os políticos.

Essa nossa conversa chegou, naturalmente, deturpada, aos ouvidos de Antônio Luís, que se julgou ofendido, e não mais me cumprimentou, tornando-se meu inimigo. Dou por encerrado, nesta altura, o episódio em apêço que, na verdade, foi bem mais longe, pelas outras conseqüências na minha vida política. Fico, porém, na perda dos dois amigos — João Tomé e Antônio Luís.

Teodorico continuou no seu partido, até que êste, em virtude de sua inqualificável atitude em relação à candidatura Belisário Távora, entrou em franca e rápida dissolução.

Alguns anos depois de sua morte, uma carta do meu prezado correligionário, Dr. Antônio Araripe, então, meu representante no Crato, dava-me a alvissareira nova de que, Filemon Teles, como todos os seus disciplinados e numerosos correligionários, se declarara integrado nas hostes do Partido Republicano Cearense que obedecia à minha orientação política. Acrescentava Araripe que, espontaneamente e com satisfação, entregara a Filemon a direção do partido, no município do Crato. Desde então, a política do Crato não me deu mais cuidados, proporcionando à nossa agremiação sucessivas vitórias, naquele município.

Se eu aspirasse a uma compensação aos meus dissabores em tôdas as fases desse episódio, nenhuma seria mais completa do que essa espontânea manifestação política do filho de Teodorico Teles, cuja honra eu, também espontaneamente, defendera, perante João Tomé.

Meu caro Filemon!

Correligionário e amigo indefectível, nos dias felizes ou nublados, é sempre com orgulho e desvanecimento, que te vejo ao meu lado nas pugnas incessantes, pelo bem de

GALERIA COMERCIAL FILEMON FERNANDES TELES

Para assinalar a passagem do Centenário do seu ilustre Chefe, a Família do Cel. Filemon Fernandes Teles erguerá, no local que foi sua residência, á Rua Dr. João Pessoa, uma suntuosa galeria comercial, nos moldes dos grandes centros.

A Galeria atravessará da Rua Dr. João Pessoa á Rua Santos Dumont e será em estilo bem moderno. Um amplo corredor, de 2 metros de largura, dará fácil acesso a todas as lojas, sendo que o visual da frente, na Rua Dr. João Pessoa, será em vidro fumê e arquitetura bem avançada.

De acordo com o Sr. Filemon Teles Neto, que comanda a iniciativa, a Galeria terá 5 pavimentos, o térreo e mais 4 andares, todos com bem cuidado acabamento. Ficará mais alta do que a vizinha construção de Salmíneo Variedades.

Naquele verdadeiro templo comercial, erguerá, assim, a família Teles, um monumento imperecível á memória do seu Chefe.

A Galeria terá consultórios médicos, boutiques, bancos, lojas de artesanato e vendas de passagens, cabeleireiros, lanchonetes, policlinicas escritórios comerciais e de advocacia, galeria de arte, livrarias, etc.

nossa terra! Nesses momentos em que nosso espírito procura atingir as alturas supremas em que pairam os destinos da Pátria, ressurgem aos meus olhos a figura encarnada da honra e da bondade, daquele que te ensinou a ser também honrado e bom. Tudo mais que eu te poderia dizer resumido num grande abraço, expressão muda do meu afeto e da minha gratidão.

(Senador Fernandes Távora, na homenagem dos 80 anos do Cel. Filemon Teles. Publicada no livro "Ideias e Perfis", Imprensa Universitária do Ceará, 1967, páginas 84/88)

CENTENARIO DO CORONEL FILEMON

F. TELES

GRANDE PROPRIETÁRIO RURAL

A comunidade do Crato e do Cariri comemorarão neste ano de 1984 o centenário de nascimento de um dos seus mais ilustres filhos, o Cel. Filemon Fernandes Teles, figura de real relevo na vida política, social e econômica do Crato e um dos seus líderes mais destacados.

DADOS BIOGRÁFICOS

Filemon Fernandes Teles nasceu em Crato a 20 de Agosto de 1884, filho do Cel. Teodorico Teles de Quental e de sua esposa, Ana Balbina da Encarnação Teles. Fez as primeiras letras em nosso meio e ainda estudou no Seminário de Fortaleza, tendo deixado aquela Casa por "não sentir, de modo algum, a vocação para o sacerdócio".

Desde moço ajudou ao pai na administração das vastas e numerosas propriedades da família e nos rumos da política partidária. Seu pai foi Prefeito do Crato e político de grande evidência, da então corrente de Benjamin Barroso.

Casou-se Filemon Fernandes Teles, a primeira vez, com Otilia Pequeno Fernandes Teles. Desse enlace, 3 filhos: um garoto, que só viveu 6 meses, Otilia Pequeno, freira, falecida; e Maria Cirene, ainda viva.

O segundo casamento se deu com Ilnáh Sampaio Barbosa Teles. Dois filhos, uma menina, falecida aos 5 meses, e Anécia, viuva do Dr. Amálio Cartaxo.

D. Ilnáh ainda lhe sobrevive.

Filemon Fernandes Teles foi o maior proprietário rural do Cariri cearense. Eram suas as Fazendas São Bento, Varzinha, Currais, Venha Ver, Barreiro Grande, Patos, Almécegas e Palmeirinha — e, em Pernambuco, Ramalho, Pintadinha, Alecrim, Matinha, Quixabinha, Várzea de Dentro e Baixio da Varêda, estas, em Pernambuco, todas vendidas ainda em vida do seu dono.

POLÍTICO

Foi, ainda, o Cel. Filemon Fernandes Teles Prefeito do Crato, no período de 26 de Maio de 1936 (sucendo a Antonio Pinheiro Gonçalves) a 27 de Dezembro de 1937, quando foi sucedido por Alexandre Arraes de Alencar.

Proclamado o Estado Novo, tendo assumido a Interventoria do Ceará o Dr. Menezes Pimentel, convidou ele a Filemon para ser, novamente, Prefeito do Crato, ao que ele recusou. Redemocratizado o País, foi o primeiro Prefeito constitucional do Crato, eleito em Dezembro de 1946, posse em Janeiro de 1947, ficou na Prefeitura até 1951, sucedido pelo sobrinho Décio Teles Cartaxo.

De 51 a 55 foi Deputado Estadual, Presidente da Assembléia, e, nesse posto, assumiu, interinamente, o Governo do Estado do Ceará. Voltaria a Assembléia de 59 a 63 e de 63 a 67. Também foi Presidente da FAREC, órgão da Secretaria da Agricultura. Em Crato foi fundador e Presidente da Cooperativa Agrícola do Cariri Ltda.

HOMEM DE GRANDES GESTOS

Conhecido pela sua ponderação e pela superior educação cívica, Filemon Teles foi homem de grandes gestos, na vida pública. Na Revolução de 64, ao ser procurado e preso o deputado estadual Pontes Neto, foi ele o deputado que ficou ao seu lado e com ele se solidarizou até à última hora, por reconhecer as inatacáveis virtudes morais desse grande cearense.

Não permitiria que fossem perseguidos ou humilhados os adversários políticos, com os quais mantinha estreito relacionamento, embora de lados diferentes.

Conhecido por sua sociabilidade, hospedou, no Centenário do Crato (17 de Outubro de 1953) o general Castelo Branco e toda a comitiva da 10ª Região Militar, no seu Sítio S. Bento. Mantinha com os chefes políticos adversários, no Crato, tratamento muito respeitoso e social.

Sua casa foi sempre palco de grandes pactos políticos-partidários e sempre esteve aberta ao entendimento e à sadia convivência.

Homem simples, jamais se desligou das atividades agropastoris, caracterizando-se como um dos grandes criadores locais e de mentalidade avançada na pecuária.

Na sua longa existência, de 20 de Agosto de 1884, quando nasceu, até o seu falecimento, em 14 de Outubro de 1977, nunca amalhou inimizades e nem nunca provocou discórdias. Seu sepultamento em Crato, foi uma consagração pública, tributando-lhe o povo homenagens poucas vezes igualada em nosso meio. O velório foi no próprio Sítio S. Bento, a seu pedido, onde ele ficou, em frente aos janelões abertos para o seu amado canal, e dali o féretro se deslocou até à Câmara Municipal, onde recebeu consagrada manifestação do Poder Legislativo local.

Filemon Teles recebera, ao completar 80 anos — em 1964, esplêndida homenagem na Assembléia Legislativa do Ceará, pela palavra de oradores de todas as bancadas.

Na política, depois de haver ajudado ao pai, falecido em 1921, ajudou a eleger o irmão, o médico Joaquim Fernandes Teles, à Câmara Federal, em 1946, e o sobrinho Décio Teles a Prefeitura, em 1951 e a Deputado Estadual em 1955. Foi amantíssimo para com a sua família, á qual nunca faltou com a ajuda material e o estímulo em suas iniciativas.

Segue-lhe a vitoriosa carreira, nos dias de hoje, o neto Filemon Teles Neto, que já foi Secretário na Administração Municipal do Crato.

AJUDAS SUBSTANCIAIS À ITAYTERA

Não podemos deixar de consignar algumas ajudas para a presente edição de ITAYTERA.

Destacamos a ajuda do BÉC/BANDECE, encaminhada pelo Director do último, Capitão Ariovaldo Carvalho, e conseguida junto á Directoria, com o beneplácito do Presidente Fernando Terra.

Igualmente a SECOM (Secretaria de Comunicação do Estado) nos propiciou ajuda, e em especial agradecemos ao seu titular, Jornalista J. Ciro Saraiva, e ao jornalista Pedro Gurjão.

Agradecemos, igualmente, ao Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Prefeituras, Comércio e Indústria, ao Cel. Renato Macário de Brito, Pe. Neri Feitosa, General Teles Pinheiro, Dr. José Newton Alves de Sousa e a todos os demais dedicados amigos do ICC.

DO ENGENHO AO SUBÚRBIO

No Crato, a maioria dos comerciantes é constituída por gente de fora, geralmente das cidades vizinhas.

Isto ocorre por dois motivos: a) a posição de epicentro de irradiação do progresso regional, ocupada largos anos pelo Crato; b) a formação sócio-econômica do Crato: a sua economia girava em torno da monocultura da cana, da qual se fabricava a aguardente e a rapadura, estando os donos de engenhos e de sítios, representantes das famílias tradicionais, mais interessados em acrescer léguas e braças aos domínios e passá-los de geração em geração do que participarem da, então, bisonha atividade comercial, representada, de fato, por pequenos armazéns e bodegas.

Porém o vigor experimentado pela agroindústria impeliu o desenvolvimento do setor comercial. Entremetres, o surgimento de melhores estradas e a implantação da estrada de ferro vieram facilitar a substituição da rapadura pelo açúcar. Ocorreu, ainda, a praga da cana caiana substituída, depois, pela P. O. J., fruto das pesquisas do Campo de Sementes, de Barbalha.

Falhou a primeira iniciativa de implantação de uma usina de açúcar no Cariri, em face da mentalidade estreita dos produtores de cana, de balde procuravam manter a arcaica estrutura de sua agroindústria.

Essa estrutura, todavia, ruiu lentamente.

O processo econômico influiu diretamente sobre o processo político. Como seria fácil imaginar, o comando da política local era exercido por

proprietários rurais, os "coronéis" (remanescentes da antiga Guarda Nacional ou assim chamados por sua ascendência social). Estes, no Crato, guardam uma característica bem peculiar: não são truculentos, de ordinário, pelo contrário coincidem com a definição clássica do "homo cordialis" brasileiro, de Sérgio Buarque. Coronéis Filemon Teles e Néelson Alencar (Néelson do Lameiro) constituem exemplos típicos da bonomia, espírito cordial e pacifismo existente no nosso coronelato rural.

O desenvolvimento urbano propiciou o espaçoado robustecimento de um partido político contrastante ao partido dos coronéis, formado por comerciantes, filhos da terra ou não, e pelas camadas médias e populares da cidade. Este partido, a princípio, obedeceu à chefia de um proprietário rural, o coronel Chico de Brito. Posteriormente, os comerciantes identificados com este partido renovador criaram a Escola de Comércio e o Banco Caixaeral. A escola abriu oportunidade às pessoas que não podiam cursar os dois únicos colégios pagos da cidade e o banco, em molde cooperativista, facilitou o crédito para o pessoal de renda mais baixa, especialmente os caixeiros e pequenos comerciantes — a classe média de então. A criação dessas duas entidades, a par do seu alto valor social, selou a aliança daquele partido político de comerciantes com a classe média local.

Posteriormente, veio a Revolução de 30, e a nomeação de Menezes Pimentel para Inteventor Estadual. Embora, este se identificasse melhor com os setores mais conservadores optou, no Crato, pela nomeação de prefeitos pertencentes ao partido renovador, uma vez que os coronéis eram aliados do Dr. Távora, seu opositor. Efetivamente, foram prefeitos nomeados da cidade, neste período, interrompendo o ciclo dos coronéis, os doutores Wilson Gonçalves e Co-

lombo de Souza, entre outros, e também a progressista figura do inescrutável prefeito Alexandre Arraes, a partir de então e até a sua prematura morte o líder incontestado das forças renovadoras da política do Crato.

Aconteceu a morte de Alexandre e a liderança de Pedro Felício na Escola de Comércio e no Banco Caixaeral. Veio a redemocratização e com ela eleições, nas quais Pedro Felício perdeu, na cidade, a primeira, vencendo as demais, seguindo, entretanto, derrotado, exclusivamente, pela força remanescente do voto rural, até conseguir, finalmente, duas vitórias em pleitos mais ou menos recentes.

O processo de democratização do poder, da própria sociedade e suas instituições é fato inexorável. Veja-se, por exemplo, a constituição da Câmara de Vereadores do Crato há vinte ou trinta anos atrás e a de agora. Na antiga, encontrávamos figuras do porte do velho Xenofonte, de José Villar, do nosso querido Zeba, do Dr. Berges e do Dr. Aluísio Cavalcante, todas pessoas grades, distintas, da nata social. Hoje, vemos muitos graúdos nas suplências e, mais, o pessoal do subúrbio, os silvas e souses do Barro Vermelho,

do Seminário, da Cruz exercendo a sua autêntica liderança no legislativo da cidade.

Quer-me parecer que as diversas alas em que se divide o PDS nas cidades do interior não são grupos amorfos e descompromissados com a dinâmica social.

Acho que os partidos políticos vivem, atualmente, no Brasil a sua fase embrionária. Os futuros partidos poderão surgir dessas facções, descrevendo o clássico leque democrático de conservadores, liberais, progressistas e seus diversos matizes.

Na última eleição realizada em Crato venceu para prefeito o líder populista Valter Peixoto, apoiado por Raimundo Bezerra e Humberto Marcário. Os senhores Pedro Felício e Ossian Araripe apresentaram como candidato o comerciante Chico Pierre, mais identificado com as elites.

Vejo, em tudo isso o antigo poder dos donos-de-engenho ser, gradativamente, transferido para o subúrbio, formado por aqueies, também, antigos descendentes dos cabras do Cariri, tão autênticos filhos da terra como os donos-de-engenho, mas numericamente mais representativos do que eles.

DN — 28-12-83

Da: Coordenação Estadual do MOBRAL / CE

Ao: Sr. J. LINDEMBERG AQUINO Assunto: Congratulações

Ofício, nº 0143 / 84 / COORD / CE / ENPEC

Fortaleza, 23 de fevereiro de 1984

Tomamos conhecimento, através da imprensa, de sua nomeação para dirigir o Departamento de Cultura desse Município.

A informação nos encheu de satisfação por sermos conhecedor de sua capacidade para trabalhos dessa natureza o que inegavelmente, representa melhoria para o município e para o Estado.

O MOBRAL se congratula com o ilustre amigo desejando sucesso na nova missão e se colocando a seu dispor para um trabalho conjunto e integrado na busca de valorização de tudo o que é cultura entre nós.

Atenciosamente,
Lúcia Helena Fonseca Grangeiro
Coordenadora Estadual do MOBRAL/CE

OS JESUITAS NO CEARÁ COLONIAL

INTRODUÇÃO

Aos 29 de março de 1549, no Arraial do Pereira, desembarcavam na Bahia, acompanhados do primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, os seis primeiros emissários da Companhia de Jesus. Eram eles os Padres Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes, Antonio Pires, João de Azpicuelta Navarro e os Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome (1).

Na então colônia, permaneceram os Jesuitas duzentos e dez anos quando por determinação de Sebastião de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, foram expulsos em 1759. Deste período, estiveram eles século e meio em terras cearenses.

Atualmente, é bastante rica a literatura brasileira relativa aos trabalhos que em terras coloniais realizaram os filhos de Loyola. Contudo, no que concerne especificamente ao Ceará, pouco se tem escrito. Um campo muito largo para investigações e pesquisas se encontra aberto aos historiadores.

Visando contribuir em parte para tais pesquisas apresentamos recentemente um trabalho à Universidade Católica de Louvain (Bélgica), concernente ao assunto (2). No presente artigo, contudo, desejamos apenas dirigir nossa atenção para dois as-

pectos da obra que os emissários da Companhia de Jesus instalaram no Ceará. O primeiro tem por objeto considerar a obra missionária implantada na Ibiapaba e o segundo tem por objeto considerar a obra pedagógica que eles implantaram em Aquirás.

Numa perspectiva de análise histórica-pedagógica julgamos impossível considerar estes dois aspectos sem levarmos em conta os propósitos que determinaram o surgimento da Companhia de Jesus na História, sua instalação em Portugal e sua consequente vinda ao Brasil. Em outras palavras, analisar a obra dos Jesuitas no Ceará implica situarmos o problema dentro de um contexto bastante vasto que extrapola os estreitos limites em que ela se encerra. É dentro do contexto de uma época universal, do espírito e eventos desta época que devemos procurar os elementos para melhor compreendermos e julgarmos o "discurso" que os Padres da Companhia desenvolveram em solo alencarino.

1. O Surgimento da Companhia de Jesus na História. O Humanismo Liberal. A Reforma e a Contra-Reforma.

No transcorrer dos séculos XV

(1) Serafim Leite — *Monumenta Brasiliae*, vol. I, Roma, 1956, p. 7.

(2) Aécio Feitosa — *Les Jésuites dans la Capitainerie du Ceara (Brésil): une approche historique*, Universidade Católica de Louvain, Bélgica, 1982.

e XVI a quase totalidade dos países europeus era sacudida pelas idéias e ideais do Humanismo Liberal, movimento essencialmente contestatório aos princípios ainda em vigor e provenientes de uma Idade Média em decadência. Este movimento atinge praticamente todos os setores da atividade humana. No domínio econômico, por exemplo, ele se investe contra o sistema latifundiário detido nas mãos de uma pequena burguesia mercantilista; no domínio político ele se investe contra os sistemas de governo ditos feudais e, no domínio religioso suas proposições são igualmente contestatórias. Nestes termos, como o próprio nome sugere, o Humanismo Liberal é um movimento de liberação do homem face ao contexto socio-político-econômico-cultural de uma época. Ele propõe uma maneira diferente de "ver o mundo", os fatos humanos, a ciência, as relações sociais, os sistemas políticos, a religião, numa palavra, a cultura. Uma nova "filosofia" de vida se instala na Europa, cujo valor supremo é o homem e sua liberdade a expressão maior deste valor. Pic de la Mirandole, um dos intérpretes deste movimento, escrevia a este respeito: "o homem foi colocado no centro do mundo para que possa melhor "ver" o que aí se passa" e a partir de uma leitura crítica da realidade construir seu próprio projeto existencial (3).

O Humanismo Liberal provoca assim uma ruptura no seio do mundo europeu: de um lado, temos uma Europa conservadora que se contorce em seus princípios medievais e, de outro lado, temos uma Europa inovadora que estremece esta cultura agonizante.

No campo religioso, aspecto que mais de perto toca aos objetivos

preliminares deste estudo, as repercussões deste movimento foram profundas. Os valores da Igreja considerados intocáveis são postos em discussão. Em lugar do teocentrismo o Humanismo propõe o antropocentrismo: em lugar de Deus, o homem, sua liberdade e sua vontade como determinantes do seu próprio destino. Em lugar de uma interpretação católica do mundo ele sugere uma outra mais conforme aos postulados e paradigmas científicos. Assim, a Igreja, seus ensinamentos, a teologia medieval, a autoridade do Papa, os Sacramentos, etc., tudo isto é alvo de vigorosos questionamentos. Ernst Bloch interpreta o conjunto destas proposições humanistas liberais como "um golpe anti-ideológico lançado contra a Igreja" que a esta época se considera detentora de um poder que constitui uma "usurpação do sobrenatural" (4).

Em termos históricos estamos diante de uma luta que durará séculos entre o poder espiritual (Igreja) e o poder temporal (Estado). Em termos religiosos, estamos diante da Reforma desencadeada por Martinho Lutero cujos tentáculos em pouco tempo ganharam a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Itália e outros países europeus.

Estremecidos seus alicerces a Igreja não cruza os braços. Pelo contrário, arma-se para a luta. É a Contra-Reforma que surge e que aciona seus mecanismos de defesa. Entre estes mecanismos Roma com o Concílio de Trento estimula a criação de Ordens Religiosas especialmente voltadas para a propagação mais intensa do Evangelho, para a conversão dos gentios, para a instalação de missões católicas no mundo inteiro, para o combate direto às idéias reformistas e, nos países

(3) Ernst Bloch — *Philosophie de la Renaissance*, Pequena Biblioteca Payot, Paris, 1980, p. 14.

(4) Idem, *ibidem*.

católicos ela reativa o tribunal da Inquisição (5).

Foi neste ambiente conturbado e sobretudo crítico da história da Igreja que nasceu a Companhia de Jesus (6). Inácio de Loyola, seu fundador, integra profundamente sua instituição na defesa da Igreja ameaçada. Sua Companhia é uma empresa destinada ao combate e como tal marcada por um forte espírito militar que se revela mesmo em sua organização interna. Com efeito, ela é uma "Companhia", onde cada membro deve ser um "soldado", sob as ordens de um "General", reunidos para uma batalha e cujos instrumentos de guerra são poderosos: o Evangelho e a escola. No Ceará, este espírito combativo, forjado para a luta, persistente e infatigável na defesa e propagação do Evangelho serão levados às últimas consequências quando um dos seus missionários, o primeiro a pisar o solo alencarino, terá como recompensa a coroa do martírio nas mãos dos indígenas. No mais, como veremos a seguir, em terras do Ceará os propósitos da Companhia se revelarão outrossim coerentes com os objetivos que determinaram seu surgimento na História e com os interesses procurados pela expansão colonialista de Portugal.

2. A Instalação da Companhia de Jesus em Portugal e os Objetivos Explícitos e Implícitos de sua Vinda ao Brasil.

A instalação da Companhia de Jesus em Portugal e logo depois

no Brasil coincide com o período crítico que atravessa a Europa dos séculos XV e XVI. Que posição assume este país face às idéias inovadoras e contestatórias desta Europa culturalmente estremecida? Considerar este problema embora sumariamente é ao nosso ver ir a algumas razões que levaram este país a formular seu convite aos Jesuítas para aí se instalarem e em consequência a virem ao Brasil.

Face às proposições inovadoras do Humanismo Liberal e da Reforma Protestante Portugal é certamente o país da Península Ibérica que mais acirradamente fechou suas portas a tais proposições. E, dentro do cenário das nações européias ele permanece na ala dos países conservadores. Ele rejeita as teses do Humanismo, as teses reformistas e numa atitude misantropa ele se fecha sobre si mesmo. Sob o plano religioso, ele se integra na defesa dos princípios do cristianismo católico. Ele procura com todas suas forças salvaguardar sua fidelidade a Roma cujas origens remontam às próprias origens do chamado Condado Portucalense. Efetivamente, no fundo, as lutas empreendidas no século IX pelo Rei D. Afonso Henriques visando a expulsão dos mouros de Coimbra, de Santarém, de Faro, de Braga e de Lisboa, constituem uma luta de caráter profundamente religiosa: é um combate do catolicismo contra a religião do Profeta (Maomé).

No transcorrer do século XVI quando a propaganda luterana ameaça invadir seus domínios Portugal toma duas medidas que em larga

(5) Sforza Pallavicini — *Histoire du Concile de Trente*, vol. I, J. P. Migne, editor, Paris, 1864, p. 563-615. Augustin Fliche e Victor Martin — *Histoire de l'Eglise*, vol. XVI, Edições Bloud e Gay, Paris, 1951, p. 83-122. Acrescentamos que a Inquisição foi instalada na Igreja durante o pontificado de Gregório IX (1227-1241), sendo destinada a combater as heresias dos albigenses situados na cidade de Albi, no sul da França. Ver Carlos Selvagem e Hernani Cidade — *Cultura Portuguesa*, vol. VI, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1970, p. 144.

(6) Sobre a fundação da Companhia de Jesus ver Tacchi-Venturi, *Storia della Compagnia de Gesu*, Roma, 1922.

escala contribuem para salvaguardar sua fidelidade a Roma. A primeira foi a instalação do tribunal da Inquisição através da Bula com data de 25 de maio de 1536 e, a segunda foi a instalação da Companhia de Jesus em 1540. Portugal utiliza assim duas armas da Contra-Reforma, dois instrumentos temidos pelos adeptos de Lutero. A Inquisição em particular, segundo o historiador português José Hermano Saraiva foi neste período "a operação policial de maior envergadura" implantada no país e cujas consequências em sua vida política, religiosa e cultural foram deveras marcantes (7).

Não nos compete aqui analisar as razões certamente mais econômicas do que religiosas que motivaram D João III a solicitar com insistência ao Papa Paulo III a instalação deste tribunal em Portugal. Contudo é certo que nas mãos das autoridades políticas a Inquisição consolida o poder, robustece a economia do país apropriando-se dos bens dos judeus, como serve para fortalecer sua fidelidade a Roma. E, por sinal, das garras deste tribunal nem mesmo os Jesuítas Antonio Vieira e Gabriel Malagrida, ambos missionários no Maranhão conseguirão escapar (8). Por sua vez, a Companhia de Jesus colabora efetivamente para preservar esta fidelidade. Com este intento situam-se as negociações empreendidas entre 1538 e 1540 pelo Rei D. João III junto a Roma (9). Em junho de 1540 chegavam com efeito os primeiros inicianos em Portugal onde

em pouco tempo transformaram o Colégio de Jesus de Coimbra num viveiro de missionários para a irradiação da fé católica como fora o Colégio Romano encontrado na Itália por Michel de Montaigne (10).

Nove anos depois desembarcavam no Brasil os primeiros Jesuítas. Que objetivos tinha em mente a metrópole com este evento? A resposta a esta questão podemos em parte encontrar à luz da política religiosa que nesta época caracteriza a expansão colonialista portuguesa e à luz dos propósitos políticos-culturais que marcam igualmente esta expansão. Consideramos o assunto.

Um traço religioso pode ser encontrado dentro dos projetos de expansão colonialista portugueses dos séculos XV e XVI. Nestes projetos Portugal atribuiu um lugar primordial ao cristianismo. Com efeito, onde quer que este país instale uma colônia ele aí instala igualmente um centro de irradiação da fé católica. Onde chega o colonizador português com ele chega também o missionário católico. Isto se passa nas colônias portuguesas instaladas na África, na Ásia, na China e na colônia brasileira. No Brasil, os laços entre colonialismo e cristianismo são estreitos, visíveis e presentes em sua História Colonial e partir do ato mesmo da descoberta das terras. Aquele já distante 21 de abril de 1500 era um domingo de Páscoa e, por esta razão, as primeiras porções de terras avistadas foram denominadas com um nome católico: Monte

(7) José Hermano Saraiva — História Concisa de Portugal, 6ª edição, Publicações Europa-América, Lisboa, 1980, p. 178.

(8) A este respeito ver J. Lúcio de Azevedo — Cartas do Padre Antonio Vieira, Empresa Nacional, Lisboa, 1970. Ver também Mário Domingues — O Marquês de Pombal: o homem e sua época, 3ª edição, Livraria Romano Torres, Lisboa, 1970, p. 230-258 e p. 328-339.

(9) Sobre tais negociações ver as «Cartas» do Dr. Diogo de Gouveia (o velho), do Padre Pedro Fabro, do Rei D. João III e de D. Pedro Mascarenhas escritas neste período. Monumenta Brasiliae I, p. 87-108.

(10) Michel de Montaigne — «Journal de Voyages», edições Lantrey, citado por Jean Chateau — Les Grands Pédagogues, Presses Universitaires de France, Paris 1980, p. 65.

Pascoal. As embarcações trazem aos quatro ventos o tesemunho do catolicismo português: a grande Cruz de Malta desenhada em suas velas. O primeiro gesto dos colonizadores ao desembarcarem é um sinal da fé católica: uma cruz é erigida sob o olhar atônito dos primitivos habitantes da terra. A sombra desta cruz realiza-se o primeiro ato oficial da terra: uma missa celebrada pelo capelão da frota, o Franciscano Padre Henrique de Coimbra. As terras são batizadas com um nome católico: Terra de Santa Cruz. A Carta do Descobrimento atesta outrossim esta indissolubilidade entre cristianismo e colonianismo. Com efeito, em quatro passagens o cronista Pero Vaz de Caminha invoca o nome da fé e, em linguagem quase imperativa ele afirma ao Rei D. Manuel: "a melhor cousa que Vossa Majestade pode desenvolver nestas terras é salvar esta gente (os gentios) e esta deve ser a principal semente que Vossa Majestade deve semear nstas costas" (11). É o trono associado ao altar. É a colonização integrada à cristianização. É a mensagem evangelizadora conjugada à mensagem civilizadora. Por esta razão certamente Vermeesch afirma que integrar o colonialismo ao cristianismo sempre foi "a grande honra de Portugal"

(12). Tal ponto de vista de Vermeesch é por sinal o de outros escritores entre os quais lembramos Manuel de Faria e Souza (13), Sérgio Buarque de Holanda (14) e Serafim Leite (15).

Dentro de outros aspectos da História Colonial brasileira esta indissolubilidade também se manifesta. Assim, segundo o historiador H. Handermann, a concessão de Sesmarias só era feita aos colonos ditos cristãos que aos olhos de Portugal significava ser sinônimo de católicos (16). "Através de certas épocas coloniais, escreve Gilberto Freyre, observou-se a prática de ir um frade a bordo de todo navio que chegasse a porto brasileiro" (17) resultando disto, acrescenta Caio Prado Junior que para Portugal "a unidade da era mais importante que a unidade do sangue". A nacionalidade, afirma ainda Prado Junior, era aspecto "secundario" dentro das correntes emigratórias destinadas ao Brasil (18).

Em termos explicitos, esta indissolubilidade vem expressar claramente pela metrópole em vários documentos. Entre estes, citamos os "Regimentos" do Governador Tomé de Souza, aprovados por D. João III aos 27 de dezembro de 1548, na vila de Almeirim (19). "O principal

- (11) Ver João Martins da Silva Marques — *Descobrimientos Portugueses* (1461-1500), vol. III, Edições do Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1971, p. 606.
- (12) Vermeesch — «La Question Congolaise», I, cap. 9, Bruxelas, 1909, citado por Constantino Bayle — *España en Indias, Vitoria*, 1934, p. 379.
- (13) Manuel de Faria e Souza — *Asia Portuguesa*, vol. I, Editora Civilização, Porto, 1945, p. 129.
- (14) Sérgio Buarque de Holanda — *História da Civilização Brasileira*, vol. II, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1963, p. 52-53.
- (15) Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Instituto Nacional do Livro (Rio de Janeiro) e Livraria Portuguesa (Lisboa), 1943, Tomo II, Livro I, p. 4. Ver também Aécio Feitosa — *Os Jesuítas no Brasil Colonial*, GGE Reproduções Gráficas, Rio de Janeiro, 1976, p. 38.
- (16) H. Handermann — «História do Brasil», Rio de Janeiro, 1931, citado por Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*, 17ª edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1975, p. 29.
- (17) Gilberto Freyre — *Maitres et Esclaves*, Edições Gallimard, Paris, 1974, p. 61.
- (18) Caio Prado Junior — *Evolução Política do Brasil*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1975.
- (19) Almeirim, vila situada a 90 kms. de Lisboa era a residência de veraneio do soberano D. João III.

intento que me incita ao povoamento destas terras do Brasil, diz o monarca, foi sempre a conversão de seus habitantes à nossa santa fé católica" (20). Este é o propósito explícito de Portugal ao enviar os Jesuítas ao Brasil. Com efeito para eles se dirige o pronunciamento do Rei e, no decorrer de sua estadia na colônia para tal fim se direcionam os trabalhos da Companhia. Outros documentos desta época como as numerosas "Cartas" dos Reis de Portugal, das autoridades políticas da colônia e dos Jesuítas comprovam sobejamente que ao serem enviados ao Brasil foi a difusão do cristianismo um dos objetivos determinantes da vinda dos inicianos à colônia (21).

Evidentemente outros interesses se encontram subjacentes ao problema. Assim, por exemplo, face aos antagonismos culturais decorrentes da presença de três raças e três culturas na colônia — a branca, a negra e a indígena — era do interesse de Portugal utilizar o "discurso" dos Padres da Companhia como um instrumento capaz de superar estes antagonismos que ameaçavam inclusive a unidade política colonial. Neste domínio a obra missionária e pedagógica dos Jesuítas prestou uma contribuição efetiva aos interesses da metrópole. No Ceará, como veremos a seguir, os empreendimentos catequéticos e pedagógicos jesuítas desempenharão um papel importante face a tais interesses de Portugal.

3. A Obra Missionária dos Jesuítas no Ceará.

Em 1534 o Rei D. João III outorgava a Antonio Cardoso de Barros a Capitania do Ceará (22). Contudo, Cardoso de Barros nunca veio ao Ceará e ao Brasil ele só chega em 1549 como Provedor-mor do primeiro Governo Geral fixando assim sua residência na Bahia (23).

As terras cearenses desocupadas não poderiam ficar livres ao incursão de comerciantes estrangeiros e aventureiros. Na verdade, flamengos, ingleses e franceses passaram a realizar com os índios "um comércio que caracterizava a forma típica daquelas épocas, o escambo, troca de mercadorias manufaturadas, como artigos de ferro, panos e quinquilharias, por matérias primas, animais e pássaros" (24). No Maranhão, tinham estabelecido a França Equinocial de onde praticavam este comércio com os indígenas do Ceará situados na região da Ibiapaba.

Até 1603 em termos de presença portuguesa o Ceará ainda estava por ser colonizado. Neste ano, porém, autorizado pelo Governador Geral do Brasil, Diogo Botelho, Pedro Coelho de Souza e seu cunhado Frutuoso Cardoso, acompanhados de 65 soldados e 200 índios partem da Paraíba com destino ao Maranhão devendo passar pelo Ceará. Na embocadura do Rio Jaguaribe onde chegavam a 10 de agosto ergueram uma pequena fortificação: o Forte de São Lourenço. A 11 de

(20) «Regimentos» do Governador Tomé de Souza, publicados por Alberto Iria em *Anais do IV Congresso de História Nacional*, vol. 2, Rio de Janeiro, 1950, p. 1-110.

(21) Sobre estas «Cartas» e outros documentos escritos entre 1549 e 1568 estamos concluindo nossa Tese de Doutorado em Ciências da Educação junto à Universidade Católica de Louvain (Bélgica).

(22) Ver *Almanach do Ceará*, Instituto Histórico do Ceará, Fortaleza, vol. XXVI, p. 683.

(23) *Confira-se Monumenta Brasiliæ I*, opus cit. p. 4-5.

(24) Raimundo Girão — *Pequena História do Ceará*, Edições do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1962, p. 36.

janeiro de 1604 o grupo toma a direção da Ibiapaba para alcançar o Maranhão. Na Ibiapaba, escreve o historiador Frei Vicente do Salvador, a comitiva foi recebida de baixo das flechas dos índios e sob o fogo de alguns fusis nas mãos dos franceses (25). Pedro Coelho de Souza sai vitorioso no combate. Todavia, no local deixa uma parte de sua tropa e regressa à Paraíba em busca de reforços. Até 1606 estes reforços nunca chegaram. Por esta razão o restante da tropa também decide voltar. Fracassava assim o que poderíamos chamar de primeira tentativa visando de alguma forma colonizar o Ceará.

É neste panorama de um Ceará repleto de indígenas, despovoado de colonos portugueses, em estado primitivo de civilização e sugado por invasores estrangeiros que tem início em 1607 a presença dos primeiros emissários da Companhia de Jesus.

Com efeito, aos 20 de janeiro do citado ano, partindo de Pernambuco chegam ao Ceará os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira. Sessenta indígenas acompanham os missionários. Todos tem por destino chegar ao Maranhão. No trajeto passam por Fortaleza onde são recebidos pelo indígena Amanay. No lugar, escreve Paulino Nogueira, "eles construíram uma pequena capela" (26). É o Evangelho que chega ao Ceará. É a primeira semente missionária que é lançada em terras de Iracema dando início à obra catequética e pedagógica que durará

século e meio de História.

J. E. Torres Câmara nos informa que Francisco Pinto e Luiz Figueira aproveitaram de sua estadia em Fortaleza para em Caucaia, Parangaba e Messejana instalarem alguns aldeamentos indígenas (27). Esta formação é discutida. O certo porém é que em Fortaleza demoraram-se os missionários alguns dias de onde partiram ao Maranhão. Para tanto escolheram o caminho terrestre passando pela Ibiapaba. O trajeto era difícil. Os caminhos quase inexistentes, o inverno rigoroso e a ameaça dos índios era uma constante. O percurso era feito a pé. O Padre Francisco Pinto já velho, afirma Paulino Nogueira, era conduzido pelos índios numa tipoia (28). A esta versão contradizem os historiadores Rodolfo Garcia (28), Barão de Studart (29) e o próprio testemunho do Padre Francisco Pinto (30).

Chegando à Ibiapaba permaneceram os Jesuítas quatro meses entre os índios Tabajaras, da aldeia de Jurupariagu. Intensos trabalhos catequéticos empreenderam então não só nesta aldeia como em outras da redondeza. A 17 de outubro, porém, partiam para o Maranhão. Não andaram muito caminho. A ameaça dos ferozes Cararijus, vizinhos dos Tabajaras, requeria cautela na travessia dos seus domínios. Vários emissários de paz foram enviados pelos Padres a estes indígenas. Quando se desenrolavam estas negociações veio o inesperado: os ferozes Cararijus atacam. Era já o

(25) Frei Vicente do Salvador — História do Brasil, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1962, p. 187.

(26) Paulino Nogueira — O Padre Francisco Pinto ou a Primeira Catequese de Índios do Ceará, Revista do Instituto Histórico do Ceará, Fortaleza, vol. XVIII, p. 21.

(27) J. E. Torres Câmara — O Ceará até a Independência — Notícia Histórica do seu início, «Almanach Estatístico do Estado do Ceará», ano 27, 1922.

(28) Rodolfo Garcia — «História Geral» II, citado por Serafim Leite, opus cit., p. 5.

(29) Barão de Studart — Francisco Pinto e Luiz Figueira: o mais antigo documento existente sobre a História do Ceará, «Revista do Instituto Histórico do Ceará, Fortaleza, 1903, p. 75.

(30) Ver Serafim Leite, opus cit., p. 5.

dia 11 de janeiro de 1608. O Padre Francisco Pinto, escreve Studart, teve sua cabeça esmagada e das orbitas saltaram-lhe os olhos (31). Luiz Figueira, protegido pelos índios de sua comitiva, conseguiu escapar ao martírio escondendo-se no mato. Partiram os ararijús deixando junto ao corpo de Francisco Pinto o instrumento do seu martírio, um jucá, que Luiz Figueira transportou depois para a Bahia onde desapareceu com a invasão holandesa ocorrida tempos depois. Luiz Figueira sepulta seu confrade e decide regressar a Pernambuco. Anos mais tarde índios do Jaguaribe amigos dos Padres e chefiados pelo Principal Camarão foram à Ibiapaba à procura do corpo do missionário. Encontraram e o transportaram. Para que local? Não se sabe ao certo. Segundo Candido Mendes para Messejana; segundo Paulino Nogueira e Barão de Studart para Parangaba.

Assim, se pelas armas de Pedro Coelho de Souza fracassara a primeira tentativa de colonização do Ceará, eram selados pelo sangue de um mártir da Companhia os primeiros passos dos Jesuítas em solo cearense. Contudo, em 1656, sob a iniciativa do Padre Antonio Vieira, missionário no Maranhão, decidem novamente os Jesuítas penetrar e fixar residência na Serra da Ibiapaba. Para o lugar foram enviados vários missionários entre outros os Padres Antonio Ribeiro, Pedro Pedrosa e Gonçalo Veras. Em 1660 aí chegava para uma rápida inspeção à obra dos Jesuítas o Padre Antonio Vieira.

Uma imprecisão histórica merece ser evidenciada quanto à passagem

de Vieira pelo Ceará. Afirma Luiz Barba Alardo de Menezes, na época Governador da província que durante sua estadia no Ceará o Padre Vieira fundou diversas missões situadas entre as atuais cidades de Cascavel e Canindé (32). Segundo o historiador Serafim Leite, Antonio Vieira nunca esteve nestas regiões à época afirmada por Alardo de Menezes. De fato, tendo chegado à Ibiapaba aos 4 de junho de 1660 e tendo já regressado ao Maranhão aos 29 do mesmo mês não poderia o Padre Vieira ter tido tempo suficiente para se deslocar a estas regiões distantes e nelas ter instalado tais missões (33). No mais, em sua minuciosa "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba" o Padre Antonio Vieira nenhuma alusão faz a tais empreendimentos.

Frequentes malentendidos entre os índios Tabajaras e Cararijús forçaram aos Superiores da Companhia suspenderem a missão da Ibiapaba. A vida dos Padres corria perigo. A missão foi fechada por algum tempo. Contudo, dada a insistência do Governador Geral do Brasil, Camara Coutinho, em 1961 o Provincial Padre Alexandre de Gusmão autoriza a reabertura da obra. Regressaram os Jesuítas à Ibiapaba. Os trabalhos que então desenvolvem se encontram descritos pelo Padre Ascenso Gago em "Carta" com data de 10 de outubro de 1695 dirigida ao Provincial Padre Alexandre de Gusmão (34). Destes trabalhos vale ressaltar sobremaneira a bravura, o denodo e a dedicação dos missionários à conversão e civilização dos indígenas. E, para consolidar esta obra, colaboraram as autoridades políticas

(31) Barão de Studart, opus cit. p. 81.

(32) Luiz Barba Alardo de Menezes — *Memória Sobre a Capitania Independente do Ceará Pelo Governador da Mesma*, «Revista do Instituto do Ceará», vol. XI, p. 44.

(33) Ver Serafim Leite, opus cit. p. 28.

(34) Ascenso Gago — *Carta Anua* (. . .), «Arquivos Coloniais — Ceará», Papéis avulsos, ano de 1696.

coloniais, entre outras o Governador do Maranhão, Rui Vaz de Siqueira (35). É como dissemos, o trono associado ao altar, a colonização conjugada à cristianização. É a mensagem evangélica que nas mãos dos Jesuítas prepara o terreno para o adentramento da colonização do Ceará.

Enquanto se desenvolviam os trabalhos missionários da Ibiapaba outros núcleos missionários da Companhia eram instalados em outras paragens do solo alencarinó. Assim, em 1662, chegavam à Parangaba os Padres Jacobo Cocleo e Pedro Francisco Casali. De Parangaba estenderam eles seus trabalhos catequéticos a Camocim, Fortaleza e mesmo à região ibiapabana. Em 1741, estabeleciam-se os Jesuítas em Soure (Caucaia). Neste mesmo ano fixavam-se outros missionários em Paupina (Messejana), transferindo para este lugar alguns indígenas de Paranamirim. Ainda neste ano, entre os índios Paiacus fugidos do Apodi, construíam também os Jesuítas uma missão. Esta foi localizada às margens do rio Choro e entregue aos cuidados do Irmão Manoel de Macedo.

Nestas circunstâncias vai surgir a obra pedagógica de maior envergadura que os Padres da Companhia implantaram no Ceará. Consideremos o assunto.

4. A Obra Pedagógica dos Jesuítas em Aquirás

Crescia a obra missionária da Companhia em terras cearenses. As missões, apesar das dificuldades inúmeras, prosperavam. No mais, em Fortaleza, por volta de 1723/1724 funcionava já uma pequena escola de primeiras letras. Urgia portanto estabelecer um centro de coordena-

ção destas atividades. Por outra, segundo a própria orientação dos Superiores maiores da Companhia era costume dos Jesuítas implantarem uma escola onde quer que instalassem uma missão. Esta tradição remonta às origens da Companhia no Brasil. Onde porém instalar este centro de coordenação? Documento existente nos arquivos do Instituto Histórico do Ceará nos informa que de início pensaram os Jesuítas instalar este centro na Serra da Ibiapaba, sendo autor da idéia o Padre Ascenso Gago (36).

Consultadas as Cortes de Lisboa a idéia recebe pronto acolhimento. Neste sentido o Rei D. Pedro II escreve ao Governador do Maranhão, Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho: "É do meu interesse, diz o soberano, ordenar a criação de um Hospício para os Padres da Companhia de Jesus, na Serra da Ibiapaba" (37). Comunicação semelhante faz o Rei ao Governador de Pernambuco, Caetano de Melo de Castro e ao Capitão-mor do Ceará, Gabriel da Silva Lago. Este, aos 2 de dezembro de 1706, ordenava a doação de terras aos Padres da Companhia para a concretização da obra. Razões diversas porém levavam os Jesuítas a pensar em instalar o centro em Fortaleza ampliando a escola de primeiras letras ali existente. Contudo, encravada entre o riacho Pajeú e algumas pequenas construções, o espaço físico para a desejada ampliação era impraticável. Face ao impasse, João de Barros Braga, benfeitor da Companhia, por quantia irrisória oferece aos Jesuítas algumas de suas terras situadas em Aquirás. Os Padres aceitam a proposta. A frente do projeto estavam os Padres João Guedes, Felix Capeli e o Irmão Manuel da Luz.

(35) Ver Serafim Leite, opus cit. Tomo III, Livro I, p. 29.

(36) Ver *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, vol. XLVIII, p. 157.

(37) Idem, ibidem, p. 158.

O projeto era ambicioso. Previa a instalação de um Seminário, de uma igreja, de uma escola e a residência (Hospício) dos Padres. A escola seria destinada tanto a alunos internos como externos. O Seminário tinha por objetivo maior reforçar a mão-de-obra para a Companhia. O "hospício" por sua vez, além de ser a residência dos Padres estava destinado igualmente a recolher os missionários idosos, doentes ou em trânsito para outras Capitânias.

Em 1727 iniciava-se a construção do Seminário. Aos 31 de julho de 1748 era lançada a pedra fundamental da igreja consagrada a Nossa Senhora da Assunção. Economicamente, embora com atrasos, foi considerável o apoio das autoridades políticas da metrópole a este empreendimento. Por este motivo a obra foi consagrada ao Rei de Portugal sob a denominação de "Real Hospício do Ceará". Ainda em fase de lenta construção esta instituição deu início às suas atividades e, passados já os primeiros anos os frutos começaram a surgir. A este respeito, lembramos uma "Carta" com data de 25 de outubro de 1731, dirigida pelo Governador de Pernambuco, Duarte Sodré Pereira, ao Rei de Portugal. Neste documento o Governador põe em destaque a importância desta instituição para a colonização da terra, numa região, diz ele, onde imperam os desmandos morais, onde pontificam os criminosos e onde seus habitantes vivem desacatando as leis de Deus e a justiça dos homens. Da doutrina que é ensinada nesta obra, acrescenta ainda o mesmo Governador, só podemos esperar bons frutos, contrários aos costumes da terra (38).

Todavia, chegou o ano de 1759.

Em Portugal, Sebastião de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, desencadeia sua luta impiedosa contra os Padres da Companhia culpabilizando-os inclusive de crime político no atentado contra a pessoa do Rei D. José I. Não nos cabe aqui analisar os interesses escusos que encobrem a luta pombalina contra os membros da Companhia de Jesus. Ao assunto diversos historiadores já se manifestaram (39). O certo é que expulsos de Portugal deviam os Jesuítas também deixar os domínios portugueses de além-mar. E, assim se fez. Neste ano, vindo de Pernambuco, Bernardo Coelho da Gama Casco penetra na missão da Ibiapaba (Viçosa) e faz prisioneiro todos os missionários que ali se encontravam. Sorte idêntica tiveram os demais membros da Companhia sediados nas demais missões como também aqueles sediados em Aquirás.

Assim se findava a obra catequética e pedagógica que os filhos de Loyola instalaram e desenvolveram no Ceará. Quanto ao empreendimento de Aquirás, em particular, Serafim Leite descreve assim o fim desta obra. "Depois de tantas batalhas vencidas, o Hospício do Ceará... começava a dar enfim os esperados frutos de instrução geral para o povo, de catequese para os índios, e até de formação eclesiástica... Mas, surge a tempestade com a qual nada tinha que ver o Ceará. A casa é cercada na noite de Natal de 1759. Os soldados repelem os índios chegados para a suave festividade dessa noite santa; e, durante ela, o pároco da matriz de Aquirás lê o édito do Cardeal Saldanha, "satis protervum", contra os Padres da Companhia. A 9 de fevereiro

(38) Ver Serafim Leite, opus cit. p. 81

(39) Sobre o assunto ver Mário Domingues, opus cit. p. 314-327; Rodolfo Teófilo — História da Universidade de Coimbra, Tomo III, Lisboa, 1898, p. 315-341.

de 1760, o seu superior, Manuel Franco, e mais Padres, tanto do Hospício como os das aldeias a ele recolhidos, embarcam para o Recife" (40) de onde seguem para os calabouços de Portugal.

A título de informação acrescentamos que o "Real Hospício do Ceará" foi demolido em 1854. Contudo, ele ficou "na história da instituição e educação pública do Ceará como a primeira instituição onde se ensinaram as Humanidades; e também na história eclesiástica do Ceará, por ter sido de fato, seu primeiro Seminário" (41).

Deste monumento promissor Aquirás guarda atualmente suas velhas ruínas. Ruínas silenciosas mas que ao mesmo tempo falam alto à História do Ceará. E, como relíquia desta obra, escreve Eusébio de Souza, a catedral de Fortaleza guardava em 1935 uma lâmpada de prata da sua antiga igreja (42).

CONCLUSÕES

Diversas vezes ao contemplarmos as ruínas do velho "Hospício" de Aquirás reavivaram-se em nossa memória o testemunho da bravura, da coragem e do denodo infatigáveis que marcaram os trabalhos e a presença dos Jesuítas em solo cearense. E, ao lado destas lembranças pousava igualmente nosso juízo crítico concernente à obra dos filhos de Loyola nos primórdios da colonização da terra que nos viu nascer.

Com efeito, se julgarmos esta obra à luz das considerações preliminares deste trabalho constatamos que em verdade ela foi uma parcela construtiva face aos interesses de Por-

tugal. Catequisando índios, domesticando-os, semeando a mensagem do Evangelho em paragens onde jamais pisara o pé do colonizador português; pregando os princípios e os valores do catolicismo; instalando missões e difundindo a instrução, a obra missionária e pedagógica dos Padres Jesuítas possibilitou o adentramento da colonização no Ceará. Sob o plano político ela possibilitou em parte a preservação da unidade colonial em terras cearenses. Em termos religiosos ela contribuiu outrossim para salvaguardar esta unidade.

Isto posto, concluímos estas linhas citando Joaquim Nabuco, Sílvio Romero e Gilberto Freyre. Diz o primeiro: "Sem os Jesuítas a nossa História colonial não seria outra coisa senão uma cadeia de atrocidades sem nome". "Sem o catecismo dos Jesuítas, escreve Sílvio Romero seria difícil ao Brasil guardar sua unidade". Por fim, Gilberto Freyre, acrescenta que a obra da Companhia de Jesus foi na colônia o cimento desta unidade (43).

(Louvain-la-Neuve, 18 de agosto de 1983)

Aécio Feitosa (professor da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará; membro do Instituto Cultural do Cariri, Cadeira Padre Francisco Pita).

IMPRESSOS ?

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI
TELEFONE: 521-1223
RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 386
CRATO - CEARÁ

(40) Serafim Leite, opus cit. p. 82.

(41) Idem, ibidem, p. 83.

(42) Eusébio de Souza — *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, edição de 9 de junho de 1935.

(43) Joaquim Nabuco — «III Centenário do Venerável José de Anchieta», Paris-Lisboa, 1900; Sílvio Romero — «Provocações e Debates», Porto, 1916, citadas por Gilberto Freyre — *Casa-Grande e Senzala*, opus cit. p. 30. Gilberto Freyre, opus cit. p. 30.

FARMACIA VASCONCELOS

A maior e mais completa Farmácia da Cidade

Ambulatório completo com
atendimento Dia e Noite

Grande Sortimento

Medicamentos Sempre Novos

15% de DESCONTOS em qualquer nota de sua compra
Entrega também seus medicamentos a Domicilio

FARMACIA VASCONCELOS

Rua Bárbara de Alencar, 901

FONES: { 521-1717
521-2016

CRATO • CEARÁ

FASES DA INDEPENDÊNCIA

O longo e cruento processo da nossa independência política poderá ser estudado sumariamente em 3 fases, além das preliminares dos movimentos independentistas de Pernambuco, Bahia e Minas no século XVIII, apesar da afirmativa de alguns historiadores de que em nenhum desses episódios foi contestada a autoridade do Rei ou as relações Brasil-Portugal, com exceção, naturalmente da Revolução Mineira (Tiradentes); da Revolta dos Afaíates (Bahia) e da Pernambucana, de 1817, já no século XIX e considerado o único movimento nacionalista do Brasil.

A primeira fase, poderemos considerar a chegada de D. João VI ao Brasil, então Príncipe regente, a abertura dos Portos, o liberalismo econômico e ruptura do pacto colonial, o desenvolvimento com a criação de Escolas Superiores, do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, estabelecimento do Reino Unido Portugal, Brasil e Algarves em 1815

(juridicamente estava o Brasil Independente) até a Revolta do Porto em 1820, a Constituinte e o Liberalismo radical impondo o regresso de D. João ao solo Europeu (1821), seguido da Regência do Príncipe D. Pedro; a recolonização e a imposição do regresso do Príncipe D. Pedro a Portugal por motivos fúteis (o movel de tudo era a recolonização e o comércio para alimentar os cofres portugueses falidos).

A segunda, podemos considerar a desobediência do Príncipe, o célebre "Fico" de 9 de janeiro de 1822 e a nomeação do ministério presidido por José Bonifácio (Ministro do Reino e dos Estrangeiros), por influência ou indicação da Princesa Leopoldina; as agitações de Minas e São Paulo, a reação do Príncipe aos últimos Decretos da Corte; o estímulo da correspondência de José Bonifácio e da Princesa Leopoldina, e da Independência com a separação proclamada com o "Grito do Ipiranga" (José Bonifácio iniciou fa-

ITAYTERA

Uma Revista que traduz o pensamento da cultura do homem nordestino.

zendo uma política moderada, com o objetivo de unir o país, separado pelas distâncias e a deficiência de ligações). Na terceira fase — a das lutas cruentas — podemos encaixar a reação das tropas Portuguesas do Gen. Madeira de Melo na Bahia a partir de fevereiro de 1822; a criação do Exército e da Marinha por José Bonifácio, sob o comando do Gen. Labatut e do Almirante Cochrane, respectivamente, seguida de cruentas e prolongadas lutas; e vitória dos brasileiros em Pirajá e outras no recôncavo, com muitos heróis, muito sangue derramado (inclusive de freira inerme), em 2 de julho de 1823.

E o Nordeste e o Norte com Maranhão e Pará inteiramente desligados do Rio de Janeiro distante?

No Ceará não houve problema: o Crato revoltou-se contra a Junta Governativa, empossou, em 19 de novembro de 1822, o "Governo Temporário" sob a presidência de Pereira Filgueiras, que marchou para o Icó, onde dominou a resistência Portuguesa e marchou para Fortaleza, dominando a Junta Governativa (Portuguesa) e empossou a nova Junta aos 23 de janeiro de 1823. Estava consolidada a Independência no Ceará.

No Piauí, Maranhão e Pará dominavam os Portugueses, dispondo de ligação mais fácil com Lisboa... Em outubro de 1822 em Parnaíba, o Juiz João Cândido de Deus e Silva e o rico Comerciante Simplicio Dias aderem à Independência; mas, deslocando-se o Major Fidiê — Cmt. das Armas — de Oeiras com a cooperação de elementos marítimos de São Luiz, fogem os Patriotas para Granja, no Ceará, e, com a cooperação dos cearenses, organizam tropas (cerca de 200 homens), que, dirigidos pelo Cap. Luis Rodrigues Chaves, Cap. Nereu e Leonardo Castelo Branco, invadem o Piauí,

e travam algumas escaramuças até Campo Maior. O Major Fidiê — soldado experimentado nas guerras Napolêônicas — regressa para Campo Maior com destino a Oeiras, onde já se havia empossado a Junta Governativa independentista sob a Presidência do Brigadeiro Souza Martins — futuro Visconde de Parnaíba — mas antes de chegar a Campo Maior surpreende a Tropa piauiense — cearense (sob o comando do Cap. Luis Rodrigues Chaves, Cap. Nereu, Cap. Alicirim e outros), no corte do rio Jenipapo e bate-os após cinco horas de luta sangrenta, em que perdemos 200 mortos e feridos além de 542 prisioneiros, e os Portugueses tiveram 80 baixas, mas tiveram seu trem de guerra apreendido pelos cearenses, pelo que Fidiê desiste de marchar sobre Oeiras e segue para Estanhado e daí transpõe o Parnaíba e segue para Caxias, onde recebe reforço de um contingente de S. Luis; e continua a luta dos piauienses, cearenses e maranhenses independentistas...

Atendendo à solicitação do Governo independentista do Piauí, organiza-se em Fortaleza um Exército sob o comando de Pereira Filgueiras; marcha o seu embrião para o Crato, onde engrossa suas fileiras, tomam-se providências administrativas e logísticas, e parte do Crato a 27 de maio de 1823, atinge Oeiras a 16 de junho já estruturado o "Exército Liberador e Passificador" sob o comando de Pereira Filgueiras (nomeado por carta do Imperador datada de 16 de abril), retoma a marcha sobre Caxias, que atinge a 23 de julho, completa o cerco com um total de 8.000 homens, e os Portugueses se rendem a 31 de julho. São Luis já se havia rendido a Lord Cochrane a 28, e a seguir cai o reduto paraense.

E completa-se a Independência, que só é considerada totalmente

completa com a abdicação de D. Pedro I a 7 de abril de 1831 e o Governo passa inteiramente para às mãos dos representantes da Nação Brasileira. Foi uma dura, áspera e sangrenta caminhada molhada com precioso sangue.

Conhecem os jovens esses fatos hoje reconhecidos pelos mestres José Honório Rodrigues e outros, pelo Conde Afonso Celso, Capistrano, Rio Branco, e já propalamos desde 1953, em trabalhos divulgados (Palestra na Sec. de Educação, na Fenix Caiqueiral, etc.)?

É de justiça que, ao lado de consolações de primeira grandeza sempre lembradas, coloquemos estrelas menores, mas imperecíveis: JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS, TRISTÃO GONÇALVES, JOÃO CÂNDIDO DE DEUS E SILVA, SOUZA MARTINS, SIMPLÍCIO DIAS, LEONARDO CASTELO BRANCO, LUIS RODRIGUES CHAVES, JOSÉ FRANCISCO DE SOUZA, CAP. ALICRIM, CAP. NEREU e outros heróis nordestinos por muitos consagrados...

NOTAS:

1 — Ver "Estudos Histórico-Militares e Outros Temas". Páginas: 15, 156, 216, 217, afirmativas minhas e dos historiografos: Conde de Afonso Celso, Afonso E. Taunay, Hermínio Brito Conde, de 1920, 1923, 1953, 1959, 1969, etc.

2 — A adesão dos Independentistas de Parnaíba verificou-se a 19 de outubro de 1822 e a dos patriotas de Oeiras a 24 de janeiro de 1823. O Major Fidiê entrou em Parnaíba a 18 de dezembro de 1822, encontrando a vila deserta, guardada pela marinhagem do brigue português "Infante D' Miguel", procedente de São Luís.

3 — A cruenta Batalha de Jenipapo travou-se aos 13 de março de 1823; teve início às 09 horas e ter-

ITAYTERA

minou às 14, com a vitória tática do Major Fidiê que, entretanto, perdeu quase a totalidade do seu trem de guerra para os independentistas cearenses que cooperaram efetivamente com os independentistas piauienses e maranhenses.

4 — Segundo Abdias Neves, "chegou Pereira Filgueiras a Oeiras aos 16 de junho com 2.000 homens, muitos armados com pessimas clavinas de caça, muitos desarmados, todos em péssimas condições, em consequência da longa viagem a pé, percorrendo miseráveis estradas pelo sertão árido e calcinado, mal vestidos e famintos, conduzindo 3 canhões de campanha de pequeno calibre".

São 21 dias de verdadeira penúria e sacrifício. Imagine-se como poderia ser a sua disciplina, de homens sem a conveniente organização e instrução... E nesse estado partiu ele de Oeiras para Caxias a 04 de julho, após ser pago e refazer-se um pouco das canseiras!

Fortaleza, 04 de setembro de 1983

BIBLIOGRAFIA

— "História do Brasil" — Bloch Editora, 1972

— "Grandes Personagens da nossa História" — Editor Victor Civita, 1972.

— "Estudos Histórico-Militares e Outros Temas" — Editor BNB — 1977 — Raimundo Teles Pinheiro.

— "Mosaicos da Independência" em Rev. do Instituto do Ceará, 1980 — Raimundo Teles Pinheiro.

— "Bibliografia de Personalidades Célebres" — 10ª Edição — 1971 — Carolina Renó Ribeiro de Oliveira.

— "A Guerra do Fidiê" — 2ª Edição — 1974 — Abdias Neves.

— "O Visconde da Parnaíba" — Ed. do Instituto Histórico de Oeiras — Esmarago de Freitas.

M. DIAS BRANCO S.A.

Comércio e Indústria

FÁBRICA



FORTALEZA

Depósito Regional do Cariri, em Crato

OS MELHORES PRODUTOS:

Biscoitos, Macarrões e
Massas Alimentícias

TUDO DA MELHOR QUALIDADE !

Av. Padre Cícero, Km 2 - Murity

FONES: 521-1616 - 521-1766

End. Teleg.: DIBRANCO

CRATO

—:—

CEARÁ

III - A Estranha Figura do Cel. João da Silva Leal (*)

Uma das características da família Leal é a enorme capacidade de trabalho, no que são incansáveis, constituindo uma exceção encontrar-se um de seus membros que seja mandrião.

O Major João da Silva Leal era filho do Coronel José da Silva Pereira da Costa Leal (Major Leal) e de sua esposa D. Maria da Silva Pereira da Costa Leal (D. Maricota), primos e residentes no Sítio "Canastras".

Neto do Tenente-Coronel Manuel da Silva Pereira da Costa Leal (Tenente Silva) e de sua consorte D. Juana Carlota da Costa e Alencar, fundadores do Sítio "Direitos". Ela descende dos ALENCARES do Crato.

Bisneto do Capitão-mor de São Mateus, Carlos da Silva Pereira e de sua mulher D. Maria José da Assunção, proprietários e fundadores do Sítio "Canastras", conforme Inventário nº 1.438, procedido na Comarca de Crato, instaurado em 1790 e arquivado no Cartório Luna, em Jucás. Nessa data, o Termo Judiciário de São Mateus pertencia à Comarca do Crato.

Trineto do português Manuel da Silva Pereira, natural da Província de Amarante, em Portugal, filho legítimo de Agostinho Fernandes da Silva, da Província de Chaves, do mesmo País, e de sua esposa Páscoa Pereira, natural da Freguesia de São

CARLOS FEITOSA ()**

Salvador de P'reira, do Arcebispado de Braga, casando-se o reinol com D. Gertrudes da Conceição, natural de Minas, descendente de distinta família mineradora das Alterosas, conforme o Primeiro Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Inhamuns, Capela de Nossa Senhora da Glória, para os anos de 1756 a 1770, hoje Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de São Mateus dos Inhamuns.

João da Silva Leal, figura demasiadamente conhecida em todo o Ceará com o nome de Coronel João Leal, foi uma pessoa que exagerou essa qualidade pois que consumiu toda a sua vida numa sela, e só repousava quando já o corpo não suportava o cansaço, e só parou para se hospitalizar e morrer. Êle mesmo dizia que o seu lar era a casa onde chegava.

(*) Os capítulos I e II, foram publicados na revista ITAYTERA ns. 9, para o ano de 1964, e 11, para o ano de 1967, do Instituto Cultural do Cariri.

(**) Carlos Feitosa, Juiz de Direito aposentado, colaborador desta Revista e autor das monografias CLASSIFICAÇÃO DA CARREIRA DE JUIZ DE DIREITO E A MANUFATURA DA SELA NO ARTESANATO DE COURO.

Com tão extraordinária dedicação ao labor cotidiano, fêz enorme fortuna e conservou a de suas irmãs, as chamadas moças velhas das "Canastras", que eram Quitéria (Censô), Cândida (Candinha), Carolina (Naná), Maria Teófila (Pôzinha) e Luzia (Zizia).

Essa figura excêntrica teve a sorte de encontrar talvez a única mulher que lhe servia, pois que, além de haver se acomodado ao seu estranho modo de viver, sempre viajando, correndo de uma fazenda para outra, e comprando gado até no Piauí, não tomava conhecimento de suas infidelidades conjugais, o que sempre ocorria em suas andanças.

Dêsse consórcio com D. Francisca Leticia VIEIRA Leal (D. Chiquinha) descendente do Visconde do Icó (Coronel Francisco Fernandes VIEIRA, e de seu filho o Senador Miguel Fernandes VIEIRA, que foi chefe do Partido Conservador no Ceará, ao tempo do Império, fazendo parte do grupo denominado CARCARÁ, teve uma única filha Maria Neusa Leal dos Santos.

A jovem Neusa, com apenas 15 anos de idade, casou-se com Osmar Claro dos Santos, um autêntico caçadores que lhe aplicou o "conto do baú", pois tratava-se de filha única e herdeira de uma fortuna imensa, sendo o noivo um **sem eira nem beira, nem casa de Ribeira**, não obstante parente do Visconde do Icó e do Senador, Miguel Fernandes Vieira.

Para labiar o "conto do baú", aproveitou-se de inexperiência da jovem e da própria mãe, por cujo fato — o casamento da filha com o parente — João Leal morreu sem perdoar nem a uma nem a outra, apenas o esqueceu, no fim da vida.

A fortuna de João Leal tinha a marca do inacabável, pois que Osmar pelejou para dar no seu fim e nunca pôde, apenas abalou-a. Sem vocação

para o trabalho, e procurando sempre acabar com o que tinha, essa conduta de Osmar cada vez mais o afastava do sógro.

Para aliviar a tensão entre João Leal e o genro Osmar, D. Chiquinha criou o primeiro neto de sua filha, Benedito Leal dos Santos (Benemar). No entanto, João Leal nunca perdeu oportunidade de manifestar o seu desaprovo pelo genro, que se estendia até o neto.

Assim, João Leal que não se referia ao genro pelo nome, e sim por **Carcará** em ambiente de cerimônia, e por **Ladrão Velho** noutros momentos, tratava o neto por **Carcarázinho**, naqueles instantes, e por **Ladrãozinho Nôvo** (Benemar), nestes.

Corre, na Serra do Quincuncá, uma estória de que João Leal pôs água salgada no **Açude Grande**, da propriedade deste nome, a fim que ele não secasse nunca, fosse como o mar. As ondas permanentes que se observa na água do açude, soprada pela brisa fresca da Serra do Quincuncá, cuja população é constituída em grande parte de **cabloco índio**, fêz com que a população da Serra acreditasse no fato. O fluxo e o refluxo das águas faz crer seja verdadeiro o fato. É o melhor lugar que conheço para repouso.

Também êle criou a lenda de que trouxera uma cobra muito grande do Amazonas e soltou-a no açude, a fim de que os pescadores se atemorizassem e não pescassem de furto. Já os fenícios tiveram a idéia de espalhar que os mares desconhecidos, fora do Mediterrâneo, escondiam demônios e monstros desconhecidos, que atacavam as tripulações que ousassem atravessar as **Colunas de Hércules** (Estreito de Gibraltar), com o que mantinham afastados os concorrentes e detinham a hegemonia dos mares.

O Açude Grande dá excelentes traíras (*Hoptias malabariscus*) que são apanhadas com bóia. Trata-se de uma cabaça de tamanho pequeno, mais ou menos, aproximado de uma manga rosa, que fica pendente de um cordão destes usados em rêdes de dormir, de 0,40 centímetros, continuando por uma correia de sola de 0,30 centímetros e, ao fim desta, um corrózinho (pequeno peixe dos açudes) de 0,05 centímetros, que é atravessado, da boca à cauda, por um espeto. Abre-se um furo no espinhaço do corró, por onde penetra a ponta da correia, de modo que o espeto, ao penetrar pela boca do corró, no espinhaço, passa pelo furo da ponta da correia.

Ao escancarar a boca, e engolir o corró, a traíra fica com o espeto atravessado no estômago.

Grandioso e variado é o anedotário que corre pelos sertões do Ceará, ao redor da personalidade excêntrica do Coronel João Leal, que recolhemos durante nossa permanência por mais de 15 anos na Região onde êle atuou, inclusive em visita que fizemos em suas propriedades "Açude Grande", na Serra do Quincucá, no Município de Quixerá, por mais de uma vez, e na Fazenda "Cangati, no de Cariús, além de contactos com sua filha D. Neusa Leal e com o Carcarazinho, que se hospedou em nossa casa. Daremos alguns escólios dessas shorts stories.

x x x x x x

É Com o Sete Estrelô em Maio: Quem o Vê, Morre.

José Bornelo (Zé Borné, para João Leal) perguntou a João Leal logo depois do casamento de sua filha Neusa com Osmar, como era o genro.

— É cumo o Sete'Stêlo em Mai, quem vê morre.

ITAYTERA

É Como Voceta, Só espera na Boca:

Para tudo João Leal tinha uma resposta pronta e ajustada e, como todo mundo gostasse de vê-lo emitir suas opiniões, especialmente com respeito ao genro, que êle considerava um pulha muito do preguiçoso, perguntaram-lhe o que êle achava de Osmar. A resposta foi pronta e fulminante.

— É como voceta, só espera na boca...

Ladrãozinho Nôvo:

Um certo dia do ano de 1942, ano de sêca e, por isto mesmo, período de pesca nos açudes pelas populações flageladas, Severino Bruno do Nascimento (Severo Velho), que Benemar o chamava de **Padroeiro-Rei Coroado do Açude Grande**, foi levar o menino Benemar à beira do Açude Grande — onde o avô fiscalizava uma pescaria — a mando da mãe, pois que João Leal estava ali aboletado, numa latada feito de ramos, quando é surpreendido por Severo Velho, que manda Benemar tomar a benção ao avô, tendo João Leal abençoado, mas definiu logo, para o neto, a situação de ambos, com estas palavras:

— Deus te abençoe Ladrãozinho Nôvo. É voxê prá lá e eu prá cá.

João Leal nunca perdoou o fato de Osmar, que era casado com separação de bens, haver vendido as terras da mulher e comprado outras em seu nome, afirmando para a esposa que, o que vendesse, assinavam os dois, mas, para comprar, basta a assinatura dêle, quando na realidade, o procedimento deveria ser o inverso.

De Como se Deve Dividir Traíras:

Numa pescaria que se realizava no "Açude Grande" um rapaz apanhou três traíras: uma grande e duas pequenas. Vendo a impossibilidade de dividir corretamente o produto

obtido pelo jovem, João Leal sentenciou:

— Voxê num qué ficá c'as duas pequenas e me dá a gande, e eu num quero ficá c'as duas pequena e le dá a gande. Assim, soltemo a gande e dividimo as duas pequenas.

Sendo Ruim, Basta Um para Sobrar

Quando o Coronel João Leal estava já muito doente, sua filha Neusa, residente na Cidade do Crato, foi buscá-lo para receitá-lo com o Dr. Elyσιο Gomes de Figueiredo, na Cidade do Crato. Em lá chegando, o Dr. Elyσιο perguntou: Como vai Coronel, está melhor?

— Quá nada dotô. Estô nas ultimas — respondeu João Leal.

Depois de entabular conversa sobre o ramo das atividades do Coronel, falando a respeito de gado e de fazendas, por fim, perguntou João Leal ao Dr. Elyσιο:

— E quantos fios o senhô tem doutô? Respondeu o Dr. Elyσιο — seis.

O Coronel que só tinha uma filha, e esta, sem o querer, tendo sido a causa dos maiores desgostos da sua vida, afirmou:

— Pois, se forem bons, chega. Se forem ruins, sobra, porque eu só tive uma e sobrou.

Só Tem um Corpo

Certa vez, estando na Vila de Araticum (hoje Quincuncá), na Serra do mesmo nome, em Quixará, e como sua roupa já estivesse boa de ser lavada, perguntaram-lhe: — Seu João, o senhor tem outra muda, para lavar esta do seu corpo?

— Não. Eu só tenho um copo. — Respondeu êle.

Os Becos Estão Tomados

Em 1932, quando João Leal estava construindo o Açude Flôr da América, na Fazenda Riachão, em Qui-

xará, dirigiu-se a São Sebastião no Município de Cariús, com um cambóio para comprar farinha, e, em caminho, interpelou Chicô Leonel, que ainda vive e mora na Cidade do Crato.

— Chicô, onde eu posso comprá uma farinha boa?

Chicô informou que numa Casa de Farinha da Serra do Araripe, a fazenda ainda existe, havia da bôa.

— Chicô pense nouto, qui nessa os beco 'stão tomado.

Isto significa que o Coronel João Leal era devedor no local indicado, disse Benemar. Se verídica a informação, a fama de mau pagador era dêle sômente, não da família. Costumava-se reconhecer o sogro do autor dêste trabalho, Cel. Miguel da Silva Leal, pioneiro, em Jucás (antigo São Mateus), da prensa de Algodão no sistema do locomôvel, tendo sido Intendente em São Mateus, por ato de 26 de dezembro de 1914, e Oriel da Silva Leal, também foi Prefeito de Jucás, de 1947 a 1951, aquêle igualmente sogro do Cel. Mário da Silva Leal, e êste irmão do segundo. Os Intendentes eram nomeados, não eleitos.

Não Tem Junta no Espinhaço Não Carcarazinho Sênvergonha?

João Leal estava doente em casa de Neusa em 1947, em Crato, no ano em que morreu, e sentado numa cadeira, pediu à filha Neusa uma agulha para tirar um espinho.

O neto Benemar, que tinha mêdo dêle, ficou no corredor, quando, de longe, viu que a agulha caiu no chão.

João Leal chamou Benemar e mandou que procurasse a agulha. O neto, com mêdo do avô, ficou procurando, mas de longe, com um ôlho no chão e o outro no velho. João Leal pensando no menino, achou

que êle não achava a agulha por ruindade, por ser filho do **Ladrãozão**, e, então, levantou-se, apanhou a agulha e dizendo: —

— Tu num tem junta no 'ipin-aço não Carcarâzinho sevedõe.

Se a Mulher Gostar, Só Paga a Metade.

João Leal teve relações sexuais em Cariús com Carminha e, depois, perguntou-lhe quanto era, tendo recebido a resposta de que era dois mil réis. Então, João Leal perguntou:

— E voxê gostou, Caminha? Como ela respondesse positivamente, ele argumentou:

— Pois eu só dô um mi réis, voxê gostou...

Mijando de Pitada como Rã

Alguém disse para João Leal que havia uma mulher na Penha (localidade próxima de Iguatu) que, depois do ato sexual, ficava gaitando e achando graça do sujeito. Então êle disse:

— Pois voxê diga a ela que tome cuidado com as passage de Jão Leá. Se eu passá pur lá ela fica mijando de pitada como rã.

Enchente de Cariús em Setembro

Conta-se que certa vez João Leal corria atrás de uma negra na areia do rio Cariús, de São Bartolomeu para Canastras, e ela ia levando vantagem. Então lembrou-se êle de criar um embaraço para ela, e a advertiu:

— Não corra que voxê quebra as pernas bichinha — Mas, a negra nem ligava. Ocorreu-lhe a idéia de exclamar assombrado:

— Vala-me Noxa Xin-ola que lá vem u'a inchente qui vem acabando cum tudo.

ITAYTERA

Estavam-se em Setembro, quando tal é impossível no Ceará.

Então, quando a negra virou-se espantada, para olhar o que acontecia, êle já havia ganhado tempo e agarrou a negra.

A Marca, no chão, de um Cocó e Dois Joêlhos:

Certo dia, no Sítio "Cangati", João Leal havia derrubado uma mulher debaixo de umas moitas e lá perdeu uma bôlsa com dinheiro.

Então, chamou Zé Bornelo e mandou-o que fôsse procurar sua bôlsa, na moita indicada. Zé Bornelo foi e voltou sem a encontrar. Indagando João Leal de Zé Bornelo do resultado de sua busca, informou o serviçal:

— Não seu João. O que eu vi foi uma marca de cocó e de dois joêlhos.

— Cê besta Zé Borné, voxê qué zombá de Jão Leá?

Um Quarto de Rapadura a Ser Tirado de Uma Dentada

João Leal saiu de "Cangati" para Cariús, onde ia embarcar o gado no trem e chamou quatro rapazes para ajudá-lo até o Sítio "Deoclécio", na saída desta estrada com a de Crato a Cariús. Adiantou que pagava bem.

No local indicado, Sítio "Deoclécio", Luís Leonardo disse para João Leal que já havendo entrado no corredor, ia voltar com os seus colegas e, pois, queria o seu pagamento. João Leal retirou da carona uma rapadura, e falou:

— Ê um quarto de rapadura pá cada um. Morda aqui Lunardo.

Luís Leonardo não concordava de modo algum com o sistema de pagamento em dar um quarto de rapadura. Então argumenntou:

— Seu João me dê a rapadura, que nós repartimos. Somos quatro.

— Não. Morda aqui — e ficou segurando a rapadura.

— Seu João me dê aqui a rapadura para partir nesta pedra. E começou a insistir e o Coronel negaciando, mas, dada a insistência, acedeu.

Com a rapadura na mão, Luís Leonardo, que ainda hoje vive na Serra da Brígida, em Cariús, correu com ela e João Leal ficou gritando:

— Chega Antõe Zuzé — que ia na guia do gado — chega Antõe Zuzé... chega Antõe Zuzé...

Antônio José, afinal chegou, mas depois de muito tempo, em virtude de atravessar o gado, e indagou:

— O que houve, seu João?

— Foi o caba Luís Lunardo qui carregou minha rapadura e caiu no memeleiro. E voxê demorou tanto que parece qui s'tava combinado cum êle.

— Ora seu João — respondeu Antônio José — eu pensei que fôsse alguma rês que se tivesse desgarrado da boiada.

— É voxê parece qui 'tava combinado cum êle. Agola é preciso tilá ôta rapadura.

Quando o Sítio Canastras Passará A Sítio "Canais"

Estando se falando a respeito de desregramento de alguns descendentes das "Canastras", e sendo João Leal interpelado sôbre o assunto, tendo em vista que êle era quem cuidava da Casa das "Canastras", sentenciou:

— Só é Sítio Canasta inquanto o Jão Leá fô vivo, depois qui êle morrê passa a ser Sítio Canaia (Informação de Mozart Claro dos Santos).

E, positivamente, depois da morte de João Leal, o Sítio Canastra entrou em franca decadência.

Técnica Para Descobrir se uma Mulher é Virgem ou Não:

Quando uma negra ia buscar água e passava por João Leal, êle aconselhava:

— Passada larga e demorada.

Visava com isto brechar a negra e ver o seu contôrno.

No deslocamento dos quadris, João Leal percebia, se ainda era virgem ou não. Se podia tirar partido, ou não.

Estranho Sistema de se Pegar Negra:

João Leal acordou-se cedo e estava agarrando uma negra, quando foi surpreendido por D. Chiquinha, que lhe interrogou:

— O que é isto João Leal?

— Eu num te disse nêga que tu não tinha mais de 50 quilos? E dirigindo-se para D. Chiquinha, continuou:

— Ê qui eu 'tava verificando o pêso desta nêga, prâ 'cabâr cum u'a teima.

Se Chamo Não Vem; Se Mando Não Vai.

Por que João Leal pagava mal aos seus empregados, só acudiam meninos, ao seus serviços.

Certa vez em que êle estava moendo cana, perguntaram como ia a moagem ao que êle respondeu:

— Num vai boa não. Só tem minino. Se chamo num vem. Se mando num vai.

Como se vê, João Leal era observador profundo das pessoas, dêle tirando suas lições.

Dizia-se que João Leal só tinha de besta a fala, mas, isto mesmo era para enganar os incautos.

João Leal era admirável pela filosofia de vida expresse em ditos e repentes admiráveis.

A Formiga de Roça Também é Trabalhadora, e Ninguém a Quer.

Verificou João Leal que um seu morador era esperto demais, pois que vendia os frutos da terra e se locupletava do produto. Por isto, resolveu despachá-lo de sua propriedade.

Um amigo de ambos e compadre do morador, intercedeu em favor deste e, por que não pudesse alegar honestidade, argumentou que o pobre homem era muito trabalhador. Todavia, João Leal saiu-se com essa fulminante:

— A formiga de roça também é trabalhadora e ninguém a quer em suas terras.

Ai Didus!... Ai Didus!...

Como já disse, João Leal só se deitava quando o corpo já não aguentava mais. E quando chegava a noite, estava exausto e, por isto, quando se encostava numa rede começava a gemer até adormecer.

Viajando para "Lagoas e Arranco", que fica no Município de Acopiara, e já no regresso, não aguentou mais continuar viajando, numa burra, e ao atingir o Sítio Baltazar do Sr. José Facundo Leite, a meia légua (três quilômetros) de Jucás, pediu rancho.

Como não suportasse mais as dores, indagou de D. Ormicinda Correia Facundo, esposa do seu hospedeiro:

— Ô D. Ormicinda, eu posso gemê? — e como recebesse resposta afirmativa, começou suas lamentações, em voz alta:

— Ai Didus!... Ai Didus!... (Ai Jesus!...)

Passagem de Trem, de Terceira:

João Leal passou pela terra, como se tivesse vindo ao mundo para pur-
ITAYTERA

gar o pecado original, comendo com o suor do rosto. Comia o que encontrava, vestia mal, e não procurava dar conforto a si e aos seus.

Viajando de trem, de 2ª classe, um dos companheiros de viagem, calculando que êle estivesse na 2ª classe por que não houvesse encontrado lugar na 1ª, indagou-o das razões por que se encontra na segunda, recebeu a resposta intrigente:

— 'tou na segunda por que num tem de texeira...

Pocule Cuzado Lugar Ca...!

Em matéria de dinheiro, João Leal não admitia perder um vintém pois que considerava fazer-lhe falta a menor importância que perdesse.

Contam que, certa vez, havendo se abaixado para uma necessidade fisiológica, "no mato", na casa de um compadre, e viajando no dia seguinte, para Fortaleza, viajando contrariado em carro de trem de segunda por que não tinha de terceira, verificou que lhe faltava um níquel de cruzado (quatrocentos réis) e lembrou-se que teria caído "no mato" da casa do seu hospedeiro, então, não teve dúvidas e passou o seguinte telegrama:

— Compadre fulano, procure cuzado ca... (ouvida de Ataliba Leal).

Seu Pivinado:

Diz-me que ao tempo em que o Coronel Leontino Rolim fôra canoero em Jucás — e que mais tarde tornou-se industrial, proprietário da Usina Rolim, beneficiadora de algodão — João Leal ao passar o Rio Jaguaribe de Jucás para Cariús, vice-versa, costuma puxar uma cédula de dez mil réis para tirar o preço de uma passagem que custava alguns níqueis e, como não houvesse trôco, ficava para a volta, e nunca ocorria de êle se lembrar de

pagar no retorno a ida que não pagara.

Como o fato se constituia em abuso, Leontino começou a manter dinheiro trocado e, certa vez, passou-lhe o trôco de nove mil e oitocentos réis. Noutra oportunidade, João Leal não deixou de reconhecer o canoeiro, e exclamou:

— Ó seu pivinido...

**Troucha Não Bebe Água,
Come Carne Mij...**

João Leal tinha os testículos quebrados, em razão das contínuas viagens que fazia o cavalo, durante o dia todo e todo o dia, sem descanso, e, por esta razão quando estava montado, abria a braguilha para que o pênis e os testículos saíssem das calças, o que lhe dava uma aparência um pouco ridícula, ao ver-se aquela terceira perna pendurada ao lado da outra. Mas, de outra maneira ele não poderia viajar a cavalo.

Certa vez, chegando ao Sítio Canavieira, no Município de Cariús, aproximou-se da casa de Glória e de sua filha Maricota, já no lusco-fusco, tendo se esquecido de abotoar as calças, e, quando a filha apareceu, êle pediu-lhe água.

Vendo Glória que a filha procurava o pote com um caneco, perguntou-lhe quem era e o que queria, obtendo a resposta que se tratava do Coronel João Leal, que pediu água.

— Vou falar com êle, e perguntar-lhe por notícias do mundo.

Chegando à porta, já escurecendo, Glória viu aquela perna menor, e aquele volumezinho por sobre a lua da sela, e já enxergando pouco, perguntou Glória:

— Seu João, e esta criança não quer beber água? A resposta foi incontinenti: Você já viu toxa beber água Glória? Toxa come carne mij...

As estórias do Coronel João Leal não há quem dê no fim.

ORGANIZAÇÃO RAIMUNDO PIRES MAIA LTDA.

Tipografia e Pap. do CARIRI

onde a sua IMPRESSÃO causa uma boa impressão...



Meio Século em
Bons Impressos!

Rua Dr. João Pessoa, 300/86 — FONE : 521-1223 — CRATO - Ceará

S A A E C

Sociedade Anônima de Água e Esgotos do Crato

Estamos resolvendo, definitivamente, o problema de água em nossa cidade.

COM A SUA COLABORAÇÃO
COM O SEU ESTIMULO

Não desperdice água. Ajude-nos em nosso grande trabalho

SAAEC

- Nova Mentalidade
- Novos Propósitos

PRESIDENTE :

Marcondi Justo

ADMINISTRAÇÃO :

Francisco Walter Peixoto

USINA BEZERRA

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

End. Teleg.: BEMENEZES

TELEFONES: 521-2722 e 521-2843



29 ANOS

a serviço da comercialização
algodoeira no Cariri!



AVENIDA TEODORICO TELES, 502

CRATO —:— CEARÁ

De Rita Lobato a Amélia Perouse

(REVISÃO HISTÓRICA)

O Ceará e, particularmente, o Crato sempre se ufanaram de a segunda médica brasileira haver sido Amélia Perouse, natural da ilustre cidade.

O conspícuo Alberto Silva, historiador, membro da Universidade, da Academia de Letras, dos Institutos Histórico e Genealógico da Bahia, publicou A Primeira Médica do Brasil (Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro — 1954), através de cuja leitura, de logo se evidencia o equívoco que tem varado os tempos.

A paciente e cuidadosa pesquisa, de 243 páginas, excluído o índice, com 314 notas de rodapé, traz uma justificação: "Este livro possui também o seu motivo: o de representar, antes de tudo, uma empresa de honesta reabilitação histórica. Não era possível permanecer a injustiça da concessão de uma prioridade de quem não possui o necessário direito. E as pesquisas realizadas, à base de uma farta documentação, revelaram o seguinte: a primeira médica formada numa faculdade brasileira, chamou-se Rita Lobato Velho Lopes e recebeu o seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia, a 10 de dezembro de 1887".

Arrimado em fontes primárias e secundárias, da mais alta valia: manuscritos, cartas, jornais, teses, livros etc., o autor deixa provado, de sobejo e apoditicamente, sobre outras verdades, quanto segue:

— Maria Augusta Generosa Estrela, nascida no então Distrito Federal, em 1861, em face da carência de "permissão legal para a mulher freqüentar as academias nacionais", viajou, em 1875, para os Estados Unidos, a fim de se formar em Medicina, recebendo o diploma dou-

toral no New York Medical College and Hospital for Women, em 1881, sendo, destarte, a primeira brasileira, na ordem do tempo, a colar grau em medicina, posto que numa faculdade do Exterior.

— Superada "nossa canhestra legislação de ensino", três moças gaúchas, Rita Lobato Velho Lopes, Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Antonieta César Dias, em 1884, matricularam-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

— Rita Lobato Velho Lopes transferiu-se, em 1885, para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde galgou dois anos, diplomando-se em 1887, sendo, por conseguinte, a primeira mulher brasileira a se formar em Medicina numa academia nacional.

— Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Antonieta César Dias permaneceram no Rio, galgando um ano a primeira e recebendo o diploma em 1888, ao passo que a segunda colaria grau em 1889.

Ingressando, em 1885, na Faculdade de Medicina da Bahia em ordem a cursar a primeira série médica, Amélia Benebien Pedrosa, que após o consórcio com o Dr. Perouse Pontes, chamou-se Amélia Benebien Perouse, nascida a 6 de janeiro de 1860, graduou-se em 28 de março de 1890, defendendo a tese Disposições Anômalas do cordão umbilical.

Como é evidente, entre Rita Lobato e Amélia Perouse, a filha de Joaquim Pedroso Bembém, o célebre Coronel Bembém, da crônica cratense, duas jovens tomaram grau em Medicina: Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Antonieta César Dias

Logo, a menos que tenha havido outras de permeio, Amélia Perouse

Estrelas do Exército de Ontem

Comemoramos festivamente a "Semana do Exército", encerrada no "Dia do Soldado", data do nascimento do insigne Duque de Caxias.

E, para conhecimento dos jovens da atual geração, revelamos, rapidamente, as estrelas de maior grandeza que brilharam no Exército do passado, seguidas de constelações menores que concorreram, também, para abrilhantar as páginas cintilantes da nossa História Militar.

Em primeiro plano lembraremos a personalidade do grande CAXIAS, soldado símbolo, cidadão impar, estadista eminente, Chefe Militar nunca vencido, generoso e humano, apesar de invencível nas lutas que participou, interna e externamente pela grandeza e integridade da Pátria, além de ser aureolado como grande Senador, grande Chefe de Gabinete e Conselheiro, grande Ministro da Guerra, onde confirmou as suas excelsas qualidades de grande organizador e administrador, pelo que conquistou a súbita honra de

foi a quinta médica vindo à luz no Brasil, e a quarta formada numa Faculdade do País.

De qualquer forma se não cabe ao Ceará a honra de ter sido berço da segunda médica brasileira, detém o Crato a glória de ser a terra natal da primeira médica cearense, caso não se façam novas revelações.

NOTA — Joaquim Pedroso Bembém, era original e inteligente, proprietário do Sítio Lopes, em Crato, localizado no pé da Serra do Araripe e onde nasceram todos os filhos do casal Pedro Gomes de Matos (senior) e Josefina Pedroso Linhares, dos qua's, Joaquim Pedroso Bembém era bisavô (Pedro Gomes de Matos).

ser consagrado Patrono do Exército Brasileiro; ANTONIO DE SAMPAIO, o bravo, que ascendeu a todos os postos de hierarquia militar — de soldado a General de Brigada — nos campos de batalha: no interior — no Norte, no Nordeste e no Sul — pela unificação do País e no exterior pela sua defesa e nossa soberania — e dignidade, sacrificando-se em combate na célebre Batalha de Tuiuti, consagrando-se Patrono da INFANTARIA BRASILEIRA; o Marquez de Herval, OSÓRIO, o centauro dos Pampas, combatente desde menino nas fronteiras do Sul, depois combatendo com maestria no Comando em Chefe do Exército nos campos do Paraguai e, na paz, exercendo as funções de Senador e Ministro do Exército onde o colheu a morte: é o Patrono da CAVALARIA; MALLETT, Barão de Itaperi, herói em guerras externas, particularmente na cruenta batalha de Tuiuti: consagrado PATRONO DA ARTILHARIA; TIBÚRCIO, o cearense indômito, "soldado e pensador", que galgou todos os postos da carreira Militar — de Tenente a General — exparando bravura em todos os combates na Guerra do Paraguai, de Riachuelo e Peribebuí; "RONDON o insigne Patrono das Comunicações, o insigne cientista e etnógrafo, constantemente empenhado com os problemas da nossa Geografia e Antropologia física e cultural do índio brasileiro" (sua consagração definitiva no exterior foi a inscrição, em ouro sólido, no livro aberto aos visitantes da Sociedade Geográfica de Nova York, de seu nome imortal, em que figuravam apenas quatro sumidades: "...RONDON — o explorador

Conselho Estadual de Cultura:

ELOGIO AO LIVRO DO Dr. JEFFERSON DE ALBUQUERQUE

O ex-Presidente do ICC, Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, recebeu o seguinte ofício, com data de 23 de Janeiro de 1984:

"Temos a satisfação de comunicar a V. Sa. que, em sessão ordinária do Conselho Estadual de Cultura, realizada no dia 19 de Janeiro do corrente ano, o Conselheiro Artur Eduardo Benevides registrou, de maneira elogiosa, o aparecimento do livro de poesias — SÁTIRAS E SONHOS — de sua autoria.

Outrossim, vale ressaltar que a iniciativa contou com o apoio dos demais Conselheiros presentes, no caso, Roberto Galvão Lima, Nizia Diogo Main, Francisco Alves de Andrade, Otacilio dos Santos Colares, Dalva Stela Freire e Antonio Girão Barroso.

Valemo-nos do ensejo para apresentar a V. Sa. protestos de estima e alta consideração. Ass) Joaquim Lobo de Macedo, Secretário de Cultura e Presidente do Conselho Estadual de Cultura".

que penetrou mais extensamente em terras tropicais"; Teodoro Roosevelt declarou em um jornal de Nova York, após voltar ao Brasil: "...A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: ao Norte, o Canal de Panamá, ao Sul o trabalho de RONDON — científico, prático, humanitário, nunca vi nem conheço obra igual..." Este já no nosso século.

Poderemos e não devemos esquecer estrelas menores que brilham, também no cenário Nacional e devem ser lembrados: ANDRADE NEVES, DEODORO, FLORIANO, BIZERRIL, CLARINDO DE QUEIROZ, e outros que compuseram outra constelação de grande brilho, também. Mas arrancaremos do esquecimento estrelas que brilharam com menor intensidade nos escalões menores, mas dignos da nossa admiração. Evoquemo-los: ISRAEL BEZERRA DE MENEZES, o primeiro voluntário cearense e herói de toda a Campanha de 4 anos; JOSÉ MARTINIANO PEIXOTO DE ALENCAR, segundo voluntário do Ceará e igualmente herói de toda a Campanha; CAROLINO SUCUPIRA, herói cratense,

de bravura desmedida em toda a Campanha; FIGUEIRA DE MELO, NUNES DE MELO, os irmãos TAMBORIM (Manoel Antonio, Antonio Joaquim, Secundino Filofino, Emiliano, Sebastião) e outros não menos bravos.

Poderia pesquisar mais, porém a amostragem é valiosa, e concluiremos com o humilde JOÃO SORONGO, antes modesto boêmio das ruas de Fortaleza, e posteriormente soldado voluntário conscio dos seus deveres e herói destacado na Guerra do Paraguai: após a sangrenta Batalha de AVAÍ, o maior feito estratégico e tático de CAXIAS, a tropa do Major CAROLINO SUCUPIRA deparou-se com um monte de cadáveres, dentre os quais um de braços mandado identificar por SUCUPIRA, reconheceu-se o herói JOÃO SORONGO, com os braços decepados e fiapos de Bandeira nos dentes.

Eram da mesma Bandeira que fora capturada pelos Paraguaiois e recuperada pelos nossos.

Glória a ti JOÃO SORONGO. "Da tua glória se enchem nossos corações".

Notas para a História da Literatura Lavrense

1. APRESENTAÇÃO

Nos primórdios de 1981, levados por imperativos que no momento falavam mais alto do que qualquer outra maneira de pensar, encetamos pesquisa com vistas à elaboração de um pequeno cancionário da cidade de Lavras da Mangabeira. Coletado o material de que necessitávamos, na época algo surpreendente aos nossos olhos, tratamos em seguida da disposição dos poemas na ordem que melhor entendemos conveniente e, por fim, levamos a efeito a redação de algumas notas que deveriam servir de prefácio à citada antologia, a qual, por diversos motivos e razões diversas, ainda não foi levada ao conhecimento do público. Entretanto, aludidas notas, tal como a redigimos em 25 de janeiro de 1981, são as que adiante se apresentam, denunciadoras, como se vê, de um roteiro que poderá vir a orientar quem no futuro se der ao trabalho de escrever a história da literatura lavrense, cujos primeiros passos nesse sentido foram dados pelo poeta e ensaísta conterrâneo Linhares Filho, em conferência pronunciada aos 26 de julho de 1979, no auditório do Colégio São Vicente Férrer, em Lavras da Mangabeira, esta subordinada ao título "Literatura Lavrense". E, ditas, assim, estas palavras de apresentação, eis, pois, os apontamentos de nossa autoria a que nos referimos que, por falta de melhor sugestão, achamos por bem batizá-los com o título de "Notas para a História da Literatura Lavrense".

2. INTRODUÇÃO

À "velha e malsinada" terra de São Vicente Férrer, além de musa de uma plêiade de verzejadores e cronistas, atribui-se ainda a condição de berço de escritores ilustres. Seis dos seus filhos, pelo menos, já transpuseram os umbrais da Academia Cearense de Letras e nela tomaram assento e inúmeros são os lavrenses que se distinguiram e se vem destacando no mundo das letras e da cultura em geral. Nomes talvez não representem tanto, porém não se torna enfadonho mencionar Linhares Filho, Joaryvar Macedo, Filgueiras Lima, Joel Linhares, Josaphat Linhares e João Climaco Bezerra, todos devidamente immortalizados pela láurea acadêmica. Não menos eruditos, também, são os nomes de duas dorotéias ali nascidas e que tem feito da poesia um dos seus apostolados básicos: Irmã Aurélia Teixeira Férrer e Irmã Paula Senhorinha Alves Bezerra, a primeira autora de "Em Busca da Plenitude" e a segunda várias vezes vitoriosa nas incursões que tem realizado pela atividade editorial.

Nascidos em Lavras da Mangabeira, da mesma forma, são ainda os poetas Dimas Macedo, Batista de Lima, Fiúza de Pontes, Luiz Leônidas Lacerda Leite, Gentil Augusto Lima e Francisco Carlos de Moraes, todos com distinção no mundo da poesia. A esse elenco de escritores devem ser acrescidos os nomes de Dias da Silva e Pery Augusto Bezerra, que se realizam basicamente como prosadores, sendo este último

atualmente diretor do Jornal "A Crítica", de Manaus, e autor, dentre outros, dos livros "Trilha do Cangaço", de ensaios, e "Tia Genoveva", de crônicas. No campo da literatura técnico-científica, não podemos, dentre outros, obscurecer os nomes de Maria Férrer Augusto Lima, Ildefonso Correia Lima, João Gonçalves de Souza, Manoel Lemos de Amorim, Melquiades Pinto Paiva e Gustavo Augusto Lima. No domínio das letras jurídicas basta para representar Lavras da Mangabeira estas legendas de saber que são os ensaístas Vicente Bezerra Neto, Vicente Férrer Augusto Lima, Hylo Bezerra Gurgel e Vicente Férrer Correia Lima, autores de obras autorizadas no campo da sua especialidade.

Na esfera do pensamento filosófico orgulha-se Lavras da Mangabeira de ter sido o berço de Afonso Banhos, bem como há de ufanar-se de ser a pátria de Vicente Favela Filho, este com destaque nos meios jornalísticos, artísticos e culturais de Salvador. Este quadro, entretanto, não ficaria completo se dele omitíssemos o nome de um poeta de feição popular do porte de Lobo Manso, cuja obra poética vem alcançando ressonância entre os amantes da chamada literatura do povo, além de outros nomes que aqui vão propositalmente omitidos, mas cujo merecimento somos obrigados a proclamar. A esse bloco é que pertence a poetisa Julieta Filgueiras, a novelista Auristela Bezerra, a ensaísta Hilnê Costa Lima e a contista Naide Linhares, todas autoras de livros inéditos. De Auristela Bezerra são os "Sessenta e Cinco Sonetos" e a novela "Em Busca do Amor". Julieta Filgueiras, além de um volume de poemas de boa feitura, escreveu ainda um romance intitulado "Aroeira", baseado nas origens de Lavras da Mangabeira. Naide Linhares possui pronto para o prelo um substan-

cioso volume de contos e Hilnê Costa Lima se apresenta como autora de duas teses no campo do serviço social, de que se tem feito beneditina pesquisadora. Merecem também aqui mencionadas as dissertações com que quatro outros lavrenses, entre fins do século passado e começos deste, conquistaram o grau de Doutor em Medicina. A do Dr. João Ricardo Gomes de Araújo, na Escola de Medicina da Bahia, versou sobre "Varicocele e Seu Tratamento Cirúrgico" e as dos Drs. João Augusto Bezerra, Ildefonso Augusto Lacerda Leite e Sérgio Augusto Banhos, apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitularam-se, respectivamente, "Simiologia e Dispnéia", "Ensaios de Filosofia Natural" e "Das Lesões Viscerais Silenciosas na Tabes Dorsualis". Todavia, lembrados ainda devem ser as cintilações mentais de três notáveis sacerdotes lavrenses que demonstraram ou tem demonstrado fidelidade às letras: Padre José Correia Lima, Padre José Edmilson de Macedo e Padre Raimundo Rolim de Moraes, este último autor de "Bembém", onde traça a genealogia de um ramo de uma das primitivas famílias de Lavras da Mangabeira. Ao Padre José Correia Lima, Lente do Seminário do Crato, atribuiu-se apuradas tendências literárias e ao Padre José Edmilson de Macedo, atualmente Professor da Universidade Católica de Salvador, deve-se a direção do jornal "O Mensageiro", além de outros atributos intelectuais e sólida cultura humanística, conquistada em parte na Universidade Gregoriana de Roma, onde realizou estudos superiores.

3. A PRESENÇA DE ESCRITORES ALIENÍGENAS ENTRE OS LAVRENSES

Lavras da Mangabeira, sendo

berço referido de escritores ilustres, como já anteriormente acentuamos, tem sido igualmente solo hospitaleiro de outros intelectuais não menos renomados. Entre esses garimpeiros do ideal, há de se destacar, não como habitante do pequeno burgo sertanejo, mas pela condição de filho adotivo de Lavras da Mangabeira, o nome do contista Moreira Campos, que em Lavras viveu sua meninice e parte da adolescência. Outro escritor que ali aportou, em mais de uma oportunidade, foi o poeta e romancista Jâder de Carvalho, cujo pai, em começos do presente século, se distinguiria como um dos luminares da educação do município, fazendo funcionar ali o tradicional Curso do Professor Adolfo Carvalho. Entretanto, muitos ainda foram os escritores que Lavras da Mangabeira acolheu como habitantes em diferentes épocas. Aos nomes acima mencionados, junte-se o do poeta Mário da Silveira que, segundo o historiador Raimundo Girão, ali viveu por algum tempo em companhia dos seus familiares e ali produziu seus primeiros poemas. Outros escritores que residiram por longo tempo em Lavras da Mangabeira foram Francisco Leite Serra Azul, Cândida Maria Santiago Galeno, Epifânio Leite de Albuquerque, Afonso César Targino Filho, Daniel Augusto Lopes, Margarida Sabóia de Carvalho e Antônio Girão Barroso, que ali passou parte da infância, além do poeta paraibano Miguel Arcanjo de Souza, que a Lavras da Mangabeira dedicou três dos mais substanciosos poemas do seu cancionero.

4. A POESIA POPULAR EM LAVRAS DA MANGABEIRA

Ponto tradicional de encontro de poetas e versejadores, em Lavras da Mangabeira, foi o Botequim da

Velha Chica, que recentemente serviu de título a um dos livros de memórias do escritor F. Monteiro Lima, asseverando citado memorialista ser o Botequim da Velha Chica o maior centro de reunião de poetas populares e cantadores de viola de todo o interior nordestino. O botequim, segundo o escritor referido, "situava-se ao lado esquerdo de uma praça que ainda hoje é separada pelos trilhos da antiga Rede Viação Cearense, em Lavras da Mangabeira", e entre os seus frequentadores habituais mereceram citados Napoleão Menezes, Luiz Dantas Quezado, Sinfrônio Martins Pedro, Aderaldo Ferreira de Araújo, Ugolino do Sabugy, e João Martins de Oliveira. Aliás, não só o Botequim da Velha Chica, queremos nós, venha a representar o que em termos de poesia popular se praticou em Lavras da Mangabeira. Nesse tocante possuiu a cidade os seus corifeus, embora circunscritos, em sua maioria, ao perímetro municipal, porque produtos da terra. Além do já citado Lobo Manso, talvez sua mais legítima expressão, devem ser lembrados os nomes de Fausto Correia Lima, que logrou ser destacado no livro "Cantadores", de Leonardo Mota, e o Cego Mangabeira, tão carinhosamente acolhido pelo folclorista Alberto Porfírio entre os seus "Poetas Populares e Cantadores do Ceará". O Poeta Antônio Cabral, a exemplo de Lobo Manso, fez-se reporter do tempo, registrando, em páginas de empolgante lucidez, acontecimentos marcantes da história do município, como é o caso do folheto em que relata o triste assassinato do grande líder político lavrense Alexandre Benício Leite. Outros poetas de menor importância igualmente existiram, o que sói ocorrer, a exemplo de outras comunidades sertanejas. Aqui, entretanto, cremos destacados os seus representantes principais.

5. SOBRE A HISTÓRIA DO JORNALISMO LAVRENSE

À época em que funcionou em Lavras da Mangabeira a Escola Pátria e Dever, editou-se ali a revista literária "A Pena", idealizada por uma plêiade de jovens intelectuais congregados em torno do exemplar educandário, que tinha o resultado dos seus balanços semestrais publicado nos principais jornais de Fortaleza. Desde grupo de adolescentes sonhadores, que tiveram nas páginas de "A Pena" a oportunidade primeira de mostrar o seu desempenho intelectual, três nomes, pelo menos, elevar-se-iam posteriormente e viriam a se destacar como rebentos ilustres do município: Cônego Sandoval Teixeira Férrer, Irmã Paula. Senhorinha Alves Bezerra e Dr. João Batista Pinto Nogueira, cuja tese de doutoramento, na Faculdade de Direito do Ceará, intitulou-se "Da Infidelidade Conjugal". Entrementes, além de "A Pena", gostaríamos de registrar outros órgãos de imprensa que circularam em Lavras da Mangabeira, com tonalidades literárias ou não. Assim é que temos, num período já bastante posterior ao da circulação deste informativo pioneiro, o jornal "A Defesa", de João Climaco Bezerra, "O Jegue", de João Augusto Lima Júnior, e o "Jornal do Cariri", de Luiz Carlos Augusto. Num momento mais recente o exemplo que podemos oferecer é o do jornal "O Boqueirão", valentemente dirigido por Antônio Augusto Gonçalves e redatoriado pelo autor destas linhas. E temos ainda conhecimento de outros jornais que ali circularam, porém por falta de outros elementos esclarecedores, deixamos de aqui fazer referências a esses veículos de comunicação escrita. É que a história do jornalismo lavrense, como de resto a história do jornalismo cearense, está por escrever. Além do levantamento de quantos

órgãos de imprensa circularam em Lavras da Mangabeira, cabe a quem se der ao trabalho de escrever a história local dessas manifestações periódicas, não esquecer também de informar em torno de expressivos jornalistas que ali nasceram, e que, de uma maneira ou de outra, estão ligados à história do jornalismo do município, como é o caso de João Climaco Bezerra, Aluisio Girão Barroso, Vicente Bezerra Neto, Pery Augusto Bezerra, Alberto Bezerra Banhos, Paulo Banhos Sobreira, Vicente Favela Filho e Amarílio Furtado de Aquino, estes julgamos nós, seus representantes principais, não esquecendo-se aqueles que, na qualidade de correspondentes, tanto se empenharam e se empenham no sentido de registrar nas páginas dos grandes jornais de Fortaleza os acontecimentos mais significativos da evolução política e social de Lavras da Mangabeira, rol no qual deverá ser incluído o autor destas linhas que, na condição de correspondente efetivo, muito tem concorrido para uma mais ampla divulgação do município nas páginas de "O Povo".

6. LAVRAS COMO CENÁRIO DE OBRAS DE FICÇÃO

Portadora de um rico e substancioso cancionero, Lavras da Mangabeira tem sido igualmente exaltada em prosa e sob esse aspecto algo de verdadeiramente proveitoso se produziu. Abstraindo-se os relatos de cunho eminentemente histórico, bem como as páginas de exaltação telúrico-sentimental, vamos encontrar Lavras da Mangabeira como cenário de obras de ficção. Já se afirmou que João Climaco Bezerra escreve seus romances com o pensamento voltado para a terra natal e que "Não Há Estrelas no Céu" é o romance por excelência de Lavras da Mangabeira, com o que concordamos. Quando do aparecimento do

seu último romance, "A Vinha dos Esquecidos", assegurávamos, numa pequena nota crítica, entre outras, as seguintes considerações: "O chão do romancista, insistimos, é o chão da infância e os seus personagens, por certo, são tipos que lhe povoaram a imaginação e que, no romance, se apresentam como para revigorar o tempo perdido. O Padre Mundoca é um personagem real da história de Lavras da Mangabeira, com o qual conviveu o autor na sua meninice, como real o é também a banda de música, esta já devidamente imortalizada num dos poemas de Filgueiras Lima. Real da mesma forma é o apito do trem na curva do Espriado, porque o Espriado existe com os seus caminhos tortuosos, curvos como os trilhos por onde o trem se arrasta ha quase um século. Político o Padre Mundoca, da mesma forma que foi pintado pelo romancista, porém um legítimo filho da terra, o que não acontece com o Padre Anselmo, este sim, um estranho àquelas paragens. Nesse aspecto os papéis se revertem e há de prevalecer o que o ficcionista imortalizou para os homens. Com a imagem dos dois celibatários faz o romancista um estranho jogo de identidades, prolongando em um a dor que devia ser repartida entre ambos, sim, porque ambos sofreram e se fizeram mártires e líderes espirituais de um mesmo fiel e devotado rebanho. Assim, no romance está presente o mesmo ambiente denso e humano que tem servido como pano de fundo para refletir a nossa realidade, vez que retrato o espaço habitado por nós mesmos".

Este espaço, entretanto, temos que entender como o espaço regional, e não como algo estritamente local, o que até certo ponto induziria o leitor menos desavisado a perceber no autor de "Longa é a Noite" uma visão circunstancialmente restrita, o que não acontece,

pois seus romances são dimensionais, tão dimensionais quanto o de outros escritores que construíram obras de ficção assentando raízes na problemática municipal lavrense. Um desses romances é "Imbês", premiado pela Academia Brasileira de Letras e de autoria de Amora Maciel, que em vida foi consorciado com a ilustre pintora lavrense Sinhá D'Amora. Segundo nos confidenciou Linhares Filho, para rotular o seu romance inspirou-se o autor em algumas espécimes aráceas encontradas nas proximidades do lendário Boqueirão de Lavras, ao sopé da serra do mesmo nome, em terras de propriedade do seu erudito sogro, o Coronel Francisco Augusto Correia Lima, um dos maiores vultos da história de Lavras da Mangabeira: orador, professor e prefeito municipal, conhecido latinista, a despeito de conhecedor profundo da lingua francesa e do idioma pátrio.

7. FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA LAVRENSE

Ora, tudo o que até aqui despreziosamente arrolamos no desenrolar destas linhas autoriza-nos a aceitar a hipótese da existência de uma literatura lavrense, principalmente nos termos em que a definiu Linhares Filho, assim entendido o termo literatura no seu sentido estrito. Nesse aspecto, concordamos, é que a expressão "literatura lavrense" ganha dimensões ainda mais amplas e por esse prisma é que entendemos como seus representantes principais, pelo fato de haverem gerado uma determinada parcela da sua produção literária orientada para a realidade lavrense, os nomes de Filgueiras Lima, João Climaco Bezerra, Moreira Campos, Linhares Filho, Joaryvar Macedo, Batista de Lima, Dimas Macedo, Julieta Filgueiras e Miguel Arcanjo de Souza.

Entretanto, com relação à litera-

tura lavrense propriamente dita, ainda não dispomos de elementos para precisar com segurança as suas primeiras manifestações, que já vão longe e se perdem no tempo. Queremos nós como o ponto de partida destas manifestações a Resolução Régia de 20 de maio de 1816, confirmada pelo Alvará de 27 de junho do mesmo ano, que erigiu em Vila a antiga Povoação de São Vicente Férrer, pois a partir de então é que se pode falar em termos de Lavras da Mangabeira como realidade política, mas já anteriormente elevada à condição de freguesia por Provisão de 30 de agosto de 1813, desmembrada da do Icó e compreendida na ribeira do Salgado, "desde o riacho da Pendência até o Caiçara com todos os seus afluentes compreendidos neste espaço", segundo observações do abalizado historiador cearense Dr. Pedro Theberge.

Certamente, as primeiras notícias que nos dão os cronistas com respeito à antiga Povoação de São Vicente Férrer das Lavras da Mangabeira, são as que descrevem a situação das minas de ouro da Mangabeira, suspensas por Carta Régia de 12 de setembro de 1758. Sobre essas minas, que se fizeram em grandes quantidades no percurso do Salgado, nas suas margens e nos seus afluentes, dentro e fora do perímetro do futuro município de Lavras da Mangabeira, veja-se o que sobre elas escreveram João Brigido no seu livro "Ceará, Homens e Fatos" e o Dr. Pedro Theberge no seu "Esboço Histórico Sobre a Província do Ceará" e "especialmente o que escreveu o Barão de Studart, em torno da inveracidade de ambos", nas suas "Notas Para a História do Ceará", como quer o ilustre historiador cearense Raimundo Girão. Um desses documentos é a "Carta Sobre as Minas do Oiro da Mangabeira", de autoria do naturalista João da Silva Feijó

que, por absoluta falta de espaço, deixa de aqui ser oportunamente transcrita.

Porém, já quanto ao desenvolvimento de mentalidade pensante originária da própria gleba nativa, é verdade o afirmar-se que um dos primeiros lavrenses a registrar produção intelectual, e com rara desenvoltura, foi o Padre José Joaquim Xavier Sobreira, aliás, o primeiro vigário colado da freguesia. A esse respeito, consulte-se os documentos relativos às lutas pela independência no Ceará, de que foi o virtuoso Padre Sobreira um dos mais destacados arautos, bem como os anais da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa de 1823, onde representou a Província do Ceará como Deputado, hoje em grande parte enfeixados num monumental documentário que é a série "O Clero no Parlamento Brasileiro", editado pela Câmara dos Deputados em convênio com a Casa de Rui Barbosa.

E assim, avançando ainda um pouco no tempo, na fase imperial vamos encontrar dois outros lavrenses que, distinguindo-se no campo da política, não deixaram de registrar sua passagem pelo mundo das letras e da cultura em geral. O primeiro deles foi o Conselheiro Raimundo Ferreira de Araújo Lima, Deputado Geral e Ministro da Guerra, que na Câmara Baixa do Imperio revelou-se orador vigoroso e emitiu pareceres memoráveis, fazendo publicar alguns desses discursos e pareceres. Segundo o Barão de Studart, a ele atribui-se a autoria de "O Elemento Servil", parecer da Comissão Especial apresentado à Câmara dos Deputados na Sessão de 30 de junho de 1871, e mais três outros discursos, um dos quais versando sobre a Questão Religiosa, proferido na Câmara dos Deputados aos 11 de junho de 1874 e publicado pela Tipografia Americana do Rio de Janeiro.

O outro lavrense a que nos referimos é o Brigadeiro Vicente Ferreira da Costa Piragibe, igualmente Conselheiro do Império, e que, como escritor, deixou alguns trabalhos sobre legislação militar, publicados no "Indicador Militar", revista que dirigiu e da qual foram impressos 28 números, ainda segundo observações do Barão de Studart que, nas suas "Dados e Fatos Para a História do Ceará", noticia-nos a inauguração, em 11 de outubro de 1885, na Vila de São Vicente das Lavras, de uma biblioteca com o título de Clube Literário Familiar Lavrense, criado aos 29 de maio do ano anterior e que coincide com a fase de expansão do tão propalado Gabinete Cearense de Leitura, de idênticas finalidades e senão aquele uma de suas ramificações. Entretanto, a Biblioteca Pública Municipal de Lavras da Mangabeira consolidar-se-ia somente mais de meio século depois, ao tempo da administração do Dr. Vicente Férrer Augusto Lima, nomeado para dirigir os destinos do município por ato de 14 de dezembro de 1937.

Já sobre os tempos primitivos de Lavras da Mangabeira, examine-se, do historiador Joaryvar Macedo, o trabalho intitulado "Lavras da Mangabeira — Dos Primórdios à Vila", tese indispensável a quem deseja conhecer as origens da pátria de Sinhá D'amora. Outros documentos interessantes, e que de alguma maneira dizem respeito ao município de Lavras da Mangabeira, são os concernentes ao lendário e histórico Boqueirão de Lavras, de autoria dos engenheiros O'Meara e J. J. Revy, com vistas à construção do Açude do Boqueirão de Lavras, com que se ocupou em larga escala o governo imperial, bem como a esse respeito tenha-se em mente o estudo de Tomaz Pompeu de Souza Brasil intitulado "As Vantagens da Irrigação por Meio da Barragem do

Boqueirão de Lavras", "trabalho reproduzido pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro e traduzido para o flamengo e para o inglês", e principalmente o que sobre o assunto escreveu o preclaro sociólogo cearense Joaquim Alves. O relatório do engenheiro J. J. Revy, registre-se, intitulou-se "O Açude do Boqueirão de Lavras". Sobre o engenheiro O'Meara e seu fabuloso projeto, hoje material de difícil acesso, consulte-se especialmente o que em torno do mesmo escreveu o destemido jornalista e historiador cearense João Brígido, em "O Unitário", de 01 de junho de 1916.

Contudo, a realidade que se pode constatar à primeira vista é a de que a história de Lavras da Mangabeira ainda repousa injustificadamente nas fontes primárias e nos documentos ainda não revelados pela historiografia e ameaçados de perecimento pela voragem infalível do tempo. Não só esquecidos são os fatos primitivos a que aludimos, mas todo um evolver histórico marcado por profundas vicissitudes.

Nesse particular há de se destacar ser Lavras da Mangabeira um extraordinário potencial de subsídios históricos, acumulados através de vários séculos de evoluções e transformações políticas, sociais, econômicas, religiosas e históricas. Lavras da Mangabeira, berço referte de rebentos ilustres, cenário de um dos mais espetaculares dramas da nossa história política, sede de uma das mais conhecidas oligarquias cearenses e respeitada pelas suas origens lendárias e conturbadas, e suas tradições sentimentais e históricas, evocadoras de um tempo já bastante gasto, hoje, entretanto, acha-se mergulhada na sua própria inércia existencial, a despeito do progresso crescente e avassalador que lhe tolheu a meiguice de eterna enamorada do Salgado, que em transcendental loucura possessiva fecunda-lhe o

corpo sensual e moreno, descrevendo-lhe ou ensejando-lhe toda uma geografia sentimental e humana, não obstante inspirador de tantos e tão belos poemas, hoje como ontem e por todo o sempre jungido aos encantos da terra que há milênios lhe abriu os braços para o amplexo que se prolongará pela evolução dos séculos.

8. CONCLUSÃO

Concluindo, gostaríamos de esclarecer que este nosso trabalho não tem outro mérito senão prestar uma homenagem àqueles que, sendo lavrenses, enveredaram pelos caminhos das letras ou, não o sendo, dedicaram a Lavras da Mangabeira uma parcela, embora diminuta, de sua criação poética ou do seu estro de prosador, exaltando os encantos da terra acolhedora. Aliás, nesse particular, tem o cancionero de Lavras da Mangabeira produzido poemas memoráveis. Para nós temos como marcos representativos dessa corrente os poemas "Elegia à Minha Terra", de Julieta Filgueiras; "Lavras", de Batista de Lima; "O Boqueirão de Lavras", de Joaryvar Macedo; "Banda de Música", de Filgueiras Lima; "Poema de Lavras" e "Elegia Lavrense", de Dimas Macedo; "Poema do Rio" e "Lavras da Mangabeira Revisitada", de Linhares Filho e "Rio Salgado", de Miguel Arcanjo de Souza.

Uma advertência oportuna a ser memorizada é a de que, servindo estas notas à satisfação de circunstâncias eventuais, não devem ser interpretadas de outra maneira, nem sequer devem ser entendidas como uma tentativa de sistematização de um projeto sintético do que aqui se convencionou chamar literatura lavrense, pois não nos acudiu nenhum rigor científico, ou mesmo informativo, na elaboração destas desprezíveis linhas, pelo que não nos

responsabilizamos pelas omissões ou lacunas existentes, ou mesmo as falhas de construção formal aqui identificadas, o que seria ainda mais grave na preparação de qualquer tese que venha a discutir os pressupostos de determinado aspecto da evolução histórica de um dado grupo humano ou comunidade geográfica em formação, como dissemos na apresentação deste trabalho não é o nosso caso.

Com relação à geografia sentimental de Lavras da Mangabeira, preferimos nada dizer. Que falem os seus poetas e prosadores que já são tantos. Que se proclame alto e bom som os cantares mais expressivos do seu cancionero.

Opiniões sobre ITAYTERA N.º 27

De diferentes rincões do País continuam chegando à direção da Revista ITAYTERA, do Instituto Cultural do Cariri, opiniões as mais lisonjeiras, a respeito dessa revista da intelectualidade caririense.

Eis algumas delas:

"Com os meus agradecimentos, pela excelente ITAYTERA, a certeza de que a Universidade Federal do Ceará estará cada vez mais presente junto às iniciativas culturais do Cariri. Um grande abraço do Paulo Elpidio de Menezes Neto, ex-Reitor".

"Muito obrigado pela remessa de Itaytera. Está excelente. A revista em si vai gerar, pela matéria que neste numero 27 contem, uma série de notas minhas em "A Tarde", onde passei a colaborar". Nelson de Araujo, Salvador.

"Acabo de ler, com grato interesse e satisfação, a revista ITAYTERA, na sua última edição. Parabéns pelo trabalho realizado, a serviço da cultura da nossa terra" — Abraços, Mons. Edimilson Favella de Macedo, Salvador.

Reflexões sobre "o papel da Universidade na evolução da sociedade cearense"

As últimas décadas têm propiciado profundas mudanças no quadro sócio-econômico brasileiro, exigindo-se, a esta altura, tentar a definição da problemática do país e de muitas de suas instituições.

Diante do engajamento da nação na mística do desenvolvimento, do

avanço da industrialização e da urbanização, das crescentes exigências de serviços básicos, do aprofundamento das desigualdades sociais, da necessidade de aperfeiçoamento político, da crise econômica em que se encerra um ciclo de vertiginoso e assimétrico progresso material, como encarar a universidade? Qual o seu papel? Qual a sua relação com a sociedade? Qual sua importância? Como ela vem desempenhando e como deveria desempenhar suas funções?

Para todas estas questões, cada um de nós tem uma resposta própria, calcada na observação ou até mesmo na vivência da universidade.

A discussão que se propõe a seguir procura evidenciar a ação da universidade em função da sociedade como um todo. Objetiva-se, simplesmente, fornecer elementos para uma reflexão sobre o papel específico da universidade brasileira, em geral, e a cearense em particular, bem como suscitar questões que possam ser colocadas durante o debate que se seguirá à palestra do Reitor da Universidade, José Anchieta Esmeraldo Barreto.

Antes de entrar diretamente no que deve ser a universidade, qual a função que lhe cabe desempenhar, cumpre salientar, primeiramente que ela se encontra inserida num universo maior, a sociedade, da qual na maioria das vezes, depende a sua própria manutenção.

Uma sociedade de classes como a

Opiniões sobre ITAYTERA N.º 27

"Acabo de receber o exemplar de ITAYTERA, n.º 27, que teve a gentileza de enviar-me. Possível avaliar o esforço dispendido por você, Lindemberg, e outros abnegados lutadores, no sentido de publicar a Revista. Conte sempre comigo! Quero muito bem a essa cidade, ao Cariri", Abelardo Montenegro.

"Vou ler ITAYTERA 83 com muito amor e muita atenção — amor, imenso amor que tenho pelas cousas boas do espírito, que sempre elevam e consolam", Ribeiro Ramos, Sobral.

"Acabo de receber, com satisfação e júbilo, como sempre, mais um número de ITAYTERA. A revista continua colossal e creio que é das raras publicações brasileiras que está rigorosamente em dia. Parabéns pelo esforço seu e pelo trabalho de todos que colaboraram nessa obra imorredoura". Francisco de Vasconcellos, Rio.

brasileira tem enorme dificuldade para tratar do interesse coletivo com sensibilidade e real participação de todos. O máximo que, em geral, se consegue é ordenar, legalmente, a ação do Estado, como representação da comunidade nacional, independente das posições individuais, visando, pelo menos formalmente, a defender ou preservar o bem comum.

Na prática, o que se verifica, no entanto, é a apropriação, por grupos sociais mais atuantes, da direção dos negócios do Estado, o que acaba por comprometer, de forma quase sempre muito clara, a tão necessária representação do interesse coletivo. É sobre este vazio que a atuação da universidade pode ser profundamente proveitosa, isto é, sobre o hiato que separa governantes e governados, estes considerados como todos os segmentos da sociedade.

A universidade teria então como função básica conhecer a sociedade, acompanhar a dinâmica das mudanças sociais e analisá-las continuamente, prevendo ou sugerindo mudanças na sociedade, como um todo.

Tal função precisa ser desenvolvida em contato permanente com a sociedade. É evidente que através de suas atividades fundamentais — ensino (transmissão de conhecimentos), pesquisa (a geração do conhecimento) e de extensão (quando se exprime de fato a relação universidade/comunidade) à universidade absorve e/ou atinge elementos da sociedade continuamente. Mas, não toda a sociedade, como compromisso impostergável, superior a quaisquer outros, por importantes que sejam.

Tal postura é viável à medida que a universidade, através de suas atividades básicas, considere como tarefa primordial a reflexão sobre a sociedade, suscetível de propiciar conhecimento, mais profundo de suas características e de seus problemas, bem como a clara definição de suas legítimas aspirações. Neste caso,

cumprir a universidade informar à sociedade e funcionar como um canal de expressão dessa sociedade em todas as suas questões mais fundamentais. De modo objetivo, e cingindo-nos à realidade nordestina isto implicaria, neste momento, por exemplo, a necessidade de canalizar as ações das universidades locais para a pesquisa, a divulgação e discussão das causas e alternativas para o quadro de seca ou para a crise econômica, a nível nacional, a que nos ligamos indissolúvelmente.

Desse modo, é possível a construção de uma linha coerente de ação da universidade a favor da sociedade com o que se atenuaria a tendência de a ação da universidade ser constantemente avaliada apenas através do comportamento do seu ex-aluno, na sociedade, ou seja, como simples instituição de ensino ou de profissionalização. No enfoque aqui defendido, a universidade agirá de modo mais integral, mais dinâmico e mais contínuo, em função dos interesses globais da comunidade a que se liga.

A universidade atuaria, assim, como uma bússola, indicadora das direções a serem tomadas, um veículo da sociedade em geral, a propor interpretações, informações e saídas na resolução dos problemas dessa mesma sociedade, ou, pelo menos, o correto equacionamento desses problemas.

Para que a universidade seja capaz de realizar tais tarefas, a condição fundamental é que ela se volte, integralmente, para a compreensão da realidade que está a sua volta.

Como se pode tentar resolver problemas, senão procurando conhecê-los previamente, em suas verdadeiras causas, numa visão retrospectiva?

Como se poderá propor mudanças, se não se sabe nem o que precisa ser mudado nem o que mudar?

— Parece claro, em síntese, de acor-

do com nossa concepção, que a universidade deve ser entendida com uma função mais ampla do que a de educar, apenas, no seu aspecto formal. A educação, a transmissão do conhecimento, evidentemente, é uma das funções da universidade, mas não a única. Desde que tenha um raio de ação mais amplo, a universidade deixa mais clara a verdadeira dimensão de sua função profissionalizante. Abandona-se, portanto, a dependência da universidade aos ditames do mercado de trabalho, embora este continue a ser um dos parâmetros sobre o qual, dentro do possível, deve exercer sua influência, em vez de ser apenas influenciado por ele.

A universidade cabe preparar o aluno, o cidadão, com o rigor do conhecimento específico de cada área, bem como com a possibilidade da reflexão sistemática.

Mas, os requisitos para a profissionalização não incluem apenas aqueles que objetivam deixar o aluno, o cidadão, em condições de "fazer" algo. Prover a sociedade de membros aptos a "fazer", é tarefa, de fato, que a universidade não pode assumir sozinha, pois cabe também às empresas públicas e privadas e outras instituições. Isto não significa, evidentemente, isolar o aluno, o cidadão, da realidade ou da vida prática. A realidade estará presente em cada sala de aula, numa universidade comprometida com a sociedade.

Já a prática, o "como fazer", precisa ser vivenciado através de uma associação entre a universidade e segmentos da sociedade. Através da prática correta do estágio supervisionado, por exemplo, já se nos apresenta uma associação entre a teoria e a prática, funcionando como um meio caminho no sentido da profissionalização. Mas, o que é de fato a prática do estágio supervisionado? Que semelhança ela tem

com os difundidos estágios em voga no momento, onde as preocupações aqui citadas não existem? E, ainda, quando o estagiário aluno da universidade, cidadão, é visto como mais um empregado a baixo custo... É preciso redefinir esta prática. Por onde começar?

O diploma universitário precisa, então, significar um pouco menos diante de toda esta realidade. Ele deve significar apenas que aquele cidadão está a meio caminho do saber fazer! Mas, o empregador, o empresário, busca que tipo de profissional? Ele está disposto a assumir a necessidade dessa ação conjunta na formação da sociedade.

Por sua vez, a universidade sabidamente com seu orçamento cada vez mais reduzido, num país onde os gastos sociais da União (educação, saúde, trabalho, previdência e assistência social) foram em 1982, 55,9 por cento menores em termos reais, do que em 1977, poderá assumir, através de seus mal pagos professores, tal tarefa? Por onde começar?

Enfim, está claro para todos nós que vivemos tempos de mudanças e transformações e que as prioridades nacionais necessitam ser redefinidas. Aqui estamos fazendo uma reflexão sobre a universidade e salta aos nossos olhos a ausência de elos que verdadeiramente a integrem na sociedade como um todo, tornando-a uma instituição capaz de compreender e influenciar as mudanças sociais, em nosso país e em nossa região.

A inclusão do tema na pauta do Conselho de Política Econômica e Social do IEL é a primeira oportunidade para debater e elucidar a problemática aqui proposta e muitas outras questões que surgirão do próprio debate.

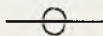
(Conferência promovida na Federação das Indústrias do Estado do Ceará).

CERÂMICA NORQUAÇU S. A.

A maior empresa industrial do Crato,
fabricando ladrilhos cerâmicos para
todo o Nordeste brasileiro.

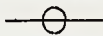
NOSSOS PRODUTOS ESTÃO EM TODAS AS LOJAS
DE CONSTRUÇÃO.

UMA INDÚSTRIA GENUINAMENTE NOSSA



CERÂMICA NORQUAÇU S. A.

Uma demonstração da capacidade
empresarial do Cariri.



AV. PE. CÍCERO - BAIRRO MURITY

CRATO • CEARÁ

Aliança de Ouro S.A.

Material de Construção e Material Elétrico

Distribuidores da: CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL
Chapas pretas e galvanizadas.

CIA. GOODYEAR DO BRASIL
Produtos de Borracha: Correias e
Mangueiras para todos os tipos.

Implementos agrícolas e industriais:

Motores AGRALE - Carretas - Arados - Sulcadores

POLICULTOR |CEMAG - Um novo conceito em
equipamentos de tração animal

Aliança de Ouro S.A.

MATRIZ: Rua |São Pedro, 379 - Fones: 511-1888
511-1470
511-0344

FILIAIS :|Rua |São Pedro, 1405 - Fone: 511-2761
Rua São Pedro, 839 - Fone: 511-1709
Rua S. Francisco, 311 - Fone: 511-2753

Máquinas OLIVETTI - Mecânicas, Eletrônicas para
escrever e calcular - Móveis para escritório, etc.

JUAZEIRO DO NORTE|—CEARA

Notas do
NordesteDISCURSO SOBRE O
CARIRI,
DEMORANDO NA
BAHIA

Itaytera, que se publica no Crato, faz a memória remontar — com algumas e permitidas impropriedades na analogia — às revistas literárias e culturais que surgiram depois da Segunda Guerra Mundial. Uma época de esperanças que os eventos posteriores interceptaram, na qual amadureceu, em todo o país, bom número de revistas de jovens escritores, confiantes numa carreira sem abrolhos. *Clã* no Ceará, *Época* em Sergipe, *Caderno da Bahia* em Salvador, *Sul* em Florianópolis, *Joaquim* em Curitiba.

"POEMAS DA
MADRUGADA"

Acusamos o recebimento de um exemplar de *POEMAS DA MADRUGADA*, belo livro de poesias, de autoria do sr. Raimundo Farias de Oliveira. Ele é filho de nossa região, natural de Santana do Cariri e reside há muitos anos em S. Paulo, onde exerce diversas atividades. O livro é uma beleza, tem 68 páginas e mostra a inspirada veia poética do Autor. Editado pela Editora Soma Ltda, rua Bráulio Gomes, 141 — 8º andar. O autor reside à Rua Pe. Donizete T. de Lima, 388 — CEP 02404 — Santana, na capital paulista. Raimundo Farias de Oliveira, mesmo distante do Cariri, mantém assídua correspondência com o nosso Instituto.

ITAYTERA

Onde estão todas elas? Afloraram e foram sepultadas pelo tempo, esmagadas pelos acontecimentos. Dos seus mentores relembro Dalton Trevisan, de *Joaquim* nome que conseguiu sobrenadar às intempéries que a talada geração do seu tempo experimentou e vai experimentando. Relembro Eduardo Campos, projetado em *Clã*, que se encastelou em Fortaleza e em nenhum momento deixou de dar contribuições significativas à ficção, ao teatro, à história e ao folclore do seu estado. Na Bahia, os meus recursos de percepção, limitados no entender o desdobramento do fenômeno literário, esbarram em dois enigmas dos idos de *Caderno da Bahia*. Wilson Rocha reduz a sua presença na melhor poesia brasileira, onde sempre esteve, faz a escolha do silêncio. Não creio que essa escolha tenha partido somente de uma predileção pessoal, vinda de um poeta de tão lúcida visão do compromisso social do poeta, o de escrever para ler lido. Mais deve haver. A calosa indiferença das editoras pelos autores que não se prestam a certos jogos? De Vasconcelos Maia, o fundador de *Caderno da Bahia*, sei que após 1964, foi vítima de brutal injustiça, dessas que, sem serem físicas, atingem o essencial do ser humano, a vontade de ser produzindo. No caso, produzindo pelo mais puro amor à sua terra e como um dos mais talentosos ficcionistas brasileiros, assim a crítica sempre o situou. Sei, tam-

bém, as injunções da máquina editorial, com o seu poderio fora da Bahia, impediram que continuasse a ser visto pelos grandes olhos da publicidade, ao lado de Jorge Amado e Adonias Filho, como uma das referências fundamentais da ficção baiana. Eles e Jorge Medauar e James Amado. O admirável e querido João Ubaldo Ribeiro, que perdoe a omissão, neste fugir da rota do Cariri... João Ubaldo transcende a Bahia. Pertence mais "ao vizinho Estado de Sergipe", "à nação sergipana" no dizer de Jorge Amado, por esta cifrada geografia que aproxima Sergipe de Itaparica, duas "repúblicas" parecidas...

Mapa foi a um só tempo a nossa última revista de "geração" e a última a não abrir mão de dignidade do tipo e da impressão, credo em que se firma Fernando Peres, desesperado às portas das tipografias que se fecham, uma após outra: a última, São Bento. Depois o espírito de grupo/ revista desertou de Salvador e refugiou-se no território de Feira de Santana, bem defendido pelos seus poetas. Em seguida, a forçada concessão à menoridade da datilografia duplicada em mau "off-set", dando o testemunho final do descenso das artes gráficas em Salvador, o ocase de um tempo em que os mestres-tipógrafos compartilhavam com os jovens escritores da aventura das revistas e tinham, em contrapartida, os seus nomes honrados nos "cólifons". A era chegou da poesia "alternativa" por não poder deixar de ser, o heroísmo do poeta que vai de bar em bar, de esquina em esquina, vendendo os seus cadernos, porque não pode calar.

Longa viagem até a Itaytera do Cariri cearense. Viagem que se justifica, pela revista mesma e pelas coisas que a caminho se disse e há muito deviam ser ditas. Itaytera

passa agora ao seu 27º número, correspondente a este 1983 já em marcha para o fim. Segue o tempo, mas esta brava publicação do interior do Ceará não se autodepõe, conserva o título e o caráter, como "publicação oficial" do Instituto Cultural do Cariri, há trinta anos existente no Crato. "Oficial", até que ponto? Sei pela leitura regular de Itaytera que o Instituto Cultural do Cariri não é instituição "oficial", se como tal se entender inércia. Vivos estão ele próprio, o Museu do Crato que criou, o Clube dos Amigos do Folclore, o Clube Literário do Crato, outras derivações suas. A biblioteca do Instituto, franqueada ao público, é uma das mais ricas da região do Cariri. Dele se diga um pouco mais. Seu fundador e grande animador foi o folclorista J. de Figueiredo Filho, desaparecido há dez anos, tendo deixado substancial bibliografia, onde sobressai uma obra de constante consulta. O Folclore do Cariri, impressa pela Universidade Federal do Ceará em 1960. Lê-se no derradeiro número de Itaytera: "No decorrer deste primeiro decênio sem Figueiredo Filho, o Instituto Cultural do Cariri continua (...) a marcha que ele encetou, sob os melhores fundamentos da sua inspiração". E ainda, sobre a revista mantida pelo Instituto que ele fundou: "A cega determinação de fazer circular uma revista de cultura, no interior cearense, marca bem (...) a obstinação dos que se comprometeram a continuar a (sua) obra".

Não importa que Itaytera seja uma publicação provinciana. Assim é por decisão, por desejar ser, por diretriz que se estabeleceu, para melhor servir à terra dos seus vinte e sete números. No último, este de 1983, além de matérias de natureza não-regional e de criação literária, a maioria dos temas versados são regionais ou de amplitude nordestina:

De PEDRO NAVA α ALENCAR ARARIPE

Rio de Janeiro, 19 de Out. de 1983

Caro parente e amigo Dr. Antonio de Alencar Araripe,

muito obrigado pela remessa do seu belo livro **O problema das secas e outros ensaios** onde são tratados com tanto conhecimento, experiência e sofrimento o problema das estiagens no Ceará e nordeste. Acho o caso das secas mais uma questão de incompetência ou falta de continuidade de nosso governo que problema ecológico. Um único político que atacou o assunto com sinceridade: Epitácio. Depois dele e desmanchando o que ele fez, veio Bernardes cuja antipatia pelo povo do norte do Brasil era notória. Foi homem cheio de erros preconcebidos, dum bairrismo terrível e quando estava para fazer nomeações, nunca deixava de perguntar sobre o can-

didato: de que estado ele é? — e dizem que excluía tanto quanto possível tudo quanto estava acima dos pontos extremos de Minas ao Norte...!

Estive em Israel e vi como o judeu tenacíssimo transformou o deserto de sua terra nas de "leite e mel" de que falam as escrituras. Apenas e simplesmente canalizando água no país inteiro como se faz à uma cidade! Israel é pequeno e o Brasil enorme, podem me responder. Pois então usemos encanamentos, açudagens e represas enormes...

Meus parabéns pela sua palavra em assunto que interessa não só o Norte e o Nordeste — como todo o Brasil.

Uma visita do seu parente, admirador e amigo,

PEDRO NAVA

DR. JÉFFERSON Lança Novo Livro

Em solenidades realizadas no Rotary Clube (saudou-o J. Lindemberg de Aquino) e no Teatro Rachel de Queiroz (fez a saudação o Pe. Gonzalo Farias Filho) o Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, ex-Presidente do Instituto Cultural do Cariri, lançou seu mais novo livro de poemas "SÁTIRAS E SONHOS",

impresso na Tipografia do Cariri, capas e ilustrações de Luis Karimai, prefácio de Itamar Spíndola. São 80 páginas de deliciosos poemas intimistas, satíricas, a maioria, sentimentais, nostálgicos, amorosos, outros, todos de grande beleza, profunda sensibilidade e acuidade, que revelam o esplêndido caudal de inteligência do autor. Um livro rico pela sua beleza e emoção, que muito honra a literatura cearense.

o historiador cearense Carlos Studart Filho, o bispo D. José Tupinambá, "Patativa do Assaré", o conhecido poeta popular, a Confederação do Equador e o envolvimento do Ceará no movimento, as Ordens dos Penitentes do Nordeste. O último dos relacionados, artigo escrito por Rosemberg Cariry, lança a luz que muitos desejavam sobre a origem da "penitência", ou flagelação, prática do catolicismo popular espalhada no Cariri, na Bahia, instalada em Juazeiro e outros lugares do São Fran-

cisco.

Itaytera é "revista", como o foram **Clã, Caderno da Bahia e Mapa**, ressalvadas as nuances próprias. Sem ser estritamente literária como algumas delas pretenderam ser, sem ser de "geração", é de "região". Não é "periódico", no conceito imposto pelas associações de biblioteconomia, com as suas siglas, fichas e espantosa concepção do espelho gráfico. Não sei se nada de melhor se poderia dizer da sua essência e sagrada pertinência.

Literatura de Folhetos:

Valor de uma Herança Crítica

MEMÓRIA DE LUTAS:

Literatura de folhetos do Nordeste - (1893-1930)

RUTH BRITO LÊMOS TERRA -
Global Editora - Secretaria
de Estado da Cultura.
São Paulo, 1983

O lançamento do livro *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*, de Ruth Brito Lêmos Terra, não é apenas um evento editorial no campo de estudos sobre a cultura popular. É sem dúvida um acontecimento maior na tradição da pesquisa de assuntos brasileiros, exemplo feliz de amplitude e síntese num ramo problemático e difícil, como o da literatura popular em verso.

Em meio à desigualdade que caracteriza a produção congênere, e, sobretudo, em meio à carência de uma orientação consistente em trabalhos afins, este livro não só preenche lacunas como realiza um resgate de esforços até hoje envidados pelos estudiosos da nossa cultura popular. Neste sentido, o trabalho da autora transcende e dispensa o mérito estreito das realizações individuais para lançar-se à dimensão de um mérito mais amplo: o de responder ao recado intelectual com a lucidez de quem compreende no ato as exigências de uma necessidade histórica.

O livro de Ruth Brito Lêmos Terra se distingue pelo seu caráter e pelo seu compromisso. Obra historiográfica, sociológica e de reflexão política sobre movimentos sociais e mentalidades, organiza-se a partir da descoberta de grandes linhas que assistem o seu objeto. Na visão da autora, os folhetos do período (primórdios até 1930) revelam uma

trama "que conduz à idéia de cada poema enquanto fragmento de um texto único", tornando-se impossível "o recorte isolado de qualquer tema, uma vez que, na gama dos textos, se verifica plena intercorrência do modelo narrativo assim como dos valores e do universo simbólico que fornecem uma linha de base para essa literatura".

Os folhetos analisados abrangem desafios (senso lato), romances e histórias e os poemas de época (que informam a crônica de movimentos sociais e políticos — cangaço, "salvações do Norte", "sedição de Juazeiro", Primeira Guerra, ou registram as "queixas gerais"), demarcação que, conforme é dito, presta-se apenas para nortear o exame de um corpus caracterizado pela referida "unidade subjacente", dado que por si só singulariza e imprime ao estudo o crédito da originalidade.

Mediador "entre o rural e o urbano, o litoral e o sertão, a cultura de tradição oral e a cultura escrita", o lugar do poeta é compreendido para além da figura personalizada de autor. Antes de tudo o poeta popular se apresenta como intérprete fiel a uma tradição e aos seus valores e, também por isto, responsável perante um público de cujo universo compartilha. O reconhecimento da importância de se considerar o público e de se desvendar o código de leitura que o mesmo detém dos folhetos, variável segundo as influ-

ências do momento histórico, é um dos tantos afluentes despertados no curso de **Memória de lutas**.

Não se trata, pois, de verificar registros particulares e individualizados porventura legíveis numa "fala múltipla" que preside os folhetos. Antes se recupera o sentido explícito e interno de que esta literatura é suporte e guardiã, a partir dos estratos que lhe recortam sem lhe afetar o semblante. Do entrelaçamento do real e do imaginário (erigidos em fonte e tributo que servem de instrumento para o poeta popular) ressalta uma visão de mundo calcada na vivência do cotidiano, na participação da cena histórica e na herança da tradição, onde os planos se unificam numa teia repleta de nexos e de paradoxos. Se os poetas detêm "uma visão conformista da pobreza" não é menos certo que puguem "o direito de vingança ante os desmandos dos poderosos". Deste ponto conflitivo emerge uma dialética de violência respaldada no anseio de justiça e se constrói uma epopéia de lutas selada nas disposições da honra e no valor da coragem. "Escritor de um mundo maniqueísta, o poeta popular teria problemas ao narrar os feitos dos cangaceiros; (...) o comedimento no relato das atrocidades cometidas pelo bando de Lampião, sobretudo no que se refere aos atentados contra a honra feminina, é explicável não apenas em função do 'pudor', mas da dificuldade de uma representação na qual se mesclam o herói e o bandido numa mesma personagem. Bandido de honra, suporte das falas de justiça e moral dos poetas (Silvino) ou vingador cruel (Lampião), malgrado as diferenças que os separam, ambos são valentes, homens de honra, vingadores e justiceiros".

Os folhetos que tratam de um importante capítulo da história brasileira, as "salvações do Norte", que consistiram "na tentativa de derrubar

os oligarcas que há muito ocupavam o poder", nos idos de 1911 e 1912, "tornam evidente a trama de relações que une poder político local, estadual e federal; lutas pessoais, banditismo, cangaço e misticismo". Nestes poemas, diz a autora, ideais de liberdade, luta e heroísmo possivelmente responderiam pela representação popular sobre o movimento, tendo em Leandro Gomes de Barros o intérprete exponencial. Em tais poemas, no entanto, "se é condenada a exploração do povo e os desmandos dos poderosos, a ordem política e social não é diretamente contestada". Seja na crônica do cangaço, das lutas populares contra as oligarquias, seja na representação da Primeira Guerra, os poetas populares orientam-se e deslocam-se "entre as histórias da tradição oral, algumas erigidas em modelo histórico, e a crônica do cotidiano de opressão, tendo como referência, muitas vezes, esta tradição idealizada. A situação presente, por sua vez, informa romances e desafios. Os poemas considerados formou um grande texto por onde perpassam desejo de justiça e provas de valentia", num universo em que valores como honra e lealdade aliam-se, na prática dos oprimidos, para tocar as letras da conquista mais árdua: a consciência e a garantia de liberdade.

Não sei até que ponto o livro **Memória de lutas** inicia ou rearticula a produção crítica necessária ao âmbito da literatura de folhetos do Nordeste. Sua leitura nos refaz do enfado com que os estudiosos do cordel em geral, repetitivamente, nos brindam. (Talvez os cordões que o sustentam já estejam enxovalhados pelo mau uso e retorcidos em alguns nós-cegos). O livro em causa mostra que esta literatura teve um fundamento, esteve viva e forte enquanto interpretação e acompanhamento dos destinos e vicissitudes de um povo. Hoje em dia é antes

MINISTRO

GERALDO BEZERRA

DE MENEZES

Neto de Leandro Bezerra de Menezes, que foi Deputado Geral pelo Ceará e Sergipe, no tempo do Império, e que era cratense de nascimento, o atual Ministro GERALDO BEZERRA DE MENEZES continua muito bem a tradição da família, ocupando postos relevantes na vida nacional e destacando-se como um dos maiores brasileiros da atualidade.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE GERALDO MONTEODÔNIO BEZERRA DE MENEZES

Nascido em Niterói, a 11 de julho de 1915. Filho de José Geraldo Bezerra de Menezes e de Lucinda Montedônio Bezerra de Menezes. Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito, hoje integrada à Universidade Federal Fluminense. Presidente do Centro Acadêmico Evaristo da Veiga e do Centro Fluminense de Estudos Jurídicos. Representante da Faculdade no I Congresso Jurídico Universitário Brasileiro (Salvador - 1936). Orador oficial de sua turma (1936).

Juiz Presidente de Junta de Conciliação e Julgamento do Distrito Federal (RJ), Procurador e Presidente do antigo Conselho Nacional do Trabalho. Ministro e primeiro Presidente, por eleição e reeleição unânimes, do Tribunal Superior do Trabalho, do qual foi o organizador. Corregedor Geral da Justiça do Trabalho no Brasil.

Detentor da Grã-Cruz do Mérito Judiciário. Da Grã-Cruz do Poder Judiciário Trabalhista. Do Colar do Mérito Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

de tudo um objeto que, muito embora circulante, pode ser melhor contemplado e compreendido pela operação do distanciamento.

Tal literatura recebe, em *Memória de lutas*, o livro que antes de ser clássico também lhe é definitivo. A obra que ora se lança tem algo de

Autor do projeto convertido no Decreto-lei nº 9.797, de 9 de setembro de 1946, que deu à Justiça do Trabalho sua organização atual. Presidente da Comissão Elaboradora do projeto do Código Processual do Trabalho.

Do Instituto Brasileiro de Direito do Trabalho, da Academia Brasileira de Direito do Trabalho. Portador do título de Construtor do Direito do Trabalho, conferido pela Associação dos Magistrados do Trabalho do Estado de São Paulo. Do Seminário de Legislação Social da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Membro honorário do Instituto de Direito Social de São Paulo. Membro correspondente da Academia Paulista de Direito. Do Instituto de Direito do Trabalho da Universidade Federal do Litoral, Argentina. Do Instituto Latinoamericano de Direito do Trabalho e Previdência Social. Membro honorário da *Industrial Law Society*, de Londres e do Instituto Espanhol de Direito Processual. Da Sociedade Internacional de Direito Social. Da

memorial. Ela é nascente, estuário, foz e desagudouro não exatamente em relação ao objeto específico sobre o qual se debruça e expande, mas em relação à matéria mais ampla da qual o folheto é índice articulado. Aqui se funda uma ética de pesquisa e um ensinamento dos mais singulares: o da palavra povo.

Academia Internacional de Jurisprudência e Direito Comparado. Da Sociedade Helênica de Estudos Filológicos, com sede em Atenas.

Catedrático de Direito do Trabalho da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense. Diretor na referida Faculdade em dois períodos. Professor-fundador da Escola de Serviço Social do Estado do Rio de Janeiro, cuja Biblioteca tem o seu nome. Professor da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1944-1945). Da Comissão Nacional de Moral e Civismo, seu ex-presidente. Detentor da Cruz do Mérito da Educação Moral e Cívica. Do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro e seu representante na IV Conferência Nacional de Educação (São Paulo, 1969), sendo eleito membro das Comissões de Recomendações e Redação Final. Do quadro efetivo da Academia Niteroiense e Fluminense de Letras, das quais foi presidente, eleito e reeleito, e correspondente das Academias Carioca, Sergipana e Cearense. Dos Institutos Histó-

cos de Niterói, Petrópolis, Sergipe e Ceará.

Do Conselho Federal de Cultura. Do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Integra a Ordem de Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores e a Ordem do Mérito Militar, no grau de Grande Oficial. Cidadão carioca, título outorgado pela Assembléia Legislativa do antigo Estado da Guanabara. Presidente, em três períodos, da Confederação Nacional das Congregações Marianas. Representante do Brasil no I Congresso Mundial de Apostolado dos Leigos (Roma-1951), tendo integrado a Comissão que presidiu ao conclave. Representante do Brasil no Congresso Mundial das Congregações Marianas (New York, Estados Unidos, 1959). Presidente da Delegação Brasileira ao I Congresso Latino-americano de Apostolado Leigo (Buenos Aires-1967). Representante do Brasil no I Encontro Latino-americano de Dirigentes da Ação Católica (Bogotá, 1968) e no Congresso Latino-americano de Dirigentes Marianos (Medelin-1968). Distinguido pelo Soberano Pontífice Paulo VI com a Comenda de São Gregório Magno.

Autor dos seguintes livros: *HOMENS E IDÉIAS À LUZ DA FÉ*, 3ª ed., Coleção Estrela do Mar, Rio, 1963; *POLÍTICA SINDICAL BRASILEIRA*, Rio 1943, Livraria Educadora; *DOCTRINA SOCIAL E DIREITO DO TRABALHO*, Rio, 1954; *O DIREITO DO TRABALHO E A SEGURANÇA SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO*, 2ª Ed. Pallas, S. A. — Ed., Rio, 1978; *DISSÍDIOS COLETIVOS DO TRABALHO E DIREITO DE GREVE*, 3ª ed., Editor Borsoi, Rio, 1957; *A SEGURANÇA SOCIAL NO BRASIL*, Rio, 1961, Haddad-Editores; *TEMAS E SOLUÇÕES*, Editor Borsoi, Rio, 1963; *O COMUNISMO CRÍTICA DOCTRINÁRIA*, 6ª ed., IBRASA — Instituição Brasileira de Difusão Cultural, S. A., S. Paulo, 1978; *EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA — Estudo de Problemas Brasileiros*, 2ª ed., Editora Cátedra, Rio, 1980.

E dos seguintes trabalhos: *RELATÓRIO GERAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO* — Rio, 1947, 41 páginas; *A JUSTIÇA DO TRABALHO* — Sua significação na história jurídico-social do Brasil — Rio, 1947, Imprensa Nacional; *DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS* — Rio, 1949, Departamento de Imprensa Nacional; *RELATÓRIO GERAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO*, 1948, 36 páginas; *A JUSTIÇA DO TRABALHO NO BRASIL* — Relatório das atividades de 1950 — Com observações relativas ao primeiro decênio da Justiça do Trabalho como instituição autônoma — 57 páginas; *DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA* — Coleção Estrela do Mar — Rio, 1965; *AGRIPINO GRIECO DE CORPO INTEIRO* — 1970; *A VIDA SUBSTANCIAL DO ESPÍRITO* — 1980.

Cangaceiro

"Volta Seca, o Menino Cangaceiro" é o título do mais recente livro do jornalista e escritor Nertan Macedo, incansável pesquisador das coisas do povo e da gente sertaneja. Com o selo da Editora Thesaurus, "Volta Seca, o Menino Cangaceiro", é um ensaio histórico-biográfico sobre a vida do famigerado cangaceiro conhecido nas hostes do cangaço pelo apelido de Volta Seca, mas cujo angélico nome de batismo era Antônio dos Santos. O autor, profundo conhecedor do assunto sobre o qual já tem vários livros publicados, na obra em apreço tenta colocar a figura do cangaceiro como ser social em seu devido lugar. Nem santo, nem serpente. Imparcialmente, como deve fazer um sério historiador, procura analisar os fatos sociais que fizeram com que não somente o garoto Antônio dos Santos, também chamado Antônio da Pinta, além de muitos outros enveredassem pela atribulada vida do cangaço. Isto consegue através de sua linguagem simples, direta, precisa, sem rebuscamentos frásicos.

Volta Seca parece ter sido como que uma exceção à regra, no que se refere aos motivos que levavam os jovens sertanejos daquela época a ingressarem no mundo do cangaceirismo. Não foram pressões de ordem social ou o costumeiro desejo de vingança contra os "macacos" do Governo que fizeram com que o pequerrucho Antônio da Pinta procurasse o bando do famoso bandleiro terror dos sertões, Virgulino Ferreira, o Lampião. O que o levou a esta imprevidente atitude foi tão somente a infantil admiração pelas

façanhas e bravuras dos cangaceiros, cujos méritos de valentia eram muitas vezes aumentadas pelos adultos que inventavam a respeito de tais, inacreditáveis e mirabolantes histórias..

O ambiente social da época era bastante propício para se entrar no cangaço ou em movimentos rebeldes similares. O poeta de cordel, percuçiente observador, não deixou passar despercebida esta atmosfera pró-cangaceirismo e muito bem explicou em seus versos "que isso de matar gente é serviço mais maneiro". O próprio Nertan Macedo dá interessante depoimento pessoal demonstrador da extensão da admiração que os garotos sentiam pelos protagonistas de movimentos de rebeldia contra a classe dominante. Era algo inconsciente, porém verdadeiro. Era o sentimento de liberdade pulsando mais forte no seio da meninada. Eis, pois, o testemunho de Nertan Macedo: "Quando menino, na cidade do Crato, no Vale do Cariri, sul do Ceará, presenciei a chegada de forte e bem municiado destacamento da Polícia Estadual para dar combate ao beato José Lourenço e seus fanáticos, moradores pacíficos do Sítio Caldeirão. Fiquei vadiando um tempão entre os soldados e as metralhadoras, mas a simpatia do meu coração era mais pela gente do pobre Beato do que pelos "macacos" do Governo. E meu coração, há muito estou certo, não estava mentindo". É simplesmente emocionante a declaração deste ilustre cearense que já nos deu trabalho de inegável importância como "O Clã dos Inhamuns", "O Clã de Santa Quitéria" e "O Bacamarte dos Mourões", uma espécie de trilogia em que ele desenvolve interessante estudo sobre as seculares brigas de famílias tradicionais do sertão cearense. Não podemos esquecer também seus tra-

Um Filho de Carolino Sucupira

AUTO - BIOGRAFIA

Luiz Monteiro de Araripe Sucupira

(RESUMO)

Nasceu na cidade de Jundiá, Estado de São Paulo, no dia 25 de setembro de 1892, sendo seus pais o Major Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, herói da Guerra do Paraguai e D. Antonia Monteiro de Araripe Sucupira, ambos filhos do Estado do Ceará. Passou sua meninice em sua terra natal, tendo perdido seu pai a 16 de fevereiro de 1897, quando tinha apenas 4 anos e quatro meses, e sua mãe a 7 de janeiro de 1910.

Em 1900, quando tinha 7 anos, ingressou como interno no tradicional Colégio São Luiz, de Itú, daí saindo, em 1902, para matricular-se no Colégio Militar do Rio de Janeiro, juntamente com seu irmão Francisco, cursando-o até 1910. Nêle formou seu espírito cercando-se de amigos dedicados, que nas classes armadas, na Administração Pública, na Cadeira, na Política, na Diplomacia e na Magistratura ocupam posição de destaque.

Em 1910, por ter tomado parte

balhos sobre Lampião, Antônio Conselheiro, Abílio Wolney, Floro Bartolomeu, Padre Clcero e outros que formam uma importantíssima bibliografia indispensável aos que se dispõem a difícil tarefa de pesquisar a história do árido Nordeste brasileiro.

Agora, com este "Volta Seca, o Menino Cangaceiro", Nertan Mace-ITAYTERA

na Companhia Civilista, com seu irmão, ao lado de Rui Barbosa, foram desligados do Colégio Militar. Vindo para São Paulo, matriculou-se na Escola Politécnica em 1911, tendo desistido, já no 1º ano Geral, de prosseguir no Curso para matricular-se na Faculdade de Direito. Faltando-lhe, porém, o Diploma de Latim, teve que prestar exame vago para sua admissão no último ano do Ginásio "Hideroft", e laureado Bacharel por esse estabelecimento de ensino, matriculou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, tendo se bacharelado em 1918, fazendo questão de prestar todos os exames do último ano, desistindo do direito de não prestá-los, em virtude da Epidemia de Gripe que então grassava no Paíz. Como estudante e depois de formado, exerceu ativamente a Advocacia, trabalhando no Cível e no Crime.

Em 23 de julho de 1923 foi nomeado funcionário interino da Repartição de Estatística e Arquivo, deixando o cargo por ter sido nomeado funcionário efetivo do 1º Tribunal de Contas do Estado a 8 de abril de 1924, tendo sido promovido a 2º escrivão a 19 de abril de 1925 e transferido para a Secretaria da Fazenda e aí promovido a 1º escrivão a 21 de dezembro de 1934. Foi promovido a Chefe de Seção por Decreto de 17 de maio

do está mais uma vez de parabéns. Mas, parece mesmo inesgotável a capacidade de trabalho do grande escritor. Já sabemos que vem por aí, em edição patrocinada pela Secretaria de Cultura do Ceará, mais um livro de Nertan Macedo que certamente será tão bom ou melhor que os já escritos por ele. O título é abrangente e sugestivo: "Agreste, Mata e Sertão".

de 1939. Foi promovido a Diretor por Decreto de 17 de maio de 1940 e designado para servir na Diretoria de Serviços Mecânicos do Departamento da Receita. Por Ato de 6 de março de 1941 foi designado para servir na Diretoria Administrativa e, por Ato de 23 de setembro de 1942 foi designado para servir na Diretoria da Dívida Pública, atuando nessa Diretoria até 15 de julho de 1947. Foi transferido para a Diretoria de Tomada de Contas da Secretaria da Fazenda, passando a fazer parte do 2º Tribunal de Contas, então criado por lei, a partir de 1º de agosto de 1947. Foi, então aposentado, como seu Diretor Técnico a 4 de janeiro de 1954, depois de ter prestado relevantes serviços a esse importante Órgão. Atuou como membro da sua primeira reforma, operada em agosto de 1952, tendo exercido o cargo de seu Secretário Diretor Geral por várias ocasiões.

Entusiasta da Cultura Física e do Esporte Amador, tem o seu nome ligado às inúmeras iniciativas dos Desportos Nacionais, cabendo-lhe a iniciativa de construir no Brasil a 1ª Piscina Olímpica e o 1º Ginásio coberto com a capacidade para jogos esportivos. Foi um dos pioneiros do Atletismo Clássico, do Box amador, do Hóquei, da Natação, do Esgrima e de outros, em São Paulo, e grande animador do Esporte Náutico e da Bola ao Cesto. Foi campeão de Atletismo Clássico, do Box amador, do Hóquei, da Natação, do **Atleta Completo** e o de **Pentatleta**, também em 1918, 1919 e 1921. Venceu, como estudante, o 1º Campeonato Acadêmico do Atleta completo, como representante da Faculdade de Direito.

Tendo vindo do Colégio Militar do Rio de Janeiro, aqui continuou a praticar a Cultura Física com os ensinamentos obtidos do 1º Professor de Ginástica Sueca que veio para o Brasil. Ingressou no antigo "Clube

de Regatas São Paulo", instalado na então **Chácara do Floresta**, que funcionava juntamente com a "Sociedade Esportiva das Palmeiras". Com a extinção do veterano clube e com a fundação da "Associação Atlética São Paulo", passou a prestar seu concurso à essa Agremiação, sendo um de seus Beneméritos e onde tem o seu nome ligado aos seus inúmeros triunfos, ao seu progresso e à sua existência. Com a oficialização dos Esportes Nacionais, foi nomeado pelo Governo Federal para integrar o 1º **Conselho Regional dos Desportos em 1942**, tendo sido reconduzido em 1943, juntamente com o Capitão Silvío de Magalhães Padilha, Ubijara Martins, Gabriel Pelosi e Paulo Machado de Carvalho.

Organizou com Américo R. Neto provas de Automobilismo, como a do quilômetro lançado, de "Rampa" e outras, na Avenida Paulista, na Brigadeiro Luiz Antonio e na Serra dos Cristais. Foi um dos fundadores da Associação Paulista de Esportes Atléticos, tendo auxiliado a fundação da "Associação Paulista de Atletismo". No Atletismo tomou parte em quase todas provas de renome, como "Estadinho", "Araripe Sucupira", promovida pela "Associação Atlética das Palmeiras", na "Maratona" e nas provas internacionais realizadas pelo "São Paulo Atlético Club", do **Atleta Completo** e do "Pentatlo Clássico".

Recordista brasileiro do Arremesso do Dardo, do Revesamento raso de 4X100 e do levantamento do peso de 40 quilos, (37 vezes). Vencedor de várias provas Clássicas do Remo, tendo se notabilizado como remador de Out-Riggers. Salientou-se em outras atividades esportivas como na Esgrima, tendo se classificado SEGUNDO colocado no 1º Concurso Brasileiro de Esgrima organizado pelo Campeão Mundial George Ochipinte, efetuado no Rio de Ja-

neiro. Salientou-se no Box, Luta Romana, Hipismo, Bola ao Cesto e Motociclismo, conquistando mais de 680 medalhas, de Bronze, Prata e Ouro, tendo sido campeão de levantamento do peso no "Clube Atlético da Vila Arens", de Jundiá. Tomou parte por 3 vezes, na Travessia a Nado de São Paulo e na Volta de São Paulo a pé (25 quilômetros). Na Federação Paulista do Remo, além de ter atuado como seu Diretor, representou a "A. A. São Paulo" no seu Conselho, sendo de sua iniciativa a completa REFORMA DA LEI DO AMADORISMO no Esporte brasileiro, introduzindo na mesma o verdadeiro conceito do AMADORISMO internacional. Isso, após uma longa campanha pela Imprensa, quando cronista da Folha de São Paulo, Edição da noite. Trabalhou na reforma dos Códigos de Regatas, fazendo introduzir neles os Barcos Out-Riggers. Emprestou sua colaboração ao Esporte Amador como legislador, militante e como Juiz, em várias Federações. Em setembro de 1921 cooperou com o Governo, trabalhando na organização dos Jogos Esportivos de 1922, tomando parte neles como Técnico. Tomou parte como fundador de várias Federações, como as de Remo, Bola ao Cesto, Esgrima, Natação, Voleibol e Pugilismo Amador. Por 3 vezes foi o pacificador do Esporte Nautico em São Paulo empregando para isso o prestígio dos cargos que então exercia como esportista, Cronista e dirigente. Militou como Cronista Esportivo em vários jornais, possuindo a Carteira de Jornalista.

Colaborou como cronista do "Estadinho", da "Gazeta" da "Folha da Noite" e do "Jornal do Comércio" juntamente com Leopoldo Santana, Pedro Cunha, Olival Costa, Américo Neto, Taciano de Oliveira e Wenceslau do Arco e Flexa. Foi, também cronista da "Cigarra", da "Vida

Moderna" e "São Paulo Chic", com Armando Mondego, Gelasio Pimenta e Manoel Carlos. Sustentou campanhas pela Imprensa, sempre com o intuito de incentivar os esportistas militantes, animando as nadadoras Maria Lenke e sua irmã Ziegllinda, bem como aos vários nadadores de classe, na Piscina que construiu na "Atlética", procurando dar-lhes Técnicos competentes.

Como Jornalista entrevistou em Buenos Aires e Montevidéu, Estanislau Zeballos, que foi Ministro do Exterior; D. Antonio Bacchini, representante do Uruguai na Liga das Nações, e o grande Jurista Professor José Leon Soarez. Entrevistas essas publicadas no "Jornal do Comercio" desta Capital e no "São Paulo Impacial", do então Jornalista Francisco Sucupira. Entrevistas de grande sucesso.

Sócio fundador da "Associação Paulista de Imprensa", tendo se demitido por deixar o Jornalismo. Sócio Benemérito da "A. Atlética S. Paulo", tendo também recebido da Câmara Municipal da Capital, um Diploma de Benemérito pelos serviços prestados aos Desportos Nacionais. É sócio de várias Sociedades, inclusive da Associação dos ex-alunos do Colégio Militar e da Associação Veteranos dos Atletas de São Paulo, além de sócio, também, da Associação dos Administradores do Serviço Público Estadual. Na sua Carteira de Reservista consta um elogio do Sr. Presidente da República pelo esforço empregado nas manobras militares do Exército, realizadas em Gericinó. Integrou o Batalhão 9 de Julho, da Revolução de 1932, comandando a vanguarda que avançou até Cambuí, em Minas Gerais. Tomou parte na acirrada batalha de Amparo, uma das mais importantes da campanha, tendo sido prisioneiro na mesma, depois de, sem mais munição, ser cercado com mais de 100 companheiros, e indo para o Rio de

Janeiro, fugiu espetacularmente do Quartel General, voltando para São Paulo, já no fim da Revolução.

Fez parte do Batalhão Acadêmico da Faculdade de Direito, em 1917, atendendo ao patriótico apelo de Olavo Bilac, feito à mocidade brasileira.

Como artista do **Cinema Mudo** trabalhou como galã no filme científico "Vício e Beleza", que fez grande sucesso na época, tendo sido, por isso considerado como um pioneiro do cinema no Brasil.

De um casal de 12 filhos e como descendente dos Alencares do Ceará, sou o caçula da família, sendo três as fases que marcam a minha existência. A primeira, do período de meu nascimento até os 24 anos de idade, ou seja, da minha meninice, e parte de minha juventude, quando vivi no regaço de minha família, ao lado de meus pais, de meus irmãos e de minhas irmãs, mas, tendo convivido, na mesma época, no honrado Lar dos Araripes Macedo, em casa de meu querido e saudoso tio Macedinho, pai de meu também querido primo irmão, Coronel José de Araripe Macedo, Professor do Colégio Militar e pai de dois ilustres militares, ex-Ministros de Estado, Zilmar e Joelmir de Araripe Macedo que exerceram com brilho as Pastas da Marinha e da Aeronáutica nos Governos Castelo Branco, Médici e Geisel. Esta fase perdurou enquanto vivi os 10 anos no Rio de Janeiro, como aluno do Colégio Militar.

A segunda fase, de 1911 a 1916 morei em uma alegre República de Estudantes, na Avenida Tiradentes e, rua Porto Seguro, na Ponte Grande.

A terceira fase, em que me acho, iniciou-se em 1916, quando fui residir no honrado lar da família Chiaverini de Barros — D. Maria Paschoa Chiaverini de Barros e Osório de Barros, passando eu a integrá-la como verdadeiro filho adotivo, sen-

do, portanto, irmão por adoção de suas duas filhas, Ignês e Rosa, querendo-as desde a tenra idade de ambas, quando eram crianças.

Mais tarde, Ignês e Rosa fizeram-se Diretoras Técnicas do Tribunal de Contas do Estado. A primeira faleceu solteira, já aposentada, e a segunda, casou-se com o industrial Tranquillo Frizzo, a quem estimo como amigo e cunhado. Uma profunda amizade às famílias Chiaverini de Barros e Barros Frizzo aumentava consideravelmente a cada dia e mais se consolidava, pelos já quase 70 anos de respeitosa convivência, que transformaram todos em uma verdadeira e só família, ligada, agora, à nossa futura geração, a partir de 1916.

No término desta narrativa, cabe-me acrescentar o trabalho que produzi com referência à **nacionalização e sobrevivência do Iacht Club Santo Amaro**, pujante Clube instalado à beira da Represa do mesmo nome que, ameaçado de extinção durante a Grande Guerra, foi incorporado ao seio da família esportiva brasileira, após providências por mim tomadas, por solicitação de seus antigos associados, mas com o precioso auxílio do **Conselho Nacional dos Desportos**, então representado em São Paulo por mim, pelo **Capitão Sylvio de Magalhães Padilha, Ubirajara Martins, Gabriel Pelosi e Paulo Machado de Carvalho**.

Desta forma, conseguiu-se o ressurgimento do querido Clube, que hoje representa um expoente de prestígio nos meios esportivos do Brasil e elemento de elevada atuação no *latismo Internacional*.

Afinal, por um trabalho desinteressado, mas patriótico, que empreguei em benefício dos Desportos, devo ao glorioso **Iacht Clube Santo Amaro** o honroso título de seu **Sócio Honorário**, que guardo como reliquia e como preciosa dádiva, no escritório de minhas mais caras recordações.

Madre Ana Couto

É com a mais viva emoção de saudade que lembramos, nesta data festiva, a figura veneranda de nossa pranteada Madre Ana Couto, Primeira Superiora Geral e co-fundadora da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, falecida santamente no Ginásio Santa Teresa, desta cidade, aos 31 de Janeiro de 1947, depois de longos sofrimentos, cristãmente suportados.

Era natural de Jardim, onde nasceu aos 30 de Janeiro de 1885, tendo recebido de seus genitores — Cláudio Álvares Couto e Eponina Gouveia Couto — uma primorosa educação moral e religiosa.

Desde cedo mostrara-se profundamente inclinada para a vida religiosa, mas os designios da Providência lhe retardaram a concretização de suas sublimes aspirações.

A primeira tentativa de ingresso no estado religioso, fe-la junto ao Instituto Santa Doroteia, em Fortaleza, onde esteve empenhada, pessoalmente, na realização dos seus intentos. Frustrados os planos na Metrópole Cearense, demandou à vetusta cidade de Olinda, em Pernambuco. Ali foi admitida como postulante, no Convento das Servas de Maria.

Após alguns meses de estada entre aquelas religiosas, viu-se na contingência de deixar o claustro, por imperativo do seu precário estado de saúde, que se tornou profundamente abalado.

Volta ao seu torrão natal, e aí, levando vida edificante e inteiramente

mente voltada ao serviço paroquial, aguarda a decisão de Deus, que não se fez esperar.

Em princípios de 1923, Dom Quintino se lembra daquela virgem forte para ser uma das co-fundadoras da Congregação das Filhas de Santa Teresa. Quem nasceu para cabeça não seria membro. E à jovem religiosa, em 4 de Março daquele ano era confiada a direção da comunidade nascente, definitivamente instalada quando, em 15 de Outubro de 1924, ela e suas três outras companheiras emitiam seus votos e envergavam o hábito de religiosa de Santa Teresa.

Escondida, sempre, no véu da humildade, Madre Couto salientou-se no fulgor de suas virtudes peregrinas e colocou-se, em luminosa evidência, pela amplitude da visão administrativa, pelo espírito prático de direção, pelo ímpeto vigoroso nos empreendimentos e eficiência de fina tática no governo difícil da Congregação. Prelado Fundador.

Com a morte de Dom Quintino, em 1929, crescera-lhe a responsabilidade de governo, porque privada da orientação solícita do Venerando

Não estancou, porém. Firme e resoluta, tomou o bastão completo do governo da comunidade e das instituições anexas, projetando admiravelmente a sua ação e cristalizando, em obra imperecível, o pensamento e aspiração do primeiro Bispo do Crato.

Madre Ana Couto foi, sem favor, o esteio da Congregação das Filhas de Santa Teresa, seja pelos obstáculos que removeu da estrada inicial, seja pelos cometimentos de vulto que vitoriosamente empreendeu. Consumou a sua existência no serviço de Deus, legando às suas filhas espirituais o exemplo de fé intemerata, de inabalável tenacidade, de zelo incomparável e perseverança heróica no bom combate.



Monsenhor João Alboino Pequeno

Notas Genealógicas e Bio-bibliográficas

Hoje, pela madrugada (10 de Setembro de 1948) faleceu no Hospital da Aeronáutica, no Rio, Monsenhor João Alboino Pequeno.

Com o mano, seu afilhado de crisma, deputado Inácio Mantedônio Bezerra de Menezes, Vice Presidente da Assembleia Legislativa Fluminense, acompanhei o enterro. Lá estavam, no Cemitério de S. Francisco Xavier, Monsenhor Lapenda e outros sacerdotes, além de parentes e amigos.

Por laços de família e afeição estamos ligados ao Monsenhor Alboino.

Nasceu a 3 de Maio de 1889. Foram seus pais José Moreira Pequeno e D. Leonor Bezerra Monteiro (nome de solteira).

Neto paterno de Manoel Moreira Pequeno e D. Joana Florindo Pequeno, nascidos na Fazenda Riacho dos Bois, no Município de Icó, Ceará, e materno do Capitão José Geraldo Bezerra Monteiro,, nascido a 22 de Outubro de 1839, no Sítio dos Currais, do Município do Crato,

Na transição das Bodas de Prata da Congregação, torna-se um imperativo do dever de justiça inserir, nesta página, um voto de saudade à memória de Madre Couto, num penhor de gratidão imarcessível e eterna das Filhas de Santa Teresa.

(Jornal A AÇÃO — edição especial do Jubileu de Prata da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Crato, 3 de Outubro de 1948. Redação, provavelmente, de Mons. Pedro Rocha le Oliveira).

e falecido em Março de 1894, no Sítio Magalhães, Sergipe, mas os seus restos foram trasladados para a Igreja de Nossa Sra. da Penha, do Crato — e de D. Luiza Colares Bezerra, nascida em Russas, antigo S. Bernardo de Russas, Ceará.

A sua irmandade é numerosa.

Ei-la:

1. D. Zulmira Moreira Pequeno (nome de solteira) casada com Cícero de Holanda Cavalcante, viuva, residente em Crato, com filhos.
2. D. Maria Moreira Viana Monteiro, casada com João Viana Rodrigues Monteiro, negociante na capital de São Paulo, com filhos.
3. Eduardo Moreira, negociante, residente em Fortaleza, casado com Laura Moreira, com filhos.
4. Anisia Moreira Pequeno, morreu inupta em Fortaleza.
5. José Moreira Pequeno, falecido em tenra idade.
6. Lauro Moreira Pequeno, falecido aos 26 anos
7. D. Joana Moreira Pequeno (Nininha), casada com Pedro Pereira, negociante em Crato, com filhos.

Foi Mons. Alboino batizado pelo Mons. Antônio Fernandes da Silva Távora, na antiga Matriz, hoje Catedral do Crato.

No curso primário, que fez no Crato, foram suas Mestras: D. Rosa Brigido dos Santos e D. Maria Bri-

gido dos Santos. Estudou preparatórios no Colégio Leão XIII, fundado pelo Dr. Manoel Soriano de Albuquerque, Juiz do Crato.

Em 1906 ingressou no Seminário do Rio (Palácio da Conceição). Fechado este, passou a frequentar o de Olinda. Convidado por D. Manoel de Oliveira Lopes, concluiu o curso em Fortaleza, onde foi ordenado em 30 de Novembro de 1914. Cantou a primeira missa no Crato em 30 de Dezembro de 1914.

No seu Estado Natal foi capelão em Quixerá, em 1915; Vigário de Brejo Santo de 1916 a 1918 e de Jardim de 1918 a 1923.

Partindo para S. Paulo, ali serviu como Capelão da "Vila Maria Zélia", em 1924; Vigário de S. Januário da Mooça, de 1924 a 1933, e Capelão do Asilo de Nossa Sra. Auxiliadora, de 1933 a 1937.

Incumbiram-no as autoridades eclesiásticas de obter óbolos para o Seminário Brasileiro de Roma, de 1937 a 1940.

Como encarregado de organizar o Patrimônio dos Bispados de Amargosa e Conquista, no Estado da Bahia, pelo Núncio Apostólico, D. Benedicto Aloisio Masela, percorreu todo o território das Dioceses de Botucatu, Ribeirão Preto, Bragança Paulista e Juiz de Fora. Por provisão do Arcebispo Primaz, foi investido no cargo de Vigário Geral de Conquista e Amargosa. Esta última já está instalada com Bispo próprio e o território da segunda está anexado à Diocese de Amargosa.

Registrou-se como Professor para o Curso Clássico. Ensinou no Colégio *Sacre Couer de Marie*, em Copacabana, e no Ginásio Acadêmico, tendo dado aulas de religião no Colégio de Sion, das Laranjeiras e no Colégio Cardeal Arcoverde, no Estácio.

Foi Capelão da Escola Ana Nery, em 1945; encarregado da Paróquia

de Santa Teresa, em 1946 e Capelão do Sion em 1947.

Ultimamente estava incrito na Igreja de S. Francisco de Paula e dedicava-se ao ensino particular e à imprensa, como colaborador do "Correio da Manhã" e do "Jornal do Brasil", onde, aos domingos, publicava uma secção biográfica.

Seu título de Monsenhor tem a data de 21 de Dezembro de 1939.

De sua autoria o livro "Sertanejos e Cangaceiros", que deu à publicidade com o pseudônimo de Abelardo Pereira. Deve-se-lhe a fundação de "O Estímulo". Colaborou nos jornais "A Região" e "Sul do Ceará", do Crato, "Boletim Eclesiástico" e "O Nordeste", de Fortaleza, "A União", "Correio da Manhã", "Dom Quixote", "A Noite", "A Manhã", do Rio e "O Operário" de S. Paulo e outros de S. Paulo. Escreveu também, por algum tempo, artigos na revista "O Apóstolo", dos Padres Sacramentinos, do Rio.

Deixou pronto um trabalho sobre "Irmã Paula" e tinha em elaboração "Os Tres Juazeiros" e estudos esparços com o título de "Dados Históricos".

Como se vê, a vida de Monsenhor João Alboino Pequeno constitui exemplos de apostolado ininterrupto. (Niteroi, 10 de Setembro de 1948)

* Geraldo Mantedônio Bezerra de Menezes é, hoje, em 1984, Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, escritor com mais de 30 obras publicadas e membro da Comissão Nacional de Moral e Civismo.

IMPRESSOS ?

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI
RUA DR. JOAO PESSOA Nº 386
TELEFONE : 521-1223
CRATO - CEARA

Francisco Zelo Filho

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO
EM GERAL

Canos

Conexões

Torneiras

Material Sanitário

Azulejos

Cerâmica

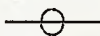
Caixas D'Água

Tintas em Geral

Grampos

Telhas de Amianto

TUDO P/ O BOM ACABAMENTO
DE SUA CONSTRUÇÃO



Rua São Pedro, 794 - FONE: 511-2224

Juazeiro do Norte - Ceará

10 Poemas

de

Dandinha Vilar

AS FLORES

Flores brancas, vermelhas, amarelas,
Roxas, róseas, azuis, de várias cores;
Perfumosas ou não, são todas belas,
Com a beleza sem par de serem flores.

Dispersas ou conjuntas, todas elas
São doçura invulgar feita de amores
Nos campos, nos jardins ou nas capelas,
Em balsamando o ar com seus olores.

Viçosas, deslumbrantes, atraentes,
Ornamentando as festas, os altares,
Contagiam de encantos e mistérios...

Em toda ocasião estão presentes:
Com lemanjá ondulam sobre os mares...
...Dormem na doce paz dos cemitérios.

PÁGINA NEGRA

A vida para muitos é jornada
Agreste, amarga, ardente, impiedosa.
Uma tragédia cômica, enlaçada
Numa comédia trágica, enganosa.

No grande palco a dor angustiosa
Da cena triste mal representada
E o pobre elenco rindo em polvorosa
Da hipocrisia em gente disfarçada.

Um carnaval de eternos mascarados
No calor ou no frio da falsidade
Ludibriando os desfavorecidos

E no egoísmo, espíritos engolfados
Imersos na ambição e na maldade,
Da seus próprios defeitos esquecidos!

ITAYTERA

SAUDADE

Saudade! Estrada triste, abandonada,
Que imersa em sombra o desamor suportou
Onde um pássaro de voz apaixonada
Rompe a mudez da natureza morta.

Saudade! Casa velha esburacada,
Cheia da paz que a solidão comporta!
Um tapete de musgos na calçada
E um cão faminto dormitando à porta

Saudade! Lua fria derramando
Na paisagem soturna um veu de prata
Banhando de brancura aquilo tudo.

Saudade! Brisa leve que soprando
Sussurra no silêncio uma sonata
No túmulo do passado, inerte, mudo.

SAUDADE

Saudade! Madrugada despertando
E o mar gemendo em fortes escarceus;
As ondas em novelos se enrolando
E uma faixa de luz no azul dos céus.

Saudade! Uma jangada caminhando
Sem rumo, contra as vagas indo ao léu!
E as águas sobre a areia se espalhando
Como noiva a estender seu branco veu

Saudade! Alguém fitando o horizonte
Viu o barco sumir-se além, distante
E uma angustia e uma dor seu peito escolta

Saudade! O sol caindo atrás do monte...
E um coração tremendo... palpitante...
Por ver que ele se foi e que não volta!

S A U D A D E

Saudade. Sombra densa do arvoredado
Flores murchas o chão atapetando
As aves sibilando num segredo
Seu canto em nostalgia transformando

Saudade! Casa branca, pequenina...
No teto a trepadeira se enramando.
A janela fechada e a neblina
Pelas flores pendidas resvalando

Saudade! A solidão o espaço enchendo;
O estrilar de um grilo atrás da porta
Cantando sem ninguém para o escutar
E o regato em silêncio percorrendo
Na paz tranquila uma paisagem morta
Que alguém deixou pra nunca mais voltar.

S A U D A D E

Saudade! Uma estação regurgitando
De gente que chegou, que vai partir.
Olhares que se encontram, meditando;
Sorrisos que se abrem sem sorrir.

O relógio do tempo caminhando
E o comboio estendido pra seguir
Pelos trilhos da ida, palmilhando,
Conduzindo as tristezas sem sentir.

Saudade! Segue o trem estrada afora
E nele alguém se foi com a alma partida
Sufocando uma dor que lhe magoa...

Saudade! Na estação só resta agora
A lacuna que deixa a despedida
E um semblante a chorar olhando à toa.

DOLOROSO ENGANO

Tu que galgaste a altura apeteçada
Onde os degraus da fama te elevaram
Não te empolgues na glória embevecida
Que em egoísmo teus gozos transformaram

Se mais que os outros pensas que és na vida
E abusas do poder que te legaram
Procura compreender que esta subida
É descida onde muitos resvalaram.

Baixa os olhos, a voz, vence a altivez;
E conscientiza em tua consciência
Que ao pó retorna quem do pó provem.

Ser forte pra oprimir é mesquinhez!
Assim, reprime a tua prepotência
Que Poder, realmente, só Deus tem!

S E M P R E

Sempre que a nuvem chora o pranto imenso
É que a terra se veste de esperança
Se o furacão passou valente, tenso,
Surge a suavidade da bonança.

Quando o rio se arroja, bravo, intenso,
E desce o precipício, a água manea
Desliza em solidão no leito denso
Na busca do não sei que não alcança.

Depois da noite escura o claro dia!
Depois da guerra, a paz. E a primavera
Floresce quando o inverno já tem ido.

Sempre que passa a dor vem a alegria;
Mas vai sempre ficando, era por era,
A saudade do amor nunca esquecido.

SE EU PUDESSE

Se eu pudesse o meu sol sempre seria
Uma aurora de luz que não passasse!
E o relógio do tempo pararia
No momento que mais me deslumbrasse.

Se eu pudesse a flor nunca murcharia!
Se em seu ramo o pássaro entoasse
Ao meu ouvido a doce melodia
Do amor feito canção que inebriasse!

Se eu pudesse trazer sempre comigo
Tua presença e o teu amor infindo
Como feliz então eu viveria!

Ah, se eu pudesse! Sim. Mas por castigo,
Se te vejo de mim sempre fugindo,
Se eu pudesse esquecer, te esqueceria!

QUANTAS VEZES

Quantas vezes por ti mostrando calma
Sorri, os meus soluços abafando;
No olhar sustando a tempestade d'alma
Com o peito em fogo e o coração chorando.

Quantas vezes cantei trazendo n'alma
A cruciante dor me torturando!
Quantas vezes de espinhos fiz a palma
Como se fossem rosas desbrochando!

Quantas vezes fiquei tão longe estando
Com o pensamento em ti a ti me unindo
Vivendo uma ilusão amarga e doce...

Quantas vezes parti sempre ficando
Presa a teus pés, os passos teus seguindo
Como se tua própria sombra eu fosse!

O Outro Lado da História

A história das instituições (e, podemos dizê-lo, das comunidades e pessoas) tem sempre "o outro lado", aquele que de regra não se explicita nos tratados e compêndios, crônicas e outras modalidades específicas, o que, todavia, pode complementar, não raro de modo feliz, a história convencional.

Não se escreveu ainda, por inteiro, a história da Universidade Federal do Ceará, história que, entretanto, já parcialmente existe, em anais, artigos, pronunciamentos diversos, vindos a lume.

Em seus 29 anos de existência, a Universidade Federal do Ceará tem sido uma presença de ação e transformação em todo o Estado sobre que exerce a competente jurisdição.

Seu fundador e primeiro Reitor, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, publicou, recentemente, um livro intitulado "O outro lado da história" (Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, 436 p. fora o índice onomástico), no qual, em estilo ao mesmo tempo solto e disciplinado, fala de sua participação pessoal nas lutas pró-fundação da Universidade, e diz dos vários episódios em que atuou, com idealismo e perseverança, dentro e fora da Instituição, junto a órgãos governamentais e outros, nacionais e estrangeiros, e bem assim de seus projetos e realizações.

São páginas carregadas de objetividade e de realismo, cujo autor, se por vezes fita estrelas, põe sempre os pés no chão. Reitor durante quatro mandatos seguidos, implantou procedimentos administrativos, alargou fronteiras culturais, interiorizou o ensino superior e carreou para o Estado

(não só para a Universidade) prestígio e respeito nos campos educacional, científico e artístico.

"O outro lado da história" elucida o que não foi plenamente revelado nas publicações já conhecidas. Ilumina ângulos, facetas, episódios que projetam, sob forte colorido, a personalidade de um homem talhado para a luta sem quartel e sem temor e a vitória sem fraqueza e sem desdouro.

De 1960 a princípios de 1963, convidado que fora pelo Prof. Martins Filho para a direção da Faculdade de Filosofia do Crato, que ele próprio fundara, em consonância com o Instituto de Ensino Superior do Cariri, também fruto de seu des-cortínio, agregando-a, de logo, à Universidade que dirigia, foi-me possível, nessa condição, observar e medir o idealismo, a pertinácia, a clarividência e a força realizadora desse

J. Lindemberg de Aquino - Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura do Crato

Pela Portaria nº 095, de 8 de Fevereiro do corrente ano, o Prefeito Francisco Walter Peixoto designou o jornalista J. Lindemberg, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, para a Chefia do Departamento de Cultura do Município, que engloba o Museu J. de Figueiredo Filho, o Museu de Arte Vicente Leite, a Biblioteca Pública e a Banda de Música. O ato do chefe do executivo cratense foi bem recebido em todos os setores da cidade.

homem admirável, a quem o Ceará tanto deve, sob vários aspectos. Testemunhei muita coisa do que nesse livro se registra. Mas o que eu destacaria, nessas páginas que se lêem qual romance, pela fluência do estilo e seqüência dos fatos, é a explicação de fases e faces de acontecimentos e pessoas que só podem ser inteiramente compreendidos e julgados mediante o conhecimento "do outro lado da história".

"O outro lado da história" é também história verdadeira e necessariamente complementar da outra.

A página 436 traz a conclusão do livro, vasada nesta mensagem que realça, magnificamente, o perfil espiritual do autor:

"Acreditem (dirige-se aos atuais integrantes da UFC) na nossa Instituição universitária, na convicção de que ela, além de haver contribuído decisivamente para o desenvolvimento econômico da região, representa a maior e mais importante conquista do Estado do Ceará, em termos de progresso educacional e cultural.

"Convém sempre repetir que a *Carnaubeira*, simbolizando em nosso *Brasão* a tenacidade e a persistência do homem cearense, tem suas raízes plantadas no solo, mas as suas frondes se projetam para as alturas, porque a meta é o infinito".

Thomaz Osterne de Alencar S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

MATRIZ: Rua Dr. João Pessoa, 393/419

FONE: 521-1304

Rádios - Radiofones

Móveis - Material Elétrico

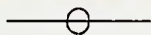
FILIAL: Rua Bárbara de Alencar, 796

FONE: 521-1022

End. Telegráfico: OSTERN

CRATO — Caixa Postal, 16 — CEARÁ

DEPÓSITO
N. S. APARECIDA



O Gigante do Crato

de: VALDEMIR CORREIA DE SOUSA

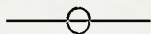
Uma Galeria inteira de novidades...

Artigos para o Lar, Vidros,
Cristais, Prataria, Geladeiras
e Móveis de todos os estilos.

Rua Dr. João Pessoa, 246 à Rua Santos Dumont, 39

TELEFONE: 521 - 1413

CRATO —:— CEARÁ



Agora com Filiais em Juazeiro do Norte e Iguatu

Construtora LEIMO



*O Conceito Aliado ao
Alto Padrão de Construir*



Senador Pompeu, 293

Fone: 521-2754

Crato -- Ceará

DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA

INTRODUÇÃO — A dívida externa brasileira, pela proporção que atingiu e as consequências que vai provocando é, certamente o mais grave problema conjuntural da economia nacional. O debate em termo de moratoria, já começa ganhar as ruas e as discussões já se tornaram termo de moratoria, já começa ganhar as ruas e as discussões já se tornaram tão populares quanto temas próprios da política nacional.

No entanto, poucos trabalhos têm procurado aprofundar o tema, buscando identificar suas causas reais. Na maioria das vezes, são apontadas as consequências ou os efeitos das dívidas, como sendo os fatores que as teriam causado.

Figuras ligadas ao governo, apontavam no passado recente o petróleo como principal responsável pelo endividamento externo do País, numa evidente tentativa de desviar a atenção da população, transferindo a culpa para um agente externo sobre o qual as autoridades não teriam controle. Poucas pessoas, no entanto, se deram conta de que a dívida externa, brasileira, havia passado de US \$ 3,3 bilhões em 1967, para US \$ 15,6 bilhões em 1973. O fenômeno do crescimento do endividamento portanto é anterior a crise do petróleo.

Nos últimos meses, devida a queda relativa nos preços do petróleo, a diminuição do consumo, outros pretextos foram criados: aumento das taxas de juros no mercado financeiro internacional (1980) alterações nas relações de troca com as nações industriais e até mesmo a guerra das Malvinas (1982). Estes fatos, quando muito agravaram a situação vez que, quando os juros foram elevados, os débitos externos do Brasil já tinham ultrapassado a cifra dos US\$ 54 bilhões.

Por outro lado, proceres normalmente fora da área oficial apontam as obras tidas como faraônicas (Itaipú, ferrovia do aço, ponte Rio-Niterói, Transamazônica, Tucuruí, etc) como origem de enorme comprometimento financeiro do Brasil junto ao exterior. Outros acusam as estatais porque, no momento, são as principais tomadoras de crédito junto aos bancos e organismos estrangeiros, respondendo por cerca de 67% do total dos empréstimos. Na realidade, as estatais, são nestes casos muito mais vítimas do que co-autoras. Tanto quanto as grandes obras as empresas públicas, têm uma vinculação estreita com a dívida, mas não uma relação causal. De fato, elas são muito mais "isca" para garantir novos empréstimos e, assim, suprir as necessidades cambiais do país.

Pretendemos, neste trabalho, conceituar a dívida externa, fazer um rápido retrospecto de experiência brasileira no passado e expor a situação que levou o Brasil ao impasse atual.

Dívida externa — Dívida externa, são os compromissos sob a forma de empréstimo, financiamento, adiantamento, bonus, títulos que o País assume junto a Bancos, empresas, organismos internacionais, ou governos estrangeiros. Geralmente, os contratos são coletivos, em moedas conversíveis, devem ser liquidados também em moedas fortes ou mercadorias. Existem algumas linhas de crédito de determinados organismos internacionais, que podem ser liquidados em moedas, nacionais.

Isto ocorre quando a agência mantém escritórios no país e usa a liquidação do principal e juros sem custear suas despesas locais. Estas operações, são relativamente raras.

A dívida externa, tem sua origem (1) no deficit contínuo dos saldos das transações correntes do Balanço de Pagamentos ou (2) em momentos de excesso de liquidez no mercado financeiro internacional. Outra causa poderia ainda ser citada (3) financiamento de projetos específicos acima da capacidade de economia, como por exemplo, implantação de ferrovias, esforço de guerra, etc. Esta última causa, embora seja sempre responsável por grandes desequilíbrios, aparece também, sob forma de deficit em transações correntes.

No primeiro caso, quando a soma dos saldos da Balança Comercial, na Balança de serviços e das Transferências Unilaterais é negativa, significa que está havendo uma transferência líquida de recursos para o Exterior. Em outras palavras, a economia está comprando bens e serviços sem gerar receita suficiente para o seu pagamento.

Caso não existam reservas ou as que existem tenham sido utilizadas, o governo é obrigado a recorrer a investimentos estrangeiros, como forma de captar moedas fortes ou então lança mão de recursos provenientes do mercado financeiro internacional, sob a forma de empréstimos. Essas soluções, embora possam resolver o problema a curto prazo, tendem a agravar a situação a longo prazo, vez que, no futuro, empréstimo remetem juros e principal para o exterior e capitais de risco geram transferência de lucros e dividendos, realimentando assim, o deficit nas transações correntes.

Quanto ao segundo caso, costuma a ocorrer em função da falta de capitais nos países menos desenvolvidos. Como nas nações pobres, o capital é um fator escasso, a taxa de juros normalmente é alta. Acontece exatamente o contrario nos países mais ricos. Dessa forma, existe sempre uma parcela de recursos financeiros dispostos a ingressar nas Nações periféricas, em busca de maior remuneração, bem como governos e empresas, desta região menos favorecidas, prontas para contratar empréstimos a custos menores e prazos mais longos.

No caso dos financiamentos para coberturas dos deficits do balanço de pagamento, a sociedade tem que se ajustar a nova situação e rearticular seu relacionamento com a economia mundial a fim de eliminar sua posição de desvantagem. Permanecendo com situação de desvantagem e recorrendo sistematicamente a política de endividamento progressivo é evidente que o desfecho mais previsível é uma situação de impasse cambial, com o país sem condições de saldar seus compromissos e sem meios de importar os bens e serviços para assegurar o funcionamento de sua economia.

Quando o endividamento é do segundo caso, (excesso de liquidez internacional) é claro que só ocorre quando encontra no mínimo, boa vontade das autoridades centrais. Elas são quem regulam os instrumentos que permitem o acesso das empresas às instituições financeiras internacionais. Se, no caso do financiamento do deficit no balanço de pagamento a responsabilidade do governo ainda possa ser passiva ou indireta, neste caso, ela é direta.

DIVIDA EXTERNA — EXPERIENCIA BRASILEIRA

Divida externa no Brasil, não é novidade. A novidade, certamente é apenas o volume que ela atingiu. Em dezembro de 1982 ela era equivalente a 26% do PIB brasileiro e a mais de quatro vezes o total de nossa exportação (de 1982).

A historia brasileira, registra um emprestimo já em 1825, no valor de 1.400.000 libras esterlinas, contraída pelos portugueses e assumida por D. Pedro I, como condição de reconhecimento do Brasil como nação independente. Quatro anos mais tarde, nosso pais já negociava seus debitos. Os republicanos subiram no poder em 1889 e herdaram uma divida de 30.600.000 de libras (1).

Em 1931, o Brasil declarou moratoria, suspendendo o pagamento de encargos junto a bancos norte-americanos. Na verdade, nosso pais conheceu apenas pequenos intervalos sem endividamento, o ultimo deles, aconteceu durante a segunda guerra mundial até o final dos anos quarenta. (1) Contudo, em 1964 o Brasil, recorria a outra renegociação da divida então existente, com as autoridades, conseguindo prazo de 3 anos de carencia, em media, para 70% do debito em atraso.

Na verdade, o mais poderoso elemento de politica economica brasileira até então era o resultado cambial. Quando o resultado das exportações era favoravel, o pais tendia ao crescimento e a economia permanecia estavel. Nos anos em que as vendas ao comercio internacional, apresentavam fraco resultado, as crises eram comuns e, com frequencia, recorria-se ao emprestimo externo. Até 1966, o Brasil conseguiu conduzir seu relacionamento com o exterior alterando superavits e deficits, tanto nas transações correntes como no resultado do balanço de pagamento.

A partir de 1967, não houve um exercicio sequer que apontasse saldo positivo na soma da balança comercial com a de serviço. Desde então, nossas contas externas, passaram a depender de emprestimos e financiamento com as nossas autoridades chegando em alguns periodos, até a acumular grandes volumes de reservas por conta de capitais autonomos.

BRASIL — ANOS RECENTES

Para termos uma idéia da evolução do relacionamento brasileiro, com o exterior, transcrevemos alguns dados relativos as transações economicas, com o resto do mundo. Todos os numeros são em milhões de dolares norte-americanos.

(1) George Vidor, em "Divida Externa — De D. Pedro I aos nossos dias — Jornal do Brasil 02-10-83.

Até 1964, o Brasil recorria a agências governamentais, organismos internacionais ou fornecedores para financiar o feixamento de suas contas externas. A participação dos bancos comerciais, era insignificante. Com a mudança na orientação política ocorrida naquele ano, o País, procurou captar recursos externos em volume maior, sendo esses esforços, inclusive, uma das metas do novo regime. A propósito, transcrevemos trechos do trabalho "Problemas de Ajustamento" do Balanço de pagamento — Experiência brasileira atual" (2) "uma possível saída — referia-se aos pontos de estrangulamento de economia brasileira em 1964 — problemas de balanço de pagamento e alto custo de crédito — através da contratação de empréstimo em moeda no exterior, afigura-se bastante interessante, uma vez que atacava as duas frentes de luta simultaneamente. Não foi possível no entanto, alcançar êxito de captação de recursos externos, em vista das condições de liquidez dos mercados financeiros internacionais".

A partir de 1969, com o mercado financeiro internacional apresentando uma situação de liquidez bem mais acentuada, o Brasil voltou-se com redobrado vigor à captação de empréstimos externos, tendo sido, criado naquele ano, a Comissão de Empréstimos Externos — CEMPREX a quem cabia promover estudos para verificar a viabilidade dos financiamentos externos e a adequação as condições desejadas pelo governo.

Com efeito, o total dos empréstimos contratados em 1969, (posição líquida: empréstimos contratados menos os concedidos pelo Brasil ao resto do mundo) atingiu a cifra de US\$ 1.201 milhões, contra US\$ 540 milhões dos três exercícios anteriores.

Em 1971, como pode ser visto na tabela da página anterior o volume de créditos contratados (líquido) atingiu o montante de US\$ 2,523 milhões, quantia esta duas vezes maior do que a de 1969. Na ocasião, a dívida externa de médio e longo prazo, chegava a US\$ 6.621,6 milhões e as reservas internacionais (conceito de liquidez internacional) somavam US\$ 1.722,9 milhões. Dois anos depois, 1973, os créditos assumidos foram de US\$ 4.692 milhões, com a dívida chegando a US\$ 12.571,5 milhões.

As contratações, seguiram neste ritmo com os débitos externos quase dobrando em cada dois anos até 1980. No período de 1969/1973, o volume de recursos, captado no mercado financeiro, internacional, atingiu a proporção tão grande que acabou por provocar expansão dos meios de pagamento, muito acima do idealizado pelas autoridades monetárias, obrigando-as adotar medidas visando diminuir o ritmo do ingresso de recursos externos. Entre estas medidas, citamos a Resolução 236, de 19-10-1972, do Banco Central do Brasil, que instituiu o depósito compulsório, para a contra-partida em cruzeiros dos empréstimos contratados fora do país.

Em 1973, chegou-se a atingir prazo mínimo de dez anos, para novos contratos de empréstimos. A propósito, o Ministro Ernane Galvêas, em seu livro "Brasil Desenvolvimento e Inflação, pgs. 95/98, afirma: "A pressão inflacionária neste período, 1969/1973, surge de forte ingresso de capitais, rujo movimento líquido, de efeito expansionista, chega a cerca de US\$ 3,5 bilhões, tanto em 1973, como em 1975. Através da entrada de recursos do exterior (capitais) consegue-se o excedente de divisas que vão incrementar as reservas internacionais do Brasil.

2 — Edezio Fernandes Ferreira, então chefe do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil — novembro de 1977.

BRASIL - ANOS RECENTES - Para termos uma idéia da evolução do relacionamento Brasileiro com o exterior, transcrevemos, a seguir, alguns dados relativos às transações internacionais nos últimos anos, em US\$ milhões, ressaltando os principais itens :

C O N T A S	1962	1964	1966	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1976	1978	1980	1982
a) Transações correntes — Saído	-423	102	54	-508	-281	-562	-1.307	-1.489	-1.688	-7.122,7	-5.977	6.990	-12.807,0	-16.310,5
a. 1 - Petróleo	-196	-180	-191	-230	-237	-281	-377	-469	769	-2.962	-3.841	-4.483	-10.200	-10.457
a. 2 - Juros (Despesas)	-121	-133	-162	-154	-204	-284	-344	-489	-839	-1.370	-2.091	-3.344	-7.457,0	-12.550,6
b) Movim. de Capitais (Liq.)	-220	58	124	541	871	1.015	1.846	3.492	3.512	6.253,9	6.651	11.891	9.678,7	7.850,9
b. 1 - Emprést. e financiamentos (Liq.)	-343	226	508	583	1.201	1.510	2.523	4.321	4.692	7.354,7	7.761	12.873	10.596,0	12.515,0
b. 2 - Amortizações e/ou saldos de cap. (Liq.)	-310	-278	-350	-484	-493	-672	-850	-1.202	-1.673	-1.926,2	2.992	-5.323	-5.010,3	-6.951,6
c) Superávit / (Déficit) — Balanço de Pagamentos	343	40	-153	32	549	545	530	2.439	2.179	-936,3	1.192	4.262	-3.470,6	-8.828,0
d) Dívida ext. a médio e longo prazos (Superior 1 ano)	2.930	3.101,1	3.702,4	4.074,0	4.403,0	5.295,2	6.621,6	9.521,0	12.571,5	17.165,7	25.985,4	53.510,1	53.847,5	69.653,5
e) Reservas Internacionais (Liquidez Internacional)	265	244	421,0	256,1	655,5	1.186,7	1.722,9	4.183,2	6.415,8	5.269,1	6.543,9	11.895,1	6.912,6	3.944,4

Fonte: Relatórios do Banco Central do Brasil

É essa acumulação de reservas, que traduz a pressão inflacionaria do Brasil". Outro detalhe que merece ser visto, a composição da dívida externa, no que diz respeito a natureza dos credores. Em 1965, a participação de entidades privadas, no endividamento brasileiro, era apenas de 11,3% o restante era patrocinado por organismos internacionais (BID, BIRD, FMI etc) ou ainda por agencias oficiais (EXIMBANK, USAID AID, etc). Em 1973 os financiamentos concedidos por essas entidades haviam caído para 16%. Em 1982, esse percentual era apenas de 11%. Esses fatos, certamente contribuíram para elevar os custos com o serviço da dívida, visto que os organismos acima citados, praticam taxas de juros bem mais baixas, de que as entidades privadas.

Por outro lado, os empréstimos em moedas, sobretudo os previstos na Resolução 63 do Banco Central do Brasil e na Lei N° 4.131 de 03-9-1962, a qual permite que empresas sediadas no exterior, celebram contratos de empréstimos com filiais do País. Sob o amparo desta lei, havia em 1968 saldo de US\$ 470 milhões equivalentes a 12,4% da dívida externa. Em 1973, essa cifra passou para US\$ 5,379 milhões, correspondendo a 42,8% dos compromissos totais. Em 1982, o montante aumentara para US\$ 36,763 milhões e o percentual equivalente a 52,8%.

A crise do petróleo certamente contribuiu para abalar a situação do balanço de pagamento do País. Para isto, basta lembrar que a balança comercial de um superavit de US\$ 7 milhões em 1973 passou o deficit de US\$ 4.690,3 milhões em 1977.

As compras com combustíveis, lubrificantes, por sua vez aumentaram de US\$ 769 milhões, para US\$ 2.962 milhões para 1974.

As despesas com fretes, no mesmo periodo, passaram de US\$ 858 milhões, para US\$ 1.376,4 milhões. No entanto, mesmo em 1974, com a brutal elevação dos preços relativos do petróleo, no final do ano anterior, os dispêndios do Brasil, com o serviço de dívida-externa, (principal e juros) foram maiores do que os gastos com a aquisição do petróleo. Trancrevemos abaixo as despesas com os dois itens em US\$ milhões.

	1964	1968	1972	1974	1976	1978	1980	1982	
Petroleo	—	180	230	469	2.962	3.481	4.483	10.200	10.457
Serviço de Div.	—	411	638	1.191	5.083	8.667	12.467	19.502	
Juros	—	133	154	498	1.370	2.091	3.344	12.502	
Principal	—	278	484	1.202	1.926	2.992	5.323	6.952	

Fontes: relatório do Banco Central do Brasil.

Como afirmamos anteriormente, uma das causas da dívida externa é o financiamento de déficit nas transações correntes do balanço de pagamento. Assim para termos uma idéia mais precisa do caso brasileiro construímos o quadro a seguir, que é a soma das contas do balanço de pagamento entre 1964 e 1982, com cinco subdivisões.

Balanço de Pagamento do Brasil

— US\$ 1.000.

Discriminação	1964/68	1969/73	1974/78	1979/82	1964/82
1 — Balança comercial	1.676	(28)	11.375	(3.875)	13.405
2 — Serviço	(2.167)	(5.396)	(19.523)	(48.219)	(75.377)
Viagens internacionais	(190)	(375)	(1.257)	(1.487)	(3.671)
Transportes	(254)	(1.553)	(5.055)	(6.502)	(13.364)
Seguros	(35)	(49)	(20)	(153)	(89)
Renda de capitais	(987)	(2.268)	(11.613)	(36.341)	(51.209)
Lucros e dividendos	(217)	(677)	(2.854)	(5.330)	(9.078)
Juros	(770)	(1.591)	(8.759)	(31.011)	(42.131)
Governamentais	(242)	(460)	(361)	(407)	(1.470)
2 — Serviços diversos	(459)	(329)	(1.257)	(3.707)	(5.732)
3 — Transf. unilaterais	(308)	(98)	(78)	(376)	(860)
4 — Transações correntes (1 + 2 + 3)	(183)	(5.326)	(30.820)	(51.593)	(87.922)
5 — Movimento de capitais	(368)	(10.736)	(36.194)	(37.994)	(85.692)
Invest. e estrangeiros	(311)	(1.673)	(5.246)	(9.766)	(16.996*
Invest. brasileiro	(2)	(83)	(624)	(1.150)	(1.859)
Emp. fin. med. a lg. p.	(2.205)	(13.998)	(44.956)	(49.893)	(111.052)
Amortizações	(1.809)	(4.890)	(16.474)	(24.552)	(47.725)
Outros	(63)	(38)	(3.090)	(4.037)	(7.728)
6 — Erros e omissões	(410)	(832)	(1.228)	(1.556)	(2.062)
7 — Superavit	(175)	(6.242)	(4.146)	(14.857)	(4.292)

NOTAS: números entre parenteses = negativos.

1 — Balança comercial = exportações e importações.

2 — Serviços líquidos = receitas — despesas.

3 — Transf. unilaterais = líquidas.

4 — Movimento de capitais — líquido (ingressos e saídas)

* — Inclui reinvestimento.

Os números mostram, com uma boa margem de aproximação, como foi o relacionamento econômico-financeiro do Brasil, com o exterior. Falamos "aproximação" pelas próprias características da sistemática de apuração dos dados do balanço de pagamento, que tem muitas deficiências.

Pelos quadros, percebe-se que no período de 1964/68, o intercâmbio com o exterior, foi mais ou menos equilibrado. O País teve o superavit na balança comercial de US\$ 1.676 milhões de déficit nas contas de "serviços" de US\$ 2.167 milhões. Neste intervalo, o Brasil contratou empréstimos de médio e longo prazo no valor de US\$ 2.205 milhões, quantia suficiente para cobrir as amortizações (US\$ 1.809 milhões) e o saldo negativo nas transações correntes (US\$ 183 milhões).

Entre 1969/973, as exportações e importações, foram praticamente iguais. Os serviços no entanto apresentaram resultados negativos de US\$ 5.396 milhões, superior em 150% ao verificado no intervalo anterior. A contratação de empréstimos por sua vez, atingiu a cifra bastante expressiva de US\$ 13.998 milhões, superior em 535% a do período precedente. Os recursos captados sob forma de empréstimo, eram mais do que suficiente para compensar o deficit das transações correntes, resgatar as amortizações, de principal e ainda transferir quase US\$ 4 milhões para reservas.

Neste período, graças ao excesso de liquidez, no mercado financeiro internacional, o processo de endividamento brasileiro sofreu enorme aceleração. Os numeros demonstram, com bastante clareza quanto a tentativa de articulação da economia nacional, com o sistema economico internacional da epoca, no milagre economico, desajustou as contas, a situação economica do Pais. Assim foi uma posição completamente desfavoravel que o Brasil sofreu o impacto da crise do aumento dos preços do petroleo em 1973.

A politica adotada após 1973, tentando manter o modelo economico vigente, tornou a situação mais dramatica.

De fato, de 1973 a 1978, nosso Pais amargou um deficit de US\$ 11.375 milhões na balança comercial e outro de US\$ 19.759 milhões na de serviço, dos quais, quase a metade US\$ 8.759 milhões eram de juros. Neste período o Pais transferiu a renda liquida para o Exterior, cerca de US\$ 30.820 milhões. Para tanto teve que recorrer a empréstimos de US\$ 44.956 milhões. A amortização do principal para o período chegou a US\$ 16.474 milhões.

O trienio seguinte, foi muito mais dramatico apesar de US\$ 11.375 milhões para US\$ 3.678 milhões. O saldo de serviços, passou de US\$ 19.523 milhões negativos para US\$ 48.291 milhões. As despesas com juros atingiram a US\$ 31.011 milhões, equivalentes a 64% do deficit nas contas de serviço, superior a 25% as remessas com despesas financeiras nos cinco anos anteriores.

No que se refere a captação de empréstimos, embora o período de 1979/982, tenha sido superior aos cinco anos precedentes, já indicou a queda de ritmo da contratação em relação aos dois quinquenios anteriores.

O deficit acumulado, de US\$ 14.857 milhões além de ratificar queda na escalada de novos contratos, revelou a incapacidade da economia nacional em continuar a financiar suas necessidades cambiais com capitais autonomos.

A ultima coluna do quadro, engloba o período de 1964 a 1982. O deficit nas transações correntes, foi de US 87.922 milhões.

Neste numero, estão incluidos US\$ 4.415 milhões de lucros de reinvestimentos entre 1978 e 1982.

Considerando-se que não houve saída de dividas, já que estes lucros não foram remetidos, podemos deduzi-los do deficit acima citado. Assim, após a dedução temos uma transferencia liquida para o exterior de US\$ 83.507 milhões, quantia esta bastante proxima da divida externa total do Brasil, que em 1982, era de US\$ 83.300 milhões.

SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL
P R E F E I T U R A D O C R A T O

Município Modelo do Ceará

LEI Nº 894 DE 24 DE MARÇO DE 1971

EMENTA — CRIA A "CASA DE CULTURA" DO CRATO E
ADOta OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO

FAÇO SABER QUE A CAMARA MUNICIPAL DO CRATO DE-
CRETA E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:

ART. 1º — Fica criada a "CASA DE CULTURA" da Cidade do Crato, cujo funcionamento se dará no antigo prédio da Prefeitura Municipal do Crato, à Praça da Sé e adotam-se providências para a sua instalação e efetivo funcionamento.

ART. 2º — Para fazer face ao seu funcionamento, será aberto no Orçamento do Município, o crédito de Cr\$ 4.000,00 (QUATRO MIL CRUZEIROS) retirada do Título GP — Setor de Turismo, a partir do Orçamento em vigor este ano, que, no referido título é um total de Cr\$ 35.000,00 e fica reduzido, portanto para Cr\$ 31.000,00.

ART. 3º — A Prefeitura Municipal fica autorizada a adotar as necessárias providências para o imediato funcionamento da CASA DE CULTURA.

ART. 4º — Esta Lei entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, em 24 de março de 1971

HUMBERTO MACARIO DE BRITO

Prefeito Municipal

Como a dívida externa brasileira foi contraída para cobrir deficits no balanço de pagamento (exceto no período de 69/73, quando se acumulou reservas, gastas nos anos seguintes) a última coluna indica como foi usado o montante de recursos captado sob a forma de empréstimo e financiamento. Dessa forma, a balança comercial, inclusive importações de petróleo, seria responsável por US\$ 13,4 bilhões, dos quais, cerca de US\$ 83 bilhões dos débitos totais. A Balança de serviços, por sua vez, teria contribuído com US\$ 75 bilhões, dos quais cerca de US\$ 42 bilhões foram despendidos com pagamento de juros.

No período em questão, 1964/1982, o Brasil contratou empréstimos de médio e longo prazo liquidados (Empréstimo Central) dos menos concedidos ao exterior no valor de US\$ 111 bilhões, tendo pago US\$ 47 bilhões de amortização do principal.

(Trabalho apresentado no Curso de Mestrado de Economia, do Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia).



CAFÉ ITAYTERA

SÓ TEM GOSTO DE CAFÉ



Prefira-o empacotado a vácuo
compensado

SEU SABOR É TOTAL



Organização LEONOR LIMA COSTA S/A

Indústria e Comércio

Avenida Padre Cícero, S/N - Km. 2

Distrito de Muriti



CRATO — FONES: 521-1511 e 521-2629 — CEARÁ

Sobril - Sociedade Bringel Irmãos Ltda.

Material de Construção e Agrícola



MATRIZ: Rua Monsenhor Esmeraldo, 785/801
Caixa Postal, 46 — Teleg.: Sobril

Fones: 521-2416 - 521-2352 - 521-1422

CRATO — CEARÁ



FILIAL: Praça Francisco Sá, 171/175

Fone: 711-1160

IGUATU — CEARÁ



Sobril - "a sua melhor opção"

Os Bispos do Ceará e o homem sofredor

Na oportunidade da reunião ordinária dos bispos do Regional Nordeste I, que abrange o Estado do Ceará, realizada de 14 a 18 de junho de 1983, nós, bispos, quisemos dedicar o primeiro dia de trabalhos a uma análise e reflexão sobre a situação de emergência desse quinto ano de seca e por meio desse documento dirigir-nos às autoridades, às comunidades cristãs e às pessoas de boa vontade.

Para sermos mais concretos, convidamos os representantes da Comissão de Pastoral da Terra das nove dioceses, formada em dois terços por agricultores, para que eles nos apresentassem de maneira mais detalhada o quadro da situação calamitosa que estão atravessando.

Apresentamos a síntese do que ouvimos em seus depoimentos, fazendo nossas todas as suas reivindicações e apelos.

I. A SITUAÇÃO ATUAL DA SECA E DA EMERGÊNCIA

Quatro grandes problemas ressaltam na análise da atual situação vivida pelo trabalhador rural:

1. *Em relação à água*

Diante do quinto ano consecutivo de seca, constata-se quase total es-

cashez de água no Ceará. Caso não sejam tomadas as devidas providências, por parte dos poderes responsáveis, dentro de quatro ou cinco meses, estaremos vivendo a situação de caos, uma vez que, as populações do interior e das cidades, incluindo-se Fortaleza, serão obrigadas a emigrar à procura de água.

No interior, se tem notícias dos tanques que recebem água dos carros-pipas, que não chegam a todas as localidades, mas muitas vezes, às comprometidas com o político do local. Não há interesse de perfurar poços profundos nem de equipá-los de acordo com a necessidade do povo.

O poder intelectual e econômico não permite que o povo seja preparado e treinado para saber por ele mesmo operar as máquinas, saber onde existe água, saber realizar cálculos para a construção de cisternas.

Além disso, os açudes construídos têm contribuído para fortalecer o poder político local, não resolvendo o problema da falta de água.

2. *Em relação ao trabalho*

O trabalho desenvolvido nos Bolsões da Seca não atende às necessidades dos trabalhadores.

a) A grande maioria está fora do Plano de Emergência. Afirma-se não

haver limitação de vagas, mas, na realidade, existe mais gente desempregada do que empregada. Consta do Programa que uma família de cinco pessoas tem direito a uma vaga. De seis a oito, duas; acima de nove, três.

No entanto, até agora, apenas os pais de família estão sendo empregados. Os poucos jovens que conseguiram trabalho, só o conseguiram por causa de reivindicações e pressões feitas.

b) Há discriminação nos alimentos. Jovens e mulheres não são aceitos. Já se observa, como consequência desta discriminação, o aumento crescente dos casamentos civis entre jovens menores, ou declarações falsas de que são arrimo de família para terem acesso ao trabalho. Disse um agricultor, a propósito dessa situação: "Antes, o que prevalecia era a verdade. Agora, é a mentira!"

c) Os trabalhos, geralmente, beneficiam os grandes proprietários, pois, quase todas as atividades são desenvolvidas nas suas propriedades.

d) Inúmeras pessoas são alistadas sem serem agricultores e sem precisarem do trabalho da Emergência. São comerciantes, proprietários e motoristas.

e) O reconhecimento das áreas de Emergência depende dos políticos, não se levando em conta as reivindicações da população carente. Da mesma forma, as vagas concedidas estão na dependência dos pistolões dos políticos que as distribuem de acordo com os seus interesses eleitoreiros. O "apontador" é escolhido também por políticos. Muitos trabalhadores que se situaram na oposição ficaram em dificuldades para conseguir trabalho nos Bolsões.

f) As obras realizadas desestimulam os trabalhadores por se sentirem explorados, produzindo em benefício dos grandes proprietários.

g) Há um sentimento profundo de desmoralização da pessoa do trabalhador. Ele investe horas do seu dia na construção de obras que resultam em nada. É o caso das barragens feitas com areia, sem cimento, sem pedra e que serão destruídas com as primeiras chuvas. Em caso de doença, os trabalhadores são, muitas vezes, obrigados a trabalhar.

h) Normalmente, os inscritos nos Bolsões vêm-se forçados a utilizar os seus instrumentos de trabalho, já que o Programa não os oferece.

i) Em algumas localidades, constata-se que apenas os sindicalizados tem direito a uma vaga.

j) Há irregularidades no horário de trabalho. Em algumas localidades, trabalha-se dez horas por dia, durante três dias da semana; noutras, cinco, seis ou sete horas por dia, de segunda a sexta-feira, ou ainda, dois ou três dias por semana.

Há bolsões onde nem se trabalha, sendo o dinheiro repartido pelo proprietário com os alistados.

l) Muitos moram até duas léguas distante da obra, sem transporte, exigindo-se deles o mesmo tempo de trabalho.

m) Há representantes dos órgãos responsáveis pela execução do Programa que, em inúmeros casos, agem com arbitrariedade, desrespeitando e amedrontando os trabalhadores.

3. Em relação ao "salário"

Diante da total falta de recursos dos agricultores e da crise agravada pela escassez das chuvas, constata-se que o "salário" de Cr\$ 11.250,00 ou mesmo de Cr\$ 17.000,00 é um salário de fome. O quadro abaixo demonstra, com clareza, a insuficiência dessa quantia. ➡

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI
RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 386
TELEFONE: 521-1223
CRATO - CEARÁ

O QUE UMA FAMÍLIA DE DEZ PESSOAS CONSUME

PRODUTO	Mercantil Cr\$	Fornecimento Cr\$	Consumo	Total s/ Juros Cr\$	Total c/ Juros Cr\$
feijão . . .	220,00	250,00	56 Kgs	12.320,00	14.000,00
arroz . . .	180,00	280,00	50 Kgs	9.000,00	14.000,00
açúcar . . .	200,00	280,00	12 Kgs	2.400,00	3.600,00
sabão . . .	250,00	350,00	5 B	1.250,00	1.750,00
café . . .	1.280,00	1.600,00	2 Kgs	2.560,00	3.200,00
óleo . . .	350,00	500,00	4 L	1.400,00	2.000,00
farinha . .	100,00	120,00	40 L	4.000,00	4.800,00
querosene .	200,00	250,00	4 L	800,00	1.000,00
sal . . .	20,00	30,00	4 P	80,00	120,00
rapadura . .	110,00	120,00	80 U	8.800,00	9.600,00
lenha . . .	1.100,00	1.300,00	2 M	2.400,00	2.600,00
T O T A L				45.010,00	56.670,00

Esta tabela foi preparada pelos próprios agricultores. Nela, não foram incluídos o leite das crianças, o pão, o aluguel da casa dos que moram na cidade, a carne, a roupa, o calçado, frutas, verduras, manteiga e remédios.

Além do "salário" de fome, o seu pagamento sofre um atraso de até dois meses. Quem, durante este tempo, movimenta o dinheiro?

Em muitos casos, ocorre a especulação com os cheques dos trabalhadores que perdem Cr\$ 250,00, embolsados pelas pessoas que vão descontá-los no Banco.

4. *Em relação ao fornecimento*

No sertão, o pequeno agricultor que ainda conseguiu plantar, no início do ano, não colheu nada ou quase nada. Não colheu nem para comer durante dois meses. A maioria não tem nada para comer. Em algumas regiões do Ceará, muitas famílias estão comendo do "brabo", isto é, sementes de mucunã e raízes de macambira, que não alimentam, dando apenas uma sensação de estômago cheio.

Na região da praia, a seca existente na terra, existe no mar para o pequeno pescador. Sem chuva, o

peixe não se aproxima da praia. É preciso ter embarcação motorizada para ir ao alto mar.

Ouvimos dos agricultores que não há fornecimento do Governo para os trabalhadores da Emergência, que são obrigados a comprar fiado e mais caro nas bodegas. (V. quadro acima.)

Eles enumeraram muitos casos em que o comerciante vai receber o dinheiro que lhe devem, na ocasião do pagamento, sendo o agricultor impedido de tocar no seu "salário". Noutros casos, os agricultores são ameaçados de perder o emprego se não pagarem ao bodegueiro.

II. NOSSA REFLEXÃO À LUZ DA PALAVRA DE DEUS E DA IGREJA

Nossa oração no contexto da seca

Nós, bispos do Ceará, contemplando na oração, a triste e grave situação de miséria, abandono, fome e sede em que se encontra o povo cearense e nordestino, queremos colocar alguns pontos de reflexão com vistas a uma ação concreta das comunidades cristãs e pessoas de boa vontade. Ouvimos os clamores do povo e não podemos ficar indiferentes diante do quadro apresentado.

Perguntamo-nos quem é o responsável por este estado de pobreza, injustiça e calamidade.

Não podemos colocar culpa alguma no Criador. Ele criou o homem à sua imagem e semelhança, criou a terra e tudo o que nela existe para uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens criados possam bastar a todos com equidade (Cf. GS 69), e dá o poder ao homem para que, solidariamente, transforme e aperfeiçoe o mundo (Gên. 1,29). Ele não quer que haja sobre a face da terra desigualdades, sofrimentos, pessoas morrendo de fome e irmãos oprimindo irmãos. Todos têm os mesmos direitos sobre a terra e os bens produzidos. Ele é o Pai de todos. Todos são seus filhos e irmãos entre si. Ele é o único Senhor a ser adorado e servido. Somente a Ele o homem deve preito de gratidão e submissão.

A terra é dom de Deus

O papa João Paulo II, quando de sua visita ao Brasil, em 1980, no discurso pronunciado, em Recife, aos camponeses sobre a terra, dom de Deus, disse: "Não é lícito, portanto, porque não é segundo o desígnio de Deus, gerir este dom de tal modo que os seus benefícios aproveitem só a alguns poucos, ficando os outros, a imensa maioria, excluídos. Mais grave ainda, o desequilíbrio, e mais gritante, a injustiça a ela inerente, quando esta imensa maioria se vê condenada, por isso mesmo, a uma situação de carência, de pobreza e de marginalização".

A pobreza não é casual

Recordamos ainda o recente documento de Puebla que afirma: "Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas,

apesar de outras causas de miséria. A situação interna de nossos países encontra, em muitos casos, sua origem e apoio em mecanismos que, por estarem impregnados não de um autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem, em nível internacional, ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres" (Puebla, 30: Papa João Paulo II na abertura da Conferência de Puebla).

Tratando-se da problemática da seca e do estado de emergência do Nordeste, constatamos, infelizmente, que também aqui os ricos continuam sendo os mais protegidos através de pressões que eles exercem sobre as autoridades, beneficiando-se assim às custas do sofrimento dos irmãos.

O Nordeste não é um peso, mas fruto de um sistema

No Comunicado Final do Seminário sobre o Homem e a Seca no Nordeste, realizado de 1 a 4 de junho de 1982, dizíamos: "Para os governos, o Nordeste aparece como um problema; para a Nação, é como se fosse um peso. E tudo — dizem — é por causa da seca. A seca se tornou o melhor assunto para discursos nas campanhas políticas e um bom negócio para os que querem enriquecer, mesmo que seja explorando o sofrimento alheio. Que o nordestino seja pobre e sofredor, é verdade. Mas que a seca seja responsável principal de tudo isso, é o que não se pode afirmar... Vimos que a miséria do Nordeste é causada mais pela injusta organização sócio-econômica e política do que pela flagelo da seca. Pois os ricos, mesmo com seca, continuam bem e até se tornam, às vezes, mais ricos, como os proprietários que se enriquecem com as benfeitorias que o Programa de Emergência constrói em suas terras, com o suor dos pobres que não recebem nem o salário mínimo".

As feições do homem nordestino

Com os bispos em Puebla, continuamos a afirmar: *"Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela"* (Puebla, 31). Feições de crianças golpeadas pela pobreza antes de nascer; feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo, nas zonas rurais e urbanas marginalizadas; feições de agricultores e pescadores, que, como grupo social, vivem relegados; feições de operários desempregados; feições de subempregados; feições de anciãos cada dia mais numerosos (Cf. Puebla, 31-39); feições de mães desesperadas por não terem o pão para seus filhos e esposo (Cf. Puebla, 1135, nota 31).

Temos consciência da falta de respeito à dignidade do ser humano, imagem e semelhança do Criador, e a seus direitos inalienáveis de filhos de Deus, presentes em toda essa situação de miséria e exploração.

Nesse momento, o que é possível fazer?

Diante de Deus, que quer a justiça para o seu povo, e, frente à gravíssima situação de fome e sede do povo, especialmente, do interior do Estado, perguntamo-nos o que é possível fazer.

Será que os técnicos não têm soluções para esses problemas de falta de água? Por que essas soluções não são aplicadas e viabilizadas?

Como pastores não podemos ficar alheios e indiferentes diante da situação em que se encontra a maioria da população. A missão a nós confiada por Cristo exige que nos posicionemos e nos coloquemos do lado dos mais fracos e abandonados, que

denunciemos a situação de exploração e desrespeito ao povo por parte dos responsáveis pela administração dos bens públicos e da Nação, e, que reclamemos, mais uma vez, medidas justas, urgentes e imediatas em favor do povo em estado de calamidade.

Sabemos que a solução não é propor e realizar medidas emergenciais e paliativas. A saída exige dos responsáveis uma solução planejada e assumida com a finalidade de erradicar não os efeitos, mas as reais causas da pobreza e miséria, provindas do modelo econômico imposto à Nação. Os que não decidiram por ele, sofrem as suas consequências desastrosas.

Dirigimo-nos às Autoridades

Neste momento, em que o desemprego é alarmante, os salários insuficientes, o preço dos alimentos básicos alto, a saúde, a educação, a moradia e o trabalho em situações de permanente violação da dignidade da pessoa humana, as migrações para o sul e norte num fluxo enorme, recorremos às Autoridades no sentido de darem ao povo nordestino, o primeiro lugar em seus projetos e medidas de solução. Fazemos este apelo aos responsáveis que se confessam cristãos. Por isso mesmo, comprometidos, em Cristo e em nome da sua fé, com a justiça, com a reta e equitativa administração dos bens e com a participação de todos nos bens produzidos.

Quanto ao desemprego, lembramos a palavra de João Paulo II, em sua carta encíclica sobre o Trabalho Humano: *"Trata-se do problema de ter trabalho, ou por outras palavras, do problema, de encontrar um emprego para todas as pessoas capazes de o ter... O contrário de uma situação justa e correta neste campo é o desemprego, isto é, a falta de lugar de trabalho para pessoas capazes de trabalhar... O papel das*

instituições é de atuar contra o desemprego que é sempre um mal e, quando chega a atingir determinadas dimensões, pode tornar-se verdadeira calamidade social... A obrigação de conceder fundos em favor dos desempregados, quer dizer, o dever de assegurar as subvenções indispensáveis para a subsistência dos desempregados e das suas famílias, é um dever que deriva do princípio fundamental da ordem moral neste campo, isto é, do princípio do uso comum dos bens ou, para exprimir o mesmo de maneira ainda mais simples, do direito à vida e à subsistência" (Carta Encíclica sobre o Trabalho Humano, nº 18).

Convidamos as comunidades cristãs

Convidando os cristãos recordamos-lhes as palavras do Concílio Vaticano II: "De bom grado e de todo o coração os cristãos cooperem na construção de uma ordem internacional na qual sejam realmente observadas as liberdades legítimas e a amizade fraterna de todos. Falo-ão de boa mente, tanto mais que a maior parte do mundo ainda se debate em tão grande penúria que o próprio Cristo, nos pobres, como que em voz alta, clama pela caridade de seus discípulos. Evite-se, pois, de dar este escândalo aos homens: algumas nações, cujos cidadãos, na maioria, se gloriam do nome de cristãos, nadam na abundância de bens, enquanto outras se vêem despojadas das coisas necessárias para a vida e são torturadas pela fome, doenças e completa miséria. O espírito de pobreza e caridade são a glória e o testemunho da Igreja de Cristo. É obrigação de todo o povo de Deus, arrastado pela palavra e exemplo dos bispos, aliviar na medida de suas forças a miséria dos tempos atuais e isto, como era costume antigo da Igreja, não só com o supérfluo, mas até com o essencial" (GS 88 e 89).

Já, nos Atos dos Apóstolos, encontramos uma experiência significativa e motivadora para a nossa partilha fraterna: "A multidão dos fiéis eram um só coração e uma só alma. Ninguém considerava sua propriedade o que possuía. Tudo entre eles era comum. Com grande eficácia os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus e todos os fiéis gozavam de grande estima. Não havia entre eles necessitados" (Atos 4, 32-34).

O apóstolo Tiago, em sua carta, faz uma reflexão questionadora para a nossa prática cristã. Queremos trazê-la para o contexto da realidade de estiação e de tanto sofrimento para o nosso povo. A fé em Cristo exige de nós um compromisso radical com os pobres e necessitados. Por isso, São Tiago diz: "De que aproveitará, meus irmãos, alguém que tem fé, se não tiver obras? Poderá a fé salvá-lo? Se o irmão ou a irmã estiverem nus e carentes do alimento cotidiano e algum de vós lhes disser: 'ide em paz, aquecei-vos e fardai-vos', mas não lhes derdes com que satisfazer a necessidade do corpo, que adiantaria? Assim também a simples fé, se não tiver obras, será morta" (Tiago 2, 14-17).

As comunidades cristãs são urgidas a partilhar os seus bens, sobretudo, em favor das pessoas e comunidades necessitadas. São Paulo relata um fato dessa natureza ao descrever a coleta feita pela comunidade de Macedônia em favor dos cristãos de Jerusalém que se encontravam em extrema penúria (2 Cor 8, 1-9).

Pelo batismo, ressuscitamos com Cristo. Fomos revestidos do homem novo. A atitude do cristão, homem novo, frente aos bens deste mundo, é radicalmente contrária à mentalidade pagã e materialista. Acumular, na linguagem dos Santos Padres da Igreja, é tipicamente pagão; partilhar, porém, pertence ao comportamento

novo do cristão (Col 3, 1-11). Jesus Cristo afirma no Sermão da Montanha: "Não acumuleis riquezas na terra, onde a traça e a ferrugem corroem e os ladrões assaltam e roubam. Ajuntai riquezas no céu, onde nem a traça, nem a ferrugem as corroem, onde nem arrombam, nem roubam os ladrões" (Mt 6, 19-20).

Falamos aos homens de boa vontade

Dirigimo-nos com palavras do Vaticano II aos homens de boa vontade em favor dos flagelados pela seca e pelo sistema econômico: "Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, segundo as regras da justiça, inseparável da caridade. Sejam quais forem as formas de propriedade, adaptadas às legítimas instituições dos povos, segundo circunstâncias diversas e imutáveis, deve-se atender sempre a esta destinação universal dos bens. Por esta razão, usando aqueles bens, o homem que possui legitimamente os bens materiais não os deve ter só como próprios dele, mas também como comuns, no sentido em que eles possam ser úteis não somente a ele mas também aos outros. Além disso, compete a todos o direito de ter uma parte de bens suficientes para si e suas famílias. Assim pensaram os doutores e Padres da Igreja, ensinando que os homens estão obrigados a socorrer os pobres e na verdade, não somente, com o que lhes é supérfluo. Aquele, porém, que se encontra em necessidade extrema tem o direito de procurar o necessário para si junto às riquezas dos outros. Como são tantos os famintos no mundo, o Concílio insiste com todos, particulares e autoridades, que lembrados daquela sentença dos Padres: 'alimenta a quem está morrendo de fome, porque, se não o nutriste, mataste-o', segundo

as possibilidades de cada um, comuniquem e ofereçam realmente os seus bens, fornecendo auxílios sobretudo aos particulares ou povos que desta maneira poderão ajudar-se a si e progredir" (GS 69).

Todo esse ensinamento do Vaticano II o nosso papa atual resume nessa frase: "Sobre toda propriedade privada pesa uma hipoteca social".

III. REIVINDICAÇÕES DOS AGRICULTORES

Após a reflexão sobre as exigências que a Palavra de Deus e da Igreja nos fazem, é o momento de colocarmos algumas das reivindicações feitas pelos agricultores. Estas podem ser resumidas em seis pontos fundamentais:

1. Trabalho

— Haja trabalho para todos sem discriminar mulheres e jovens, dando atenção especial às famílias numerosas nas quais só o pai pode trabalhar porque os filhos são crianças.

— Elimine-se qualquer influência dos políticos no alistamento. Só sejam alistadas as vítimas da seca, evitando-se o desvio de vagas para aproveitadores.

— Sejam os "apontadores" indicados pelos trabalhadores.

2. Salário

— O salário seja aumentado em tal proporção que o torne suficiente para o trabalhador e sua família (V. quadro acima).

— O pagamento seja feito em dia, isto é, no fim de cada mês.

3. Instrumentos de trabalho

— O Programa de Emergência oferece os instrumentos de trabalho necessários à execução das obras.

4. Jornada de trabalho

— O tempo de trabalho seja por hora ou por tarefa, conforme as conveniências dos trabalhadores.

— Esse tempo não ultrapasse seis horas diárias e nem três dias por semana, a fim de que os trabalhadores possam dispor dos outros três dias para o trabalho de interesse familiar.

— Haja compreensão nos casos de doença, tendo em vista um povo enfraquecido pela fome e pelo sofrimento.

5. Obras

— As obras selecionadas pelo Programa de Emergência sejam de verdadeira utilidade pública ou comunitária e jamais de interesse de proprietários. Para isso, elas devem ser indicadas pela própria comunidade.

— As situações de emergência do trabalho não levem à improvisação de obras, com material inadequado e sem o mínimo de orientação técnica que garanta a sua efetiva utilidade.

6. Abastecimento

— Haja a possibilidade de aquisição livre de gêneros de primeira necessidade, em bom estado, e a preços compatíveis com o poder aquisitivo do povo.

— O mais grave e urgente problema, o abastecimento de água, seja enfrentado com todo o empenho:

- . perfurando poços em benefício das comunidades e não dos proprietários;
- . aplicando o processo simplificado de dessalinização das águas salobras;
- . tratando a água servida pelos carros-pipas.

IV. GESTO DE SOLIDARIEDADE

Diante da grave situação do povo cearense, decidimos realizar, entre outros, um gesto de solidariedade evangélica em favor dos irmãos necessitados.

Esse gesto consistirá, em três dias de jejum e oração no fim de semana que precede à festa de Nossa Senhora da Assunção, padroeira de Fortaleza, ou seja, nos dias 13, 14 e 15 de agosto.

Lembramos que, na nossa sociedade de consumo, já se tornou praxe muitos cristãos excederem-se em comidas e bebidas, nos fins de semana, e em gastos supérfluos nos divertimentos caros e nocivos, enquanto tantos irmãos passam fome.

A realização desse jejum e oração virá lembrar a todos o dever cristão de se manter uma certa austeridade evangélica de vida, sobretudo em situações como a atual, de grande carência, agravada pela prolongada estiagem.

Convidamos os cristãos a aderirem ao nosso gesto, sugerindo-lhes:

— fazer, durante três dias, a experiência de fome dos nossos irmãos necessitados que nada têm para comer;

— oferecer o valor que naqueles dias seria gasto para o irmão faminto faça a experiência de saciar a sua fome.

Cada diocese e paróquia planejará a maneira de realizar os três dias de jejum e oração, incluindo procissões e caminhada dentro do espírito do Ano Santo.

Ao concluirmos essa nossa mensagem, queremos invocar a proteção de Maria elevada ao céu que, em sua vida terrestre, se preocupou em "saciar de bens os famintos", e recordar a palavra do seu Filho, nosso irmão: "Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de

"MACAMBIRÁ EM FLORAÇÃO"

Macambira em Floração do Dr. Edgar Pereira, veio revelar um autor de estilo consumado.

O Dr. Edgar Pereira, médico inteligente, reuniu em um livro bem feito, informações preciosas sobre a história e o folclore de Fronteiras.

Soube dar vida à paisagens e personalidades, revelando um poder descritivo, formidável ao lado de um humor gostoso, peculiar do fronteirense.

Quanto aos conceitos que tem a respeito do meu trabalho, são frutos de uma alma generosa e justa, que sob avaliar o sacrifício empreendido por mim para realizar alguma coisa.

Sinto-me humilhado por não merecer tantos elogios.

Graças a Deus, a região Leste do Piauí, está saindo da tradição oral.

Em 1976, o escritor Vitalino de Alencar Bezerra, publicou pela Edi-

tora Comepi de Teresina o seu livro, Mensagem Humana do T'abelião Izidro.

Livro de grande conteúdo sociológico em que, o escritor corajosamente traça um perfil da sociologia regional.

Em 1979, foi impresso na Editora Henriqueta Galeno o meu livro, No Mundo do Folclore, no qual salvei de perderem-se na tradição oral, as décimas de Justino José Fernandes e alguns dados históricos do apostolado do Padre Ibiapina no Piauí.

Em 1982, surge Macambira em Floração, do escritor Edgar Pereira, livro de se ler de uma sentada, porque retrata a inteligência e o poder criador desta comunidade maravilhosa que é Fronteiras.

Oh! Fronteiras da planície,
Meu jardim, meu paraíso,
Tu vives dentro de mim,
Cidade no teu sorriso.

Há 50 anos falecia em Juazeiro do Norte o Padre Cícero Romão Batista

Não poderíamos deixar de registrar a passagem dos 50 anos de falecimento do Pe. Cícero Romão Batista, celebrados este ano.

O eminente sacerdote, nascido em Crato em 24 de Março de 1844, faleceu em Juazeiro do Norte em 20 de Julho de 1934.

beber; estive doente e me visitastes" (Mt 25,35).

Fortaleza, aos 17 de junho de 1983

Alóisio, Cardeal Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza. Vicente de Paulo Araújo Matos, Bispo de Crato. Antônio Batista Fragoço, Bispo de Crateús. Walfrido Teixeira Vieira, Bispo de Sobral. José Mauro Ramalho de Alarcon Santiago, Bispo ITAYTERA

A passagem dessa efeméride ensaja uma série de celebrações em Juazeiro, cidade adotada pelo Pe. Cícero, pela qual se empenhou e onde centralizou suas atividades sociais, religiosas, políticas e econômicas, depois que para ali foi, como seu sexto capelão.

Juazeiro do Norte organizou uma vastíssima programação para o evento, quando milhares de romeiros, de todo o Nordeste, para ali acorrerão, relembrando a vida e a obra do Taumartugo nordestino.

de Iguatu. Timóteo Francisco Nemésio Cordeiro, Bispo de Tianguá. Joaquim Rufino do Rego, Bispo de Quixadá. Paulo Eduardo Andrade Ponte, Bispo de Itapipoca. Pompeu Bezerra Bessa, Bispo de Limoeiro do Norte. Manuel Edmilson da Cruz, Bispo Auxiliar de Fortaleza. Geraldo Nascimento, Bispo Auxiliar de Fortaleza. Newton Holanda Gurgel, Bispo Auxiliar de Crato.

VÁRZEA ALEGRE também participa das alegrias
da Cultura Caririense, com o lançamento
de mais uma edição de

I T A Y T E R A

Trata-se de um empreendimento vitorioso do
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI,
ao qual não poderíamos faltar com o nosso apoio
e o nosso estímulo.

Somos fiéis às nossas raízes regionais.

VÁRZEA ALEGRE — sempre para a frente.

Onde o trabalho construtor é uma constante.

Administração

José Iran Costa

O PEQUIZEIRO

A chapada do Araripe é o manancial inesgotável de recursos para a pobreza desvalida da zona caririense e regiões limítrofes de Pernambuco. E não somente dos pobres. Muitos senhores de engenho escaparam da ruína certa com plantações de mandioca nos terrenos ubérrimos do chapadão, por demais propícios ao desenvolvimento dos tubérculos, tão empregados na alimentação sertaneja.

O principal produto é a farinha de mandioca, mas os abacaxis do Araripe já se espalharam pelas feiras caririenses e sertões paraibanos com geral aceitação.

A criação também começa a desenvolver-se intensamente com os rebanhos bovinos mais preservados das secas e mais próximos dos mercados consumidores.

Os recursos naturais são, porém, os que mais beneficiam a pobreza. As terras são devolutas e o homem faz apenas apoderar-se dos frutos dadiivos. Verdadeira economia apropriativa nas vizinhanças de uma civilização que desponta promissora.

Ali os frutos silvestres abundam em determinadas épocas e se, muitas vezes, não servem para mitigar a fome imediata do caboclo, são vendidos prontamente em qualquer mercado.

O cajuí é disputado, servindo para compota mais saborosa do que a do cajú.

A mangaba muito apreciada para cambicas, sorvetes e refrescos. O cambuí, espécie de uva silvestre, é empregado em rudimentar indústria vinícola do Crato.

Naquele recanto privilegiado da natureza, o homem também encontra remédio para as suas mazelas do

corpo: a cabeça-de-negro, cujas propriedades depurativas estão hoje sobejamente empregadas pela moderna terapêutica; o óleo de copaiba inscrito em todas as farmacopéias do planeta.

De todos os produtos nativos, porém, é o pequi o que mais avulta pela sua importância na região.

O apreciado fruto, empregado em larga escala como condimento, existe em diversos pontos do país, mas em nenhuma outra paragem desempenha papel tão importante como no sul do Ceará e vizinhanças sertanejas de Pernambuco e Piauí.

O óleo retirado das amêndoas é atualmente aproveitado como medicamento de real valor, destinado a substituir o óleo de fígado de bacalhau. A mesma riqueza vitamínica e idênticas aplicações no combate às infecções bronco-pulmonares. Alguns laboratórios o empregam em injeções intramusculares associando-o ao iodo. Outros o emulsionam adicionando-lhe hipofosfitos numa feliz combinação medicamentosa que se aproxima da emulsão clássica do *Gadus Morrua*.

O que falta é homogeneidade para o nosso óleo que é produzido apenas por indústria manual primitiva.

Todavia, com tôdas as suas aplicações, em nenhuma outra região o pequi tem maior valor do que no Cariri, onde contribui em larga escala para as melhorias da ração alimentar de seus habitantes.

Narra-nos a história dos povos americanos que os incas do Perú veneravam a coca como planta sagrada.

Por servir ao quixua como alimento de poupança nos grandes dispêndios musculares era cercada de todo o carinho possível.

Tal foi o consumo de suas folhas, depois aproveitadas pela ciência, que no grande império extinto, eram usadas como moeda corrente.

Os astecas possuíam também o cacáu que desfrutava da mesma importância da coca na antiga civilização peruviana.

Sob o ponto de vista religioso os dois vegetais cercavam-se de verdadeiro culto inteiramente diverso da simples veneração totêmica.

Se o Cariri fosse outrora trecho de terras, encravado num daqueles impérios, ou por outra na Grécia veneradora da natureza, teria igualmente a sua árvore sagrada — o pequizeiro. Mas estamos em país inteiramente cristianizado.

O homem não mais cultua as forças naturais porque reconhece que todas emanam de princípio único e imutável. No entanto êle tem obrigação de amparar os recursos que lhe foram entregues pela Inteligência Criadora.

Nunca devemos devastar matas e acender coivaras arrasadoras.

Em proveito de limitado número que visa lucros imediatos são ás vezes sacrificadas riquezas coletivas de valor incalculável.

O matuto irreverente não respeita a árvore amiga que lhe dá alimento certo durante 5 meses do ano.

De vez em quando o planalto é iluminado por um clarão espetacular. Parece fenômeno meteorológico.

Os vaqueiros atearam fogo no pasto sêco e a labareda contaminou o restante da mata. Os pequizeiros são atingidos pelas chamas. E quando o fogo poupa a árvore vem o machado destruidor.

A madeira é largamente empregada na confecção de fôrmas para rapaduras.

O pequizeiro, porém, persiste em sua ação benfeitora. Reproduz-se como por encanto e a despeito do verdadeiro descaso com que é tratado.

O pequí é o amparo da população desnutrida da região sul cearense e adjacências.

O valor de frutos tão nutritivos cresce muito mais ainda nas épocas de calamidade climática, pois, a produção aumenta como por verdadeiro milagre.

Quando a safra do pequí atinge a proporção máxima, a chapada do Araripe fica repleta de habitantes adventícios. Famílias inteiras localizam-se á sombra da árvore acolhedora que lhes dá teto durante semanas e alimento para 4 ou 5 meses.

As estradas de acesso para o chapadão ficam com movimento fora do comum. A qualquer hora do dia ou da noite, homens, mulheres e crianças dirigem-se para os mercados caririenses com balaies repletos do apreciado arrimo da pobreza. Para as paragens mais longinquoas os frutos são conduzidos em caçuás sôbre costas de jumentos, êstes auxiliares indispensáveis do homem em tôda a região nordestina.

O pequizeiro é árvore da família das buriráceas, primeiramente observada pelo cientista Aublet nas Guianas. Medra na região amazônica, Maranhão, Bahia, alto do S. Francisco e chapada do Araripe, entre Pernambuco e o Ceará.

Tanto a polpa como a amêndoa são ricas em substâncias nutritivas. O habitante pobre do Cariri e adjacências, como é da observação geral, aumenta de pêso e melhora de cor, na época da safra do substancioso fruto, riquíssimo em vitaminas.

Durante as sêcas periódicas grande parte da população se aglomera no Araripe e pode-se mesmo dizer que, nas regiões circunvizinhas, só começa o flagelo da fome quando se extingue o tradicional alimento popular.

Nos tempos normais o pequí aparece quando escasseam outras alimentações e dura até á colheita dos cereais.

Jornal de Brasília publicou: MOVIMENTO EM FAVOR DA SELVA DO ARARIPE

Ecólogos do IBDF e líderes comunitários da cidade do Crato iniciaram um movimento para maior proteção à única reserva florestal do Ceará, a Floresta do Araripe. Querem fundar inclusive um museu destinado a preservar alguns espécimes raros ainda existentes na área. Em outra direção, vão tentar o estudo

racional de algumas variedades de madeira já reconhecidas como biomassa de grande interesse para a produção de energia e de remédios. O Instituto Cultural do Cariri está realizando inclusive um inventário desses recursos, entre os quais está o pequi, uma árvore frutífera de grande riqueza alimentícia.

É uma dádiva da Providência que o homem deveria respeitar.

Entretanto, êle a trata com o desamor natural do brasileiro que se aproveita sómente da natureza pródiga e é o primeiro a devastá-la irreverentemente.

O consumo do Cariocar Vilosum é tão grande que, durante os meses de produção, as reses abatidas nos matadouros caririenses diminuem de maneira considerável.

Em plena civilização atual ainda restam povos que reconhecem a agricultura como a riqueza fundamental da humanidade a despeito do aumento da industrialização.

Festas tradicionais mantêm-se de pé, através dos séculos, como as vindimas de França e Itália e as cerimônias festivas da ameixeira do Japão.

Entre nós, pelo menos, deveria haver lei protetora contra o vandalismo das queimadas.

De vez em quando se fala na possibilidade do Araripe ser dividido em lotes particulares. A zona do pequi porém não pode ser subdividida. Deverá ficar sempre em poder da pobreza humilde e sofredora que da árvore benfeitora tira o proveito máximo, principalmente na hora amarga das calamidades públicas.

“O Ceará” — edições 1939 e 1945

ITAYTERA

PRIMEIRO JORNAL DO CRATO ESTÁ SENDO MICROFILMADO

O Núcleo de Microfilmagem da Secretaria de Cultura e Desportos do Ceará está microfilmando o primeiro jornal que circulou na cidade de Crato. Sua preocupação é preservar a memória histórica cearense. O jornal em questão é O Araripe que foi fundado em 7 de julho de 1855, sob a redação principal de João Brígido dos Santos, tendo por objetivo maior a luta pela justiça social. O Araripe circulou até 1865 como a bandeira da luta naquela cidade.

Realizada a primeira etapa do trabalho, o Núcleo de Microfilmagem encaminhará a coleção ao Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros para que sejam feitas as inserções dos números que o Ceará não possui. Depois de completa a coleção retornará ao Núcleo ficando à disposição dos pesquisadores locais.

Itaytera é a integração
da cultura no vale caririense

ICASA

ONDE O SEU ALGODÃO
TEM MELHOR PREÇO...

Há muitos anos contribuindo para
o progresso industrial do CARIRI.

Nossa homenagem aos intelectuais
da Região, ao ensejo do lançamento
de um novo número da Revista

Itaytera

ICASA

INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DE ALGODÃO S/A

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

A Sêca de 1915

(2º Capítulo do livro "Minhas Memórias" em preparo).

"Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã." (José Américo de Almeida in — A BAGACEIRA).

Ainda não estavam cicatrizadas as feridas abertas pelos malfeteiros da malsinada convulsão política (se-dição de Juazeiro) no organismo sócio-econômico do Ceará e já outra calamidade, não menos funesta, desabava impiedosa sobre todo o Nordeste, com incidência maior no nosso Estado — a terrível sêca de 1915.

Rica é a literatura das crises climáticas que tanto afligem este sofrido trato do território nacional.

A miséria das populações castigadas pelos sóis inclementes e pelas estiagens longas, o abandono em massa dos flagelados dos seus lares para as regiões distantes da Amazonia e outras paragens, tocam fundo a sensibilidade e a imaginação dos nossos escritores, que nos têm dado, no genero, obras primas como, por exemplo, "OS SERTÕES" de Euclides da Cunha, "LUZIA HOMEM", de Domingos Olímpio, "O QUINZE" de Rachel de Queiróz e "A BAGACEIRA" de José Américo.

Excelentes, insuperáveis notadamente aquela página impressionante em que Euclides descreve o flagelo: "De repente, uma variante trágica.

Aproxima-se a sêca. O sertanejo advinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo. Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia do Ceará..." prossequindo

nesta passagem sombriamente bela: "Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de "retirantes". Vê-a assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia outra. E outras. É o sertão que se esvasia. Não resisto mais. Amatula-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho em fora, debruando de ossadas as veredas, e lá se vai ele no êxodo penosíssimo para a costa, para as serras distantes, para quaisquer lugares onde o não mate o elemento primordial da vida. Atinge-os. Salva-se. Passam-se os meses. Acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. Vence-o a saudade do sertão. Remigra, e torna feliz, revigorado; cantando, esquecido de infortúnios, buscando as mesmas horas passageiras da ventura perdida e instável, os mesmos dias longos de transe e provações demorados."

Por mais fortes as tintas com que se pintem as cenas pessoalmente observadas ou transmitidas por testemunhas visuais da calamidade, o quadro afinal jamais corresponderá à dura realidade do fenômeno cíclico.

A geração de 1930 para cá não conheceu mais dessas catástrofes com a extensão das anteriores. A última sêca propriamente dita, com seu cortejo de miserias — fome sêde, peste, etc., foi a de 1932.

Os flagelados, que buscavam as

regiões mais favorecidas, onde pudessem suportar os rigores da dolorosa crise, entre as quais se destaca no Ceará o Cariri, eram recolhidos a campos de concentração em que, por mais eficiente e cuidadosa fosse a assistência do governo, e solícita a caridade pública, impossível seria evitar a mortandade, sobretudo infantil, dada a promiscuidade reinante e o atendimento médico-hospitalar impotente em face da mingua de recursos apropriados.

Por mais prolongadas sejam hoje as estiagens que, periodicamente, nos atingem, — e atual que já se estende por quatro anos é um exemplo, — tais calamidades providencialmente não se revestem mais daquelas cores sombrias e fatais das de outrora.

A açudagem "largamente disseminada", a irrigação em pleno desenvolvimento, as vias fáceis de comunicação, aproximando os centros de abastecimentos e possibilitando o "deslocamento rápido" das populações mais castigadas, todo esse esquema de condições favoráveis à adoção de medidas de urgência pelos órgãos específicos vem de fato conseguindo o seu objetivo. Paulatina mas permanentemente, como o exige a intermitência do fenómeno a debelar.

Vem se adotando na verdade em parte aquela genial sugestão de Euclides, inscrita na página lapidar de "Plano de uma Cruzada", em que traçou rumos aos governos para o combate sistemático às sêcas.

Transcrevo-a nos trechos mais incisivos:

"As sêcas do norte interessam a dez Estados. Irradiantes do Ceará, vão, pelo levante, ao centro do Piauí, buscando as extremas meridionais do Maranhão, de onde alcançam as do norte de Goiás; alongam-se para o ocidente abarcando com o limbo fulgurante o Rio Grande, a Paraíba, Pernambuco e Alagoas, lançando as últimas centelhas pelo mar em fora

até Fernando de Noronha; e alastram-se pela Bahia e Sergipe, para o sul, até às raias setentrionais de Minas.

Sendo assim, qualquer que seja o desfalecimento econômico do país, justifica-se a formação de comissões permanentes, de profissionais — modestas embora, mas de uma estrutura inteiriça — que, demoradamente, desvendando com firmeza as leis reais dos fatos inorgânicos observados, possam esclarecer a ação ulterior e decisiva do governo. Não há mais elevada missão à nossa engenharia. Então, poderão concorrer, recíprocas nas suas influencias variáveis, os varios recursos que em geral se sugerem isolados: a açudagem largamente disseminada, já pelo abarrear dos vales apropriados, já pela reconstrução dos lanços das montanhas que a erosão secular das torrentes escancelou em *boqueirões*, o que vale por uma restauração parcial da terra; a arborização em vasta escala com os tipos vegetais que, a exemplo do juazeiro, mais se afeiçõem à rudeza climática das paragens; as estradas de ferro de traçados adrede dispostos ao deslocamento rápido das gentes flageladas; os poços artesanais, nos pontos em que a estrutura granítica do solo não apresentar dificuldades insuperáveis; e até mesmo uma provável derivação das águas do São Francisco, para os tributários superiores do Jaguaribe e do Piauí, levando perpetuamente à natureza torturada do norte os alentos e a vida da natureza maravilhosa do sul. Deste modo não há vacilar numa ação decisiva e, sobretudo, permanente."

Eis aí, em ligeiros traços, o que se está realizando hoje e o que se está planejando, inclusive a derivação das águas do Velho Chico para o Rio Jaguaribe.

Nenhum brasileiro antes do ma'ogrado escritor indicou com tanta lucidez o que do governo estava, como ainda agora está, exigindo para a

sua solução o secular problema do nordeste.

Getulio Vargas quando, nas suas falas, se referia à situação do interior do país, nunca deixava de invocar as sabias e oraculares ponderações do imortal autor de "Contrastes e Confrontos", em termos da redenção deste martirizado trato do território nacional.

Não passaram mesmo despercebidas do arguto observador da nossa terra e da nossa gente as mínimas usanças e credices do sertanejo, até a prescrua dos fenomenos naturais prenunciadores de bons ou maus tempos.

Lembro-me bem que a partir do mês de Outubro, em minha terra natal, todas as tardes, receosos de sêca, os agricultores, proprietários e mesmo os homens de negocio da povoação — Tiburtino Lacerda, José Pereira, Clemente Borges, Ildefonso Rolim, Januario Borges, etc., — olhos voltados para o poente, espreitavam se alguma nuvem escura barrava o horizonte, ou, caindo a noite, algum re'ampago riscava o ceu para as bandas do Piaui, prometendo chuva.

Essa contemplação do poente, quando não alegrava os seus espectadores com os sinais de hibernal esperança, proporcionava-lhes ao menos a visão de um lindo panorama. Realmente os crepúsculos na Serra de São Pedro são encantadores.

Recordo-me que numa tarde de verão, passeando no bairro do Pernambucoquinho com o então juiz de Direito daquela cidade, Dr. Moacir Sobreira, depois conceituado advogado no foro de Sobral, hoje falecido, observara ele, embevecido com o pôr de sol que tingia de ouro e púrpura o horizonte: "Nenhuma terra conheço como esta de crepúsculos tão belos!"

Os poentes sem barra dos fins de 1914 nada prometiam. Dezembro findou, entrou Janeiro de 1915 e nenhum indicio de inverno aparecia.

Afinal, 19 de Março, o dia de São José, que o sertanejo fixa como última data de resignada esperança, e o ceu cada vez mais limpo, reiniciando-se então, irremediavelmente, o ciclo de fome e de miserias. E haja a morrer gado de sede e à falta de pastagem, e a emigrar gente em todas as direções, deixando aqui e ali, pelas estradas longas e tristes, muitas vezes insepultos, servindo de pasto aos urubus, cadaveres de crianças, velhos ou doentes que sucumbiram à fome e às fatigantes caminhadas pelos sertões causticantes de sol.

Em 1919 e 1932, anos também sêcos, já era possível instalar aqui e ali, como disse antes, campos de concentração em que as familias flageladas se abrigavam em ranchos cobertos de palha, o restante dormindo ao relento, como aconteceu em Crato no distrito de Buriti. Em 1915, porém, nem se falava nisso, mesmo porque o transporte em lombo de animais não permitia ao governo a adoção de medidas urgentes de proteção e salvamento. As epidemias indebeláveis dizimavam, por outro lado, impiedosamente, os concentrados, com índice maior de óbitos entre as criancinhas, que eram enterradas ali mesmo em valas comuns de cemitérios improvisados, não raras vezes repetindo-se cenas macabras de destruição dos "anjinhos" pelos cães famintos que cavavam as covas razas mal abertas pelos musculos enfraquecidos dos pobres pais inconsoláveis. Um quadro tétrico, dantesco, que até imaginado causa horror. Cenas tão impressionantes, tão terríveis, que chegaram a constangir até irmãos nossos de além mar, como GUERRA JUNQUEIRO, o qual, sem haver presenciado ao vivo o escabroso drama, dele nos dá com as mais fiéis e horripilantes cores um quadro desolador, como se vê destas passagens do seu poema "A Fome no Ceará", inserto em "A Musa em Férias", página 165:

"O sol bebeu dum trago as lípidas correntes;
E os seus leitos sem águas e sem ervagens frescas,
Com as bordas solitárias,
Têm o asâpecto cruel de valas gigantescas
Onde podem caber muitos milhões de párias.

Sobre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,
E por sobre esta imensa, atroz calamidade,
Sobre os filhos sem mãe e os braços sem amor,
Pairam sinistramente em bandos agoirentos
Os abutres, que são as covas e os coveiros
Dos que nem terra têm para dormir, Senhor!

E sabei — monstruoso, horrível pesadelo —
Sabei que ai — meu Deus, confranjo-me ao dizê-lo —
Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães
E os abutres cruéis com as garras de lanças
Rasgando, devorando os corpos das crianças
Nas entranhas das mães.

A miséria é um horrível sorvedoiro;
Vamos! enchei-o com punhados d'oiro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossivel já (isto consola)
Morrer de fome a quem, pedindo esmola
Na mesma lingua em que a pediu Camões!"

O grau de desenvolvimento a que chegou o pais é de molde senão a tranquilizar a gente na eventualidade de novas crises, — porque a sêca desencadeia ou tráz em si um elenco de toda sorte de complicações, — ao menos a garantir socorros mais rápidos capazes de minimizar as agruras e evitar mesmo as funestas consequências ocorridas em calamidades anteriores.

Quem hoje corta de avião os ceus do nordeste contempla lá embaixo as "pinças hemostáticas" de Demócrito Rocha estancando, como o "boqueirão" de Orós e um sem numero de outros de menores dimensões, inclusive "riachos abarrecirados", a linfa salvadora para saciar a sêde e perenizar a lavoura pela irrigação.

Tudo isso, que o grande Euclides sugeriu para o combate ao deserto, ai está, produzindo já em grande parte os seus benéficos efeitos com

a atenuação gradativa dos rigores do clima adverso, necessitando apenas de aperfeiçoamento pelos prodigios da técnica, a exemplo das transformações por que passaram as áridas regiões da Tunisia, do Texas, de Israel e tantas outras.

A ansiedade por um copioso inverno era, em Dezembro de 1915, mais intensa naturalmente do que nos anos anteriores, tão longo vinha sendo já o sofrimento do sertanejo com a miséria reinante há um ano. Até que as noticias de chuvas para o Piauí, em começos de Janeiro de 1916, vieram dar novo alento e trazer esperanças mais acalentadoras à população ansiosa.

E com feito as primeiras chuvas foram caindo, finas mas recebidas com alegria geral pelos que, presos à terra por circunstâncias inarredáveis, enfrentavam ainda resolutos a estiagem desoladora.

Traços da Vida do Dr. Irineu Pinheiro

Vaga lembrança tenho, ainda, do moço médico, tipo de romance da-quele tempo, cheirando a perfume francês, misturado ao odor do Havana. Vinha do Rio, onde, com brilhantismo, terminara a carreira a que se destinou.

Primo e amigo de meu Pai, desde esse tempo, passou a ser o médico da família. Quase que o odiei porque aplicou-me a primeira injeção, com resultados negativos. Foi tal o espalhafato que a agulha entortou e o líquido não penetrou.

Continuou aquela amizade através dos anos, cheia de confiança recíproca. Reservado em tudo o que lhe dizia respeito, discreto nos comentários, era lá em casa que, mesmo à minha frente, extravasava suas queixas e aborrecimentos. Ele sabia que o lema para as crianças da família era "ver, ouvir e calar".

Movimento comercial compensador praticamente não existia de molde a prender meu pai na vila, envolta então na mais inaturalável pasmeceira por que já passara. Por isso resolveu mudar-se com a família, embora por pouco tempo, para o sítio "TAQUARI", onde aguardaria a chegada do inverno que se aproximava, para as primeiras providências necessárias à restauração da fazenda dizimada pelo longo verão.

O T A Q U A R I

As paragens encantadoras da meninice não se apagam da memória. Aderem indelevelmente ao espírito como a tatuagem ao corpo, aguçadas como as mudanças da idade e os desgastes físicos. (continua)...

ITAYTERA

Clinicou muitos anos, com bons resultados, salvou muitas vidas e de muitos nem exigia pagamento. Quando se tem um pouco o que reprovar, a humanidade descobre sempre um ponto fraco para tecer maledicência. Nele, era o apego ao dinheiro. Mas a mesa era farta e não lhe faltava o vinho italiano às refeições.

Sei de pessoas pobres que recebiam, reservadamente sua caridade, sem estardalhaço e sem esse ar de filantropia que aos olhos de Deus pouco vale, penso eu.

Entre seus amigos, que eram poucos, havia o mais santo e digno de respeito, seu antigo Mestre, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, 1º Bispo do Crato. Tão desapegado dos bens terrenos que, no dizer de um dos seus padres, Antônio Gomes de Araujo, "o 2º Bispo Bispo do Crato morreu pobre". Dom Quintino morreu indigente! E foi Irineu Pinheiro quem pagou as despesas dos remédios, vindos do Rio, para a pertinaz doença que o levou até Deus.

Afastou-se um pouco da clínica nos últimos anos. Ocupou-se de suas fazendas, dos seus haveres, mas não abandonou os velhos clientes e suas famílias.

Seguro no que pensava e fazia, nunca tinha uma afirmativa categórica.

Dedicou-se à velha mãe, que lhe era tudo no vida. Não constituiu família. Não deixou filhos que lhe perpetuassem a memória, mas deixou filhos espirituais — os livros.

Estudava, pesquisava, confrontava opiniões, pesava e media as palavras. Por tudo isso deixou escritos que

A temática social e humana em Batista de Lima

Sob o patrocínio da Secretaria de Cultura, Desportos e Promoção Social do Ceará saiu a lume, em 1981, o segundo livro de poemas de Batista de Lima, um poeta jovem de pulso firme que vem se impondo aos meios culturais do Ceará com uma esperança nova da nossa literatura. Sua poesia encontra carregada de uma riqueza formal extraordinária e seus poemas constituem-se num verdadeiro mosaico de tonalidades sociais e humanas.

O trabalho de Batista de Lima a

que nos referimos intitula-se "Os Videntes da Serra Negra" e encontra-se dividido em dois cadernos distintos, que mesmo separados entre si parecem englobar no seu contexto uma mesma temática. Seu verso é ferino e incisivo porque em sua atualidade traz a força das denúncias e a marca inconfundível da poesia de resistência. Em alguns poemas o poeta realiza experimentos formais que por si sós valem como atestado do seu amadurecimento artístico.

Batista de Lima em "Os Videntes

merecem confiança, pois era incapaz de transmitir para o papel suas ideias sem plena segurança do que afirmava. Algumas de suas obras servirão para consultas às gerações futuras.

Em seu quarto de solteiro, a embalar-se em rede armada com cordas e correntes, segurança da boa mãe, recebia seus amigos que lhe contavam as novidades da cidade, ou, se eram letrados, falavam de literatura ou de história.

Ficou-me do tempo de criança a lembrança de suas palestras, pois era um bom "causer". Toda ouvido, não pestanejava quando ele descrevia o Rio, Botafogo, Passeio Público, o Palácio Monroe, a Rua dos Voluntários, a Tijuca, o Largo do Boticário, todas as velhas causas do seu tempo de estudante, pareciam-me coisas maravilhosas, difíceis de serem vistas. Naquele tempo poucas pessoas se deslocavam do Crato para a Capital Federal.

Muitos anos depois, no Rio moderno, cheio de mais encantamentos, quando passo por aqueles lugares, descritos com tanto entusiasmo e colorido, lembro-me de Irineu.

Dizia ele que gostava tanto do Rio de Janeiro naquele tempo que quando deixou a grande cidade, não para férias, mas para enfrentar vida nova, na terra natal, e que, o navio ia se afastando, ele olhando de longe todas as coisas belas e boas de sua vida de estudante, sentiu que os olhos se humedeciam.

Como todo adolescente, gostava de ler romances. Era ele quem me emprestava os da coleção de Walter Scott e outros bons livros, porque era um censor rigoroso na leitura para gente nova. Minha filha Eneida ainda leu os mesmos livros de sua Biblioteca.

Seu último livro, "Efemérides do Cariri, terminado já quando o coração ia falhando, não foi editado em vida. Anos depois, com grande esforço e tenacidade, um dos seus amigos, talvez o mais moço, José de Figueiredo Filho, meu esposo, em quem ele depositava inteira confiança, conseguiu do parente Antonio Fiuza Pequeno, os originais. Foi editado pela Universidade do Ceará, por interferência do seu primeiro e digníssimo Reitor, Antônio Martins Filho.

da Serra Negra" revigora a problemática telúrica, porém na maioria dos poemas o que deixa fotografado são os momentos eternos da criação, da plasticidade do seu discernimento de poeta afeito ao fazer literário.

Seu universo poético centra-se no cerne de uma realidade regional identificável no tempo e no espaço.

Seus poemas são concebidos no fragor das reminiscências e das miranças da vida. Em "Os viventes da Serra Negra", o poeta canta o sofrimento e as esperanças de seu povo. Quando retoma o tema da infância procura evocar as presenças através de um mundo distante, fazendo assim ressuscitar num passe de mágica a casa do seu avô, os momentos que lhe marcaram a meninice, os sonhos do menino que nasceu poeta, os elementos integrantes do seu mundo rural e as evocações de um ambiente indelévelmente marcado pelo estigma das catástrofes.

Batista de Lima é um poeta que sofre com as desgraças do seu povo e com isso ele revela-se um mágico do social e um artista de sintonia universal e humana. Estreou em 1977 com um caderno de poemas intitulado "Miranças", porém continuou trabalhando os seus poemas, que por força das próprias exigências estéticas amadureceram. "Os Viventes da Serra Negra" é bem um atestado de que Batista de Lima conhece os segredos e as implicações da nova escritura poética e o testemunho da capacidade inventiva de um poeta consciente do seu fazer artístico.

"Os Viventes da Serra Negra" foi um dos melhores livros de poesia que apareceu no Ceará em 1981. E essa vitória de Batista de Lima foi testemunhada pela crítica e aplaudida por alguns dos mais destacados escritores brasileiros nos mais diferentes lugares onde chegou o seu livro. E isso vale por uma verdadeira consagração, principalmente quando se trata de um jovem poeta ainda

no início da sua jornada literária, ainda nos primeiros contatos com as musas e com o mundo mágico das palavras.

Pois bem: estamos de acordo com a crítica, mesmo porque acreditamos que em "Os Viventes da Serra Negra", o Sr. Batista de Lima realizou um trabalho interessante e consciente, provando mais uma vez que é dono de uma dicção literária autêntica. Seu talento é diversificado e sua arte participante e engajada. Porém outras facetas exhibe o poeta neste seu segundo livro de versos. Suas poesias são ricas em metáforas e significados e sua linguagem repleta de criatividade e de elementos semânticos.

Para encerrar este breve comentário, gostaríamos de transcrever trecho de um artigo do jovem crítico literário cearense Dimas Macedo, o qual dá a dimensão exata do trabalho poético de Batista de Lima, objeto desta resenha: "Falar de "Os Viventes da Serra Negra" como obra literária homogênea, como contexto poético de tempo e ação presentes, é fornecer o atestado desses predicados de que o trabalho de Batista de Lima está revestido. O livro, na medida do possível, encerra excelentes momentos de criação poética, e mais do que isso, enfeixa em si consideráveis qualidades formais. Sem a menor dúvida, trata-se de artesanato esculpido em linguagem segura e equilibrada, atributos, este e outros, que emprestam a "Os Viventes da Serra Negra" um lugar de destaque no quadro atual da poesia cearense e confirma Batista de Lima como um dos melhores poetas cearenses de sua geração".

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI

TELEFONE: 521-1223

RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 386

CRATO - CEARÁ

Aplaudimos e incentivamos a
difusão da cultura no Cariri.

Itaytera

muito ajuda nesse sentido.



**CURTUME
SANTO
AGOSTINHO LTDA.**

VAQUETAS, RASPAS E VERNIZES EM GERAL

Rua Santa Cecília, 542 - Fone: 511-0277

Juazeiro do Norte - Ceará

GONZAGA MOTA:

O GOVERNO DO SOCIAL

Os primeiros meses da gestão Gonzaga Mota coincidiram com o auge da crise econômica brasileira e com o quinto ano consecutivo de seca. Encontrou 24% da população de Fortaleza morando em favelas. Cento e sessenta mil desempregados. A agricultura falida. A indústria passando por uma de suas maiores crises. Um destino certamente difícil de ser driblado, mas não impossível para esse jovem economista de 41 anos cujos cabelos estão mais brancos e o rosto já marcado por rugas profundas. A esperança de poder desenvolver um trabalho que resulte numa mudança de expectativa sempre foi o seu objetivo. Uma esperança que não é nova. Vem desde que foi Secretário de Planejamento de 1979 a 1981. Logo nessa época, enquanto colocando em prática o plano administrativo elaborado por ele próprio para o Governo de então, acumulava vivência e conhecimento que mais tarde se transformaria no PLANED — Plano Estadual de Desenvolvimento.

Quando no dia 15 de março de 1983 assinou o livro de posse, o Governador Gonzaga Mota sabia que ia enfrentar uma situação difícil, mas não esperava que fosse tanto. O Estado estava endividado em Cr\$ 574 bilhões 701 milhões 297 mil. A receita tributária era de apenas Cr\$ 4 bilhões 323 milhões 89 mil. Tinha também pela frente a seca, ainda hoje sinônimo de calamidade pública, e segundo o próprio Gonzaga Mota "um atestado da insuficiência da política governamental adotada no meio rural":

Mesmo assim, com todas essas adversidades, a economia do Estado não desmoronou nem o erário foi à bancarrota. Os dados da evolução da

arrecadação de impostos, taxas e multas provam isso. Os Cr\$ 33 bilhões 364 milhões arrecadados em 1982 transformaram-se nos Cr\$ 72 bilhões 95 milhões de 1983. Para chegar a esse crescimento superior a 100% Mota teve que encarar o fantasma da mordomia. Entre as várias medidas adotadas estão a desativação de quase 50% da frota de veículos oficiais e a demissão em massa de funcionários que acumulavam cargos no Governo. Estabelecer controles confiáveis para impedir irregularidades e desestimar aventuras na aplicação dos dinheiros públicos tornou-se um desafio para o atual Governador.

Não é a toa que a contenção de despesas está incluída como uma das principais medidas da área administrativa. Sem contrair nenhum empréstimo novo para investimento ou custeio da máquina governamental o Ceará hoje se defronta com um débito de Cr\$ 684 bilhões 480 milhões 201 mil, graças aos frequentes reajustes cambiais ditados pela política monetária.

Mas o professor Gonzaga Mota nunca esperou por milagres. "As nossas especulações devem alimentar-se sempre de otimismo e realismo", afirma ele. Ingredientes que parece ter de sobra, uma vez que aceitou, como sua primeira experiência política e administrativa governar um Estado, onde vivem mais de 5 milhões de pessoas, das quais 48,2% são analfabetas, 39,1% percebem até meio salário mínimo mensal e um número considerável está sem emprego. Pode-se acrescentar aqui os prejuízos que os cinco anos de seca trouxeram ao setor agropecuario cearense, com a perda de milhões de cruzeiros em algodão, feijão, milho, mandioca, banana, arroz; so-

mando-se a isso o que se perdeu também em produção pecuária. Para se ter uma idéia, o índice de crescimento do consumo de energia elétrica no ano passado estava somente em 3,4%, uma maneira segura de avaliar o crescimento da indústria nesse Estado.

As repercussões das políticas recessivas se fizeram sentir de modo doloroso na retração dos investimentos públicos e privados no Ceará. Apesar disso, Gonzaga Mota não nega o apoio do Governo Federal "sem o qual nada poderíamos realizar em matéria de investimentos". Espera, no entanto, que agora venham para o Nordeste soluções políticas "porquanto o Brasil não pode desenvolver-se integralmente quando em 20% de seu território e entre 30% de sua população a realidade maior é constituída pelo atraso e a pobreza absoluta".

AS PRIORIDADES

Ações para acabar com a pobreza, o desemprego, o aperfeiçoamento dos serviços básicos de saúde, educação, alimentação, habitação, nutrição, promoção social, são consideradas pelo Governador Gonzaga Mota prioritárias para a formação de uma sociedade economicamente justa e politicamente aberta. Para ele, "o Brasil ainda não atingiu um grau superior de organização social. Os aspectos de distribuição de renda e riqueza ficam em segundo plano". Talvez por isso tenha optado por uma administração voltada para a questão social.

De acordo com o Planed — Plano Estadual de Desenvolvimento, a questão social coloca em relevo determinados programas, como por exemplo, o de desenvolvimento rural. "Devemos proporcionar ao sertanejo condições de acesso à terra para que lhe sejam acessíveis a água e o crédito", salienta o Governador, defensor de uma ampla reforma agrária. Não custa lembrar que o Ceará tem 323 mil produtores rurais, dos quais 300 mil são pequenos

produtores. Desses, 170 mil não são proprietários, não fazem jus aos estímulos para produzir, e são os primeiros a emigrar nos tempos de seca.

Preparar o Ceará para exercitar um novo tipo de jogo tem sido a proposta da administração Gonzaga Mota durante esses doze meses. "É preciso mostrar ao Governo Federal e a Nação que isto aqui também é Brasil e que o País não suprirá suas dificuldades sem acertar suas contas internas, sem unir a família, sem botar a mesa para todos", enfatiza esse economista de fala mansa que, em pouco tempo de Governo, já é uma das vozes mais atuantes da emergente liderança política do País.

A AÇÃO NO CAMPO

Demonstrando firmeza de propósito Gonzaga Mota partiu para a luta. O apoio ao homem do campo veio inicialmente, com o Programa Bolsões da Seca. O programa procurou assistir o sertanejo através do aproveitamento de seu trabalho, de modo a reforçar a infra-estrutura hídrica do Estado. No final de 83 haviam 605.878 trabalhadores inscritos o que representa 38% da população economicamente ativa do meio rural. Os alistados conseguiram concluir 1.469 obras, sendo que, 11.719 continuam em execução no interior.

Paralelo aos Bolsões, um programa coordenado pela Secretaria de Agricultura e Cobal garantiu ali alimentação a 500 mil rurícolas. Tudo a preço subsidiado. Com o tempo vieram os convênios com as prefeituras municipais, para a construção de pequenos açudes; a distribuição de água por meio de 1.028 carros pipa e 35 jasmantas; amplo programa de assistência técnica e extensão rural, desenvolvido pelos 122 escritórios locais da Ematerce em todo o Estado.

Ainda com o objetivo de fortalecer as propriedades rurais contra as secas e para modernizar as práticas agríco-

las, em razão da queda de produção do setor primário, estão em execução vários projetos, dentre os quais o Projeto Ceará que absorveu o Polonordeste, o Programa de Valorização dos Vales Irrigáveis, o Projeto Sertanejo e o Projeto de Aproveitamento de Recursos Hídricos-Prohidro. Mais uma vez o público meta é o pequeno produtor, responsável por 60% da produção de alimentos e matérias-primas do Estado.

O Ceará está convencido de que pode enfrentar o fenômeno cíclico da seca aproveitando melhor a água que tem. Daí a criação do Conselho de Recursos Hídricos do Estado, responsável pela elaboração de um programa emergencial no que se refere a construção de açudes e poços profundos, dotados a maioria deles de chafarizes e equipamentos de bombeamento.

Gonzaga Mota quer muito mais para o setor rural. Um projeto de profissionalização pretende capacitar o aluno, filho do colono ou do pequeno proprietário, a suceder seu pai no trabalho com a terra, tendo condições e dominando técnicas capazes de oferecer mais rentabilidade ao trabalho. Isso vai evitar o êxodo rural, permitindo a fixação do homem ao campo, impedindo o seu deslocamento e o conseqüente agravamento do problema nas cidades.

E o Ceará realmente tem um bom motivo para não perder isso de vista: Fortaleza está inchando, à custa do esvaziamento do interior. O próprio Governador que o diga. Quando ainda era Secretário de Planejamento, há cinco anos, a capital do Estado já era responsável por uma participação de 60% na formação da renda estadual. Hoje se sabe que essa concentração econômica na região metropolitana poderia ter sido evitada com uma ação rural imune aos humores do tempo.

A PROMOÇÃO DO HOMEM

Na área social partiu-se para o de-
ITAYTERA

envolvimento de uma atividade não apenas assistencial, paliativa, paternalista. Para Luis Gonzaga Mota era preciso pensar antes de tudo na verdadeira promoção da pessoa humana através de uma ação integrada em todos os setores: na saúde, na educação, no treinamento e no atendimento ao mendigo e ao menor abandonado. A Grande Fortaleza, por exemplo, é a que, dentre as nove regiões metropolitanas do País, mostra níveis de esperança de vida mais baixos (41,8 anos).

Proporcionar mais saúde à população cearense tornou-se assim uma das preocupações básicas do Governo. Nesse sentido foram desenvolvidas, principalmente, atividades de assistência materno-infantil e várias campanhas de vacinação. Os serviços de saúde estão sendo desenvolvidos conforme o previsto, adaptados ao caráter preventivo e de massa. Não poderia ser diferente já que o Estado se defronta com um alto índice de mortalidade infantil causado pela desidratação, que se situa em torno de 60%.

Até há pouco tempo apenas 17% dos domicílios particulares permanentes no Estado possuíam ligações à rede de abastecimento de água. Quanto à rede de esgotos, 55% dos domicílios não dispunham de qualquer instalação sanitária, situação que atingia 55,2% da população, ou seja, 2.920.601 pessoas. Hoje as obras de infra-estrutura recebem um considerável impulso, com a expansão dos sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário. Ressalta-se também o crescimento de 90% na energia recebida da Chesf e 10,8% no fornecimento ao mercado. Ainda, a construção de 755 km de novas linhas de distribuição rural. No sistema viário foram realizadas diversas obras de pavimentação asfáltica, além de vários trechos de estradas vicinais, totalizando 435 km de rodovias.

As idéias de bem estar e participação, que se confundem com o próprio

pensamento político do Governador Gonzaga Mota, incluem acima de tudo a educação. No nono mês de administração ele lançou o Projeto Vencer, que vai permitir a 150 mil crianças, na faixa etária de 7 a 14 anos e que nunca tiveram condições de acesso à escola, a matrícula na 1ª série do 1º grau, além de alimentação e material escolar.

O Projeto Vencer, mediante a criação de mais um turno escolar, prevê ampliação do atendimento em cerca de 5000 vagas já na 1ª etapa. Em 1985 vai ser estendido às 30 maiores cidades do Estado, depois todo o Ceará. Esse projeto é um dos orgulhos que Mota leva da vida.

No setor de previdência, assistência e promoção social foram atendidas 50.000 pessoas carentes. Em consonância com a atividade governamental oficial, é desenvolvido no Estado um mutirão de boa vontade denominado Missão Asa Branca que já atuou em 45 municípios beneficiando 990.000 pessoas com 2.465 toneladas de alimentos. Isso levou o jovem Governador a uma conclusão: "está entre os próprios nordestinos a maior esperança de se descobrir o caminho definitivo para o seu desenvolvimento".

O EFEITO MULTIPLICADOR DA INDÚSTRIA

"É a industrialização o caminho para mudar o perfil econômico da maioria dos Estados do Nordeste, para aumentar a oferta de empregos, obter mais divisas na exportação de manufaturas e reduzir a dependência nordestina em face de outras regiões brasileiras", disse Gonzaga Mota ao se dirigir a dezenas de estudantes da Universidade de Fortaleza por ocasião do XV Simpósio de Estudos de Problemas Brasileiros. Mais tarde voltaria a falar sobre o assunto, dessa vez para frisar, "um programa industrial exige sucessivos governos e muita pa-

ciência para vencer fatores adversos".

Era de se esperar no caso, que a atuação do Governo no setor viesse em forma de apoio a nova indústria interessada em implantar-se ou as já existentes que precisam fortalecer-se e modernizar-se. Um parque industrial com fábricas tradicionais e de pequeno porte foi superado pela implantação no Estado do 3º Polo Industrial do Nordeste, que viabilizou a instalação de empresas como a do grupo Vicunha, a maior do setor têxtil nacional, e a Artex, a maior fabricante de tecidos felpudos da América Latina. Sem falar no aço do grupo Gerdau e dos laminados finos da Siderbrás.

Enquanto não chegam os frutos dessas grandes indústrias que não vão ser apenas o que elas puderem produzir diretamente, mas o efeito multiplicador desses empreendimentos, o atual Governo conta como saldo a assistência dada a 19 empresas locais através do Fundo de Desenvolvimento Industrial. Na área da Sudene foram aprovadas 18 cartas-consultas e 21 projetos, contemplando investimentos da ordem de 65 bilhões. Efetivada a ocupação de 87,02% da área do I Distrito Industrial de Fortaleza.

AS POSIÇÕES DE MOTA

É inegável que o Ceará vem tentando mudar o seu destino, potencializando recursos seculares esquecidos, estabelecendo uma nova realidade econômica e social. Mas talvez nada tenha contribuído tanto para chamar a atenção do Brasil para esse pedaço de Nordeste, do que os posicionamentos e a postura inovadora de Gonzaga Mota em relação à maneira como é encarado o problema da seca na região.

Seus pronunciamentos são firmes e claros: "O problema do Nordeste é um problema nacional, maior do que as dívidas interna e externa, o desequilíbrio da balança de pagamentos, a inflação. O Brasil precisa resgatar

a sua dívida com 35 milhões de brasileiros que vivem no Nordeste". Esse cutro enfatiza ainda mais a situação da região: "O Nordeste continua a ser o ponto mais crítico dos desequilíbrios entre as regiões do País e das disparidades sócio-econômicas. Continuamos, após três décadas a contar da criação do BNB, a figurar como um desafio a ser respondido corajosamente com a firme disposição de denunciar erros, equívocos e deficiências que tem marcado a política federal no setentrão".

A essa altura a classe política começava a despertar para as teses desse homem que, postulante a um cargo na Câmara Federal, se viu de uma hora para a outra candidato a Governo do Estado ganhando a primeira eleição de sua vida. Na reunião de março no ano passado na Sudene, Mota confirmou as expectativas. Apresentou uma proposta de reformulação do órgão — bipartir o atual Conselho Deliberativo criando um Conselho Político, constituído pelos governadores com voz ativa nas deliberações, e um Conselho Técnico ou Operativo. "A Sudene sofre um esvaziamento em diversos planos (financeiro, técnico e político). O Nordeste carece de autonomia para influir em seu próprio destino", concluiu Gonzaga Mota.

Na última reunião da Sudene, ocorrida em fevereiro desse ano, o Governador do Ceará voltou a ser o mais procurado pela imprensa, dessa vez para falar sobre o impasse com o Ministério do Interior e Dnocs, no caso do 1 bilhão para a execução do plano emergencial de reforço ao abastecimento d'água de Fortaleza. Mota rasgou o convênio que desviava o dinheiro antes prometido ao Estado para o âmbito federal. Na mesma reunião ele desabafou: "A nossa preocupação é muito grande. A seca continua e estamos sofrendo muitos saques e invasões de flagelados, pois o povo não pode mais suportar tanta fome".

BALANÇO DO 1º ANO

O empenho do Governador Gonzaga Mota em solucionar, os grandes problemas econômicos e sociais do Ceará, foi um dos fatores mais destacados pelos empresários. Também a postura do Governador — mantendo-se firme na defesa dos interesses do Estado e do povo — foi enaltecida, num reconhecimento pleno das classes empresariais ao trabalho que vem sendo posto em prática.

Inácio Campelo, diretor do Clube dos Diretores Lojistas de Fortaleza (CDL) e do Centro Industrial do Ceará (CIC), manifestou sua opinião. "Dentro de um quadro agravado pelo problema do abastecimento d'água, com cinco anos de seca e da crise econômica brasileira, que geralmente atinge com maior intensidade os Estados mais pobres, o Governador fez uma boa administração em seu primeiro ano de governo", salientou. Mais adiante, Inácio Campelo afirmou que atualmente, "o Estado está extremamente limitado. O grande problema é conseguir receita que dê para pagar o custeio e a folha de pessoal, uma folha que Gonzaga Mota herdou. Volto a repetir. Acho que administrou bem uma grande crise. E, para quem temia que ele não faria nada por não ter tradição política, realmente deve ter ficado surpreso", concluiu.

O empresário Sérgio Machado, presidente do Centro Industrial do Ceará (CIC), fez também um balanço do primeiro ano do Governo Gonzaga Mota. Para ele, esse período caracterizou-se sobretudo pela maneira com que foram enfrentadas as situações de dificuldades de recursos para manter a máquina administrativa, "uma vez que se defrontou com um desequilíbrio bastante acentuado das finanças do Estado, agravado de maneira significativa pela incapacidade de gerar novas fontes de recursos e por um grande grau de endividamento".

Sérgio Machado disse ainda que,

"voltado forçosamente para os problemas de fluxo de caixa — pois a situação chegou à gravidade de não dispor o Estado de recursos para pagar os seus funcionários e o custeio dos mecanismos essenciais da administração pública —, o Governador não pode dedicar-se aos planos e programas constantes de sua plataforma de candidato. Também não se pode perder de vista que os problemas derivados de mais um ano de seca forçaram uma ação administrativa de emergência. Destaque-se a posição de independência e a postura correta diante dos problemas nacionais e regio-

nais, o que lhe tem valido uma boa imagem externa e a inserção de seu nome entre os bons governadores recém-eleitos".

Ao concluir sua opinião sobre a administração Gonzaga Mota, Sérgio Machado expressou confiança no futuro: "Esperamos, contudo, que no segundo ano de governo, Gonzaga Mota tenha a oportunidade de desenvolver, na prática, a filosofia administrativa de austeridade, de uma ação voltada para os grandes problemas do Ceará. Temos a esperança de que possa cumprir a promessa de governar dentro de novo estilo".

O Suplemento Literário de "O Estado de São Paulo", de 21/12/1968, ao noticiar os últimos lançamentos, divulga o seguinte:

DOZE ANOS DE PARLAMENTO, de Antonio Alencar Araripe, Edição da Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1968, 506 páginas. — Este alentado volume reúne os trabalhos apresentados pelo deputado cearense Antonio de Alencar Araripe, da antiga UDN., na Assembléia Nacional Constituinte de 46 e, em sucessivas legislaturas, na Câmara Federal. Profundamente identificado com os problemas da sua região, ele foi o grande batalhador em prol da construção do açude de Orós, e de outras realizações de interesse para o polígono das secas. Enfeixando discursos, projetos, pareceres, emendas, indicações, requerimentos de informações, etc. — o livro constitui um testemunho de capacidade de trabalho e de apego à causa pública. Observe-se, também, que muitos destes documentos são suscetíveis de interessar aos estudiosos da evolução das questões economicas e sociais atinentes ao Ceará.

"O POVO", na edição de 30/8/83 noticia:

Com saudação de Luís da Câmara

Cascudo e apresentação de F. Alves de Andrade, foi editado "O problema das secas e outros assuntos", 252 páginas, de autoria do ex-deputado Antônio de Alencar Araripe, que fez da seca o apostolado de sua pregação em vários mandatos federais.

Na de 14/10/83 insere:

LIVRO DE ANTÔNIO ARARIPE

O ex-deputado Antônio de Alencar Araripe, incansável defensor da problemática do Nordeste, em 60 anos de vida pública, acaba de receber ofício do Conselho Estadual de Cultura dando conta de que na sessão ordinária daquele Conselho, o conselheiro Francisco Alves de Andrade registrou, de forma elogiosa, o lançamento do livro *O Problema das Secas e Outros Ensaios*, de autoria do ex-deputado Antônio de Alencar Araripe. A comunicação veio de Joaryvar Macedo, secretário de Cultura e também presidente do referido Conselho que diz: "Vale ressaltar que a iniciativa contou com o apoio dos demais Conselheiros, no caso Mozart Soriano Aderaldo, Roberto Galvão Lima, Miriam Carlos Moreira de Sousa, Nizia Diogo Maia, Otacílio Colares, Artur Eduardo Benvides, Antonio Girão Barroso e Dalva Estela Freire".

CAMPOS SALES :

A Palavra é Progresso

*A Administração Municipal de Campos Sales,
está vivamente empenhada na realização
de uma programação que deixará marcas profundas,
na história do progresso do seu povo.*

*Estamos procurando corresponder à confiança
em nós depositada.*

Ao circular mais um número
de ITAYTERA - a revista
de todos os carienses, com a
qual estamos identificados
espiritualmente, saudamos,
prazerosamente, os intelectuais
do Cariri, por sua vitoriosa
iniciativa.

O nosso apreço e a nossa solidariedade

José Íris de Moraes

Prefeito Municipal de Campos Sales

Banco Industrial e Comercial S/A

*O Banco amigo que nasceu no Cariri
Para servir ao Cariri, ao Ceará e ao Brasil*

Resolva todos os seus negócios bancários e todos os seus pagamentos pelo BIC - e conte com a certeza de excelente atendimento e mais - rapidez, eficiência e pontualidade.

BIC-o Banco onde tudo é mais fácil

Agência em CRATO-Rua Bárbara de Alencar, 836/844

FONES: 521-0244 • 521-2550 • 521-2455

CRATO

CEARÁ

O dia em que o PADRE CÍCERO viu um avião pela primeira vez

Há pouco, num almoço de confraternos meus, no Leme, um deles me perguntou:

"Você sabia que há cinqüenta anos chegava ao Crato, sua cidade natal, no Ceará, o primeiro avião?"

Dei uma resposta evasiva, como quem não era assim tão ignorante do assunto mas, na verdade, a pergunta do patricio cearense não me saiu mais da cabeça.

Fiquei um tempão calado, ruminando a lembrança. Pois tinha eu quatro anos, quando tal fato ocorreu. E recordo até hoje os pormenores da maior festa que, em criança, vi na minha terra natal: era o povo esperando o primeiro avião que chegava ao Crato, no vale do Cariri.

O piloto, por sinal, era um cratense, meu tio, o agora Major-Brigadeiro José Sampaio de Macedo, que lá ainda reside. Seu companheiro de aventura um outro jovem tenente que seria mais tarde ministro da Aeronáutica, Nelson Lavanère-Wanderley.

No meio da multidão, com seus noventa anos de idade, um sacerdote famoso em todo o sertão: o Padre Cícero Romão Batista.

Meu tio José inaugurava a rota do São Francisco, penetrando o vale do Cariri, até Fortaleza, a voar sobre as

caatingas de Minas, Bahia e Pernambuco.

Era o tempo da epopéia do Correio Aéreo Nacional, obra imperecível ligada ao Brigadeiro Eduardo Gomes.

No meio da multidão, o Padre Cícero. E eu, com meus pais, irmãos, primos e tios. Recordo o porre comemorativo de Cleto, no cinema do meu tio Moisés, uma figura muito popular na minha cidade, goleiro de futebol nas horas vagas. E me revejo cinqüenta anos depois, no meu orgulho infantil de sobrinho do desbravador da ponte aérea Rio-Fortaleza, inaugurando a chamada "rota do São Francisco".

O VELHO BRIGADEIRO

O Brigadeiro Macedo voltou mais tarde ao Crato, já reformado, para semear as terras que foram do meu avô, o coronel Cazuza. Fabrica, no seu engenho do Brejo, a única aguardente *erudita* do Brasil, marca *Teimosa*, e assim considerada por exibir, no rótulo, uma citação de Euclides da Cunha tirada de "Os Sertões".

Num livro "A epopéia do Correio Aéreo", escrito por um velho jornalista, José Garcia de Souza, encontro, além de antigas fotografias, alguns fatos pitorescos da vida do meu tio. Como o daquele aristocrata paulista

ARMANDO RAFAEL: GRANDE AMIGO DO I. C. C.

Não podemos deixar de consignar um registro todo especial sobre o Sr. Armando Lopes Rafael, sub-gerente do Banco do Nordeste do Brasil, na cidade de Juazeiro do Norte. Ele é um dos grandes amigos, incenti-

vadores e colaboradores do nosso ICC. Muito se tem empenhado pela nossa instituição e nossa Revista, razão pela qual merece o reconhecimento de todos os que fazem esta instituição cultural.

que, desembarcando na Base Aérea de Fortaleza, que o então coronel Macedo comandava, empertigou-se todo para cumprimentá-lo:

— Senhor Comandante, bom dia. Sou Prado. Prado... de São Paulo.

E o coronel — aviador, nascido no sertão, alisando o bigode, a responder com tranqüila ironia:

— Pois muito prazer, sr. Prado: sou Macedo, Zé Macedo, do Crato.

O SERTANEJO

As façanhas do Brigadeiro são ainda hoje recordadas na FAB.

Seus conterrâneos na antiga Arma da Aviação, do Exército, apelidavam-no "o sertanejo". Muitos porém conhecem-no por Zé do Crato, assim chamado por causa do paulistano fidalgo e desavisado. Seu amor pelo sertão não é fingido. Poderia ter sido, como muitos dos seus colegas de carreira, um homem público eminente, mas tudo desprezou para retornar, Major-Brigadeiro reformado, ao seu engenho e terras no verde vale do Cariri.

Leio, a propósito, no referido livro de Garcia, publicado há tantos anos, que, simples cadete, o velho Brigadeiro já gostava de dizer aos companheiros:

"Sou descendente, filho legítimo de uma pacata família de agricultores do Crato. Descambei para a carreira das armas enquanto, como dizia Euclides, os demais se prendem à terra pelo vínculo nupcial do sulco dos arados".

Meu tio é assim mesmo. Basta dizer que, um dia, quando era capitão, pediu licença ao Ministro da Guerra e foi "comissionado" oficial da Polícia baiana, pelo seu colega e amigo Juracy Magalhães, governador do Estado na época.

Macedo sonhava uma coisa bem a seu estilo: dar combate a Lampião. Embrenhou-se no mato, oficial saído da Escola Militar de Realengo como

um mero comandante de "volante" — e foi ao encontro de Lampião e seu bando, num dos piores homízios do rei do cangaço: o Raso da Catarina. Naquele deserto trocaram tiros, tendo meu tio voltado dos combates de mão abanando. Em compensação, brindou-o Lampião com uma bala no pé. Ele é muito cioso dessa bala do rifle bandoleiro.

Em resumo: um velho aviador militar, cujas memórias poderiam, se escritas, ser das mais curiosas e fascinantes da história dos anos 30. Tenho morado no Rio, e também nos Estados Unidos o velho Brigadeiro ama o seu canavial, o seu gado, a sua plantação. Detesta a grande cidade, a megalópolis.

Um dia, na pracinha do Crato, perguntei-lhe à queima-roupa:

— Mas, meu tio, como é que o senhor, homem educado e vivido nos grandes centros, veio terminar morando aqui no Crato?

E ele:

— Imagine que eu já estou me enfiando do Crato. O Crato está muito crescido e eu acabo indo me embora pro Bodocó...

Bodocó é uma cidadezinha do sertão, perto do Crato, na fronteira do Ceará com Pernambuco, do outro lado da chapada do Araripe.

Hoje, com certeza, já bastante pes-teada de TV a cores e outras misérias.

Certa vez, servindo na Base Aérea de Fortaleza, avisou o Brigadeiro a um velho sertanejo que lá trabalhava:

— Vou ao Quixeramobim, mas volto para almoçar.

E o espantado tabaréu, pensando nas muitas léguas que separavam Fortaleza da cidade natal de Antônio Conselheiro, observou ao meu tio:

— Ai, "seu" tenente, esse mundo velho está mesmo "incuiendo!"

O velho queria dizer — "encolhendo". O mundo estava diminuindo. Ficando cada vez melhor. Tornando-se a famigerada aldeia global.

Construtora Justo Junior Ltda.

CONSTRUÇÃO
CIVIL EM GERAL



CÁLCULOS
E PROJETOS

Entregue
a
sua
construção
à

Construtora Justo Junior Ltda.

e tenha a certeza
de uma construção sólida,
segura e bonita.

Rua Madre Ana Couto, S/N

CRATO — FONE: 521-2089 — CEARÁ

Crac - Bom

Alimentos do Nordeste Ltda.



Uma nova indústria
para ajudar o Cariri
a crescer.



Fábrica de Biscoitos,
Bolachas e Macarrão



Os Melhores Produtos da Região.



Av. Padre Cícero, Km. 2
Fone: (085) 511-2601
Juazeiro do Norte - Ceará

O homem mais feio do Crato

Se alguém na vida pôde sentir-se feliz por ser reconhecido como a pessoa mais feia de sua cidade, o velho Ramiro Tavares ou, simplesmente, Ramiro Feio, gosou desse privilégio por toda sua vida simples, humilde porém popular, folclórica e agradável.

Residiu na cidade de Crato até poucos dias quando faleceu aos 83 anos de idade, lúcido, conversador e fiel ao argumento de não ter encontrado rival na sua feiura.

Conheci-o quando menino, apresentado por meu pai. Enquanto contava suas lorotas, fui observando aquele rosto mal formado onde uma testa grotesca projetava-se sobre duas locas de olhos fundos cujas pálpebras não se abriam por completo nem os cílios apareciam. Atacado, na infância, por uma tracomatose crônica, viveu o tempo todo de olhos lacrimando enquanto uma das mãos se apoiava na curva do nariz, numa proteção desesperada contra a luz, atitude que modificou as linhas anatômicas da face, inclusive com a forçada projeção do queixo e da boca numa horizontalidade que completou aquela cara feia, muito feia, sem mensagem harmônica, tal aquelas figuras dos filmes de terror pontificados pelo ator Boris Karloff.

Mas toda aquela fisionomia truncada deixava de existir no momento em que Ramiro passava a contar suas piadas situando-se como personagem. Revelava-se a criatura alegre, comunicativa, cheia de uma criatividade folclórica que apreendia as atenções de todos. Era um artista, como o foi a turma de irmãos. O mais velho, Pedro, tocava bem o píforo e nunca faltou às festas e sambas da ladeira

do seminário. Maria, cantava bem as modinhas do passado. Generoso, sapateiro, era o criador das festas do Judas, no sábado da Aleluia, escrevendo e lendo o pitoresco testamento que satirizava com personagens importantes do Crato.

Ramiro tocava bem o violão e entoava modinhas, sozinho, nas noites de modorra, quando dobrava a cara feia e deformada sobre o pinho sonoro. Trabalhou como porteiro do Seminário Diocesano quase 20 anos. Conseguiu importantes amizades dos que hoje são ilustres figuras do clero. Foi porteiro do Ginásio do Crato, por algum tempo e, por fim, envelhecido, deram-lhe a incumbência de zelador do cemitério local quando passou a residir num casebre vizinho ao campo santo.

Sempre comentava sobre sua própria feiura e dela tirava proveito na multiplicação do seu círculo de amizades. Contava que sempre ouvia falar de que era feio porém nunca se olhara no espelho para uma auto-confirmação. Certa vez, ao visitar a casa de um conhecido, deparou-se no corredor, com um velho espelho grande. Resolveu olhar-se. Teve um susto tão grande que gritou apavorado e caiu para trás. Era, de fato, feio demais.

Noutra ocasião, quando ajudava ao Seminário, convidou um grupo de seminarista para uma panelada em sua casa, nas proximidades. Após reunir a turma e como a hora ia avançando com a fome da moçada, Ramiro, afinal, mandou que os convidados entrassem para a sala de refeição. Lá à mesa estavam várias panelas de barro, outras de alumínio, algumas amassadas, todas vazias e

amentoadas. E Ramiro, solene falou:
— Pronto pessoal, aí está a 'panelada' que prometi. Agora pode ir embora.

Numa época de carnaval, cantava-se bastante um samba interpretado por Orlando Silva que dizia assim: 'atire a primeira pedra, ai laíá, aquele que não sofreu por amor'. Escutando a música, Ramiro armou-se de uma pedra e esbravejou na calçada:

— Apareça um para eu atirar esta pedra. Eu nunca sofri por amor...

Sua melhor estória, entretanto, caracterizou-se pela singularidade. Contou que estando em Juazeiro do Norte, já mais de 11 horas da noite, sem transporte para regressar ao Crato, sem dinheiro, decidiu-se chamar um táxi. Como residisse na: ma casinha vizinha ao cemitério do qual era zelador, ordenou ao motorista que parasse naquele local e mandou que aguardasse enquanto ia buscar o dinheiro, desaparecendo entre as paredes brancas. E como demorasse a voltar e o motorista insistisse em buzinar, alguém abriu a janela do outro lado da rua para reclamar do barulho.

— Estou chamando um passageiro que entrou aqui e não voltou mais, disse o motorista.

— Olha, rapaz, isso aí é o cemitério e só mora defunto.

O homem do táxi espantou-se, acelerou o motor e saiu às pressas, dizendo:

— Não era para menos. Uma cara feia daquelas só podia ser mesmo alma do outro mundo.

O velho Ramiro, entretanto, faleceu a semana passada, aos 83 anos de idade deixando aqui na terra a sua feiura e levando para a eternidade sua beleza espiritual como um bom cristão, sua bela humildade, seu cristalino caráter de homem pacífico, sua nobreza, enfim, de um bom cra-tense que soube ser autêntico e fazer amigos utilizando a sua desgraciosa

LEI PRORROGA DOAÇÃO DO TERRENO DO ICC

O Instituto Cultural do Cariri fica a dever um grande serviço ao Vereador FRANCISCO TAVARES, da Câmara Municipal do Crato, autor de projeto de Lei, e ao Prefeito FRANCISCO WALTÉR PEIXOTO, que sancionou a lei, aprovada pela Câmara Municipal, por unanimidade. Agradecemos também ao Legislativo da cidade pelo largo descortínio.

A Lei prorroga, por mais 5 anos, o prazo de doação do terreno em frente ao Parque de Exposições, para o Instituto Cultural do Cariri, onde esperamos, em breve, dar início aos trabalhos da nossa sede.

Eis o texto do diploma legal:

LEI Nº 1.207 / 84 — de 15 de Março de 1984

O Prefeito Municipal do Crato, etc, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono o seguinte:

Artigo 1º: Fica prorrogado, por cinco (5) anos, a contar desta data, o prazo previsto na Lei nº 1.088, de 30 de Novembro de 1979, que doou o terreno ao Instituto Cultural do Cariri.

Artigo 2º: Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, 15 de Março de 1984. Ass) Francisco Walter Peixoto, Prefeito Municipal do Crato.

A Lei de doação, anterior, foi do ex-Prefeito Ariovaldo Carvalho, grande amigo do ICC.

fisionomia, numa projeção humana e moral que sobrepujou todos os complexos. Foi um exemplo de homem feito por fora e belo por dentro.

c o d e m a

COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.

- T Á B U A S
- C O M P E N S A D O S
- F Ó R M I C A
- C I M E N T O
- F Ó R R O
- F E R R O
- A R A M E F A R P A D O

M A T R I Z :

Rua Bárbara de Alencar, 661 / 683

Caixa Postal, 84

Fones : 521.2544

521.2645

521.2948

521.2949

CRATO — Ceará

F I L I A I S :

Rua São Pedro, 869

Fones : 511.1311

511.0773

511.0058

JUAZEIRO DO NORTE — Ceará

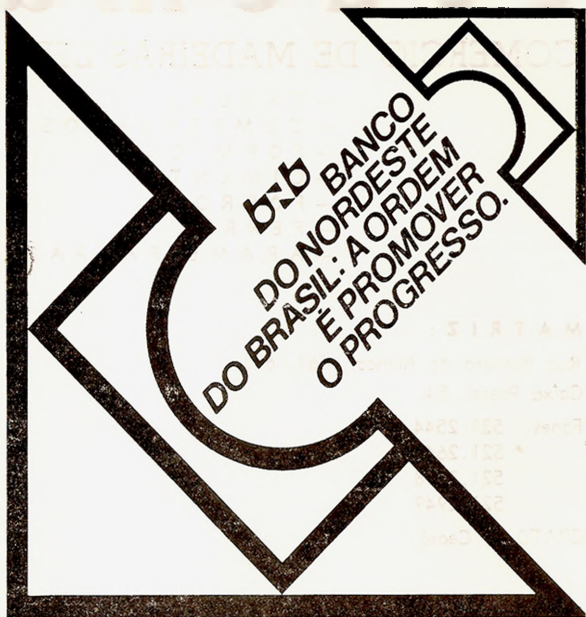


Praça Francisco Sá, 171

Fones : 711.1140

711.1859

IGUATU — Ceará



Promover a integração pelo progresso. Esta é a nossa bandeira.

O Banco do Nordeste é o banco de 35 milhões de brasileiros, quase um terço da população do País.

Sua política, voltada para a defesa dos interesses do Nordeste, se fundamenta num ideal que transcende o âmbito regional: a integração nacional,

Pois os milhões de brasileiros que vivem, amam e fazem o Nordeste, pensam Brasil.

Para ajudar neste esforço, o BNB conta com o apoio das lideranças políticas e empresariais, do Governo e do povo do Nordeste. E faz da promoção do

progresso do Nordeste a sua palavra de ordem. a sua bandeira.

Uma divisa que exalta o trabalho comum, aponta os caminhos do futuro e irmana todos os brasileiros.

MEMBRO DO UNILEF

bnb BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

© Giannini

Morre Mestre Noza

No ambiente triste de uma enfermaria de indigentes de um hospital da Capital de S. Paulo, faleceu no dia 21 de dezembro último um dos mais famosos xilógrafos do Nordeste o escultor número hum da imagem do Padre Cícero, talhada em madeira, o mestre Noza.

Assistiu-lhe os derradeiros momentos, sua filha única, Doraci, que já residia em S. Paulo e conseguiu levar o pai a fim de submetê-lo a um tratamento. Mestre Noza faleceu após completar 91 anos anos de idade e mais de 60 de artesão.

Por falta de atitude da filha, o grande escultor teve um fim melancólico, isolado, anônimo, sendo sepultado no cemitério de Vila Formosa como indigente, sem sequer ter recebido uma mínima homenagem noticiosa da imprensa, à falta de uma comunicação telefônica da família para a cidade de Juazeiro do Norte ou um lembrete a qualquer um dos jornais da capital paulista.

Decorridos agora mais de dois meses eis que se vem a tomar conhecimento que enluta a grande escola artesanal do Nordeste. Mestre Noza esculpiu cerca de 80 mil imagens do Padre Cícero em blocos de madeira de todos os tamanhos, tornando famoso o seu talhe e impressionando os estudiosos pela fidelidade de sua linha artística só encontrada nos gênios. Era autêntico. Sem ter frequentado escola de ABC ou de escultura, aprendeu a ler pela facilidade do seu alto QI ao mesmo tempo que descobriu nas suas mãos a harmonia vocacional de um escultor e xilógrafo cujas obras sempre disputadas pelos turistas e estudiosos, atravessava os continentes e são objetos

de apreciação em toda Europa e motivo de estudos nas principais revistas do velho Mundo.

Nascido em 11 de agosto de 1892 na cidade de Garanhuns, Pernambuco, Mestre Noza veio, numa leva de romeiros, residir em Juazeiro, por volta do ano de 1923, onde aprendeu a arte de sapateiro. Um dia, de posse de uma das pequenas facas de cortar solas, tomou de um toco de madeira e tentou fazer uma imagem. E fez, um pequeno vulto do Padre Cícero, revelando um dom artístico até então encubado. Revelava-se o artista. De pequenos roletes de madeira surgia a expressão do "Padim Ciço", perfeita característica, no expressionismo da angulosidade da face, na curvatura do pescoço, nos olhos apertados e significativos; na posição de mão sobre o bastão, a batina, enfim, a arte. Diante de 50 ou 100 estatuetas talhadas pelo Mestre Noza, nenhuma ou quase nenhuma apresentava a mínima diferença. Pareciam moldadas. Era a força harmoniosa da sensibilidade artística. De uma feita o velho artesão talhou doze xilografuras representando os doze apóstolos que foram impressas na Imprensa Universitária do Ceará por iniciativa do jornalista Anselmo Frazão, diretor da IUC, depois lançadas em exposição, posteriormente publicadas nas revistas francesas de cultura artística.

Esculpiu outras formas de imagens porém sua dedicação maior era no talhe das imagens do Padre Cícero, sempre disputadas pelos turistas e hoje encontradas pelo Brasil afora e no exterior.

O verdadeiro nome do Mestre Noza era Inocêncio Medeiros da Costa e residiu durante todo esse tempo em

ALENCAR ARARIPE — "DEPUTADO DAS SECAS"

Ginasiano de 1929 a 1931, chamou de logo a minha atenção, em Crato, casarão localizado nas proximidades da Praça da Sé, vindo a saber que ali residia o advogado Antônio de Alencar Araripe.

Empolgado com o movimento revolucionário em que desembocou a Aliança Liberal, vibrei com o seu triunfo, quando, então, assumiu a chefia da municipalidade aquele causídico, fiel amigo do dr. Fernandes Távora.

Posteriormente, Promotor de Justiça de Missão Velha, nomeado pelo Interventor Menezes Pimentel, tive a oportunidade de funcionar em ação patrocinada por Alencar Araripe.

Só, entretanto, a partir de 1945, passei a conhecer melhor o político cariense. Antes, a sua gestão municipal e a sua militância forense não me haviam despertado maior

interesse. Com a sua atuação na Câmara de Deputados, é que compreendi ser Alencar Araripe não só o leal tavorista, o honesto profissional, o probo administrador, mas também o profundo conhecedor dos problemas nordestinos e, muito particularmente, da problemática cearense.

"Doze Anos de Parlamento", lançado em 1968 com honroso prefácio do dr. Fernandes Távora, tendo a força de uma prestação de contas, retrata o mandatório do povo cearense invariavelmente voltado para a solução do magno problema do Ceará: a seca.

O homem público, quer integrando o Poder Executivo, quer participando do Poder Legislativo, não pode fugir à fixação de prioridades, que se impõe na proporção da escassez de recursos.

Apesar de viver num oasis, com-

Juazeiro do Norte, à Rua Santa Rosa, 626, hoje uma casa sem ninguém. Atingindo a faixa dos 90 anos de idade, suas mãos não sustentavam mais o canivete famoso com que fazia surgir de madeira inanimada, a mensagem espiritualizada do sacerdote que conquistou o coração dos nordestinos pela humildade, pela caridade e pela hiperdolia em ensinar a rezar o rosário de Nossa Senhora em todos os momentos possíveis.

Li o atestado de óbito do Mestre Noza, assinado pelo médico Valmir Claret Fedrigo, de São Paulo, que registrou, como causa mortis, deficiência respiratória com parada cardíaca, datado de 21 de dezembro de 1983.

Só agora soubemos do acontecimento.

Sua filha e esposa, Doraci Costa Guedes e Antonia Pereira de Oliveira, residem em São Paulo, para quem ficaram os pertences e utensílios artísticos do grande artesão.

Resta agora as autoridades juazeirenses de par com a Emcetur, e centros culturais cearenses, cuidarem em situar a memória de Mestre Noza no lugar merecido, como o artesão que ofereceu toda sua vida, em imortalizar o seu Padrinho Pe. Cícero, esculpindo seu vulto em madeira, numa sensibilidade artística tão sua e num estilo que a ninguém será possível igualhá-lo.

O expressionismo do artista é como o alinhava das impressões digitais. Para cada um, uma linha exclusiva, própria, inerente, inata.

Fev. 84

preendeu Alencar Araripe que o problema da seca é o da própria sobrevivência do povo cearense.

Conhecedor da região caririense e de outras regiões do Estado, arrimado em estudos e observações de abalizados técnicos, utilizou ele todo instrumental parlamentar a seu alcance, objetivando a solução daquele gravíssimo problema.

É verdadeiramente comovente a obsessão do liturgo cearense dedicado de corpo e alma ao aumento dos recursos hídricos do Ceará, condição sem a qual não poderiam as suas populações resistir às calamidades climáticas.

Durante 12 anos, ecoou, na Câmara dos Deputados, a voz desse representante cearense, gritando por mais água. Daí o acertado cognome que lhe deu colega nordestino: "Deputado das Secas".

Decorridos 15 anos, editado pelo Banco do Nordeste do Brasil S/A., publica Alencar Araripe, "O Problema das Secas e outros Ensaios".

Se em 1968, Alencar Araripe apresenta-se ao leitor com a altivez do parlamentar consciente, convicto de que a grandeza repousa na responsabilidade, em 1983 a imagem do intrêmulo paladino não se desfigurou com a ação do tempo. Ao contrário, ganha maior brilho que lhe dão a coerência de atitudes e o desvelo na defesa da causa sagrada do Ceará: a de seu desenvolvimento.

Não podendo renovar o mandato de deputado Federal "devido à crescente mercantilização dos sufrágios eleitorais", não encostou o camartelo e o escopo. Prosseguiu na luta, trocando a tribuna da Câmara pela tribuna da imprensa.

Aí está o mesmo homem a vigilância indormida, com o espírito público incoercível, com o acendrado amor ao torrão natal, com os incontidos anseios de desenvolvimento econômica e social. E, o mais emocionante, a clamar por mais água para

o Nordeste, para o Ceará. Ele que não nasceu, mas viveu na "terra dos brejos e dos pés de serra irrigados ininterruptamente com as águas perenes das fontes de Serra do Araripe", que deu de presente o Cariri ao Ceará, assim como o Egito é um presente do Nilo.

A estabilidade do açude "é função da capacidade de conservar a água por mais ou menos dilatado espaço de tempo". A estabilidade do parlamentar e do jornalista é função de sua ação constante, de sua pertinácia, visando ao desenvolvimento econômico, social e político.

Só vivendo dramática e perigosamente, só conhecendo na própria carne os efeitos da escassez ou da falta d'água, só experimentando as agruras do sertão, é possível dar à palavra falada ou escrita a força convincente, qual a que ressumbra dos discursos e artigos de Alencar Araripe.

Sertanejo, proprietário rural e fazendeiro, Alencar Araripe tem a vivência dos problemas, o que lhe dá autoridade, transformando-o em lídimo vexilário das reivindicações cearenses e em veemente repulsor da política de manutenção das mãos estendidas à espera de socorros públicos e particulares.

Não se quer compreender o problema como capaz de solução. Prefere-se tratar a situação como a de um desgraçado que precisa de esmola. O Ceará carece é de donativos, de magnânima atitude de esmolar. Não se concebe que a ajuda se reveste de caráter constitucional, nem que se materializa através de recursos do Tesouro Nacional. A própria construção de açudes determinada pelo poder público é interpretado como "munificência governamental", espécie de eufemismo ou sainete de esmola.

A maior das ironias é conhecer a ação parlamentar e jornalística de Alencar Araripe em prol da solução

IBIAPINÃ:

Traços da sua vida

Cem anos se passaram sobre a morte do padre José Antônio Maria Ibiapina, ocorrida a 19 de fevereiro de 1883, num dos centros assistenciais por ele criados, a Casa de Saúde Bananeiras, na Paraíba. Não é este o primeiro registro que fazemos da sua existência e da sua obra. Nem será o último a se fazer, neste ano do seu centenário, em órgãos de imprensa do Nordeste, região a que se votou, de corpo e alma, esta singular figura humana, o "padre-mestre", como era carinhosamente chamado. Figura que não encontraria lugar no quadro dos nossos dias que se comentará na segunda das nossas notas de hoje. Suspeitamos que cabe o cotejo dos dois casos.

Longe de ser um contemplativo, Ibiapina elegeu o sacerdócio já adueto, depois de escalas pela advocacia, a magistratura, o ensino, a política. E depois da história modelar de um noivado desfeito, dos bons tempos de antigamente. Nascido em Sobral, no Ceará, em 1806, descendia de uma

família comprometida nos movimentos políticos do Nordeste no começo do seu século. Seu pai, implicado na Confederação do Equador, foi passado pelas armas em Fortaleza; o irmão mais velho teve morte trágica em Fernando de Noronha, onde cumpria pena de degredo perpétuo pelo mesmo crime político.

Jão evidentes na biografia de Ibiapina conflitos íntimos através dos quais foi se definindo a sua personalidade, revelada plenamente na extraordinária ação social que estendeu pelo Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, voltada para a formação da juventude feminina, em suas individualidades mais humildes e desfavorecidas, as órfãs. Nesse extenso território, Ibiapina disseminou vinte e duas das suas casas de caridade e obras para pobreza que chegaram a quase uma centena.

Assim, exposto aos olhos do público, foi, já se compreende, vítima de intrigas. De maneira marcante nos chamados "Quebra-Quilos", a rebelião que irrompeu na população rural de Campina Grande, na Paraíba, em 1875, a pretexto de resistência ao sistema métrico que se decretava, mas efeito da espoliação a que estavam (e estão) submetidos os pobres do sertão paraibano. O vulto que assumira a ação do "padre-mestre", toda ela motivada pelos males da

do magno problema da seca, nas décadas passadas, e registrar a fome e a sede predominantes no seio das populações cearenses.

Embora pertença a uma geração que acreditava num Brasil essencialmente agrário, Alencar Araripe sabe que desenvolvimento implica em industrialização. Mas, sabe, também, que industrializar sem, concomitantemente, elevar a produtividade agrícola, é agravar a situação pela ex-

cerbação das disparidades. Não é possível efetivar-se a industrialização sem o fortalecimento do setor agrícola.

É motivo de indizível prazer verificar a coerência desse cearense de 85 anos, democrata convicto anti-totalitário consciente e nacionalista racional, que conserva admirável lucidez no percurciente exame da problemática nordestina e, particularmente, da problemática cearense.

sociedade sertaneja, despertou odios em surdina, afinal materializados numa ameaça de prisão a ser levada a cabo pelo aparelho repressivo dos estratos dominantes, na linguagem da época, as volantes. A notícia lhe chegou quando participava do ensaio de um teatrinho no estabelecimento que fundara na localidade de Santa Fé. Os pobres acorreram, inermes, em sua defesa. Salvaram-no "seu renome e o estado de saúde". São informações de um historiador da Paraíba, Celso Mariz, em seu livro **Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste.**

Ibiapina tem impressionado bom número de pessoas, avolumam-se os estudos a seu respeito. Ao que sobre ele se vem escrevendo, juntou-se mais recentemente a exegese do cônego Sadock de Araújo, do Ceará: "Dominava-o a visão luminosa de um novo mundo social que nascia, marcado pelo ideal do trabalho livre e pelas influências da urbanização que crescia". A imprensa da sua terra natal reclamou, há pouco, mais justiça à memória desse missionário à maneira nordestina, de vocação amadurecida no espírito e nas contingências do solo que o gerou. Transcrevemos do número de 1983 da revista **Itaytera**, editada no Crato, de artigo assinado por J. Lindemberg de Aquino: "(...) O que se tem do padre Ibiapina em Fortaleza, por exemplo, a não ser uma avenida, cremos que de menos de 1 km de extensão? O que já fizeram as autoridades para tentar reaver retratos, objetos, cartas, depoimentos, a bibliografia, coisas de uso pessoal, para a formação de um museu com o seu nome, ou pelo menos, para abrir no Museu Histórico do Estado uma seção com sua pessoa?"

Com efeito, se não foi um santo nas medidas de Roma, se não possuiu por outro lado o carisma de um Conselheiro ou de um Pe. Cícero, se como este não passou aos entalhes a facção das imagens de beira de

estrada, nem por isso deve ser privado de um lugar de honra no hagiológico de gleba do Nordeste: convém que mais se pense nele. A cidade do Crato, onde completou as primeiras letras, não lhe ficou em dívida, criando em 1965 a Fundação que recebeu o seu nome, mantida pela diocese local e de notável desempenho na área em volta, ampliação da casa de caridade criada por Ibiapina em 1868. Consagrado na tradição oral já está, bem se vê dos versos que os sertanejos do Piauí passam de geração em geração, na trova de que dá notícia Lindemberg de Aquino: "Ibiapina deixou/ dois pés de árvores plantados,/ o terço à boca da noite/ e o ofício nas madrugadas".

A Tarde, 7/8/83 (Salvador)

UMA
NOVA VISÃO
COM
CLICHÊS: PADRONIZADOS!

Clicheria CARIRI

LOGOTIPOS
PARA
IMPRESSOS COMERCIAIS
E
CARTAZES PUBLICITÁRIOS

Clicheria CARIRI

Rua Dr. João Pessoa, 386
Crato - FONE: 521-1223 - Ceará

CARIRI INDUSTRIAL DE ÓLEOS S/A

Av. Padre Cícero, Km 02

FONES: 511-0800 e 511-0932

JUAZEIRO DO NORTE-CE.

-
- Óleo comestível de algodão DELREY
 - Fluido para freios hidráulicos GMAK
 - Óleo de rícino medicinal RÍCINOL
 - Sabão em barra CARIRI

e mais :

- Óleo de mamona
- Óleo de babaçu
- ração de mamona desintoxicada
- ração de babaçu
- adubo de mamona

PATATIVA - Glória maior da Poesia Sertaneja.

PATATIVA aniversariou.

75 anos.

Cantando as belezas do sertão, a glória do nordestino, os sofrimentos de sua gente.

Uma voz em defesa dos fracos, humildes e oprimidos.

Uma voz em defesa da Ecologia, da preservação dos bens da natureza, da dignidade humana.

Uma voz que o Brasil inteiro ouve, respeita e admira.

PATATIVA - Uma Glória que o Assaré deu ao País.

O Bardo dos sertões, poeta da alma popular.

Nossos parabéns, PATATIVA!

Prefeitura Municipal de Assaré

Administração :

Dr. Pedro Gonçalves

F. J. Pierre e Irmãos

Variado Sortimento de Móveis e
Eletrrodomésticos.

ONDE
A TRADIÇÃO SE CASA
COM A
QUALIDADE DOS PRODUTOS

EXCELENTES PREÇOS E
CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

Rua Santos Dumont, 60
CRATO — FONE: 521 - 0014 — CEARÁ

Devoção a N. S. da Penha

Sob o título "Lágrimas na imagem da Penha fazem fiéis acreditarem em milagre", o **Diário do Nordeste** publica matéria, originária do Rio de Janeiro, no qual 40 fiéis da Irmandade de Nossa Senhora da Penha garantem ter visto a imagem chorando ao altar.

É interessante conhecer um resumo da origem da devoção a Nossa Senhora da Penha. Como é também interessante saber que no Brasil existe uma única diocese, que tem a Virgem da Penha como Padroeira: a do Crato.

A origem da devoção a Nossa Senhora da Penha nasceu na região de Castela, na Espanha. Edésia Aducci afirma que uma imagem da Virgem, durante a época das perseguições aos católicos, pelos invasores muçulmanos, havia sido escondida no alto de um rochedo. O nome desse rochedo era Penha de França, em virtude de ter servido de refúgio a um grupo de franceses, há algum tempo.

Séculos mais tarde um piedoso monge, Simão Rochão, teve uma miraculosa revelação sobre o local onde se encontrava escondida a imagem da Virgem. Deslocando-se até o lugar da revelação, localizou-a e ali ergueu uma ermida para abrigá-la. Esse local tornou-se um ponto de visitação dos fiéis, que adoravam a Virgem Santíssima sob o título de Nossa Senhora da Penha.

Hedimir Linguiti diz que existe na França, na cidade de Pau, localizada nas proximidades dos Pirineus, uma Igreja dedicada à Nossa Senhora da Penha. Naquela região francesa a devoção está relacionada com uma aparição da Mãe de Deus, a um camponês; que tendo adormecido so-

bre uma rocha, à beira de um rio, estava na iminência de ser tragado por um crocodilo.

A devoção a Nossa Senhora da Penha foi trazida para a cidade do Crato, pelos frades capuchinhos do Convento da Penha, do Recife. Rubens Gondim Lóssio diz que "a inovação e veneração de Nossa Senhora da Penha, nesta bem histórica e sempre católica cidade do Crato, nasceu mesmo com ela assistindo aos seus primeiros passos e guiando-lhe a curva gloriosa na senda do progresso.

Se o Crato foi batizado por frei Carlos Maria de Ferrara, Nossa Senhora da Penha foi madrinha carinhosa, que não cessou jamais de dispensar a todos a melhor proteção como soberana Rainha". Diz ainda Rubens Lóssio que "nenhum povoamento existia até 1740, apesar da densidade da população, quando nesse ano chegou frei Carlos Maria de Ferrara, que desde 1736 viera para o Recife, dali vindo ao Cariri em 1740 e ficando dez anos, ou seja, até 1750, dirigindo a catequese dos índios Cariris Novos". Devemos ainda ao estado do prof. Rubens Gondim Lóssio a informação segura de que "a capelinha, hoje Catedral do Crato, era, em 1742, simplesmente chamada de Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Miranda. Somente a 1º de janeiro de 1745 foi oficialmente dedicada a N. S. da Penha", e mais "três são as imagens de Nossa Senhora da Penha no templo principal do Crato. A primeira veio do Convento da Penha, no Recife, mandada pelo prefeito da Congregação capuchinha, frei Carlos José de Epézia, em 1745, pois encomendara uma, nova, para a Capela do Recife. feita

ENCONTRO COM LAMPIÃO

O meu pai, Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes, residente no sítio "Currais", distante 5 quilómetros da cidade do Crato, cultivava cana de açúcar neste e no vizinho sítio "Francisco Gomes", ambos a sudeste da cidade.

em Gênova. Há uma outra, denominada também do Belo Amor, e há grande imagem adquirida por Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, primeiro bispo do Crato, na Europa, e festivamente recepcionada em 1921, mas que permanecendo guardada, só foi entronizada e benzida no altar principal a 1º de setembro de 1938".

O templo cratense, dedicado à Virgem da Penha, é bonito, bem conservado, verdadeiro orgulho da gente cratense. Lá estão sepultados os dois primeiros bispos da Diocese do Crato (D. Quintino e D. Francisco). O atual Cura da Catedral, padre João Bosco Cartaxo Esmeraldo, substituiu o piso sem descaracterizar o conjunto arquitetônico daquela igreja. Recentemente todo o piso foi substituído por ladrilhos cerâmicos esmaltados.

Finalizamos com palavras do jornalista J. Lindemberg de Aquino no inspirado artigo onde afirma: "O povo cratense, cheio de fé e de amor a sua padroeira, a ela confia suas dores e suas mágoas, seus pedidos e esperanças, suas preces e angústias. E ela a delicada e meiga mãe, a conduzir os destinos espirituais desta terra, que tantas vicissitudes tem passado, mas que sempre vence, após cada tempestade. Vence porque a sua formação é calcada no amor, na fé à Virgem e na derradeira esperança de sua intercessão valiosa".

(DN - 15/1/84)

Criava caprinos, lanígeros e bovinos nas suas Fazendas "Cedro", "Belmonte" e "Sabonete" no município de "Serrita", em Pernambuco distante 120 quilómetros do Crato, circundados por Fazendas de criar de parentes cratenses e de amigos pernambucanos, quase despovoadas na época.

Nos sítios do Crato, na época das moagens — de maio a outubro — permanecia até as Festas de Natal, após as quais, nas primeiras chuvas de janeiro, transferia-se com a família em lombos de burros, para "invernar" nas caatingas pernambucanas, a fim de deliciar-se com a fatura de leite, queijo de manteiga, de coalha e de cabra, com a deliciosa "umbuzada", a carne de bode e de carneiro.

Neste Nordeste pernambucano, em conversas noturnas com vaqueiros, o tema predileto era o boi, os barbações, as volantes policiais, valentia, violência e prepotência dos "coroneis" Veremundo, de Salgueiro, de Chico Romão, de Serrita, de Chico Heráclito, de Limoeiro, de Florácio de Matos da Bahia, etc. e as lutas de extermínio dos Pereiras e Carvalhos dos sertões do Pajeú de Flores, apoiadas ora por um, ora por outro grupo armado, depois transformados em cangaceiros que talavam as caatingas, desassossegando as populações de um sertão sem lei, sem justiça, sem escolas, sem estradas, isolados do mundo.

Essa abundância é dos anos de bons invernos, de verde sem fim, de córregos e rios transbordando, de açudes sangrando, de gado corcoviando nos campos, da felicidade no semblante do sertanejo, das festas diversas e dos sambas.

Mas era e é em contrapartida, o

país dos campos desnudos, dos rios e açudes secos, da terra calcinada, das ossadas de animais no chão estorricado, da fome, das doenças, da morte inclemente, e atualmente dos "bolsões"...

Que providências contínuas foram tomadas para anular ou minorar esse terrível descompasso secular... O grande Presidente José Martiniano de Alencar, no ano de 1832, estabeleceu prêmio para o agricultor que construísse açude em sua propriedade; mas somente em 1909, com a criação da IFOCS, hoje DNOCS, foram procuradas soluções planejadas (hidráulicas, florestais, pelo refinado aproveitamento do solo, pela provocação de chuvas, etc.) mas, apesar da divisão do átomo, dos computadores, ainda vemos e sofremos as cenas dantescas de 1979/1983...

No Cariri cearense havia um cenário um pouco diferente, com água das fontes cantando nas levadas, com o verde dos canaviais, dos pomares, com o flabelar dos aristocráticos babaçus e buritis, com muita fartura nos anos normais. Mas era e é, também, nos anos de céus desnudos o país nordestino da fome, da miséria, em tudo semelhante ao chão pernambucano...

Estamos no período dos anos de 20/38, apogeu do famigerado Lampião, assim apresentado por Nertan Macêdo: "Devastará com incêndios e saques, centenas de propriedades. Destruirá casas e currais e fusilará milhares de rezes. Enfrentará mais de 200 combates com soldados e adversários pessoais, revelando-se ora de uma audácia incomum, ora de uma feroz valentia, e não raro uma covardia torpe. Terá gesto de nobreza e até galanteria, algumas vezes, noutras ocasiões se comportará como um cão danado, repelente e furioso.

Violentará mulheres, humilhará anciões. Espancará jovens e donzelas, imporá castigos físicos os mais sórdidos e brutais. Mandará ferrar

mulheres e homens nas nádegas e no rosto, desfrutando espetáculos cruéis. Promoverá festas ruidosas nos casebres dos sertões, onde não permitirá que os seus homens sejam incomodados sequer pela poeira, ordenando, para tanto, que o chão desses casebres seja aguçado com cerveja. Exibirá reações as mais contraditórias e inexplicáveis. Amará perdidamente os irmãos bandoleiros e as irmãs. Com eles e por eles chorará nos momentos mais tristes"...

Como vimos inicialmente, meu pai "invernava" com a família na Fazenda "Cedro" de janeiro a maio de cada ano...

Era o ano da graça de 1926, quando eu cursava o Colégio Militar do Ceará, hoje Colégio Militar de Fortaleza, afortunadamente por mim instalado, e, comandado de 1º de janeiro de 1962 a 15 de julho de 1964. Chegando de férias no Crato querido, mostrou-me meu saudoso e querido pai um bilhete do "Capitão Virgulino Ferreira Lampião" escrito da Fazenda "Sussuarana" do meu tio Antonio Fernandes Lopes, cerca de 10 a 15 quilômetros de nossa Fazenda "Cedro", ambas no município de "Serrita". Ó aludido bilhete, de abril ou maio de 1926 era dirigido ao seu "Coroneu" Cícero Pinheiro e pedia que mandasse pelo portador, nosso amansador de burro Vicente Galdino: um conto de réis, a burra de sua montaria, dois cavalos, quatro burros e o armamento que possuísse, bem como um vaqueiro que o conduzisse à casa de Pedro Xavier em "Ipueiras", sem passar na casa da sua Fazenda, para não assustar a família de vosso "mincê". A reação de meu pai foi, imediatamente mandar pegar os animais que pastavam na vazea do açude, apagar um rifle a recuperar e seis balas e mandar tudo pelo mesmo Vicente Galdino e o vaqueiro Joaquim Luiz, com o recado de que no dia seguinte iria encontrar-se com o "Lampião"

IPLANOR - IND. DE PLÁSTICOS
DO NORDESTE LTDA.

Sacos Plásticos Lisos
e Impressos
para Embalagem e
Impressão Fantasia
em Papéis.

Av. Padre Cicero, km. 3

CX. POSTAL, 13 - FONE: 511-1081

Juazeiro do Norte-Ceará

João Ranulfo Pequeno

JOÃO RANULFO PEQUENO nasceu em Crato, no dia 27 de maio de 1864 e morreu nesta mesma cidade, no dia 29 de setembro de 1939, aos

- MEU PAI

75 anos de idade. Foi sepultado no

na casa de Pedro Xavier, para acertarem detalhes sobre o conto de réis que era dinheiro demais.

Na manhã seguinte meu pai, acompanhado pelo seu cunhado José Fernandes Coimbra e pelo vaqueiro Joaquim Luiz, dirigiu-se a "Ipueiras", a fim de parlamentar com o temido "Capitão", que conversava com Pedro Xavier, sentados no banco de aroeira do alpendre, enquanto no terreiro da casa sentavam-se cerca de 50 cangaceiros, todos armados de Fuzil Mauser. Feitas as apresentações pelo dono da casa, convidou "Lampião" o "seu coroneu" para entrarem num quarto de arreios de vaqueiros, transcuraram-se e conversaram. Pediu o meu pai que mandasse restituir os cavalos e o rifle que pertenciam a seu filho que estudava em Fortaleza, e os quatro burros que fariam falta na moagem cariense que se aproximava, e que não podia dar a importância de um conto pedida que era muito grande e não a tinha.

Respondeu o "capitão" que mandaria restituir o rifle, as 6 balas e os animais, mas não dispensava o conto de réis, que poderia ser mandado buscar no "Crato" e encaminhado para "Cabrobó", seu próximo destino.

Quando saíram do quartinho, chegou Chico Romão e reclamou haver "Lampião" molestado a um amigo a quem muito devia, ao que o "Terror do sertão" replicou que não molestara pois nem sequer passara na sua Fazenda; que mandara restituir o rifle impréstável e os animais, apenas queria o dinheiro porque dele preci-

sava. Chico Romão concluiu dizendo que o dinheiro não seria mandado... "Virgulino" não insistiu, e tudo acabou bem; meu pai despediu-se conduzindo de volta os animais e o rifle, ficando os dois cavalos, por conta do vaqueiro, que não perderia tempo em afastar-se dos cangaceiros que o acompanharam ao cercado para entregar os animais.

Ao chegar na Fazenda "Cedro", meu genitor, que mandara pegar os animais no campo pelo vaqueiro Antonio Tomaz, mandou colocar as malas nas cangalhas dos animais e partiu sem perca de tempo para o Crato.

Percorridas 5 léguas, no lugar denominado "Alto Alegre" do Sr. Petrcnilio, onde pernoitariam, pouco tempo depois da chegada do comboio, a minha madrastra trouxe ao mundo, numa cama improvisada com malas de roupas, uma forte pernambucana... Tudo passa, menos a pernambucana e o rifle, que permaneceu desprezado no meu gabinete, até que em julho de 1982, doe-lo ao meu sobrinho Cel. João Tarcísio Cartaxo Arruda, atualmente Adido Militar em Lisboa... Realmente tudo passa: o homem passeou pela lua, inventou o bebê de profeta e engenhos nucleares e não conseguiu eliminar a violência e o civilizado hodierno assassina indiscriminadamente, à noite, à luz do dia, nas ruas, nas praças e nas residências; estupra meninas e fuzila bebês de colo, fazendo inveja aos "Cabeleira", aos "Antônio Silvino" e aos "Lampião", que gargalham no inferno...

cemitério local, em jazigo pertencente à sua família.

Seus pais foram JOÃO VITORINO GOMES LEITÃO (a) e ANA RITA ALVES PEQUENO (b). Foram seus avôs paternos, VITORINO GOMES LEITÃO (d) e ANTÔNIA VIEIRA DO NASCIMENTO, e seus avôs maternos, ANTÔNIO LUIZ ALVES PEQUENO (o primeiro) e RITA FRANCISCA TAVARES ALVES PEQUENO.

Casou-se com ANA FERNANDES PEQUENO (e), de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos:

JOSÉ — Falecido em tenra idade.

MARIA SUZETE — Professora diplomada em 1922, pelo Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza. De 1923 a 1935, exerceu seu magistério, com zelo e eficiência, no então Grupo Escolar do Crato, no Colégio de Santa Terêsa de Jesus e no então Ginásio do Crato. Em 1935, ingressou na Congregação das Filhas da Caridade, fazendo-se assim, religiosa daquela Ordem. Exerceu seu apostolado como educadora, na cidade de São Paulo, deixando marca da sua presença nos bairros da Consolação e de Santana, daquela capital. Posteriormente esteve na Casa Mãe da Congregação, no Matôso, na cidade do Rio de Janeiro, como secretária da Superiora Geral da Ordem. Últimamente encontrava-se na "Casa Providência", na cidade de Petrópolis, onde veio a falecer no dia 6 de agosto de 1981.

MARIA AURILIA — Residente em Crato.

JOSÉ PIO — Bancário, aposentado, residente em Fortaleza.

LÍVIO TARCÍSIO — Contabilista, residente em Crato.

ANA NELÍ — Professora, aposentada, residente em Fortaleza.

JOÃO — Falecido prematuramente.

JOÃO RANULFO (filho) — Projetista construtor e funcionário público federal do MEC, aposentado e residente em Crato.

JOAQUIM BENONE — Residia em Fortaleza, onde faleceu no dia 10 de outubro de 1980.

MATILDE — Religiosa (Irmã de Caridade), residente atualmente em Maceió — Alagoas.

LUIZ HERMANE — Falecido aos 8 anos.

ANTÔNIO ALBERTO — Engenheiro Agrônomo, residente em Morrinhos — Goiás.

JOÃO RANULFO PEQUENO pertencia a uma das mais ilustres e destacadas famílias do Crato do fim do século passado para o meado deste. Pessoa educada e de fino trato social, gosava da estima e da consideração da sociedade sua contemporânea e de quantos o conheceram. Foi elemento de destaque da vida social, comercial e política do município e da cidade do Crato, nas décadas de 1910 a 1930. Foi abastado comerciante, possuidor de imóveis nesta cidade, do seu sítio Jerônimo no Lameiro, e das suas fazendas Alecrim e Alto Alegre, nos atuais municípios pernambucanos de Parnamirim e Granito, respectivamente.

Foi um dos sócios fundadores do Banco do Cariri S.A., primeira instituição bancária do interior do Ceará.

Por motivo da proclamação da república, compareceu em 1889, à sessão extraordinária da Câmara Municipal, de adesão e obediência ao governo republicano, tendo assinado a ata daquele evento, em 43º lugar.

Primo, amigo e correligionário político do Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno — o terceiro (f), militou na política local até o afastamento daquele líder, da vida política cratense, no tempo da chamada ala aciolina. Como político, exerceu o mandato de Presidente da Câmara Municipal por mais de uma vez, e o de Prefeito Interino, com desapêgo, altruísmo e espírito público. Dentro do limite da realidade do Crato de então, quer sob o aspecto social,

político ou econômico, realizou profícua administração. O acontecimento mais destacado da sua administração, de relevante importância para o Crato de então, foi sua participação, como Prefeito da cidade, na inauguração da estação ferroviária desta cidade, simultaneamente com a chegada aqui, do primeiro comboio do trem da RVC, ocorrida no ano de 1926.

NOTAS BIOGRÁFICAS

(a) — JOÃO VITORINO GOMES LEITÃO, natural de Lavras da Mangabeira — Ceará, viveu em Crato. Foi destacado comerciante, tendo sido uma das figuras mais respeitadas da sociedade local. Era Capitão Comandante da 1ª Companhia do Corpo de Cavalaria Nº. 1 da Guarda Nacional, no Crato. Foi um dos administradores da cidade, na qualidade de Presidente da Câmara Municipal, a qual pertencia. Faleceu em Crato, nos idos de 1877.

(b) — ANA RITA ALVES PEQUENO, natural de Icó, era filha de Antônio Luiz Alves Pequeno (o primeiro), irmão do Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno (o segundo) e tia do Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno (o terceiro).

(c) — ANTÔNIO LUIZ ALVES PEQUENO (o segundo), foi figura exponencial da vida política, social e econômica do Crato do seu tempo. Foi um dos principais civilizadores do sul do Ceará, político de muito prestígio e uma das personalidades mais destacadas da região no tempo do Império, pelo que foi agraciado pelo governo imperial, com o título de Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional e posteriormente com a comenda de Cavaleiro da Ordem da Rosa.

(d) — VITORINO GOMES LEITÃO, exerceu considerável influência política em Lavras — Ceará, onde ocupou o cargo de Juiz Ordinário.

Nessa condição é que, a 16 de outubro de 1822, esteve reunido com outros membros do Colégio Eleitoral do Icó, entre os quais figuravam Tristão Gonçalves de Alencar e Leonel Pereira de Alencar, que decidiu rebelar-se contra a Junta Governativa do Ceará, mandando proceder a eleição para escolha dos deputados daquela província à Assembléia Constitucional das Côrtes do Brasil, após ter instalado ali, um governo provisório ou temporário, tendo assinado a ata desse histórico evento, em 58º lugar.

(e) — ANA FERNANDES PEQUENO, natural de Crato, era filha do grande comerciante e proprietário urbano e rural, JOAQUIM FERNANDES LOPES, uma das figuras mais respeitadas, destacadas e estimadas do Crato daquele tempo, pelas suas altas qualidades morais e sociais, e de sua esposa, MATILDE FERNANDES PEQUENO. Ana Fernandes Pequeno, foi senhora dotada de altas qualidades, decorrentes do seu caráter bem formado, da sua fina educação e do seu agradável trato pessoal, sendo por isso mesmo, muito estimada por todos os seus familiares, parentes e amigos, e por quantos a conheceram ou com ela conviveram.

(f) — ANTÔNIO LUIZ ALVES PEQUENO (o terceiro), nasceu em Crato, onde teve destacada atuação social, política e econômica. Sua atuação no período republicano, foi equivalente ao do seu pai no tempo do Império. Líder político de indiscutível prestígio, foi prefeito da cidade por mais de uma vez, e eleito deputado estadual por mais de uma legislatura. Foi o chefe e o vencedor incontestado do movimento que, em Crato, depôs o então influente e dominante chefe político local, Coronel José Belém de Figueirêdo. Era cidadão detentor de altas qualidades pessoais, de caráter firme, de grande capacidade administrativa, e possuidor de notável fortuna.

LEMBRE-SE SEMPRE DISTO :
VOCÊ TEM VÁRIAS APLICAÇÕES
PELA FRENTE.

MAS SÓ UMA TEM POR TRÁS
O NOME DO

BANCO DO BRASIL

Todas as aplicações que você conhece e que estão disponíveis no mercado têm um ponto que pode ser considerado forte.

umas prometem isso. Mas só isso.

Outras prometem aquilo. Mas somente aquilo.

RDB do Banco do Brasil

é uma aplicação que tem estes pontos fortes :

- você pode aplicar a partir de mil cruzeiros - ou seja, é um rendimento acessível a um número expressivo de investidores ;
 - seu dinheiro rende juros e correção monetária a partir de seu primeiro dia de aplicação ;
 - você pode escolher quando prefere receber seus rendimentos : trimestralmente, semestralmente, ou no final do período que você fixar ;
- e, finalmente, **RDB do Banco do Brasil** é um investimento que tem por trás um nome que nenhum outro tem.

Palavra do Banco do Brasil.

Converse com o Gerente.



BANCO DO BRASIL S. A.

Virgulino, o "capitão"

(Do livro - inédito - "Lampião" o estrategista caboclo)

Até hoje não existe uma explicação plausível para o fato de Virgulino Ferreira da Silva, em 1926, haver enganado ao próprio padre Cícero, a quem tanto respeitava e obedecia.

É de todos sabido que a Coluna Prestes, ou os "Revoltosos", como eram chamados, em todo o Nordeste, os seus integrantes, mobilizou os grandes líderes da região no seu encalço, empenhados como estavam em combatê-la, para o que contavam com um verdadeiro exército de jagunços.

Floro Bartolomeu, que desde o ano de 1914 chegara vitorioso a Fortaleza, depois de derrubar o governo de Franco Rabelo, também integrou-se à luta dos grandes latifundiários contra a "Coluna" que, em contrapartida, contava com a admiração dos trabalhadores rurais e da cidade, da pequena burguesia e da camada mais humilde da população que reforçava seus contingentes.

Floro, como os demais "coronéis", reuniu o maior número possível de jagunços, armando-os com o apoio das próprias autoridades federais para enfrentar os "revoltosos". Aquela altura, embora com 10 anos de efetiva participação no cangaço, "Lampião", com o afastamento de Sinhô Pereira, homisiado entre Goiás e o Maranhão, já se tornara sua figura maior, impondo-se como o mais afamado bandoleiro surgido nessa região do país, e suplantando, de longe, nomes como Quirino, Calandro, Né do Navio, Brilhante, Viriato e outros destacados saltadores.

Pedro Silvino, testa-de-ferro de

Floro Bartolomeu, sugeriu a mobilização do bando de Virgulino para o combate à "Coluna", sugestão imediatamente aceita, sendo expedida uma carta (há quem diga que Floro também escreveu outra com o mesmo objetivo) pelo padre Cícero Romão Batista convidando-o à sua presença.

Embora a princípio, pusesse dúvidas quanto à autenticidade da carta, julgando-a escrita por outra pessoa que não o seu padrinho, Virgulino decidiu atender ao chamado, rumando para Juazeiro em companhia de 40 cangaceiros.

Ali, além de enorme quantidade de armas e munições, recebeu a falsa patente de capitão do Exército, com a qual haveria de ser identificado por todo o resto da vida.

Mais uma vez, porém, este homem rude, sem instrução, deixou inequivocamente provada a inteligência privilegiada de que era dotado.

No ardor dos seus 28 anos, empregado com a patente e farda de "oficial", com que foi contemplado pelo padre Cícero, de cuja lealdade jamais duvidou, Virgulino poderia deixar-se seduzir pela honrosa distinção. Ele, entretanto, não era, apesar de muito jovem ainda, um homem que se deixava levar pelo entusiasmo, preferindo, muito pelo contrário, tomar decisões com extrema cautela, analisando com sua grande visão de estrategista as conseqüências que delas poderiam advir.

Melhor do que ninguém, sertanejo autêntico e sofrido que era e vivendo os problemas dos homens do sertão, "Lampião" sabia da imensa popula-

ridade desfrutada pela "Coluna", do prestígio gozado pelo seu comandante, da extraordinária repercussão dos seus feitos junto às populações rurais. Afinal, também ele era fruto do mesmo ambiente, sabia que os filhos daquela gente simples haviam voluntariamente engrossado as fileiras da "Coluna" e que os "coronéis", como o próprio Floro Bartolomeu, eram seus grandes perseguidores.

Como e por que, então, haveria de contrariar seus princípios, colocando-se contra seus iguais, para defender os interesses dos poderosos?

Evidentemente, não lhe era interessante desfazer a boa imagem que criara nos 10 anos já decorridos de sangrentas lutas pelos sertões do Nordeste, quando procurava fazer a seu modo a justiça que sempre foi negada àquela gente sofredora com a qual tanto se identificava.

Até hoje, há controvérsias sobre a verdadeira personalidade de Virgulino Ferreira da Silva, execrado por uns como bandido impiedoso e cruel, porém ressaltado por outros como um grande herói, justiceiro e cruel.

Se as opiniões são conflitantes sobre esse aspecto, em outro elas são unânimes: "Lampião não era burro. Justamente por não sê-lo é que, embora já uniformizado como "capitão", fortemente armado e municiado, tão logo deixou Juazeiro evitou qualquer confronto com a Coluna Prestes, preferindo passar ao largo, deixando-a prosseguir livremente em sua caminhada.

A sagacidade de Virgulino fê-lo compreender que nenhum valor teria sua "patente" e, como tal, jamais haveria de ser reconhecido "capitão" pelas volantes, as implacáveis inimigas que não cessariam a perseguição ao seu bando, enquanto não o exterminassem.

Um homem como "Lampião" não se deixava iludir com facilidade, daí ter preferido arremeter contra Mos-soró, ao invés de combater os "Re-

voltosos" que contavam com as simpatias gerais do homem do campo, esta mesma simpatia, que ele não poderia desprezar.

II — RASTEJADOR BELARMINO LEVA A VOLANTE ATÉ VIRGULINO

Lampião não se destacava apenas pela valentia, pela crueldade, pelo seu gênio de estrategista ou pelos rastros de generosidade que soube usar com tanta malícia e inteligência, atraindo as simpatias dos sertanejos como já tivemos oportunidade de ver ao longo dessa narrativa.

Era espantosa e impressionante a resistência física desse homem franzino, muitas vezes obrigado com sua cabroeira a andar dias e noites seguidos em meio às caatingas, para fugir da ação policial distribuída por várias volantes sempre nos seus calcanhares na implacável perseguição que lhe moviam visando exterminá-lo e a seu bando.

Se no Ceará, em respeito à figura do padre Cícero, Lampião não cometeu desatinos, já tive oportunidade de dizer que foi na Bahia onde ele se mostrou mais cruel e impiedoso, praticando e permitindo que os seus capangas também o fizessem, as maiores barbaridades contra suas vítimas indefesas.

Mas, certamente, na Paraíba, a partir do ano de 1923, quando ali chegou, foi o estado onde Virgulino Ferreira da Silva encontrou maior reação, enfrentando situações de grave perigo porque as volantes, desesperadamente ansiosas por liquidá-lo, não lhe davam um dia sequer de folga, obrigando-o a lutar seguidamente onde quer que fosse localizado, ou embrenhar-se pelas caatingas em fugas que em muito comprometiam sua reputação de grande guerrilheiro.

Além dos inúmeros reveses sofridos em sua passagem pelo solo paraibano, Virgulino Ferreira da Silva guardava

uma triste lembrança de suas aventuras pelos sertões daquele estado: a morte, em pleno combate, do seu irmão Livino, um jovem de apenas 20 anos, cujo corpo foi varado de balas no Sítio Tenório, para onde a Polícia fora conduzida pelo rastejador Belarmino, que seguira o rastro dos cangaceiros desde a localidade de Melancia.

Quem conhece a história deste combate, apesar de nele Virgulino haver sofrido desconcertante revés, ainda assim há de fazer justiça ao seu gênio, tal a maneira impressionantemente espantosa como pôde ele bater em retirada, escapando ao cerco da fuzilaria intensa desfechada pelas volantes dos sargentos Guedes e Cícero de Oliveira.

Certamente aí, no Sítio Tenório, Lampião não poderia imaginar que viesse a ser localizado, tais as precauções que tomou, visando confundir os experimentados rastejadores, como Belarmino de Moraes, com que contavam as volantes paraibanas. Cuidados tão especiais que me levam a acreditar na hipótese de uma delação, que me parece perfeitamente aceitável, tal o pavor que os cangaceiros espalhavam por toda a região onde, além de arrancar com a ponta de punhais as unhas do fazendeiro, João Clementino, de Piancó, já haviam praticado cerca de duas dezenas de assassinatos contra outros tantos proprietários de terras que por algum motivo haviam contrariado seus interesses.

A Polícia, que com ele combatera em Princesa, Misericórdia, Piancó, Pitombeira, e toda a zona do Rio do Peixe, contava com uma extensa rede de informantes voluntários naturalmente interessados no desmantelamento do grupo que, com suas atrocidades, implantara um clima de inquietação e terror naquela até então pacífica região.

Delatado ou não, o fato é que Lampião se viu envolvido pelas tropas

que cercaram o rancho onde estava com os seus homens, recebendo tiros de todos os lados.

Antônio Romeiro, cangaceiro seripiano dotado de extrema coragem, foi o primeiro dos seus homens a tombar sem vida em consequência de uma bala de fuzil que lhe esfacelou o rosto, deixando-o praticamente irreconhecível.

Livino e Antônio Ferreira, postados à janela da cozinha, respondiam com a mesma intensidade o tiroteio contra eles desfechado, enquanto Lampião, agachado por trás de umas pedras, transmitia instruções aos seus comandados, o que não o impedia, como um bom combatente, de também participar da luta.

No acesso do combate, bastante inferiorizado porque cercado por todos os lados por uma tropa muito mais numerosa, Lampião recebeu a notícia da morte de seu jovem irmão, vítima igualmente de um balaço que se alojou no pescoço.

Desorientado com o fato (durante toda a vida Lampião demonstrou sempre grande amor pelos seus familiares) este homem ainda assim soube manter o equilíbrio e serenidade que caracterizam os grandes generais quando obrigados a tomar decisões de suma importância para o destino de sua tropa.

Como já houvera feito em outras situações idênticas, Lampião não se perturbou pela nítida desvantagem em que se encontrava, procurando, muito pelo contrário, com aqueia frieza que o caracterizava, arquitetar um plano de fuga, antes que fosse trucidado juntamente com os companheiros, pelos inimigos cuja disposição para a luta transmitia aos bandidos a certeza de que dificilmente escapariam. A soldadesca não parava um só instante, intensificando a fuzilaria com o bando acuado e sem as mínimas condições de resistência.

A sorte, porém, também já disse,

era uma aliada incondicional de Virgulino, salvando-o, não poucas vezes, de graves situações. Também em Tenório ela veio em sua ajuda em forma de violento e inesperado temporal que transtornou aquela noite de luar brilhante em terrível escuridão. Os relâmpagos e trovoadas não menos surpreendentemente, se fizeram vistos e ouvidos pela tropa, já então confusa porque sem compreender o estranho fenômeno, que determinou a brusca mudança do tempo.

Lampião, com seus rápidos reflexos, aproveitou-se do fato para fugir espetacularmente, com seus homens arrastando-se pelo chão, no mais absoluto silêncio.

Estava escrito, porém, que ele não haveria de ter sossego em terras paraibanas. Se escapou do cerco no Sítio Tenório, em Gavião, para onde se dirigiu com os seus homens extenuados, na esperança de obter um repouso que lhe possibilitasse restaurar as energias perdidas, reorganizando o bando e refazendo-se do duro golpe sofrido com a perda do irmão, teria de lutar, mais uma vez, pois ali se encontrava, surgida não se sabe de onde, uma outra e bem descansada volante.

Foram 3 horas seguidas de combate sangrento, em meio ao qual Virgulino sofreu três outras baixas com as mortes dos cangaceiros Toquinho, Manoelito e Primo.

Não lhe era possível, dadas as precárias condições em que se encontrava brigar por mais tempo, sendo a fuga a medida mais prudente que deveria tomar.

Cortando as caatingas, chegou à localidade de Cachoeira de Minas, em cujas terras passou menos de 24 horas antes de ser novamente localizado e perseguido, vindo-se obrigado a travar um novo combate porque cercado pela volante do sargento Belarmino. Uma briga violenta, na qual os bandidos, já sem condi-

ções físicas demonstravam evidentes sinais de cansaço.

Fugindo sempre, viu-se novamente cercado algumas léguas adiante, já nas proximidades de Abóboras.

Foi um nunca mais acabar de lutas entre policiais e bandidos. Em Caboré, depois de exterminar toda uma família, seguiu para a Fazenda Tabuleiro, onde enfrentou Optato, seu antigo inimigo da força pernambucana. Brigou ainda na Serra do Catolé, em Trepia. Pelo Sinal, Timbaúba, Jenipapo, Rio do Peixe, Catingueira e Conceição.

Onde quer que surgisse na Paraíba haveria de ter a Polícia no seu encalço. Lampião, não descansava. Sofreu baixas em Inhaúma, porém, em contrapartida, matou dezenas de pessoas, certamente com represálias diante da perseguição que sofria.

Toda sorte de vandalismo foi praticada por Virgulino em sua passagem por ali: saques, incêndios, mortes, castigos cruéis e impiedosos marcavam a presença do bando nas vilas e povoados.

Seus 73 cangaceiros, número exato com que chegou a Pernambuco, haviam, no seu linguajar macabro, "dado um banho de sangue" na Paraíba, embora também eles houvessem sofrido quando caídos com vida em poder das volantes, as mais inomináveis atrocidades.

Difícil se distinguir, entre bandidos e soldados, olhando-se sob o aspecto de violência, quem dentre eles eram bandidos ou eram soldados. Não havia diferença nem mesmo com relação ao tratamento dispensado aos "coiteiros", sofrendo de ambos os lados implacável perseguição, às vezes por simples e nem sempre confirmadas suspeitas.

Nunca os cangaceiros empregaram um termo com tanta propriedade como o que procuravam traduzir a sua permanência nos sertões paraibanos: houve verdadeiramente um

banho de sangue que atingia indistintamente a todos.

Sabe-se que nos vários combates que ali travou, Lampião, perdeu nada menos do que 16 homens, matou cerca de 30 pessoas, algumas delas sangradas e abateu das volantes oito policiais.

Um saldo realmente espantoso e que traduz com fidelidade o que foi a permanência tenebrosa dos celedrados naquele estado brasileiro.

III — O COMBATE QUE RESULTOU NA MORTE DO TENENTE OLIVEIRA

É inacreditável como Virgulino Ferreira da Silva houvesse escapado de alguns cercos da Polícia ou mesmo saído ileso de combates dos mais acirrados que resultaram na perda de grande número de homens, tanto de um, como de outro lado.

É verdade que o "Capitão", como, aliás tenho me preocupado em demonstrar no decorrer desta narrativa, era um perfeito estrategista, sabendo, como ninguém, atrair o inimigo, envolvê-lo e destruí-lo, da mesma maneira como invertia posições, furando bloqueios quando tudo se lhe apresentava como irremediavelmente perdido.

Também me impressiona na lenda a figura desse cangaceiro, a extraordinária capacidade de resistência de que era dotado, enfrentando seguidamente várias "volantes", vencendo-as na maioria das vezes ou recuando no momento exato, quando sentia lhe ser totalmente impossível conquistar a vitória.

Além do combate travado na Serra Grande, sobre o qual já me referi, tenho conhecimento de vários outros memoráveis encontros de "Lampião" com a Polícia, alguns deles violentamente sangrentos e nos quais soldados e cangaceiros, nivelando-se em ferocidade, deixavam inequivocamente provado no agreste solo nordestino,

que entre eles pouca diferença havia em termos de selvageria, de perversidade.

Realmente, (quanto a isso, os depoimentos de quantos viveram a "era de Lampião" estão aí a prová-lo) as volantes, integradas por homens necessariamente valentes e dispostos, recrutava-os nas mesmas regiões conhecidas por tradição, como celeiros de bandidos, tais eram os casos de Pajeú e Navio, onde a criminalidade atingia índices absurdos e jamais contidos pela incapacidade, covardia ou conivência das "autoridades", não raro, também elas, com algumas contas a acertar com a Justiça

A propósito de Pajeú, vale lembrar-se a escaramuça entre a força paraibana do tenente Oliveira e o bando de Virgulino Ferreira da Silva, quando, gravemente ferido por uma bala que lhe transfixou o tórax, perdeu a vida este jovem e valente oficial. Combate, sangrento e cruel, deu início a uma série de outros não menos apavorantes em virtude da violência com que foram travados pelos litigantes, mais parecendo feras que verdadeiros seres humanos.

Com a morte do tenente Oliveira e com sua tropa destruída, preparava-se "Lampião" para deixar o local, quando, inesperadamente, foi cercado por um contingente policial que contava, entre outros, com a participação dos experimentados capitão José Caetano e tenente Higino, antigos e tradicionais inimigos do cangaceiro. A luta foi horrível porque os bandidos, encurralando o sargento José Guedes, remanescente da força por eles dizimada, procuravam, através de cerrada fuzilaria, impedir a aproximação do reforço que chegava pela retaguarda.

Procurando desesperadamente vingar a morte do jovem companheiro, muito querido no seio da tropa paraibana, o capitão José Caetano, mesmo em condições pouco favoráveis, parecia um demônio no co-

mando dos seus homens que, imitando os bandoleiros nos seus relinchos diabólicos, sobre eles despejavam, incessantemente, uma chuva de balas, logo respondidas pelos bandidos, em nada inferiorizados em ferocidade.

Longe de esmorecer, as baixas registradas em ambos os lados aumentavam o furor dos combatentes, impregnados de ódio que mutuamente nutriam. Com verdadeiro desapego à vida, aproximava-se uns dos outros, diminuindo cada vez mais a distância que os separavam como se dispostos estivessem a travar uma luta corporal.

"Lampião" não se esquivava. Muito pelo contrário, encontrava-se sempre na primeira linha de fogo, pulando de um para outro lado, protegendo-se junto às árvores, enfim atuando de maneira temerária como se na verdade estivesse desafiando a própria morte, ela que foi, durante 22 anos, sua mais constante e inseparável companheira.

Estava escrito, porém, que ainda desta vez o intrépido sertanejo haveria de vencer mais um obstáculo, retirando-se sem um ferimento, além daquele que o atingiu em cheio o coração, deixando-o profundamente triste pelo resto da vida, a ponto de considerar-se desiludido com o canção do qual não apenas foi, mas continua sendo, até hoje, indiscutivelmente, sua principal figura. A morte de Livino, o irmão querido, abateu profundamente a Virgulino Ferreira da Silva, que, ainda assim, amargurado pelo trágico acontecimento, não perdeu o reflexo de estrategista, organizando magistral retirada: entrou por um "banco" de macambira, transpondo-o como um relâmpago para reaparecer três dias depois na Fazenda Serrote Preto, interior de Alagoas, onde, longe de encontrar o repouso de que tanto necessitava, deparou-se com três oficiais que seguiram seu rastro, à frente

de numerosos soldados, obrigando-o a uma nova e não menos cruenta luta.

"Lampião" voltou a triunfar e a força pernambucana, com a grande derrota sofrida, retornou ao ponto de partida desfalcada dos tenentes Francisco e Adauto, ambos paraibanos e que a ela se integraram na caça aos bandidos. Além deles, dois outros soldados foram também abatidos pelos cangaceiros que seguiram com destino a Moxotó, fazendo-se guiar pelos caminhos, para eles desconhecidos, por um sertanejo que prenderam pouco antes, em Mata Grande, a menos de um quilômetro de Serrote Preto.

*

* * *

Contou-me "Labareda" o combate de que participou na Serra das Paínelas com as tropas do major Teófanês, segundo ele mais difícil em toda sua trajetória, no cangaço, pelas circunstâncias em que se viu envolvido juntamente, com os companheiros. O próprio Ângelo Roque da Costa, encurralado como se encontrava, não acreditava na mínima possibilidade de escapar com vida, principalmente depois que, tendo como companheiro de trincheira Cícero Costa e Lavandeira, assistiu a morte de ambos com os corpos crivados de balas, ficando Lavandeira irreconhecível porque um balaço de fuzil, desferido a poucos metros, desfigurou-lhe o rosto. Até mesmo "Lampião", sempre mantendo o sangue frio em situações as mais melindrosas, deixava transparecer evidentes sinais de séria preocupação pois, com a munição praticamente esgotada e com o número de combatentes reduzido, não via como furar o bloqueio da "volante", que se mantinha no ataque, atirando de todos os flancos e apertando cada vez mais o cerco em torno do bandido.

Para maior desespero do grupo, cuja força moral repousava na pre-

sença física de Virgulino, à frente do mesmo, o próprio "Capitão" foi posto fora de combate depois do tiro de fuzil que recebeu no pé esquerdo, impedindo-o de manter-se no comando de seus homens. O ferimento, além de produzir grande perda de sangue, causava-lhe dores dilacerantes.

Os cangaceiros, assim desorientados pela perda do grande comandante, ficaram à mercê do inimigo, então com maiores facilidades para investir contra suas posições.

Sangrando abundantemente e sofrendo dores violentíssimas, Virgulino escondeu-se sob umas moitas, ali permanecendo durante todo o tempo em que os soldados, sedentos de sangue, caçavam remanescentes do grupo para sangrá-los, como, aliás era a praxe acontecer. Por várias vezes, segundo "Labareda", Virgulino esteve a ponto de ser descoberto pelos rastejadores do major Teófanês, que examinavam palmo a palmo o local da luta, certos, estavam da presença de inimigos feridos, em virtude dos rastros de sangue espalhados em várias direções.

Até hoje não há explicações para o fato de "Lampião" não ter sido descoberto, ele que esteve, por duas ou três vezes, na iminência de ser pisado pelos próprios soldados, tão próximos estiveram do seu esconderijo.

A sorte, mais uma vez, protegeu ao valente sertanejo. A tropa, depois de muito procurá-lo, sem êxito, decidiu-se retirar-se, ficando ele inteiramente só, sem poder movimentar-se e — muito pior —, com os companheiros ignorando seu paradeiro.

Durante 17 dias Virgulino passou por um sofrimento atroz, pois o ferimento, sem qualquer tratamento, provocou uma infecção que, em poucos dias, fazia exalar terrível mau cheiro que nem mesmo o cangaceiro tinha condições de suportar. Ademais, para piorar a situação, faminto,

sedento e com muita febre, agravou-se de tal forma a infecção que os vermes passaram a brotar do ferimento em quantidade tão impressionante que se espalhavam por todo o corpo invadindo-lhe os olhos, narinas e ouvidos.

Lampião estava condenado a uma morte jamais imaginada: à mingua, com fome, inteiramente só e devorado pelos vermes.

Uma morte em nada digna para um guerrilheiro de sua categoria que jamais fugiu ao perigo, enfrentando corajosamente aos inimigos, em um exemplo de como portar-se com dignidade em situações adversas.

Agora lá estava ele como se fora um verdadeiro trapo humano, ansiando para que a morte viesse pôr termo aos seus sofrimentos angustiantes.

Carca de 17 dias Virgulino sofreu terrivelmente e quando tudo parecia consumado, um garoto, Antônio de Terto, filho de um velho conhecido de Ingá, o descobriu naquelas deprimentes condições, dele se acercando apesar do mau cheiro que exalava. Providenciando os primeiros socorros, já então em companhia de seus pais, o garoto trouxe-lhe uma garrafa de leite de cabra e raspadura, enquanto Antônio Ferreira, irmão do cangaceiro e também vítima de ferimentos no combate, era informado da situação em que o mesmo se encontrava.

Levado à sua presença, Antônio sensibilizou-se de tal forma que não conteve as lágrimas, levando o "Capitão" a reagir de modo enérgico, sob alegação de que aquilo eram coisas da vida, devendo ele, ao invés de chorar, providenciar uma boa quantidade de creolina para a limpeza da "bicheira" que tanto o incomodava.

Cinquenta companheiros, dispersos pelas caatingas, ainda sem conhecerem de fato o destino do chefe, muitos acreditavam que houvesse perecido no combate, reagrupara-se na

localidade de Princesa, para onde ele havia sido removido, ali permaneceram durante vários dias na fazenda de antigo coiteiro. Lampião foi visitado, nesse período, por muitos figuras importantes.

Sua recuperação foi relativamente rápida e, com aquele espírito inquieto, não tardou a planejar uma nova viagem a fim de acertar antiga diferença em Tapera com seu antigo desafeto Manoel Giló, de cuja família, além dele próprio, matou nada menos que 14 pessoas.

IV — LAMPIÃO CERCADO E MORTO NO ANGICO

Razões não faltaram a Ângelo Roque da Costa, o "Labareda", quando, pressentindo as dificuldades para a fuga ante a um possível ataque das "volantes", se recusou a seguir para a Gruta do Angico, por ele já conhecida, preferindo, mesmo com toda a tempestade e, fortemente gripado, ir ao encontro do coiteiro que lhe prometera um vidro de "Xarope de Angico Pelotense", medicamento que não dispensava, porque de comprovada eficiência, na cura de suas enfermidades anteriores.

Ouvisse "Lampião" os seus conselhos e, por certo, às quatro horas da manhã, quando "Maria Bonita", des preocupada, rumava para o terreiro, não teria sido surpreendido pela rajada, quase à queima-roupa, da costureira do aspirante Ferreira.

Bem que Luís Pedro, também, morto, ainda tentou a fuga, pois, como disse em suas, possivelmente, últimas palavras, "é gente muita que tá aí", fuga impedida por "Maria Bonita" ao invocar um seu compromisso de que jamais abandonaria "Lampião", seu compadre, em meio ao combate.

Do que se passou naquela madrugada trágica, na qual o fogo dos fuzis se confundia com o ronco dos trovões, estremeados pelo clarão dos relâmpagos que iluminava a ainda

adormecida área do sertão sergipano, não há, obviamente, outras testemunhas, além daqueles que viveram o grande momento.

Como Durval Rodrigues Rosa, hoje prefeito da cidade de Poço Redondo, mas, na época, um jovem de apenas 18 anos, a quem o destino reservou a missão de conduzir, sob a ameaça de morte, a tropa do tenente Bezerra até a Gruta do Angico, presenciando, ele próprio, a chocina que ali teve lugar, inclusive com a degola de 11 cangaceiros abatidos em meio ao surpreendente ataque da "volante" alagoana.

Como geralmente o fazia, às sextas-feiras, o jovem Durval, filho de D. Guilhermina Rodrigues Rosa, proprietária da Fazenda Angico, conduzia o gado que iria abater para vendê-lo na Feira do Pão de Açúcar, em Alagoas.

Tão despreocupado estava que não pressentiu a presença do cangaceiro Zé Sereno, indo vê-lo somente quando ele, interrompendo sua caminhada, disse-lhe que o "capitão" queria lhe ver, no que foi prontamente atendido.

Descendo em companhia do bandido, pôde divisar muitos homens e mulheres banhando-se no riacho, tendo "Lampião", ao chegar, estabelecido com o mesmo o seguinte diálogo: "Para onde você vai com este gado?"

"Para o Angico", respondeu.

"Você abate gado?", insistiu "Lampião".

"Abato, sim senhor!"

"Lampião" sabia que Durval era filho de D. Guilhermina e irmão de Pedro de Cândido, com quem mantinha alguns negócios e, certamente, por isso, procurou tranquilizar o rapaz, deixando-o inteiramente à vontade até a hora em que o liberou, pedindo-lhe que trouxesse certa quantidade da carne do gado que iria abater, orientando-o, ainda, naquilo que considerava a "regra do bom viver": ver, ouvir e calar.

No outro dia, sábado, voltou à gruta, visita que se repetiu no domingo quando fez entrega a "Lampião" de duas peças de "chã-de-fora", conforme o pedido que lhe fora feito na sexta-feira.

Na segunda-feira, como já havia avisado, não esteve com "Lampião" porque, negociante na Feira de Pão de Açúcar, teria que levar a carne para vender, voltando a encontrá-lo, somente, no dia imediato quando, em companhia de seu irmão Pedro de Cândido, foi à Gruta para que este acertasse determinados negócios, que ainda hoje jura ignorar, com o famoso bandoleiro.

Como das vezes anteriores o cangaceiro mostrava-se muito tranqüilo, chegando a estabelecer com os mesmos uma conversa mais ou menos demorada sobre variados assuntos, ao fim da qual lhes disse que iria viajar na quinta-feira, pela madrugada, para o que estava aguardando apenas a chegada de "Corisco" e de "Labareda".

Antes das despedidas, apresentou o seu sobrinho José, chegado dias antes, tendo solicitado de Durval, por empréstimo, uma máquina manual, de costura de D. Guilhermina, a fim de que "Maria Bonita", também presente, preparasse o bernal do jovem, visto que Manuel Félix ainda não conseguira comprar em Piranhas a que lhe fora encomendada.

Este pedido Durval atendeu à noite do mesmo dia, levando a máquina de sua mãe, que apanhara sem o consentimento desta, recebendo de "Lampião" instruções para retornar no dia imediato pois, como estava de viagem marcada para a quinta-feira, queria devolver-lhe a máquina e efetuar o pagamento correspondente a trinta e seis criações (bodes) que ele pegara para alimentar o bando durante o período de permanência no Angico.

Eram cerca de duas horas da manhã, quando Durval foi despertado pela voz de seu irmão, Pedro

de Cândido, que o chamava, insistentemente, do lado de fora da casa, onde se encontrava preso pelo tenente Bezerra e pelo aspte. Chico Ferreira.

Ao vê-lo, Pedro de Cândido disse-lhe que a "volante" descobrira suas ligações com o bandido, sendo conveniente que Durval nada negasse porque ele próprio, Pedro, já havia sido bastante "judiado" pela "volante", que, inclusive, a ponta de punhal, furara seu corpo em várias regiões.

Mesmo aquiescendo, ainda assim o aspirante Ferreira tentou maltratá-lo, dando-lhe violento empurrão que o levou a cair na varanda, procedimento este que mereceu pronta reprovação do tenente Bezerra, com a expressão seguinte:

— Não faça isso, compadre. Nós vamos precisar muito desse homem...

Chegando Durval à beira do passeio, Bezerra retirou do bolso um telegrama que lhe passara o Cel. Lucena da Polícia alagoana, iluminando-o com uma lanterna a fim de que Durval pudesse ler o seu texto, o que não conseguiu fazê-lo porque, tremendo muito pelo medo que lhe causava a "volante", julgava que também seria morto qualquer que fosse o resultado da batida policial.

Diante disso, o próprio Bezerra, em voz alta, fez a leitura do telegrama, cujo texto era o seguinte:

"Tenente Bezerra:

Gado no curral. Vaqueiro Pedro de Cândido. Quero resultado do gado ou sua cabeça.

Cel. Lucena"

Dali mesmo, sem que a Durval fosse permitido, sequer, voltar ao interior da casa, foi iniciada a caminhada rumo ao Angico, sob intensa chuva, com ele à frente, onde chegaram às 4 horas da manhã.

Cautelosamente, apesar, do intenso nervosismo da tropa, o tenente Bezerra distribuiu a "volante" de modo estratégico, colocando a gruta sob tal cerco que aos bandidos não seria possível a fuga senão passando sobre

os soldados, como de fato chegou a acontecer.

O aspirante Chico Ferreira, com Pedro de Cândido junto, colocou seus homens próximo ao riacho, enquanto Galeão, com outro grupo, cobria o lado da serra, perto da Umburana, deslocando-se Aciceto pra Santa Cruz, onde Antônio José, irmão de D. Guilhermina e também amigo e coiteiro de "Lampião", tinha sua residência.

Tenente Bezerra, em companhia de quem Durval permaneceu, cobria a Serra dos Perdidos, tendo antes da distribuição da tropa advertido de que "Lampião" está aí e vamos brigar com ele. Quero todo mundo calmo, aguardando minhas ordens.

Sob seu comando, entretanto, encontrava-se o soldado Antônio Jacó, feroz inimigo de "Lampião", a quem nutria um ódio mortal em virtude de problemas havidos com um seu tio.

Ao ver os bandidos, mal o dia clareara, o soldado, cuja impaciência extrapolara todos os limites, não se conteve, pedindo ao tenente que os soltasse pois já não tinha calma, ao tempo em que, dando vazão a todo o seu ódio, gritou, espumando de raiva, do privilegiado local onde se encontrava:

"Lampião", corno fio de uma égua. Hoje nós risca nossa conta de cartía, peste!

Foi o início da fuzilaria, deflagrada logo após o tiro seco desfechado por Antônio de Jacó em direção aos bandidos.

De onde se encontrava junto a Bezerra, Durval podia ver, sem ser visto, todo o movimento desesperado dos bandidos, colhidos de surpresa em condições tão desfavoráveis. O padrão estabelecido foi geral, principalmente depois que "Maria Bonita", vendo o amante mortalmente ferido, gritou de modo a ser ouvida até mesmo pelos inimigos, excelentemente entrincheirados a poucos metros do ponto onde se encontrava:

— Corre, Luís Pedro, mataram "Lampião"!

Tão próximo estava do bando, em local estrategicamente escolhido por Bezerra, que ainda pôde ouvir a aflição de "Maria Bonita", ao ver "Lampião" caído, com um tiro sobre o olho esquerdo, traduzido no grito de desespero em meio à intensa fuzilaria:

— Corre, Luís Pedro, mataram Lampião!

Um tiro certo e fatal naquele que foi, sem qualquer dúvida, a expressão máxima do banditismo nas Américas.

Baleada na perna e caída junto a "Lampião", a quem corajosamente manteve-se fiel até a morte, "Maria Bonita", via o avanço dos soldados em sua direção, todos eles gritando desvairadamente, enquanto os bandidos, inteiramente desorientados, atirando a esmo, forçavam a fuga em todas as direções.

Durval, que não chegara a ver o momento exato em que "Lampião" caiu baleado, estava presente, entretanto, à cena em que o soldado Cecílio, de Piranhas, ignorando os apelos de "Maria Bonita", implorando que "pelo amor de Deus não me mate!", sacou o punhal e friamente aplicou seguidos golpes na indefesa mulher, matando-a de modo cruel e bárbaro.

Minutos depois, cessado o tiroteio, chega à gruta o tenente Bezerra que, ao saber da maneira como "Maria Bonita" fora assassinada, num ímpeto de revolta, "parabellum" à mão, exigia que lhe dissessem "qual o cachorro que matou uma mulher linda como esta" e que deveria ser capturada viva porque tinha muita história para contar.

Ninguém delatou o assassino, tendo Bezerra logo se esquecido do episódio porque, eufórico com o seu grande feito, exterminando a vida daquele que desafiara e vencera durante 22 anos os mais valentes oficiais de sete estados nordestinos.

Surpreendido quando levava uma

caneca de água à boca, "Lampião" poderia ter sido fuzilado momentos antes por um soldado que chegou a fazer mira contra ele, o que não aconteceu por interferência do tenente Bezerra que preferiu, por vaidade pessoal, ou porque estivesse em melhor posição, metralhar ele próprio o bandido.

Contudo embora não assistisse à morte dos 11 bandidos, Durval presenciou, de perto, o trabalho de soldados que, munidos de facão, degolaram, um a um, os bandoleiros, cujas cabeças, levaram consigo para as Alagoas, deixando os corpos, insepultos, expostos no próprio local onde tombaram, do que se aproveitaram os urubus para devorarem suas vísceras.

Durante oito a nove dias assim permaneceram até que moradores da localidade, entre os quais o coiteiro Manoel Félix, jogaram as ossadas numa gruta, assemelhando-se a uma pequena lagoa onde se acumulam as águas do São Francisco.

José, sobrinho de "Lampião", que dormia junto a "Quinta-Feira", quando se deu o cerco, contou, em Poço Redondo, que este bandido, ao pegar do fuzil, tentando a resistência, recebeu uma bala na cabeça, caindo imediatamente morto, tendo ele conseguido escapar sem ser notado dada a confusão estabelecida no local.

"Laranjeiras" e "Candeiro", também baleados, lograram escapar, o mesmo ocorrendo com "Criança", "Zé Sereno" e Cila, que mais tarde vieram a se entregar à Polícia de Poço Redondo.

Dois dos bandidos que se encontravam há dias na gruta (Manoel Félix calcula que eram 70, aproximadamente) fugiram por um golpe de sorte, pois, nesse dia, como era costume fazê-lo pelas madrugadas, foram ao curral de Júlio Félix apanhar leite para o bando, quando ouviram o tiroteio.

Atônitos, viraram-se para o vaqueiro e perguntaram:

"Seu Júlio, fogo no rancho. O quê é qui nois faz?"

"Corram e fujam", foi a resposta que receberam e que lhes salvou a vida.

Em Pão de Açúcar, onde se encontrava, "Corisco" tomou conhecimento, através de Joça Bernardo (o delator de Pedro de Cândido e Durval Rosa) que o fazendeiro Domingos dos Patos, de quem era inimigo pessoal, fora o condutor da "volante" até a gruta, visando, com isso, vingar-se do inimigo a quem muito detestava.

"Corisco", chamado de "Diabo Louro", por sua índole perversa e má, não perdeu tempo..

Imediatamente rumou para Piranhas com o seu grupo, prendeu Domingos e toda a família, depois de haver invadido a Fazenda dos Patos, sangrando a todos, num total de seis pessoas (inclusive um genro do fazendeiro), degolou os vitimas e colocou as cabeças em um "caçua", mandando-as, através de João Crispim, para o tenente José Bezerra, que tinha ligeiro parentesco com os mortos, com o seguinte bilhete:

"Bezerra.

Estas cabeças arrastarão outras. Peque e coma.

"Corisco".

Pouco depois, "Corisco", o temível "Diabo Louro", a quem deveria caber a tarefa de suceder "Lampião", também era assassinado, exterminando-se, assim, de uma vez por todas, com o bando de celerados que por duas décadas dominou o sertão do Nordeste brasileiro.

V — O DIA QUE ANTECEDEU A MORTE DE LAMPIÃO

Nascido e criado em Poço Redondo, de onde jamais se afastou, trabalhando sempre no campo, Manoel Félix, um sertanejo calmo e tranquilo, é, certamente, a principal testemunha de tudo o que ocorreu com "Lampião" e seu bando durante os sete dias de permanência na Gruta do Angico, onde, surpreendido pela

tropa do tenente Bezerra, encerrou, tragicamente, os 22 anos de aventuras pelos sertões de sete estados nordestinos.

Durante muito tempo conviveu com "Lampião", sendo por ele encarregado da aquisição de mantimentos na feira de Piranhas, no Estado de Alagoas, do outro lado do Rio São Francisco, bem à frente de Canindé.

Manoel Félix, como a grande maioria dos moradores de Poço Redondo de uma certa idade, viu de perto "Lampião", a quem jamais traiu, ou temeu, porque dele ignora qualquer crueldade praticada na região contra os que ali viviam, o que não acontecia, porém, com as "volantes", temidas e odiadas pela barbaridade de seus integrantes que, no afã de compensarem sua incapacidade em descobrir o bandoleiro, martirizavam com seus impiedosos tratamentos a quantos julgavam "coiteiros".

Manoel Félix, amigo particular de Virgulino Ferreira da Silva, a quem reconhece "um homem fino e educado", embora lamentando o seu trágico fim, "porque um homem como Lampião não devia morrer assim", confessa ter sentido "uma frescura de alívio no espinhaço", ao certificar-se de sua morte, pois, mais dia, menos dia, sabia que também ele acabaria torturado pelas desumanas "volantes".

Seu depoimento (gravado), que nos prestou em Poço Redondo, percorrendo em nossa companhia os principais pontos por onde "Lampião" passou, é o maior documento que pode existir sobre os últimos dias do "Governador do Sertão".

Manoel Félix, que já conquistara a confiança de "Lampião", teve oportunidade de fazer algumas viagens em companhia do famoso bandoleiro, a última das quais à localidade conhecida como Capoeira, às margens do Rio São Francisco, fato ocorrido após sua chegada à Gruta do Angico.

Em meio à viagem, pegaram uma cabra, do que se encarregou o pró-

prio Manoel Félix, com ela preparando o almoço, já por volta das quatro horas da tarde. Propositadamente, tendo em vista que o encontro se daria à beira do rio, por onde navegavam muitas canoas, "Lampião" permaneceu escondido no mato até o cair da noite, quando foi avistar-se com o fazendeiro Joaquim Rizério, com quem fizera as pazes, após longos anos de feroz inimizade. O que conversaram ninguém veio a saber, pois a reunião entre ambos foi sigilosa, em local reservado.

Já de retorno à gruta, um fato chamou a atenção de Manoel Félix: a preocupação de "Lampião" e seu bando em não matarem cobras por mais venenosas que fossem. Disso, aliás, o próprio "coiteiro" teve provas quando, distraidamente, ia pisando uma cascavel que surgira em meio ao caminho. Pegando de um pau para matá-la, foi impedido por Zé Sereno, que não permitiu, procurando, com muito jeito, fazer que a cobra retornasse aos matos de onde havia saído.

Em outra oportunidade, quatro ou cinco dias antes da chacina, Manoel Félix, em companhia de seu irmão Adauto, foi até a gruta levar para "Lampião" certa quantidade de doce de coco, por ele muito apreciado, tendo o cangaceiro, bastante satisfeito, agradecido o presente, logo distribuído em pequenas quantidades com algumas mulheres do grupo, "Maria Bonita", Enedina, Cila, Maria, Dulce e Maria, mulher de Juriti.

Nesse dia, depois de chegado um seu sobrinho — José — de 18 anos, a fim de integrar-se ao bando, tendo "Lampião" encarregado o "coiteiro" de comprar, na feira de Piranhas, do outro lado do rio, a mescla para preparar o bernal do jovem, o que, entretanto, não chegou a acontecer, como veremos mais adiante.

Conquanto nada lhe dissesse diretamente, porque com ele não conversava sobre assuntos internos do grupo. Manoel Félix ouviu de "Lam-

pião", na véspera de sua morte, estar na expectativa da chegada de Ângelo Roque, o "Labareda", que fora a Jeremoabo, e de "Corisco", que se encontrava do outro lado, em Alagoas.

Embora a conversa sobre esses dois bandoleiros fosse com Zé Sereno, Manoel Félix sentiu por parte de "Lampião" certa preocupação ante a demora dos mesmos, preocupação que o levou a conjecturar sobre um possível encontro com as "volantes", hipótese logo descartada porque, segundo disse, "se fosse macaco a gente já tinha sabido".

Até às 18 horas, quando deixou a gruta, Manoel Félix não registrou a chegada de nenhum dos dois celerados, confirmando-se depois que se encontravam ausentes no momento do cerco pela tropa do tenente Bezerra.

Outro detalhe muito importante relatado por Manoel Félix é o que se relaciona às ligações de "Lampião" com influentes fazendeiros, principalmente nos estados de Bahia, Alagoas e Sergipe, embora sempre com o cuidado de não revelar, nem mesmo aos seus mais chegados seguidores, a identidade desses indivíduos.

Na última semana de vida, "Lampião" manteve, lá no Angico, contatos com vários desses fazendeiros através de emissários, que despachava secretamente, e dos quais, por motivos óbvios, exigia absoluto segredo de suas missões, geralmente com o objetivo de apanharem dinheiro, mantimentos, armas e munições para o grupo.

De quem chegava, ou de onde chegava o que ele precisava, "Lampião" fazia questão de não relatar, mantendo tudo sob o mais completo sigilo.

Por volta das 15 horas, do dia 14, treze, portanto, antes do cerco que lhe causou a morte, "Maria Bonita", que na opinião de Manoel Félix não competia em beleza com Cila, deixou a gruta, onde se encontrava com os

companheiros, e foi banhar-se no riacho que passa próximo a entrada da mesma.

O coiteiro descreveu-nos a fiel e corajosa companheira de Virgulino Ferreira da Silva, assim à vontade, como uma "mulher baixinha, toda redondinha, uma carinha bonita e com dois olhos pretos e grandes, morena clara, cabelos negros e lisos, quadris relativamente largas, cintura fina, tendo os braços e pernas roliços e muito bem feitos".

Muito "prosista e conversadeira", brincava bastante com alguns dos bandoleiros, pelos quais era respeitada, apesar de muitos deles levarem essa brincadeira mais além, como Luís Pedro, por ela chamado de "Caitetu", e que gozava da maior confiança e intimidade da mesma, e do próprio "Lampião", seu compadre.

Nessa tarde, por sinal, depois de "caçar" com Luís Pedro, deixando de fazê-lo somente no momento em que se dirigia para o riacho, o bandoleiro, que estava sentado sobre uma pedra, deu-lhe uma paulada mais ou menos forte nas nádegas, fazendo-a correr na direção do pequeno córrego, enquanto "Lampião", que a tudo assistia, sorriu como se nada tivesse acontecido.

Manoel Félix recorda-se de que, na véspera da chacina, quando esteve com "Lampião", informou não lhe ter sido possível comprar na Feira de Piranhas, em Alagoas, tudo o que ele mandara (carne, peixe, queijo, agulhas, chapéu de couro, uma máquina de costura e brim mescla), porque a Polícia passou a vigiá-lo.

Ainda assim, entregou as agulhas de "Maria Bonita", devolvendo a "Lampião" os 200,000 réis que dele recebera para adquirir mantimentos. Conversaram durante longo tempo, comendo queijo, que chegara da Fazenda Mulungu, de onde o bando havia recebido certa quantidade de farinha e açúcar.

"Lampião" mostrava-se bem disposto, pedindo-lhe, inclusive, que lhe

cedesse o cinturão, em virtude do seu já se encontrar bastante estragado.

Também "Maria Bonita", muito "prosista e conversadeira", conversou com Manoel Félix, procurando informar-se da situação financeira do mesmo e dos seus familiares.

Aliás, desde o primeiro encontro que teve com o grupo, na Fazenda Bom Jardim, em Sobradinho, no local conhecido como "Olho D'Água de Antônio Jorge", quando foi levar banha de peixe que o seu tio Lisboa Félix, também amigo e "coiteiro" de "Lampião", mandara para o cangaceiro "Boa-Noite" passar no joelho doente, que "Maria Bonita" demonstrou haver gostado dele.

Nessa tarde, dia 27 de julho, Manoel Félix recorda-se de que vários cangaceiros jogavam cartas, entre eles Juriti, Passarinho, Zé Sereno, Luís Pedro, José de Julião, Moeda, Mergulhão, Colchete, Alecrin, Fortaleza, Cajazeira, Criança, Quinta-Feira, Elétrico, Macelo, Cainaro e Caixa de Fósforo, enquanto outros passeavam nas proximidades.

Luís Pedro teve oportunidade de mostrar-lhe, e ao seu Tio Caduda, que estava em sua companhia, grande quantidade de ouro guardada numa pequena caixa, como anéis, correntões e argolas.

Este bandido, de estatura mediana, claro, cabelo miúdo, e muito alegre, juntamente com Manoel Moreno e Zé Sereno, preparou a comida para o grupo na véspera da morte.

Embora não lhe revelassem plano de ataques a qualquer cidade, Manoel Félix pôde ver que o grupo contava com grande quantidade de armas e munições, como fuzis e revólveres, além de punhais.

Na última tarde que teve de vida, "Lampião", segundo Manoel Félix, estava absolutamente tranqüilo, chegando mesmo a fazer pilhérias quando soube do medo que causava ao "coiteiro" a possibilidade de ser descoberto pelas volantes.

Aliás, nos últimos meses, "Lam-

pião" parecia mais acomodado, um tanto diferente porque sempre pensativo, o que não impedia, porém, de manter a autoridade sobre o grupo, inclusive com os mais temíveis dos seus integrantes, como aconteceu com Luís Pedro quando este, querendo botar o seu cachorro para brigar com "Guarany", o de "Lampião", acabou se desentendendo com o chefe, de quem levou, sem responder uma única palavra, séria repreensão.

Com relação a "Guarany", ocorreu um fato interessante na segunda-feira que precedeu à chacina do Angico: descansando, com a cabeça recostada a uma pedra, "Lampião" cochilava, tendo ao lado seu fiel cão de guarda, quando dele se aproximou Zé Sereno, trazendo um bode que capturara pouco antes.

Vendo o animal, "Guarany", latindo muito, avançou sobre ele, assustando-o, fazendo com que o bode, espantado, pulasse sobre "Lampião" que, extremamente supersticioso, vendo na reação do bicho um possível mau sinal, ordenou, aos gritos, que Zé Sereno soltasse imediatamente "esta peste", no que foi prontamente atendido.

Até às 18 horas, aproximadamente, Manoel Félix permaneceu no Angico, de onde saiu com a recomendação feita por "Lampião" para retornar no dia imediato, madrugada ainda, pois eles teriam que viajar, tudo indicando que, como das vezes anteriores, a última das quais na Fazenda Santa Filomena, distante duas léguas da sede de Poço Redondo, iria receber 50 ou 100 mil réis de gratificação, pelos serviços que prestou.

Este, o encontro que jamais iria se realizar, pois de acordo com as instruções recebidas, ao se dirigir, no dia imediato, para a gruta, à certa distância ouviu o tiroteio terrível, o que lhe deu a convicção de que, afinal, a volante houvera descoberto o esconderijo de Virgulino Ferreira da Silva, cercara-o e se encontrava danço-lhe combate.

De repente... ficou mais bonito sair por aí!
PARATI PLUS - uma aventura exclusiva...

Você nunca dirigiu assim
Experimente!

VOYAGE - o carro que veio para ficar.

Veja as características desses
carros e outros modelos da linha
VOLKSWAGEN, na sua
revendedora exclusiva para o Cariri

DRASA - Distribuidora Regional
de Automóveis S. A.

RUA RATISBONA, 282/296

CRATO - FONE: 521-1450 - **GEARÁ**

Farmácia CRATO

—≡José Mozart Ribeiro≡—

ABERTA DIARIAMENTE ATÉ ÀS 23 hs.
COM O MELHOR ATENDIMENTO E OS
MELHORES PREÇOS DA PRAÇA

COMPLETO SERVIÇO DE AMBULATÓRIO
APLICAÇÕES DE INJEÇÕES GRÁTIS

ENTREGA A DOMICÍLIO PELO FONE: 521-2503

AGRADECEMOS A PREFERENCIA

MATRIZ: Rua Bárbara de Alencar, 787 - CRATO-Ce.

Farmácia CRATO

FILIAL 1: Rua Senador Pompeu, 273 - CRATO-Ce.

Farmácia CRATO

FILIAL 2: Rua Bárbara de Alencar, 858 - CRATO-Ce.

Farmácia Teodorico

FONE: 521-0706|

FILIAL 3: Rua Santos Dumont, 64 - CRATO - Ceará

AVIVANDO RETALHOS

UM CAUDILHO SERTANEJO

Lendo "À MARGEM DA HISTÓRIA DO CEARÁ", de Gustavo Barroso, encontrei-me com José Pereira Filgueiras, baiano da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira — Salvador — filho dos portugueses José Quezado Filgueiras Lima e Maria Pereira de Castro, dos quais a história não dita passagens anormais.

José foi criado sob as ordens severas de antigamente, no sítio Santana, do Campo do Cariri perto da Vila de Barbalha.

Casou em 1803, com Joaquina Maria Parente no dia 25 de agosto em São José do Cariri Novo. Bem depressa, granjeou celebridade lendária galgando-o o posto de Capitão-Mor. A Vila continuou a crescer ao sopé do Araripe e empolgar toda a região das terras dos valentes índios Cariris, homens de uma resistência impressionante. A vila tinha sido inaugurada no dia 2 de junho de 1764 com o nome de Vila Real do Crato, mas era conhecida nos primórdios do século XVIII por Missão do Miranda, Vila do Frei Carlos Maria de Ferrara e Curato de São Fidelis — uma homenagem ao Santo do mesmo nome feita pelos jesuitas das missões de São Francisco de Garcia d'Ávila. Obedecendo a lei do menor esforço o povo deixou de chamar Curato de São Fidelis, passando então para CURATO. Mais tarde resolveu sincopar a palavra abolindo a letra "U" por ser menos extenso ou por ser mais bonito o nome de CRATO. Os missionários jesuitas deram o nome de Curato de São Fidelis numa tentativa de duplo sentido, isto é, na tentativa de destruir o misti-

cismo reinante em derredor da celebridade de "Pai Fidelis", um negro fetichista, curandeiro, simpático e manso, fugitivo da Fazenda Várzea Grande, de São Francisco que nesta região se fez criado e divinizado, morrendo bem velho, cercado da indestrutível afeição dos homens, mulheres e crianças.

Em volta do caudilho José Pereira Filgueiras, criaram-se da mesma forma inacreditáveis histórias, como bem: "possuía tanta força que já tinha desatolado, sozinho, um carro de bois carregado, que os animais não conseguiram fazer; voar à noite, como fantasma, da torre de uma igreja para a outra; que não se separava de duas armas mágicas; uma espada que tremia dentro da bainha e um bacomarte, "estrela d'alva", que ficava com o cano de bronze molhado como aviso que os inimigos estavam perto.

Seus ante-braços eram diferentes de todo o ser humano, não tinha cúbito nem rádio, era uma cana só. Afirmava-se que nenhum homem seria capaz de medir suas forças e que tudo lhe acontecia por amparo do demônio, dono de sua alma, que lhe fechara o corpo contra balas e armas perfurocortantes como espadas, facas e punhais.

Há que frisar ainda, com foros de verdade, que seus poderes sobrenaturais eram afirmados oficialmente em documentos inclinados à guerra ou lutas políticas. Desta forma, ninguém seria capaz de pintar sua vida à luz da verdade tal a abundância de opiniões divergentes em torno de sua pessoa.

Irineu Pinheiro, outro ilustre historiador, estudou profundamente a

personalidade do maior caudilho dos sertões nordestinos, chegando a aotar interessantes e contraditórias opiniões de políticos e homens de letra a seu respeito.

Felisberto Caldeira Bravit, marquês de Barbacena, acreditava que Filgueiras tivesse o corpo fechado contra as investidas dos inimigos, chamando-o também de analfabeto.

Muniz Tavares e João Brígido classificaram-no como valentão, perverso e estúpido.

Oliveira Lima chamou-o de "velho malfeitor".

Dias da Rocha Filho julgava-o profundamente ignorante, quase irresponsável pelos seus atos.

Manoel Inácio de Sampaio explorou suas qualidades lendárias, quando Governador da Capitania do Ceará, qualificando-o como um homem bom, pacífico e benfazejo.

Tobias Monteiro descobriu nele muita elevação moral, de onde se conclui que a divergência de opiniões, muitas vezes num exercício desumano de vaidade, cria sérias objeções para a História.

Filgueiras foi considerado endemoninhado, admirado, elogiado e explorado na sua vanglória. Mesmo apontado como analfabeto, cruel, estúpido, sem inteligência, irresponsável e malfeitor, nada se fez no interior do Ceará, entre os anos de 1817 e 1824, sem a sua aprovação e ajuda nas constantes desavenças políticas em que predominava o poderio e a intrepidez do homem armado de espada, faca, punhal, bacamarte e cacete.

Na revolução de 1817 em Pernambuco, em nome de D. João VI, sua força foi solicitada e, em 1822, por ocasião do grito da Independência, Filgueiras voltou à cena política até chegar triunfante em Fortaleza no dia 22 de janeiro de 1823, instalando um governo que ele próprio presidiu.

A história continua cheia de acontecimentos notáveis e comoventes até sua morte, vítima do impaludismo, no arraial de São Romão, à margem do rio São Francisco, quando viajava por terra para o Rio de Janeiro, sob as ordens do Capitão Araújo Bezerra, para ser apresentado ao imperador, processado e julgado.

A vida lhe foi ingrata, objeto de falsas glórias, enquanto a terra que lhe serviu de berço é hoje uma cidade moderna de 120 mil habitantes, considerada com muita justiça a Capital da cultura, Princesa do Cariri, querida e endeusada pelo meu ilustre e ilustrado confrade e amigo, de saudosíssima memória, José Alves de Figueiredo Filho, e tantos outros.

RETALHOS GENEALÓGICOS E OUTROS RETALHOS

O General de Divisão Raimundo Teles Pinheiro, Cidadão Honorário de Fortaleza, ilustre fundador do Instituto Cultural do Cariri, Efetivo do Instituto do Ceará, Sócio da A. C. I. "Amigo do Colégio Militar" foi Comandante do extinto C. P. O. R., da Escola Preparatória de Cadetes, do Colégio Militar e de outras entidades militares e culturais.

General Teles é um fascinante historiógrafo. Suas notáveis narrações indentificam-no como verdadeiro soldado a quem legou seu corpo, sua vida, sua alma. Depois de publicar com grande conhecimento "A heroína e os bravos" 1957; "Esboço Histórico do Crato", 1959, "Estudos Históricos-Militares e outros temas, 1977; "Os Bezerra de Menezes", 1982, oferece-nos, a nós, brasileiros, "Retalhos genealógicos e outros retalhos", 1983 principalmente para quem era gente em 1930. As reminiscências da sanguinolenta revolução provocam emoções as mais variados quando enlutam nossa Pátria com a morte de militares de acen-

CINE PARAISO

Leio na imprensa que o Cine Moderno, da nobre cidade do Crato, vai ser reformado e transformado em cinematóscopo. Será o primeiro cinema desse tipo no interior do Estado, o que demonstra o valor da gente da princesa do Cariri.

Tenho pouca lembrança do Cine Moderno, pois ha muito tempo que estou afastado da cidade do Crato. Mas quando li a noticia no jornal, naturalmente não pude deixar de pensar nos cinemas que existiam quando ali residi, o Cassino Sul Americano e o Cine Paraíso. Pode ser que o Moderno já estivesse funcionando nesse tempo; mas a memoria anda fraca e com sinceridade não me lembro de ter assistido a nenhuma fita de serie nessa casa de espetáculos.

Do Cine-Paraíso me lembro — como não poderia lembrar? Nesse tempo eu era menino e o cinema

andava nas minhas constantes preocupações. Não pensava, certamente, em ir para Hollywood, mas nas grutas do Barro Vermelho ou nas matas do Seminário muitas vezes encornei papéis de artistas do far-west, juntamente com dezenas de meninos do meu tope. Muitas vezes matei e morri, com tiros imaginarios, para momentos depois ressuscitar e praticar novos crimes. Não havia, sequer, revólveres de pau para imitar revólveres de verdade. Apenas dois dedos estirados, com o ruído em voz alta do tiro a espoucar eram o suficiente para nos pôr fora de combate ou nos transformar em heróis, salvando a mocinha desprotegida, que era sempre a filha da professora.

Nesse tempo os filmes em série constituíam nossa obsessão. Ainda hoje meu amigo João Clímaco Bezerra, romancista de larga nomeada nesta e em outras plagas, menino

drado civismo como o Cap. Jayme Argola Ferrão, Gen. Lavanere Wanderley e outros oficiais legalistas, o Cel. Pedro Ângelo Corrêa e mais o frio assassinato do Dr. João Pessoa em Recife, um marco na Hirtória do Brasil.

Chegamos à página 61 e lemos: "Para concluir esta arenga que já está longe, desejo prestar um depoimento desprezencioso". Este depoimento contém em si 188 linhas onde o autor pinta ao vivo os grandes acontecimentos da Revolução de 1930 e, como o Gen. Juarez Távora diz vagarosa e angustiadamente: "E faço comigo o compromisso de jamais conspirar...".

O sumário é constituído de 17 importantes capitulos que merecem

muita atenção dos seus leitores; são verdadeiras aulas de civismo à mocidade brasileira. Também com destaque especial temos o discurso do General Teles aos concludentes da "Turma Escola Preparatória de Fortaleza" no qual soube aliar com admirável bondade a severidade com a doçura. Não podemos deixar sem registro especial o prefácio do ilustre escritor, meu prezado primo Vinícius Barros Leal, a carta do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e a dedicatória aos seus entes queridos.

Admiro-lhe os modos como sabe se referir aos seus antigos superiores subordinados, com respeito e amizade, diante de uma crise coletiva de lamentáveis mudanças de caracteres.

Mercantil Compre Bem

15 anos de bons serviços prestados as

Donas de Casa do Cariri

1969 • 1984

Eugênio Leite & Cia.

Um Mundo de Utilidades para o Lar

Presentes,

Prefumaria,

Comestíveis,

Prataria, etc.

Preços sem competidores-O maior e melhor Supermercado do Crato

Rua Dr. João Pessoa, 362 - (Galeria com a Santos Dumont)

CRATO - FONES : 521-2152 e 521-0622 - CEARÁ

da beira do rio como eu, ainda hoje não perde ele, no Majestic, as fitas de série que andam por aqui. Confesso que não me abalei mais a ir a esses espetáculos, não por falta de tempo ou outra desculpa qualquer, que a gente sempre utiliza nesses momentos, mas por amor à tradição. Fita em série, hoje, é sobre bomba atômica ou super-homem. João Clímaco, traíndo a sua origem de Lavras da Mangabeira, passou-se para o progresso e aceitou essa modernização sem nenhum constrangimento. Comigo, porém, a coisa é diferente. Jamais poderei me adaptar a uma coisa assim depois de haver visto o grande filme "O Homem Leão", que nós, na nossa ignorância admirável, vendo o título escrito em inglês, chamávamos de "Té lion man", com o título confundindo o personagem principal da película.

Foi no Cine-Paraíso que assisti a essa série que jamais desaparecerá de minha memória. Naquele tempo a entrada do cinema custava apenas quarenta centavos, mas isso era pago apenas pelos meninos que não conheciam o proprietário da casa de diversões. Porque todos nós, garotos da rua do Fogo ou da rua da Vala, sabíamos que, quando o filme fosse começando, o dr. Rolim, colocado á porta do cinema, iria aos poucos baixando o preço da entrada, a fim de que ninguém ficasse prejudicado em ver o filme. Às vezes, havendo falta absoluta de numerário, o alegre dr. Rolim findava permitindo que os meninos que se encontravam por perto fossem assistir aos filmes, contando que não fizessem barulho.

Assim fazíamos nós, e assim assistíamos aos filmes que então empolgavam a nossa imaginação. Muitas vezes, terminada a sessão, formavam-se grandes grupos a discutir qual seria o meio pelo qual o artista se salvaria do perigo em que ficava. Aquilo nos preocupava grandemente. Estela, a moça artista que era per-

seguida por inimigos desalmados, estava presa a um tanque, amordaçada, e a água subindo lentamente, subindo até chegar à altura de sua boca. Dentro de mais alguns segundos aquela água cobriria a sua cabeça e a inocente iria desta para a melhor. Como poderia ser salva, se o Homem Leão seu protetor (um desconhecido que usava, na cabeça, uma máscara de leão, e que sempre aparecia, nos momentos difíceis, para salvar os artistas principais do filme) como poderia ser salva se o Homem Leão estava também nas últimas, ferido que fôra no último combate com os bandidos. Aquilo nos fazia meditar durante horas, cada um apresentando a sua sugestão. Sabíamos que Estela seria salva, porque era a estrela do filme. Mas conhecíamos a ferocidade de José Lacy e a impossibilidade de Jack Perrin e o Homem Leão irem em salvamento da moça. Que milagre aconteceria então?

Esse e outros filmes dominavam as nossas imaginações — e para nós não podiam existir assuntos mais importantes que os entrecchos dessas películas que semanalmente eram anunciadas, nas ruas da cidade, por garotos empunhando taboetas, e ao rufar dos tambores, gritando os dizeres nas mesmas impressas, para que todos accorressem ao cinema. Os nossos heróis eram Harry Carey, que costumava coçar o queixo, num gesto característico e cujo revolver, capaz de disparar mais de vinte tiros, jamais deixava de acertar no alvo. Era William Farnum, de cuja fisionomia não me lembro mais, era Chico Boia, muito gordo, a fazer graças, era toda uma gente que hoje não mais existe mas que teve maior importancia para nós do que todos os presidentes de Republica que reinaram em nossa infancia.

Agora no Crato o Cine Moderno vai usar cinemascopo — com franqueza não me abalaria daqui para ir até lá assistir a um filme nesse

NAÇÃO CARIRI agora é Revista

O Jornal O POVO publicou o seguinte sobre o aparecimento da Revista Nação Cariri, de um grupo literário composto de filhos de nossa região, que substitui o jornal do mesmo nome:

Partindo da premissa de ser um movimento novo, independente e combativo, a Editora Nação Cariri lança hoje, dentro da promoção "Arte do bosque", mais um número da revista literária Nação Cariri, que outrora já fora jornal e agora transformada num instrumento de difusão da cultura em geral. O lançamento acontece, no auditório da Faculdade de Letras, a partir das 9 horas. Em seguida, vários grupos literários participam de um amplo debate tendo como tema "Literatura cearense em questão". O lançamento deve prolongar-se durante o dia e o grupo de teatro Literarte encenará alguns trabalhos literários que fazem parte da revista.

Nação Cariri está sendo editada pela nona vez, e o projeto da editora, que leva o mesmo nome, já tem três anos. O jornal deu início às atividades, que foram se ampliando até atingir as diversas manifestações artísticas como a literatura, cinema, teatro e música. Com uma proposta mais audaciosa ainda, pretendendo tornar-se uma revista de circulação nacional, Nação Cariri surge como porta-voz de um movimento de arte

literária existente no Ceará e que busca servir de intercâmbio entre os movimentos existentes nos demais continentes.

Posicionando-se, essencialmente, como uma forma de resistência ao colonialismo cultural e a alienação dessa produção, a nova edição de Nação Cariri traz ensaios de histórias, medicina alternativa, poemas, poesias, artigos, além de crítica de cinema, teatro e música. Entre os destaques, uma entrevista inédita com o escritor cubano Lezame Lima, um dos grandes nomes da literatura latino-americana.

PROPOSTA COMUM

Nação Cariri é um grupo que reúne escritores, poetas, cineastas, atores e produz dentro de uma proposta comum. Para isso, elabora uma vasta programação de shows com artistas, filmes documentários sobre a cultura popular, levando caravanas aos bairros da periferia da Grande Fortaleza e cidades do interior, mostrando o produto do trabalho do grupo nos diversos setores, bem como marcando intensa atividade cultural em passeatas e atos públicos. Esta é a continuação de um exaustivo mas compensador trabalho de um grupo abnegado, que procura, acima de tudo, levar o melhor da nossa cultura para o reconhecimento no meio intelectual do Brasil.

novo cinema, nem que fosse da Elisabeth Taylor. Mas se quiserem me ver voando para o Crato tratem de levar, no Cine Paraíso, uma fitinha daquelas, de Jack Perrin ou de Harry Carey. Comigo, tenho a certeza de que irão muitas outras pessoas — irão o Claudio, meu irmão, o Antonio Girão Barroso, poeta concretista e

cineamador do passado, irá talvez até mesmo o romancista João Climaco Bezerra, levado à força para que veja como o seu gosto tem se deturpado, chegando ao ponto de aplaudir fitas do super-homem, quando o super-homem, até hoje, só existiu um, que foi o grande Homem Leão.

(O Estado — 9 de agosto de 1957)



Comercio de Veiculos Crajubar S/A

Veículos novos e usados
com os melhores preços.
E
COM MUITO MAIS FACILIDADES

Venha visitar os nososs
stands e conhecer toda a
consagrada Linha FORD



AVENIDA PADRE CÍCERO, Km. 2 - (TRIÂNGULO)

FONES : 511 - 1824 — 511 - 1543 — 511 - 1444



Telegrama : " CRAJUBAR "

Juazeiro do Nore - Ceará

*Dr. Francisco Alboino
Novais Miranda*

Odontólogo

Serviços Dentários completos
sob a técnica mais moderna.



HORAS MARCADAS



Clínica: Rua da Conceição, 561

Fone: 511 - 2579

Juazeiro do Norte-Ceará

A Coisificação do Professor

"Quem não estiver contente, que mude de emprego! Substituiremos todos os insatisfeitos!" Na ótica dos donos do poder o papel social do professor oscila entre **nada e coisa nenhuma**: um mero objeto a ser trocado ao sabor do acaso.

Rotatividade da empresa aplicada à escola: quanto maior o **turnover**, maior a instabilidade, maior a alienação e menor a crítica e transformação. De nada vale a experiência adquirida na prática pedagógica do dia-a-dia — o professor, aos olhos dos dirigentes, é uma entidade vazia de significado, que não gera benefícios sociais visíveis.

Ensino não exige trabalho, não é trabalho. Ensino é "bico", é improvisação, é reprodução de uma realidade estática. Burguesia e proletariado são entidades imutáveis; as elites não devem se transformar em massa; opressores e oprimidos são categorias fixas; as oportunidades sociais não podem ser compartilhadas. Eis a triste perspectiva dos representantes do poder dirigente!

"As sanções serão aplicadas! Haverá desconto na folha de pagamento!" A burguesia legista elabora as leis conforme lhe convém; os pelegos do setor educacional, desvinculados de qualquer compromisso de classe, **mandam executar**, surdos que são às reivindicações de um grupo há muito oprimido. O ódio fica preso na garganta e aguarda um outro momento de organização e catarse...

A indiferença, que é a pior manifestação frente àqueles que buscam o diálogo, sem dúvida gera insatisfação. Uma instituição da sociedade civil (escola), cujos membros estão

insatisfeitos, realmente não pode proporcionar benefícios sociais. As consequências de uma escola coisificada, com professores coisificados, não são nada otimistas: o futuro ainda vai apontar os resultados da apatia de quem nada mais faz do que denegrir o trabalho pedagógico. A greve é **somente uma** das formas de se demonstrar insatisfação. O ódio permanece com ou sem greve...

Salário de fome, descontado devido a uma reivindicação justa. Aulas de reposição aos sábados e feriados para equilibrar o salário do mês seguinte. Agulhas chinesas fincadas na consciência do professor: dor, humilhação, descontentamento, tristeza, frustração. Boneco coisificado perante a sociedade e, o que é pior, perante a seus próprios alunos. O ódio revigora...

Em câmara de sufoco lento, como lembra Renato Tapajós:

Tranquilo como qualquer pessoa, o rosto só transmite o mesmo alheamento cansado de todo mundo, dos que estão voltando de um dia de trabalho monótono e medíocre, aquela moça que deve ser funcionária pública e tem a cara vazia como se tivessem tirado tudo o que tem dentro dela e deixado somente a casca. Mas sem doer tanto, porque já estão tirando o recheio dela há muito tempo, pouco a pouco, enquanto que. Mas não se pode deixar transparecer que nos transformaram em carne moída numa só vez e o rosto não transmite nada. ¹

1. Tapajós, Renato. 1979. Em *Câmara Lenta*, 2ª ed.: 19. São Paulo, Editora Alfa-Ômega.

O cerco de estacas ideológicas é fincado quase que invisivelmente ao longo dos anos. De repente não existe mais espaço para um trabalho transformador e criativo. Sob a avalanche opressiva, nada mais do que o silêncio e o retrocesso intelectual — o produto boçalizante das escolas nacionais reafirma esse retrocesso. E a imprensa, vez ou outra, mostra as causas concretas que aniquilam física, intelectual e moralmente o pedagogo.

Foi enterrado ontem às 4 horas da tarde, em Osasco, o professor Alcir de Oliveira Porciúncula. Trabalhara na véspera, dando aulas de recuperação, até 10 da noite (...). Matou-o o trabalho, o estafante e inglório trabalho de lecionar. Pois o prof. Alcir era só isso: professor. Família grande — 6 filhos — tinha que tirar do magistério o sustento para ela. 2

O aqui e o agora mostram que existem muitos "Porciúnculas" por este Brasil. O frenético ritmo de vida do professor, voando de escola para escola a procura do pão, não lhe permite viver com dignidade, fazendo crescer a sua real vocação. Roda viva? Estrutura trituradora de consciências? A insatisfação se instala e impede o trabalho conscientizador: o professor, marionete nas mãos do poder, vive um momento infinito de incompleticidade forçada. E fora das escolas a realidade não é muito diferente — todas as instituições autenticamente civis estão insatisfeitas.

"Então, patrão, o senhor duvida das minhas funções e responsabilidades sociais como educador? Resposta (nervosa, em altos brados): DUVIDO! DUVIDO! E saia já da minha sala!" É este o resultado do "diálogo" em países onde está presente a liberdade burguesa. O poder público canta as lutas do professorado, mas esquece-se de agir em seu benefício. Parece que a imagem do magistério, na ótica do burguês diri-

gente, é um abismo de sacrifício entre as intransponíveis colinas da indiferença e do riso sarcástico.

"Haveremos de construir mais escolas para nossos filhos! Haveremos de profissionalizar mais gente!" O empresariado da construção civil tem ligações diretas e indiretas com os burgueses inescrupulosos que detêm o poder. Na concorrência pelas construções, a participação nos lucros. E a profissionalização proposta geralmente visa a domesticação de indivíduos para servir às empresas: datilógrafos, marceneiros, torneiros-mecânicos etc. Não se deve **questionar**, mas **servir!** Não se deve **transformar**, mas **aceitar cegamente!** E em qualquer jornal constata-se: o salário mínimo não cobre as necessidades básicas de uma família...

As estratégias e manobras que visam a coisificação do professor são rigidamente calculadas. A nível legal, impede-se a sindicalização (sem união da classe, não há contestação). A nível estrutural, segmenta-se o conhecimento proposto pelas escolas (a compartimentalização e a superespecialização isolam, dividem, es-traçalam). A nível intelectual, levanta-se barreiras contra a atualização do professor (quanto menos ele souber, maior será a alienação). A nível ideológico, prega-se uma só concepção de mundo (nos livros didáticos: o Brasil **ideal**, distante do real). A nível salarial, abaixa-se o preço hora-aula a fim de automatizar o trabalho (mais aulas para sobreviver; tempo mínimo para perspectivar a mudança; resultado: alienação e reprodução). Essas condicionantes nada mais visam do que a manutenção do **status quo** — com a dívida externa aumentando, com a riqueza nas mãos de uma minoria, com a fome matando muita gente, com o salário mínimo vergonhoso, com o poder público ineficiente, com a presença do determinismo histórico etc... etc...

ESTATUTOS - Fundação José Horácio Pequeno

Da Denominação

Art. 1º — Sob os auspícios do Rotary Club de Crato, na conformidade da escritura de constituição lavrada às fls. 128v, do livro 81, do Cartório do 2º Ofício do Crato, Estado do Ceará, foi fundada, nesta cidade, a Fundação José Horácio Pequeno.

Dos fins de Educação

Art. 2º — A Fundação José Horácio Pequeno, com sede na cidade do Crato, Estado do Ceará, tem por finalidade prestar assistência social à comunidade do Crato, especialmente à infância e à juventude, proporcionando-lhes meios de educação e instrução.

Art. 3º — A fundação José Horácio Pequeno, durará por tempo indeterminado e só poderá ser extinta por resolução do Conselho Diretor do Rotary Club do Crato, tomada por dois terços (2/3) dos seus membros e aprovada por maioria absoluta dos sócios do Clube.

Da administração

Art. 4º — A Fundação José Horácio Pequeno, será dirigida por um Conselho de Curadores, composto de seis (6) membros, eleitos pelo Conselho Diretor do Rotary Club do Crato, com mandato de dois anos, renovando-se anualmente pela metade.

Art. 5º — Todos os curadores serão obrigatoriamente sócios do R. C. do Crato e prestarão serviços sem remuneração de espécie alguma.

Art. 6º — Perdendo a qualidade de sócio do Rotary Club do Crato, "ipso facto" perderá a sua quali-

dade de curador e o Conselho Diretor do Clube, nesse caso, designará o seu substituto, que funcionará até o término do mandato.

Art. 7º — O Conselho Diretor do Rotary Club do Crato, pelo voto de três quartas (3/4) partes dos seus membros e depois de ouvidos os demais curadores, poderá destituir qualquer dos curadores, por causa justificada.

Art. 8º — Os Curadores, anualmente elegerão dentre os seus membros, um Presidente e um Tesoureiro, cabendo ao primeiro a representação ativa e passiva da Fundação, em Juízo e fora dêle, e ao segundo a parte contábil e financeira da sociedade.

Art. 9º — As contas bancárias serão movimentadas juntamente, digo conjuntamente pelo Presidente e Tesoureiro.

Art. 10 — A fundação terá um patrimônio formado por donativos ou por qualquer outro meio lícito de aquisição de bens e os recursos serão igualmente aplicados na manutenção e desenvolvimento dos seus objetivos sociais.

Art. 11 — As decisões do Conselho de Curadores serão tomadas por maioria de votos, competindo a sua execução ao Presidente.

Art. 12 — Anualmente o Conselho de Curadores prestará contas de sua gestão ao Conselho Diretor R. C. do Crato.

Art. 13 — Em caso de extinção da Fundação José Horácio Pequeno, o seu patrimônio passará para o Rotary Club do Crato e na falta dêste, para outro Rotary Club existente nesta cidade do Crato e inexistindo qualquer club rotário, passará administração a uma instituição de

Uma Prece, Uma Flor, Uma Vela...

Quem se der ao trabalho de visitar a Matriz de São José, no Seminário do Crato, certamente terá a atenção voltada para velas, sempre acesas, à direita de quem entra no vetusto templo. Essas velas representam a homenagem do povo a um santo sacerdote, Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, cujos restos mortais estão sepultados sob o altar de Santa Maria Goretti. (Coincidentemente aquele padre que em vida teve costumes particulares puros, após a morte ficou próximo a uma santa que preferiu morrer a pecar contra a pureza).

Já se passaram treze anos e meio desde que o Mons. Rocha nos deixou... todo esse tempo, no entanto, não foi suficiente para apagar a saudade que esse povo sente do seu grande benfeitor. Pessoas de todas as classes vão sempre ao túmulo do bondoso padre levando flores, velas e, sobretudo, a prece saudosa, na certeza de que, no céu, Mons. Rocha continua a ser o mesmo anjo tutelar das famílias cratenses.

Mons. Rocha foi uma dessas almas privilegiadas que, de quando em vez, surge no nosso meio. Sacerdote autêntico gostava de dizer que "para ser padre nasci, estudei e existo". Na verdade o sacerdócio foi a sua marca registrada. Orientador seguro no confessionário e no púlpito. Oração socro fluente. Cristão mariano,

inserido no verdadeiro cristianismo, hoje preconizado por João Paulo II.

Evangelizador, na verdadeira acepção do termo, o nosso Monsenhor foi Reitor do Seminário São José de 1938 a 1959. Ocupou por largos anos o cargo de Assistente Eclesiástico da Liga Católica Feminina e Ação Católica Diocesana. Foi também Diretor do Liceu Diocesano de Artes e Ofícios e Provedor do Hospital São Francisco, ficando ainda sob sua direção o Hospital Infantil e a Maternidade Dr. Joaquim Fernandes Teles. Não pararam aí as benéficas atividades do Mons. Pedro Rocha. Exerceu atividades jornalísticas, sempre voltadas para a difusão da religião católica e dos bons costumes. Por muitos anos foi diretor do jornal "A Ação". E enquanto viveu manteve o programa radiofônico "Consultório da Família" de grande audiência em todo o Cariri.

Em todos os empreendimentos que assumiu deixou a marca do bom administrador: íntegro, objetivo, devotado e responsável. Mas foi sobretudo no amor aos pobres que a personalidade do Mons. Rocha se mostrou mais límpida e visível. Talvez por ser filho do povo, de origem humilde, soube abrir as portas do coração aos carentes e necessitados. Nunca um filho de Jó lhe bateu às portas para sair de mãos vazias.

caridade, até que o R. C. do Crato seja reorganizado, quando, então, o patrimônio voltará a sua administração.

Art. 14 — Os membros do Conselho de Curadores não respondem subsidiariamente pelas suas obrigações sociais.

Art. 15 — A fundação não distribue lucro de qualquer espécie e qualquer título.

Art. 16 — Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho de Curadores da Fundação José Horácio Pequeno.

Geraldo Macêdo Lobo

REVISTA

Despertar Ecológico

Urge ressaltar a esta altura do campeonato a penosa ineficácia da chamada "Teoria Ecológica" ou "Ecologia de Gabinete", que normal e freqüentemente surge após Manifestos Ecológicos, Campanhas ou Documentários a respeito. O assunto chega a ser 'bonito' no papel, mas atinge a drasticidade de tornar-se catastrófico na realidade do Meio Ambiente. Portanto ao final desta colocação, se é de se fazer um 'discurso melodramático' sobre a importância da Ecologia, renuncie a esta perda de tempo e plante uma árvore cu corrija a erosão do seu quintal. Creiam; mil vezes mais estará contribuindo para o adiamento ou quem sabe erradicação da catástrofe Ecológica que se aproxima. A Demagogia atingiu todos os setores da vida, sufocando o objetivismo e estrangulando os respaldos de esperança que punha raros corações. No entanto não podemos permitir que a Política continue desfigurando os espíritos, dominando o povo e afas-

tando as possibilidades de uma reestruturação social e, portanto, Ecológica.

O tão famoso e adorável verde do Cariri pode estar com os seus dias contados. A evolução dos abusos ecológicos na região deixa de ser vergonhoso para ser assustador. A privilegiada micro-região do Cariri está ameaçada, talvez a médio ou a longo prazo, de perder as suas exuberâncias ambientais, que não só trazem a beleza e a fama para a região, mas tornam-na habitável, oferecendo meios à perpetuação das espécies. É óbvio que faltando o Habitat faltará também a vida; já que existe uma relação de dependência de caráter vital. Isto retrata a simplicidade e a clareza do problema humano-ecológico: "o homem destrói o meio em que vive e assim, destrói-se a si mesmo". O mais interessante nisso tudo é ver até que ponto vai a sapiência do homem: atinge o auto-desprezo e o suicídio

Para os docentes foi o bom samaritano de todas as horas. Exerceu a caridade na plenitude, como nos fala os evangelhos.

Morreu o Mons. Rocha como um justo e o seu sepultamento foi o maior já presenciado no nosso meio. Tanto em número de pessoas, como em manifestações de dor e lágrimas. A cidade inteira foi levar o santo homem à última morada. A comunidade soube ser grata ao seu benfeitor. Em vida lhe outorgou o título de "Cidadão Cratense". Após sua morte uma das ruas da cidade e o

Hospital Pediatrico foram denominados "Mons. Pedro Rocha de Oliveira". No entanto a homenagem maior é a que se repete todos os dias: uma prece, uma flor e uma vela, que lhe leva o povo, ao túmulo sob o altar de Santa Maria Goretti.

Agora, que se aproxima os quinze anos da sua morte, já é tempo dos inúmeros amigos do Mons. Rocha se movimentarem para erigir um busto àquele bom missionário de Deus. Para lembrar as gerações futuras que os grandes homens desaparecem, mas seus nomes ficam gravados no bronze.

lento. Não chegou 'ainda' ao meu conhecimento que os seres irracionais atingissem um estágio tão avançado de desenvolvimento. Mas deixemos de lado o que se passa no íntimo dos homens e cuidemos do que acontece ao seu redor. Há quem diga que a erosão atinge primeiro a mente humana para depois atuar na sua terra. Isso quer dizer que uma pessoa consciente não aceita os malefícios que ora lhe são mostrados, ora lhe são impostos. O fato é que os solos da nossa região encontram-se num processo gradativo de empobrecimento, e o fator — erosão — é um dos responsáveis mais diretos. É incrível como a Erosão entrou nas cidades com a mesma facilidade que conquistou os campos e vai de porta a dentro até o quintal das nossas residências. Quem olhar para o Morro do Seminário, verá o perigo que corre os moradores daquelas casas situadas ao longo do barranco. Perigo de vida ocasionado pela Erosão. Mas deixemos ficar; quem sabe a cidade do Crato torna-se tão famosa quanto a Vila Socó, palco da "Tragédia de Cubatão", onde apenas 15 dos 90 mortos pelo incêndio puderam ser reconhecidos. Outro exemplo bem claro aqui em nossa cidade, nota-se, logo após uma chuva, onde as ruas ficam cheias de pedra e lama, tornando-se às vezes intransitáveis. Além da Erosão temos o Desmatamento, que já se apresenta com um aspecto comercial: em Grasso (grandes áreas da Chapada do Araripe) e no Varejo (erradicação da arborização da cidade). Crato era a cidade mais arborizada do Cariri; hoje, até o seu Horto Botânico está desativado. De acordo com a História fala-se em Ecologia desde 1866, quando o biólogo alemão E. Haeckel resolveu escrever a obra "Generelle Morphologie der Organismen", mas tem-se registro sobre "desmatamento" mesmo muito antes do surgimento dos grandes filósofos gregos, que deve-

riam ter usado os seus dons filosóficos em defesa do Meio Ambiente. Mas além da Erosão e do Desmatamento, vários outros fatores contribuem para a decadência automática do nosso Habitat-Terra. O uso exagerado de adubos químicos, inseticidas, fungicidas, herbicidas e vários outros morticidas contribuiu decisivamente para um envenenamento amplo, total e irrestrito de todas as formas de vida. O leite materno, um dos alimentos considerado dos mais puros já tem a sua pequena dosagem de DDT. Uma lagarta, quer na sua fase larval ou adulta, já apresenta uma porcentagem destes tóxicos no seu metabolismo. E assim continuamos envenenando e sendo envenenados. O saldo deste envenenamento já está aí: redução na média de vida, debilidade física e mental, mortandade exagerada de infantes, câncer etc. E se a coisa continuar nessa marcha, o Crato vai passar de cidade-farmácia a pólo-farmacêutico da região. O assunto é demasiadamente sério e merece toda a atenção das autoridades competentes, especialmente você, que se envenena ao pensar que está se "alimentando". Louvada seja a idéia da construção de um Jardim Botânico na nossa cidade e "canonizada" seja a sua realização. Felizmente o Crato já desperta para uma futura atuação em defesa da Ecologia regional e espera-se que as amigas cidades circunvizinhas entrem na jornada. Convém ressaltar a importante atuação do Movimento Cultural FLOR DA TERRA que semeou o NÚCLEO ECOLÓGICO DO CARIRI e muito vem fazendo em prol da Arte, Cultura e Ecologia da região.

Creio que depois de tudo isso você vai quebrar menos plantas, ou vai rezar menos ao padroeiro da Ecologia — São Francisco — e vai fazer mais em sua própria defesa. Se não, bem... Comece plantando uma árvore e estamos conversados.

Altaneira

*na sua simplicidade,
no heroísmo do seu povo e na sua
altivez cívica,
tem o orgulho de saudar a
intelectualidade do Cariri, ao ensejo
do lançamento de mais um
vitorioso número de*

Itaytera

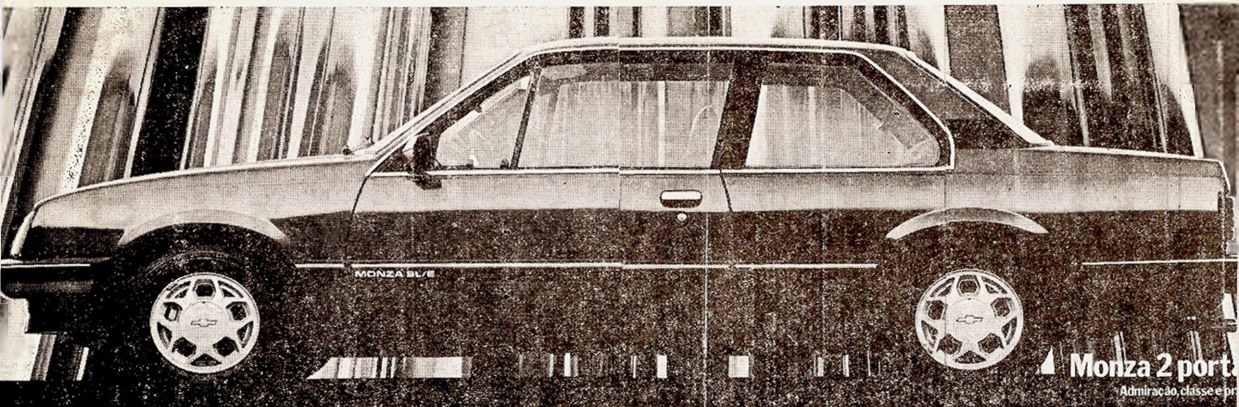


*É a consolidação de nossa
vocação cultural.*

Parabéns.

*Francisco Fenelon Pereira
Prefeito Municipal de Altaneira*

A CHEVROLET apresenta a nova versão da emoção:
MONZA
2 Portas • TODAS ELAS ABERTAS PARA O ESPAÇO COM
ABSOLUTO CONFORTO E MUITO LUXO...
Concepção tecnológica para o seu total prazer
de dirigir, além de muita economia que só o
MONZA sabe dar. Mude para o **MONZA**



Revendedor autorizado CHEVROLET para todo o Cariri
ARARIPE VEÍCULOS LTDA.
Av. Pe. Cícero, Km. 2 - FONES: 511-0368, 511-0369 e 511-0399
JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CRATENSE DE AUXÍLIO AOS NECESSITADOS-SCAN

REFORMADOS E APROVADOS EM ASSEMBLÉIA
GERAL DO DIA 15 DE JUNHO DE 1972.

CAPÍTULO I

Da Sociedade e seus fins

Art. 1º — A Sociedade Cratense de Auxílio aos Necessitados, sociedade civil de caráter filantrópico, com sede e foro na cidade do Crato, Estado do Ceará, que funciona doravante sob os auspícios do Rotary Club do Crato, tem por fim contribuir para a solução do problema da mendicância do Crato, prestando auxílio aos verdadeiros mendigos residentes nesta cidade na medida em que os recursos arrecadados lhe permitam.

Art. 2º — Na conformidade desses recursos obtidos, a SCAN deverá:

a) promover a construção e manutenção de estabelecimento apropriado ao abrigo, nutrição e tratamento médico dos indigentes fisicamente inválidos;

b) prestar auxílio a indigentes, que não se encontram nessas condições, mediante a distribuição de esmolas semanais, quinzenais ou mensais, de modo a suprir os motivos determinantes da mendicância pelas ruas da cidade;

c) tomar sob sua proteção crianças desamparadas, órfãos ou filhas de indigentes, internando-as em asilo fundado com esse destino, ou provendo por outro modo quanto ao seu futuro.

Art. 3º — Para a realização de tais objetivos, a SCAN deverá entrar em entendimentos com as instituições pias existentes no Estado, e tratará oportunamente, da fundação de departamentos que completem a ação a que ela se propõe desenvolver

como sejam: albergues noturnos, abrigo para menores, fornecimento de leite às crianças pobres, etc.

CAPÍTULO II

Dos fundos sociais

Art. 4º — Os fundos de que a sociedade carece para a realização de sua missão serão obtidos mediante contribuições dos sócios, subvenções da União, do Estado e do Município, donativos, legados, etc.

§ único — Cada sócio fixará, voluntariamente, a contribuição, com que deseja concorrer para a realização dos fins da sociedade.

CAPÍTULO III

Dos sócios

Art. 5º — Haverá três categorias de sócios, a saber:

- sócios efetivos;
- sócios contribuintes;
- sócios beneméritos.

Art. 6º — Os sócios efetivos da sociedade, por força da reforma desses estatutos, são considerados os rotarianos em gozo dos seus direitos para com o Rotary Club do Crato.

§ 1º — O rotariano que por qualquer motivo não mais pertencer ao Rotary Club do Crato, automaticamente deixará de ser sócio efetivo da SCAN.

§ 2º — Os sócios fundadores porventura existentes nesta data e que não sejam rotarianos, passarão a categoria de sócios beneméritos.

Art. 7º — Serão sócios contribuintes as pessoas que concorram com

uma cota mensal fixada nas condições do artigo 4º parágrafo único.

Art. 8º — Somente os sócios efetivos poderão votar e ser votados.

Art. 9º — Os sócios não respondem solidária ou subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 10 — Terá o título de sócio benemérito, conferido por proposta da Diretoria, ou de 25 sócios, a pessoa:

a) que tiver prestado relevantes serviços a sociedade;

b) que fizer a esta, donativo superior a Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros);

§ único — O título de sócio benemérito não exime o titulado do pagamento das mensalidades a que se obrigou.

CAPÍTULO IV

Do Conselho Diretor

Art. 11 — A SCAN será administrada por um Conselho Diretor, composto da Diretoria propriamente dita e por três vogais e respectivos suplentes, sem remuneração, cuja eleição dar-se-á bianualmente com o sufrágio dos sócios efetivos.

§ único — A Diretoria propriamente dita, será composta de um presidente de 1º e 2º vice-presidente, um secretário e um tesoureiro.

Art. 12 — O Conselho Diretor funcionará quando se reunirem, pelo menos, 2 vogais.

Art. 13 — O Conselho Diretor deverá reunir-se às 15 horas do último sábado de cada mês ou em outro horário por conveniência dos diretores, contanto que seja uma vez por mês, podendo ainda se reunir extraordinariamente, sempre que o presidente convoque.

§ único — O Conselho poderá também ser convocado extraordinariamente, por três vogais, que por escrito, justificarão o motivo da convocação.

Art. 14 — Compete ao Conselho Diretor:

I) — Examinar mensalmente o andamento da Sociedade e as contas ao presidente.

II) — Convocar extraordinariamente a Assembléia Geral, sempre que haja necessidade e no caso do Presidente se recusar a fazê-lo;

III) — Chamar os respectivos suplentes para substituírem os vogais que deixarem de comparecer a três sessões consecutivas, sem motivo justificado.

§ único — para essa convocação extraordinária exigir-se-á pelo menos a assinatura de 2 vogais.

Art. 15 — As vagas eventuais de presidente, de vice-presidente, tesoureiro, secretário ou de vogais serão preenchidas por substitutos eleitos pelo Conselho Diretor.

CAPÍTULO V

Do Presidente

Art. 16 — Compete ao Presidente:

a) representar a sociedade nas suas relações externas judiciais ou extrajudiciais;

b) Presidir as sessões da Diretoria, do Conselho Diretor e da Assembléia Geral;

c) Elaborar o orçamento anual e submetê-lo à aprovação do Conselho Diretor;

d) Dirigir todos os trabalhos e prover para que tenham fiel execução as disposições destes estatutos e das deliberações da Diretoria, do Conselho Diretor e da Assembléia Geral, dando neste sentido as ordens e instruções necessárias;

e) Convocar o Conselho Diretor e Assembléia Geral;

f) Dar conta ao Conselho Diretor do andamento dos trabalhos e do movimento financeiro da sociedade, devendo apresentar a Assembléia Geral um relatório minucioso e completo da vida da sociedade;

g) Resolver sobre a forma, espécie, quantidade, tempo e lugar da distribuição de socorros, dentro do respectivo orçamento;

h) Organizar o serviço de inspeção e sindicância para verificação do estado real dos solicitantes de auxílios e dos casos de necessitados eventuais ou urgentes e dos casos especiais que ocorrerem;

i) Designar os vogais para auxiliar a Diretoria ou substituir qualquer membro desta em caso de impedimento temporário;

j) Fazer a revisão do registro dos indigentes, excluindo ou incluindo nomes;

k) Deliberar sobre a admissão de novos sócios ou exclusão dos que, sem motivo justificado, deixarem de pagar seis mensalidades consecutivas;

l) Informar mensalmente ao Conselho Diretor do andamento da sociedade e apresentar-lhe anualmente o balanço de suas contas;

m) Convocar extraordinariamente a Assembléa Geral, sempre que haja necessidade disso;

n) Nomear auxiliares necessários fixando-lhes os vencimentos, ad referendum ao Conselho Diretor.

CAPÍTULO VI

Do Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro

Art. 17 — Compete ao primeiro vice-presidente:

I) tomar parte nas deliberações da Diretoria e do Conselho Diretor;

II) auxiliar e substituir o presidente nos seus impedimentos.

Art. 18 — compete ao segundo vice-presidente substituir o primeiro nos seus impedimentos;

a) compete ao Secretário — receber e expedir correspondências, escrever e ler as atas das reuniões; manter o arquivo em perfeita ordem e colaborar com o presidente em tudo que

diga respeito ao bom funcionamento da sociedade.

b) Compete ao Tesoureiro — efetuar os recebimentos e pagamentos autorizados pela Diretoria — escriturar nos livros competentes o movimento financeiro e patrimonial da sociedade; apresentar balançetes mensais a Diretoria; depositar em conta bancária as importâncias pertencentes a sociedade.

CAPÍTULO VII

Dos Vogais

Art. 19 — Compete aos vogais:

I — comparecer a todas as reuniões do Conselho Diretor, examinar os atos da Diretoria e verificar suas contas;

II — Prestar auxílio a Diretoria, ocupando temporariamente, os cargos para que forem designados pelo presidente, no impedimento dos respectivos titulares;

III — preencher, em qualquer tempo, por eleição do Conselho Diretor, as vagas que se abrirem na Diretoria;

IV — averiguar conjuntamente, ou isoladamente ou em grupos, constituindo comissões de sindicância, conforme a divisão de trabalho que, de acordo com a Diretoria estabelecerem, da procedência dos pedidos de auxílio apresentados a sociedade, informando a respeito, a Diretoria.

Art. 20 — É facultado aos vogais propor auxílio para pessoas necessitadas, desde que haja meios para tal, bem como, sugerir ao Conselho Diretor tudo quanto seja útil à melhor realização dos fins da Scan.

CAPÍTULO VIII

Da Assembléa Geral

Art. 21 — A Assembléa Geral reunir-se-á ordinariamente de dois em dois anos, para eleição da nova Diretoria e Conselho Diretor, sempre no mês de janeiro.

§ 1º — Para o funcionamento da Assembléa em primeira convocação, exigir-se-á a presença da maioria dos rotarianos que compõem o Rotary Club do Crato;

§ 2º — Em segunda convocação, com o intervalo de uma hora, a Assembléa Geral poderá funcionar com qualquer número de rotarianos presentes.

Art. 22 — A Assembléa Geral poderá ainda se reunir extraordinariamente, por convocação do presidente ou dos vogais, nos termos do artigo 14 § único.

Art. 23 — Compete a Assembléa Geral:

I — Proceder a eleição e posse do Conselho Diretor;

II — Conferir título de benemerência, de acordo com o disposto no artigo 10;

III — Aprovar o relatório e as contas do presidente;

IV — Alterar, modificar a ação futura da sociedade no que dispõem os artigos 1 e 3 e tudo que venha em benefício da sociedade e não seja da atribuição do Conselho Diretor;

V — Deliberar sobre a reforma dos presentes estatutos, dissolução da sociedade ou sua fusão com outra.

CAPÍTULO IX

Disposições diversas

Art. 24 — A SCAN só poderá ser dissolvida:

I) por proposta do Conselho Diretor aprovada por 2 terços dos sócios efetivos, presentes em duas Assembléas Gerais sucessivas para tal fim convocadas, com intervalo não inferior a 15 dias.

II) Se deixar de operar durante dois anos, sem que nesse espaço de tempo sócios em número de 20, pelo menos, promovam o seu esurgimento.

Art. 25 — Em caso de dissolução da sociedade, o patrimônio da SCAN

continuará sob a orientação do Rotary Club do Crato, e na hipótese de não existir um clube rotário na cidade, o patrimônio em apreço será administrado temporariamente, por uma instituição de caridade, até que seja reorganizado o Rotary Club, quando então, dito patrimônio, voltará a sua administração.

Art. 26 — A reforma destes estatutos poderá ser feita por proposta do Conselho Diretor com a aprovação da Assembléa Geral, toda vez que a maioria dos sócios efetivos julgue convenientes.

Art. 27 — Os presentes estatutos discutidos pela Assembléa Geral na sessão realizada no salão nobre da União Artística Beneficentado Crato, aprovados e promulgados, aos dezessete dias do mês de novembro de mil novecentos e quarenta, e reformados em Assembléa Geral na residência do Sr. Plínio Cavalcante, aos 15 dias do mês de junho de 1972.

Euclides Francelino de Lima, Presidente; Hélio Barros Cavalcante, 1º Vice-Presidente; Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo, 2º Vice-Presidente; Antônio Correia Coelho, Secretário; Raimundo Pires Maia, Tesoureiro.

VOGAIS:

Dr. Aníbal Viana de Figueirêdo; Juvêncio Mariano dos Santos; Paulo Barbosa Amorim.

SUPLENTES:

Luiz Américo Sobrinho; Luiz Manoel de Oliveira; Wilson Jacó de Oliveira.

IMPRESSOS?

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI

Onde a sua IMPRESSÃO
causa uma boa impressão...

RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 386

TELEFONE: 521-1223

CR A T O — C E A R Á

REVISTA

A PRISÃO DO SARGENTO - MOR ARNAUD

O Governador Manuel Inácio de Sampaio assumiu as suas importantes funções de Governador do Ceará a 19 de março de 1812, passados oito dias de sua chegada, e quase um ano de nomeado. Barba Alardo, que ainda se encontrava em Aracati, doente, sabendo da presença de seu sucessor, escreveu-lhe entregando o mandato administrativo. Logo a 26 do mesmo mês o novo Governador oficiou ao Sargento-mor do Aracati recomendando facilidades de cavalgaduras e víveres ao seu antecessor, que dali partiria, a cavalo, para a Capitania de Mato-Grosso e que merecia as comodidades de uma boa viagem, por "ser pessoa que pelas suas virtudes, representação e empregos que acaba de servir e vai ocupar".

Nos dias seguintes, pouco-a-pouco tomando conhecimento dos fatos administrativos, foi o Gov. Sampaio, com o seu secretário José Rabelo de Sousa Pereira, tomando as providências necessárias para o prosseguimento da boa gestão de Barba Alardo.

Aos diretores das Vilas de Índios foram enviados os primeiros ofícios indicando medidas para a pronta execução de algumas ordens. A 12 de abril, por intermédio do Capitão-mor

do Icó, José Bernardo Nogueira, mandou Sampaio um ofício de convocação ao Sarg-mor José Alexandre Correia Arnaud, do Crato, exigindo "a sua presença na Sala do Governo" alegando ser impossível por carta ou ofício transmitir-lhe várias ordens do Real Serviço.

Dando logo um acento de autoridade, o novo Governador, por mensagens levadas a todos os chefes de comando lembra-lhes as obrigações de exigirem também de seus subordinados a pronta execução das ordens superiores não cabendo a estes discutir "se a diligência é bem ou mal feita, justa ou injusta". A falta de cumprimento de uma ordem, avisa Sampaio, pode motivar a aplicação ao militar relapso a mesma pena que teria o criminoso que deixara de ser preso. No mesmo documento, de 8 de maio, ordena o desarmamento de todos os peões, como medida "necessária para purgar a Capitania de tantos facinorosos".

Era muito difícil a execução destas determinações, em vista da proteção e apadrinhamento dos chefes políticos aos seus apaniguados, capangas e correligionários. Continuou o Ceará a sofrer esta terrível praga, só serenando um pouco a violência depois das medidas drásticas do Presidente

José Martiniano de Alencar, que não esmoreceu mesmo diante de inquietantes reações.

Outra medida disciplinar tomada por Sampaio referia-se ao desvio do "Donativo para o resgate dos cativos de Argel", contribuição criada para conseguir fundos para a remissão de soldados portugueses tomados prisioneiros pelos mouros nas guerras do Norte da África. Cada Cap-mor recebeu a incumbência de levantar determinada quantia de seus comandados, mais ricos. A contribuição seria voluntária e enviada ao Erário do Rio de Janeiro. Aqui, três claviculários se encarregavam de receber as importâncias arrecadadas. Sampaio verificou que apenas 1 conto e trezentos mil réis tinham chegado a este destino e o dinheiro recolhido deveria ser de um montante muito superior, além dos bois e garrotes que, sabia ele, tinham sido ofertados na falta de dinheiro sonante. Logo ao poderoso Cap-mor do Crato, José Pereira Filgueiras reclamou o Governador acerca do dinheiro e bens em seu poder. Filgueiras nada respondeu:

A Sampaio nada escapava na administração pública; estava vigilante, mandando prender suspeitos, ordenando buscas e admoestando os seus mais altos funcionários. Ao Cap-mor de Quixeramobim dizia ele, que mesmo em outras Capitânicas tinha mandado prender criminosos e que em caso de fuga mandava "correr atrás". A esta autoridade dizia claramente que "o seu termo é onde se acoitam os fugitivos e malfeitores e que V. Mcê deve evitar, em virtude das obrigações de seu cargo". A idéia fixa do Governador era "o sossego da Capitania", e neste empenho diariamente se dirigia aos Capitães e Comandantes.

A convocação do Sarg-mor Alexandre Arnaud só chegou às mãos do destinatário a 15 de maio, respondendo ele com um pedido de dispensa de tal apresentação na Sala do Go-

verno, alegando doença. Sampaio respondeu a 19 de julho, afirmando que quando dava uma ordem era para ser impreterivelmente cumprida e que se o Sarg-mor estivesse doente enviasse um atestado assinado pelo cirurgião do lugar onde se encontrasse.

Arnaud acabou atendendo e foi à Capital entender-se com Sampaio. Em diversas conferências que tiveram em agosto de 1812, o Sarg-mor deu conhecimento ao Governador dos fatos, mas não satisfez a este, que imediatamente dirigiu-se ao Cap-mor das Ordenanças do Icó, José Bernardo Nogueira, ordenando a prisão de Arnaud quando por ali ele passasse de volta ao Crato. Ao próprio Arnaud o Governador também se dirigiu, dando-lhe ciência de que tinha tido conhecimento, por documento autêntico, de todo o emaranhado de acontecimentos que motivara a sua atitude. Indignara ao Governador saber que o Sargento-mor do Crato assinara um documento em Cartório comprometendo-se a prender e entregar duas pessoas implicadas em crime de morte na Paraíba e não ter cumprido o ajuste. Francisco Calado de Bittencourt e Custódio Alves de Oliveira, envolvidos em um assassinato na Capitania vizinha, pelo qual deveriam responder processo, homiziaram-se no Crato e aí, com a conivência do Juiz Ordinário foram desembarcados da prisão, passando a fazer arruaças, juntamente com sequazes, ameaçando os que prejudicassem os seus planos. A Vila cariense vivia em grande intranquilidade.

A ordem de prisão contra o Sarg-mor Arnaud era muito minuciosa. Deveria ele ser capturado antes de entrar no Icó na sua volta de Fortaleza e colocado em prisão segura, se possível dentro da decência que a sua condição exigia, mas, podendo ser em qualquer lugar, uma vez que havia possibilidade de uma tentativa

de seqüestro por parte de seu irmão ou dos criminosos que ele protegia. "Tal é a condição dos homens que se degradam do seu carater, protegendo tais facinorosos", afirma Sampaio.

Todo o Corpo de Ordenanças do Icó foi mobilizado, e mais os batalhões comandados pelo Coronel Manuel Muniz de Melo e o Tenente Cel. Antonio Bezerra de Menezes. Logo que fosse feita a prisão, possivelmente dentro do termo do Icó, deveria o Cap-mor dessa Vila comunicar-se com o Comandante do Aracati para este enviar o Tenente Ferreira de Sousa destemido militar e de confiança do Governador, com o seu destacamento para o Icó, afim de manter a ordem e garantir a prisão do Sarg-mor Arnaud.

O principal informante de todos os acontecimentos que determinaram esta enérgica ordem de Sampaio foi o Cap-mor do Crato, José Pereira Filgueiras. Este, a 5 de novembro de 1811 e em janeiro e fevereiro de 12 tinha dado a Barba Alardo informações completas; mas, Sampaio, corajosamente, em carta a Filgueiras dizia-lhe claramente que "V. Mcê e o Sarg-mor são com pouca diferença tão culpado um como o outro". E, particularmente admoesta Filgueiras por ter este vindo à Capital acompanhado de 14 homens armados de bacamartes. Sampaio adverte-o que de outra vez ele poderá vir acompanhado de tantos homens armados, mas serão estes os que estiverem encarregados por ele de sua condução para a Fortaleza desta Capital. Diversos ofícios foram dirigidos a Filgueiras, a 20 de março, 30 de abril, 8, 21 e 22 de maio e a nenhum Filgueiras respondeu, dando ocasião a Sampaio incriminá-lo de fraco, "continuamente a dar ouvidos a falsos amigos", a viver imaginando ataques, dando a conhecer a "fraqueza de seu espírito inquietante e embaraçado de cumprir as suas obrigações". Ter-

minando o ofício de 9 de setembro com uma advertência: "cuide unicamente em executar à risca com a mais escrupulosa imparcialidade o que eu lhe ordenar". E mais, dava a entender existir uma certa subserviência de Filgueiras perante "as patentes de seu Sarg-mor".

Arnaud foi preso no Icó e para lá, conforme ordenara Sampaio, seguiu o Tenente Ferreira de Sousa para ter o detido na devida segurança. Para tanto dispoñdo de soldados e oficiais de seu destacamento, para os quais foram arranjasdas acomodações e determinado um rodízio, entrando no esquema de segurança elementos dos dois Regimentos de Cavalaria e de Infantaria miliciana, "devendo entrar no detlhe todos os oficiais efetivos ou agregados dos três Corpos, de Capitão inclusivamente para baixo". Deveria ser muito perigoso ou por demais poderoso o Sargento-mor.

Também foi preparado o Comandante do Aracati, Tenente-Coronel Pedro José da Costa Barros para receber o preso trazido pelo Tenente Sousa Ferreira do Icó para a Capital, dando o máximo de segurança à Cadeia.

A prisão do Sarg-mor ocorreu a 18 de setembro de 1812, sendo ele recolhido à cadeia das mulheres, por ser a de maior segurança. O Capitão de Ordenanças Manuel da Cunha Freire Pedrosa, oficial destemido que mais tarde escoltaria também preso Pinto Madeira, e que morreu assassinado nas ruas do Icó, a mando de João André, foi o autor da fanhaça, pondo Arnaud seguro, à vista de sentinelas bem armadas e municidas. Poucos dias depois o Sarg-mor foi removido para um quarto na Casa da Câmara.

A 25 de setembro Arnaud escreveu ao Governador Sampaio queixando-se das calúnias que lhe haviam sido assacadas por seus rivais. Sampaio, a seu jeito rebate, lembrando-lhe a

Cariri quer Medalha da Abolição para Alencar Araripe

O Instituto Cultural do Cariri, com sede em Crato, está lutando junto ao Governo do Estado para que seja conferida a Medalha da Abolição ao advogado e escritor, ex-Prefeito do Crato, ex-deputado federal e consti-

tuante de 1946, Antônio de Alencar Araripe.

Em artigo publicado no jornal da Associação Comercial do Crato, o jornalista J. Lindemberg de Aquino considerou uma injustiça que os Governos estaduais, desde Parsifal Barroso a Gonzaga Mota, não tenham se lembrado de Alencar Araripe, quando da Outorga da maior Comenda do Estado.

Cearense de Pereiro, bisneto de Tristão Gonçalves, Antônio de Alencar Araripe, tem sessenta anos de vida pública. Foi Prefeito do Crato por duas vezes, Deputado Federal — Constituinte de 1946 — até 1958, Presidente do Banco do Nordeste e Sub-Procurador do Estado, entre outros cargos que exerceu. No Congresso Nacional ficou conhecido como "O deputado das Sêcas", pela sua atuação vibrante, corajosa e fecunda, "jamais se dobrando aos interesses dos poderosos" — diz J. Lindemberg de Aquino em seu artigo.

Essa atuação parlamentar de Alencar Araripe está relatada no livro "12 anos de Parlamento", escrito por ele. Hoje, aos 86 anos de idade, depois de ter escrito várias outras obras, notadamente sobre a história do Cariri e sobre os problemas da sêca, Antônio de Alencar Araripe se dedica a estudos genealógicos. Reside em Fortaleza. Escreve periodicamente artigos para O POVO.

"Que o Governador Gonzaga Mota o inclua na próxima lista dos outorgados. Será ato de pura justiça, gratidão e reverência a quem tanto se dedicou ao Ceará", escreve o jornalista do Crato.

obrigação de manter preso os criminosos, sendo esta a única maneira de obter o seu livramento. Mudando de tom, agradece ao Sarg-mor a cópia de uma dissertação que o mesmo escrevera sobre o Cariri, "que gostei de ver e que terei de lhe fazer várias perguntas".

Mas, ainda e 9 de outubro o Governador continuava a recomendar o máximo cuidado com a permanência de Arnaud na Cadeia do Icó.

Apesar de sua grande influência no Crato, terminou o Sarg-mor deportado por Sampaio. Para aumentar o seu sofrimento, em abril de 1816 perdeu o seu filho homônimo, Capitão mor da recém fundada Vila de Jardim.

Do Sarg-mor José Alexandre Correia Arnaud diz o Prof. Bernardino Gomes de Araújo: "educado e com idéias de Paz e Moralidade, ativo e econômico adquirira fortuna e gozava de estima e consideração da gente grada; vivo, inteligente, servia os cargos públicos com tino e desembaraço e tinha porisso grande ascendência perante o Ouvidor da Comarca". Entre ele e Filgueiras houve disputa de prestígio, causa da desavença.

Sampaio, novo no emprego e de nada sabendo sobre os predicados de seu subordinado, não tergiversou em tomar tais medidas, desconhecendo as sutilezas da confusa política dos sertões.

(Jornal O POVO, 4-4-84)

Juazeiro :

*grande pela sua fé
imenso como oficina de trabalho
gigante pela saudade !*



*Há 50 anos ele partiu, mas deixou a
força de seu exemplo e a beleza
de sua vida.*

*Jamais ele será esquecido pelo
nosso povo.*

Nossa homenagem,

Padre Cicero



*Administração Municipal de
Juazeiro do Norte*

Manoel Salviano

Prefeito Municipal

San Pedro Hotel de Serra

— Uma Realidade! —

Realiza-se o grande sonho do povo cratense:
Começam a ser utilizados, neste segundo semestre
de 84, os primeiros Apartamentos e Chalés.

BICA - JARDINS - GRAMADOS - BAR NATUREZA
TUDO JÁ À SUA DISPOSIÇÃO...

San Pedro Hotel de Serra

*Novas etapas vencidas para consolidar o anseio maior
de nossa gente, e dar ao Crato um Hotel de
categoria e refinamento.*

PRESTIGIE • CONHEÇA • DIVULGUE
A Grande Realidade já chegou!

A EDUCAÇÃO PARA OS DIAS DE HOJE, NUM ESPAÇO DO TIPO "CARIRI"

I — A EDUCAÇÃO COMO FENÔMENO NATURAL

A Educação surgiu como um fenômeno **natural**, isto é: um fenômeno decorrente da própria natureza do homem, ser **criado** e **criativo**. Por isso, vindo do homem, volta-se para ele, dentro da história que ele constrói e de que é sujeito, no plano infra-angélico. Mas o homem, nesse entendimento, deve ser visto numa perspectiva de **globalidade**, que o exprime em sua **essência**, o qualifica em seus **acidentes** e o sublima em sua **transcendência**.

Em tudo isso, vemos e conhecemos a Educação como um fenômeno peculiarmente **humano**, que nos conduz e que conduzimos, por força de nossa essencialidade operativa carente e axioteletrópica, isto é: atraída por valores e fins de interesse, perfeição e felicidade.

Nenhum povo, nenhuma comunidade, nenhum homem deixa de experimentar, seja em que grau for, o **fato educacional**, inerente que é à natureza humana. E como esta se estrutura, procede e se realiza socialmente, segue-se que a Educação, sendo um **fenômeno humano**, também é, por isto mesmo, um **fato social**. Daí assumir a natureza de processo simultaneamente de **existência** e de

convivência, a ultrapassar as fronteiras do ser **apenas sendo**, em sua individualidade ôntica, para alcançar a esfera do ser — **formando-e-transformando-vitalmente**, na pessoa e entre pessoas imersas no quotidiano real.

Quando a Educação apenas se fixa na essência humana, peca por abstração e generalidade; quando se detém exclusivamente no **acidente** ou na **circunstância**, apouca-se em sua capacidade de satisfazer e transcender. Há-de ser vista, portanto, em sua dimensão de plenitude, sem prejuízo de ênfases e peculiaridades que se devam estabelecer ao longo do tempo e de acordo com o espaço geográfico. Assim, a verdadeira Educação, partindo do homem, volta-se para ele, em termos **imediatos** e em termos **mediatos**, e conta com ele próprio para impulsionar e aprimorar essa dinâmica fundamental de seu ser e de sua vida.

Ora, cada homem guarda uma individualidade que lhe é radicalmente própria, ao tempo em que se abre, receptivo e carente, à experiência do outro, em composição e unidade de **pessoa**. Esse **outro** é o homem concreto, em seu **ser essencial** e em seu **proceder existencial**, o homem **onticamente sendo** e **historicamente existindo**. De um ponto a outro do globo,

e do ontem mais recuado ao futuro mais distante, o homem é e será sempre **homem**, naquilo que o faz homem por essência, mas, dotado de poder criativo (participante da natureza divina que o é), assume e deve utilizar as circunstâncias de seu existir e de seu viver real.

É como é natural ao homem viver em sociedade, posto que guardando a própria individualidade e a própria essência, sua ação educativa é um agir social, participando vitalmente do ser social. Por isto mesmo, pode a ação educativa organizar-se e institucionalizar-se, pode a Educação constituir-se num **caminho** ou num **descaminho** do homem. Caminho, enquanto o homem se conduz e é conduzido (ser social) de acordo com sua natureza, para seus fins específicos, em termos de valor, interesse, desejo de felicidade; e é **descaminho**, enquanto capaz de oferecer-lhe o risco de marginalizá-lo e frustrá-lo nesses propósitos.

II — A PAISAGEM HUMANA

A paisagem humana é diferenciada em sua **localização** e em sua **história**. Daí ser inviável uma educação igualitarista e absolutamente homogênea. É necessário, respeitada a essência humana, atentar-se para a circunstância no tempo e no espaço, com as respectivas características diferenciais. É realmente natural e necessário que exista uma educação européia, uma educação oriental, uma educação brasileira, uma educação nordestina, uma educação cearense, caririense, cratense. E cada um de nós, a partir de nossa individualidade e de nossa natureza social, cresce pela assimilação e incorporação de elementos advindos dessas diferentes esferas concêntricas, e, ao mesmo tempo, porque tem uma individualidade intransferível, é capaz de contribuir para o enriquecimento dos vários grupos e comunidades de que

participa. De igual modo, e guardadas as devidas proporções, cada grupo ou comunidade, de qualquer magnitude, é capaz de contribuir para o enriquecimento de cada pessoa. Desse modo, todos e cada um somos capazes de **receber e oferecer** educação.

Vamos deter-nos, entretanto, no Cariri cearense, centrado, neste momento, na cidade do Crato. O homem caririense guarda a sua essencialidade específica de homem, acrescida de camadas históricas e culturais constituídas pela experiência social comum, mas também delineadoras dos traços característicos deste espaço geográfico. O homem caririense o é por nascimento, convivência ou adoção, e aqui ele integra uma comunidade exigente de uma forma de educação vinculada ao universal em linha de essência e reveladora e valorizadora do circunstancial ou acidental em linha de existência concretamente situada, dimensionável em variáveis esferas concêntricas.

Há um modo de ser caririense, que sugere uma educação caririense. A natureza das coisas assim dispõe. É essa natureza compreende dois elementos que, embora circunstanciais, são imprescindíveis, bem como um terceiro, que é sujeito agente, operacionalmente transformador e, ao mesmo tempo, condicionável e moldável: trata-se da terra, do tempo e do homem **caririense**.

Existem, no Brasil e noutras partes do mundo, espaços semelhantes a este, isomórficamente capazes de figurar, numa estrutura de analogias e equivalências, como pertencentes a um determinado tipo sub-regional, em que clima, situação, morfologia, história, sociedade e cultura apresentam um potencial de valores e possibilidades da maior importância e significação, particularmente se confrontados com os espaços que os cercam e como que lhes dão con-

tinuidade e contraste. São polos para os quais convergem interesses e necessidades múltiplas. São espaços vocacionados a um desenvolvimento maior e mais forte, em relação a outros dotados de elementos como os acima referidos.

Mas, apesar dos traços comuns, que as supõem congêneres e equipotentes, cada uma dessas sub-regiões ostenta um perfil inconfundível. Assim como há uma individualidade em cada pessoa, semelhantemente há uma individualidade em cada espaço, em cada tempo, em cada grupo humano. O Cariri cearense é absolutamente único, se considerado sob os aspectos que o singularizam. Tal particularidade não pode deixar de ser levada em conta, ao tratar-se do problema educacional. Nisto vai a formação de uma ótica realista localizada, mas que poderá sofrer o perigo de estreitamentos e deformações, caso se lhes roubem perspectivas ou horizontes mais vastos, na medida das necessidades e do alcance do próprio homem.

III — A PAISAGEM CARIRIENSE

A educação encontra no educando, como é sabido, o seu próprio sujeito, e este é *singular*, na individualidade de cada pessoa, e é plural, na individualidade de cada grupo. E cada pessoa e cada grupo **educam e se educam**, dentro do tecido social. É um **dar** e um **receber** reveladores, enriquecedores e transformadores. Sobre esses espaços em que se esboçam, ensaiam e atuam as ações educativas, devem projetar-se iluminações que indiquem, ao mesmo tempo, as carências e possibilidades de cada um e de todos, de cada parte e do conjunto delas, isto é: deve formar-se e desenvolver-se, progressiva e permanentemente, uma consciência educacional válida, por adequada e por conveniente.

Assim, nós, do Cariri cearense,

enquanto formamos uma comunidade localizada, devemos esforçar-nos por descobrir e medir nossa própria realidade, a fim de elaborarmos o **nosso projeto educacional**, a partir do que fomos e atualmente somos, podemos e queremos.

Existimos e vivemos no mundo de hoje, nesta área nordestina que nos coube habitar, com uma história que continuamos a construir, num presente que nos desafia e diante de um futuro pelo qual, em grande parte, somos responsáveis.

E dentro desse complexo, constituímos, como educadores, um segmento específico, carregando-nos de responsabilidades bem maiores, em relação aos demais segmentos, todos, entretanto, obviamente também responsáveis por uma parcela do processo educacional caririense.

Temos, em nossas mãos de educadores, determinada matéria prima, para, dentro da realidade em que existimos, neste momento da história e dentro das esferas concêntricas da convivência humana, ser por nós convenientemente modelada. Isso nos diz respeito e nos pesa gravemente, porque esse é o nosso ofício, porque isso é que professamos.

Mas sozinhos pouco podemos fazer. Impõe-se-nos uma ação sobre nós mesmos e sobre os outros segmentos. **É imprescindível que o projeto caririense de educação seja um projeto nosso, a partir de nós educadores, e não um transplante sujeito a rejeição, por inadequado ou alienante. Mas só podemos agir validamente, nesse sentido, na medida em que nos afirmarmos pela qualidade de nosso ofício, mesmo não desconhecendo as dificuldades que o cercam ou procuram sufocá-lo a cada instante. Só podemos agir validamente nesse sentido, se aceitarmos nossa vocação e formos dóceis a ela, o que não quer dizer passivismo diante das injustiças, nem comodismo**

ORIGENS DA FAMÍLIA PEREIRA, DA RIBEIRA DO PAJEÚ

A família PEREIRA é portuguesa, da Província do Minho, ligada à Casa de Bragança.

Em Pernambuco, segundo uns, começou com AMADEU DE ARAÚJO PEREIRA, que foi Capitão-Mor de Ipojuca ao tempo da Restauração Pernambucana, nos já distantes idos de 1645.

Segundo outros, os PEREIRA seriam originários da Casa da Torre de Garcia D'Avila, através de MANOEL PEREIRA GAGO, rendeiro e homem de confiança de Francisco Dias D'Avila.

diante das incompreensões. Precisamos crescer em nossa qualidade profissional, a começar de uma clara compreensão de nossa dignidade humana fundamental, e de nossa dignidade profissional humanizadora. Precisamos descobrir e percorrer as vias de nossas obrigações de educadores, numa sub-região como a nossa, que abrange numerosos municípios, e não somente aqueles que nela mais se têm desenvolvido. Precisamos agir dentro e fora da escola, na condição específica de educadores, se desejamos um amanhã melhor para o nosso Cariri.

Parte escrita da conferência que, a convite da Delegacia Regional do Ensino, sediada na cidade de Crato, Estado do Ceará, proferiu o autor na manhã do dia 28 de janeiro de 1982, no auditório do Palácio Thomaz Osterne de Alencar, da Associação Comercial do Crato, dirigindo-se aos professores da rede oficial do ensino).

Para outros ainda, tudo teria começado com MANOEL PEREIRA e sua filha MARIA DA ASSUNÇÃO que chegaram em uma caravela em Salvador-Bahia, vindos de Portugal, na primeira metade do século XVIII juntamente com Leonel, Alexandre, Marta e João Francisco de Alencar Rego.

Logo após o desembarque MANOEL PEREIRA e sua filha foram residir na "FAZENDA CARNAÚBA", em Geremcabo, sertão da Bahia, a serviço da Casa da Torre de Garcia D'Avila e os outros quatro companheiros de viagem foram para a "FAZENDA VÁRZEA GRANDE", nos sertões do São Francisco, fixando-se posteriormente nas imediações da Chapada Araripe, lado pernambucano, dando origem à Família Alencar de tantas tradições em todo o Nordeste.

Mais ou menos 10 anos depois da separação dos dois grupos familiares, Leonel volta à Bahia e casa com MARIA DA ASSUNÇÃO de quem se afeiçoara ao longo da demorada e penosa travessia transatlântica e na viagem de volta aos sertões pernambucanos traz em sua companhia um seu cunhado, irmão de MARIA DA ASSUNÇÃO, de nome JOSÉ PEREIRA, que seria o precursor dos PEREIRA do Pajeú, enquanto MARIA DA ASSUNÇÃO viria a ser a avó da heroína republicana Bárbara Pereira de Alencar.

Portanto, é polêmica ainda a origem da Família PEREIRA que, par-

tindo da Ribeira do Pajeú, espalhou-se por todo o Brasil e até pelo exterior, pois em Nova York faz Mestrado um bisneto de ANA PEREIRA NEVES, Prof. MARCOS AYRES DE ALENCAR BRITO, ligado à Universidade de Santa Catarina.

Assim sendo, a semente familiar plantada nas adustas terras do Pajeú floresceu e frutificou generosamente, a despeito de todos os obstáculos e já tem ramos até no estrangeiro.

As armas da família PEREIRA são: EM CAMPO VERMELHO UMA CRUZ DE PRATA FLORIDA E VAZIA DE CAMPO.

Mas, voltemos ao princípio de tudo: o que é realmente concreto, deixando de lado a polêmica, é que, nos últimos 20 anos do século XVIII chegou à "FAZENDA INVEJA", próxima à atual Vila de Bom Nome, um rapaz muito bem parecido e de fino trato, de nome JOSÉ PEREIRA DA SILVA, até certo ponto misterioso, vindo das bandas das Sesmarias do Jaguaribe, mais precisamente dos sertões cearenses dos Inhamuns, o qual não falava de sua família nem do seu passado, nem jamais explicou, mesmo para os mais íntimos, os verdadeiros motivos que o impeliram a empreender aquela exaustiva e perigosa travessia, passando por áreas incultas onde imperava a lei do trabuco e até por territórios indígenas.

Uma vez fixado naquelas paragens pernambucanas até certo ponto inóspitas, casou-se com JACINTA OSSÉLIA DE SANTO ANTÔNIO ou JACINTA RODRIGUES, filha do abastado fazendeiro, JOSÉ CARLOS RODRIGUES, proprietário da "FAZENDA SABONETE" onde hoje fica a Vila de Bom Nome, entre outras propriedades.

O jovem casal recebeu do sôgro, de presente, a "FAZENDA CARNAÚBA" e nela constituiu numerosa prole que, inicialmente espalhou-se por toda a Ribeira do Pajeú e adja-

cências, inclusive regiões limítrofes do Ceará e Paraíba.

São filhos do casal pioneiro JOSÉ PEREIRA DA SILVA — JACINTA OSSÉLIA DE SANTO ANTÔNIO ou JACINTA RODRIGUES:

- 1) Simplicio Pereira da Silva (Trisavô dos Drs. Raimundo e João Tavares Neves, de Juazeiro)
- 2) João Pereira da Silva.
- 3) Antônio Pereira da Silva.
- 4) Francisco Pereira da Silva.
- 5) Manoel Pereira da Silva.
- 6) Vitorino Pereira da Silva.
- 7) Joaquim Pereira da Silva (Bisavô do signatário deste trabalho).
- 8) Sebastião Pereira da Silva.
- 9) Alexandre Pereira da Silva.
- 10) Cipriano Pereira da Silva.
- 11) Mariana Pereira da Silva.
- 12) Ana Pereira da Silva.

Portanto, na lendária "FAZENDA CARNAÚBA" à margem direita do asfalto que liga Bom Nome à Serra Talhada, hoje de propriedade do Deputado Estadual de Pernambuco, ARGEMIRO PEREIRA DE MENEZES, está fincada a raiz principal da família PEREIRA no Nordeste.

Isto é pacífico, embora seja ainda polêmico o trajeto da semente familiar de Portugal até à "FAZENDA CARNAÚBA".

Apesar dos lutosos eventos que perseguiram os PEREIRA por quase dois séculos sem trégua, desde 1838 quando aconteceram as primeiras escaramuças entre os PEREIRA e os CARVALHO, a família soube tudo superar com estoicismo e sobreviver e hoje desfruta de invejável prestígio político, social e cultural em vasta área dos sertões nordestinos, com figuras proeminentes em vários ramos da atividade humana, inclusive em muitos outros Estados da Federação, sobretudo em Pernambuco, Ceará, Paraíba, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Alagoas e Rondônia.

NOTÍCIAS DO **Além,** DE CEARENSES LÁ DOMICILIADOS

Pela pena mediúnica de Francisco Cândido Xavier, o maior médium escrevente do mundo, que já conta com mais de duzentos livros psicografados, retiro, com particular reconforto espiritual,

Afeto cego e violento,
Sem previsão e sem paz,
Quando atinge o casamento
A provação vem atrás.

Gil Amora

Pessoa sem disciplina
De estranho temperamento,
Não procure compromisso
Nas faixas do casamento.

Carlos Gondim

União de duas almas
É uma luz para o caminho;
Há muita lição no mundo
Que não se aprende sozinho.

Bóris Freire

Quem tudo faz quanto anseia
Não é feliz como pensa;
Coração que se refreia
Evita provas imensas.

Gil Amora

Quem se humilha sabe achar
A senda de elevação;
O rio pausa no mar
Por rebaixar-se no chão.

Bóris Freire

Um berço que se levanta
Lembra lavoura perfeita:
A vida cultiva a planta,
A morte expõe a colheita.

José Albano

Ensinarmento que vejo
Na cartilha da verdade:
Quem diminui o desejo
Aumenta a felicidade.

Ulisses Bezerra

Não há difícil caminho
Se adiante brilha a luz.
Após as noites da vida
Terás um sol em Jesus!

Rogaciano Leite

Carro de boi gemedor
Do sertão que tanto amei,
Iguazinho à minha dor,
Nos tempos que aí passei!

Zé da Luz

Também eu fui trovador,
Trabalho ameno e divino,
Jogando rosas de amor
Nas estradas do destino!

Aderaldo Ferreira de Araújo

Tudo isto mostra que a família PEREIRA enfrenta o presente e enfrentará o porvir de cabeça erguida através das novas gerações, disposta a aceitar o desafio dos tempos modernos não mais empunhando o rude trabuço do passado, mas com os instrumentos do progresso e com a instrução, provando que a semente plantada no Pajeú fincou raízes bem profundas com seguros sinais de perenidade e exportando o seu generoso e forte sangue para quase todos os

quadrantes deste imenso País!

O banditismo que obstaculizou o caminho dos PEREIRA por quase dois séculos foi um mero fruto das circunstâncias da época e nunca uma vocação, merecendo mais um estudo sociológico do que críticas.

Parodiando Euclides da Cunha não vacilamos em afirmar: O PEREIRA É ANTES DE TUDO UM FORTE, CAPAZ DE ADAPTAR-SE A TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA E COM ELAS CONVIVER!

Ação na mediunidade
É força que o bem produz.
A água em atividade
Transforma energia em luz!

Carlos Gondim

Ainda que sangue a ferida
E por mais pesada a cruz,
Quanta alegria na vida
Do seguidor de Jesus!

Rogaciano Leite

A vida é como topada,
Pode doer, mas consegue
Jogar você para frente,
Que tropeçando prossegue...

Quintino Cunha

Tão doce como o luar
Banhando o céu do sertão,
É a paz de quem sabe amar
E tem limpo o coração.

Catulo da Paixão Cearense

Fui poeta e fui cantor,
A vida vivi assim,
Semei Deus e o Amor
E o céu se abriu para mim.

Catulo da Paixão Cearense

NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS :

Aderaldo Ferreira de Araújo, nasceu na cidade do Crato, Ceará, em 1882, e faleceu em 1967. Poeta popular de grande prestígio, ficou famoso a partir da publicação de um folheto, em 30 de outubro de 1923, narrando "A Peleja do Cego Aderaldo com José Pretinho do Tucum", em sucessivas edições.

BÓRIS FREIRE — pseudônimo de Augusto Linhares — nasceu em Baturité, Ceará, a 24 de dezembro de 1879, e desencarnou a 21 de outubro de 1963. Médico, poeta e prosador. Iniciou seus estudos na Bahia e doutorou-se pela Faculdade do Rio de Janeiro. Especializou-se na Universidade de Liverpool e fez cursos nos hospitais de Paris, Bordéus, Viena, Berlim e Nova York. Famoso otorinolaringologista.

CARLOS GONDIM — Nasceu na Vila de Coité, hoje Aratuba, Ceará, a 6 de dezembro de 1886, e desencarnou a 11 de março de 1930, em Fortaleza. Deixou dois livros: Tortura de Artista e Poemas do Cárcere.

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE — Nasceu em São Luis do Maranhão, a 8 de outubro de 1863, e desencarnou no Rio de Janeiro, a 10 de maio de 1946. Poeta de grandes raízes populares, notabilizou-se, entre outras obras, como autor do "Luar do Sertão", ainda hoje peça incluída com frequência no repertório do nosso cancionário. Pertenceu à Academia Maranhense de Letras, ocupando a cadeira número nove, de Gonçalves Dias.

GIL AMORA (pseudônimos: Amorinha e Zé da Rua) — nasceu em Fortaleza, Ceará, a 18 de Janeiro de 1883, e desencarnou a 13 de abril de 1920. Sua obra encontra-se esparsa em jornais e revistas. Deixou os folhetos "Poemas de Maio", que constituem tocante hino religioso.

JOSÉ ALBANO — (José de Abreu Albano) — poeta de linhagem clássica, sonetista primoroso e trovador de mérito. Professor e diplomata, andou em diversas partes do mundo. No dizer da Antologia Cearense, p. 254, "era um gênio atribulado pela obsessão do perfeito", deista e céptico ao mesmo tempo.

QUINTINO CUNHA: — Nasceu na antiga Vila de Uruburetama, atual cidade de Itapagé, Ceará, a 24 de julho de 1875, e desencarnou a 1º de junho de 1943. Pertenceu à Academia Cearense de Letras.

ROGACIANO LEITE: — nasceu na Fazenda Cacimba Nova, mun. de São José do Egito, Pernambuco, no dia 1º de julho de 1920, e desencarnou no dia 7 de outubro de 1969, no Rio de Janeiro. Poeta e repentista nato, cantou desafio, durante a adolescência, com os maiores violeiros

PAULA FRASSINETTI

Ontem e Hoje

A história das mulheres célebres é sempre baseada no amor. Um amor que as fez se realizarem a si

do Nordeste. Mais tarde, formou-se em letras clássicas, pela Faculdade de Filosofia do Ceará. Jornalista de grandes méritos, obteve dois prêmios nacionais de reportagem. Foi responsável pelo maior trabalho de divulgação dos poetas populares nordestinos no sul do País, depois de haver realizado um Congresso de Cantadores, no Teatro Santa Isabel, em Recife.

ULISSES BEZERRA — bem jovem ainda, viu os pais desencarnarem no sertão cearense assolado pela seca, acompanhando, então os irmãos para Fortaleza. Só aos 20 anos pôde adquirir alguns conhecimentos da língua vernácula, tornando-se, desde logo, ávido leitor de tudo quanto lhe caía às mãos. Em 1887 estreou na imprensa do Ceará, e foram diversos os periódicos que receberam a sua colaboração. Sócio fundador da "Padaria Espiritual", em cujo órgão publicou belas poesias, às vezes sob o criptônimo de Frivolino Catavento. Sócio honorário da "Mina Literária", do Pará, e de outras sociedades literárias.

mesmas e as incentivou a contribuir para modificar o mundo. A capacidade de amar de uma mulher é imensurável, que chega aos extremos da virtude ou do pecado, tornando-a santa ou pecadora.

A história de PAULA FRASSINETTI é uma história de amor, dia a dia, momento a momento no decurso de 73 anos. Seus atos e decisões foram, incontestavelmente, provas de amor.

Revivamos um pouco a graça de sua vinda ao mundo: à 3 de Março de 1809, João Batista Frassinetti e Angela, receberam com alegria a menina tão desejada, que Deus lhes presenteara. Aconteceu em Gênova, e nesse mesmo dia, na igreja de Santo Estevão, ela foi regenerada nas águas do batismo, recebendo os nomes de PAULA ANGELA MARIA. Algum tempo depois, seus pais subiram ao santuário da Madonnetti e a consagraram à Mãe do Senhor.

Diz a história, que era um dia de primavera: azul intenso do mar, o rosado dos pessegueiros floridos, o esvoaçar afetuoso das andorinhas, enfeitavam aquele panorama estuendo.

Qual o destino daquela menina?

De criança à puberdade e à adolescência, Paula cresceu com juízo, sem fantasias, pois que a sua realidade, orfã de mãe tão cedo (aos 9 anos), encheu-a das responsabilidades nas lidas domésticas. Em casa não aprendeu só a desembaraçar-se em todos os serviços, mas também a amar o trabalho como fonte de sustento, de autonomia e de dignidade humana. Aprendeu a fiar, a tecer e a remendar as roupas da casa. Cozinhava e cuidava de tudo com paciência e resignação.

Aos 19 anos, Paula Frassinetti, primeiramente por motivos de saúde, estabeleceu-se em Quinto, onde em seguida começou o seu apostolado. Sustentou de fato a necessidade de educar as meninas porque se torna-

ram mulheres conscientes e desenvolvidas, em gráu de assistir os homens.

Daí surgiu a idéia da instituição de uma órdeem religiosa dedicada à educação e ao ensino, que hoje conta com duas mil Irmãs. Firme no seu lema "Vontade de Deus, és meu Paraíso", conseguiu estender as Casas de Instituto na Itália, Brasil (a 10 de Janeiro de 1866), Portugal, Espanha, Estados Unidos, Africa, e ultimamente China, onde as Irmãs Dorotéias penetraram há pouco tempo, cem anos após a morte de Paula Frassinetti, acontecida a 11 de Junho de 1882, em Roma. Seu corpo repousa intacto na Capela da Casa Mãe em Roma, onde ela trabalhou e consolidou sua obra, o Instituto Santa Dorotéia, fundado por ela em 12 de Agosto de 1834.

Foram muitos os percalços na vida de Paula Frassinetti, porém ela sempre afirmou: "sofrer, sofrer, e em prêmio do sofrer, novo sofrer". Esses dizeres ficaram impregnados indelevelmente, no coração de cada dorotéia, porque o sofrimento redime e cura, em meio aos espinhos, crescem rosas por todos os lados, para suavizar a rudeza da cruz. E sabemos que nem tudo na vida são cruces. Disse alguém, que "a nossa existência é esta simbiose entre a dor e o sorriso, entre a lágrima e a alegria, entre o infortúnio e a felicidade; entre arrebois e clarinadas das madrugadas e as penumbras e sombras do caso". E quanto é preciso que se faça o justo equilíbrio entre a cruz e as rosas! Teremos então a justa medida de todos os valores da vida.

A 8 de Junho de 1930, Pio XI cingiu-lhe a fronte com a auréola dos Bem-aventurados, realizando o mais ardente voto de suas filhas e apontando-a aos fiéis como luminoso exemplo de perfeição cristã. Sua festa com missa própria, celebra-se à 12 de junho.

A 24 de Setembro de 1983, o

Pontífice João Paulo II decidiu e proclamou oficialmente, que a genovesa Beata Paula Frassinetti seria declarada "Santa", brevemente. Hoje, 11 de Março de 1984, é o dia de sua canonização, celebrada em Roma pelo Sumo Pontífice João Paulo II.

O Brasil se faz representar por um grande número de ex-alunas e Irmãs Dorotéias.

A última cura de natureza sobrenatural, há dois anos na Calábria, determinou o reconhecimento da santidade de nossa grande Paula. E muitas são as graças alcançadas por seu intermédio, e eu mesma, sem sombra de dúvida, dou testemunho, e lhe agradeço sobremodo.

Na realidade, a sua obra julgada à distância de um século, é extraordinária e conserva ainda a concepção de que o trabalho é entendido como evolução intelectual, profissional, e é também educação para a juventude. Todos nós, religiosos ou leigos, com hábito ou sem hábito, integrantes deste convívio sagrado das Irmãs Dorotéias, temos no sangue e na alma, a missão de evangelizar sempre, onde estivermos, cultivando a semente do verdadeiro amor. Digamos com a Santa Paula, hoje canonizada: "Já que os máus procuram corromper a juventude, procuremos nós salvá-la a todo custo".

Outro dia, um sacerdote missionário, contou-nos que, ao vir para o Brasil, foi-lhe destinado o território de Rondônia. Lá, ele percorreu terras incultas, desabitadas quase, onde havia às vezes, resquícios de cabanas há muito abandonadas. Certo dia, em plena selva, ele encontrou entre escombros, destacando-se nas ruínas de uma parede, um crucifixo com a imagem mutilada. O Cristo não tinha braços, nem pernas, o rosto parcialmente destruído. Penalizado ele ajoelhou-se e dos seus lábios saiu um "Pai Nosso", em lágrimas. A luz do Espírito Santo de pronto o iluminou e ele teve a visão magnífica

de que o seu achado era uma lição de vida: o Cristo sem braços, sem pernas, sem rosto... é porque nós todos devemos ser no mundo, os seus braços, as suas pernas, mostrando, como missionários que devemos ser, a face de Cristo sofrida e amargurada, pedindo aos homens que acordem para a salvação de suas almas. Todos nós, como esse missionário, como Paula Frassinetti, temos uma missão na terra, e não fuja-mos nunca dessa responsabilidade. Com fé, esperança e firmeza de atitudes, agarramo-nos aos acertos por mínimos que sejam, pois atitudes positivas acarretam resultados satisfatórios e levam os jovens a descobrir o verdadeiro sentido da vida.

A Paula Frassinetti foi dedicado um belo poema que justifica o que dissemos:

"Porque tomou a sério a aventura de viver,
porque descobriu que não há maior prova de Amor
do que dar a vida até o fim,
porque entendeu que a maior glória de Deus
é o maior serviço aos homens,
porque aceitou continuar a missão de Jesus Cristo
numa adesão incondicional
à vontade do Pai,
porque se foi abrindo ao projeto de Deus
presente e ativo na vida dos homens,
porque amou as crianças, os adolescentes, os jovens
e a todos quis servir
em simplicidade
porque foi generosa e audaz,
suave e firme,
humilde e fiél,
atenta e decidido,
testemunha e apóstola,

Paula Frassinetti é mulher para o seu tempo,
Paula Frassinetti é mulher para hoje".

"São de sempre os que enraizam as suas vidas no
Amor que não terminará jamais".

CRATO Tem Sala "Patativa do Assaré"

Mais um espaço cultural vem de ser aberto na cidade do Crato. É a SALA PATATIVA DO ASSARÉ, junto à empresa de artesanato e investimentos culturais e artísticas, a BOLART, do nosso amigo Jackson Bantim.

Ele abriu, ali, uma sala especialmente destinada a palestras, lançamento de livros, encontros culturais e também de homenagem a Patativa do Assaré, nosso poeta maior. Tudo

sobre Patativa será, ali, reunido, discos, recortes de jornais, livros, citações, objetos vários, formando um Minimuseu Patativa, esperando contar com a colaboração de todos que possuam algo sobre o poeta do Assaré e queiram doa-la à instituição nascente. O ICC aplaude a iniciativa e se congratula com mais essa iniciativa de caráter cultural em nosso meio.

MOVIMENTO CULTURAL FLOR DA TERRA

TRABALHO AUTÊNTICO EM DEFESA DA ARTE E DA CULTURA REGIONAL

O MOVIMENTO CULTURAL FLOR DA TERRA surgiu do desejo sentido por um grupo de estudantes de dinamizar a cultura cratense, diante da necessidade de uma organização na estrutura artística vigente.

O Crato, tido como "Pérola do Cariri", "Cidade da Cultura" ainda se mostra inerte perante a necessidade de provocar a cultura popular, a cultura de massa, a cultura das mãos calejadas do trabalhador rural e urbano, do proletariado, do subempregado e do desempregado; Dos artistas do povo que batalham por um espaço, na arte e na vida.

Com o objetivo de descobrir e incentivar a promoção desses valores tão vivos e ao mesmo tempo suplan-

tados pelo consumismo intelectual e cultural elitizante, emerge o MOVIMENTO CULTURAL FLOR DA TERRA como uma alternativa pró nacionalização da cultura, dentro das raízes e peculiaridades regionais. Valorizar os costumes da terra e combater a difusão da "cultura importada", escutando a arte popular tão injustiçada pelo carreirismo intelectual capitalizado, é algo a que se propõe este movimento. Quer ele servir de elo entre os grupos artísticos das periferias e povo em geral, instigando o desabrochar e desenvolvimento da cultura popular; Respeitando a moral e os costumes de cada grupo, zelando pela individualidade e independência criativa.

A majestosidade dos nossos artistas populares e a imensidão dos seus valores são riquezas que precisam ser notadas, são tesouros preciosos a que não se dá o devido valor. O MOVIMENTO CULTURAL FLOR DA TERRA propõe-se a ser presença ativa e atuante naqueles que anseiam e lutam por uma cultura verdadeiramente liberadora. Imbuídos desses propósitos que consideramos dignificantes e fundamentais na época atual, aflora no jardim da vida artística e cultural o movimento que representa a Flor da gente, que visa purificar a atmosfera dos campos populares com o seu aroma de liberdade e otimismo. No dia 1º de fevereiro deste o movimento comemorou o seu primeiro aniversário; Celebrando a continuação de uma batalha onde se disputa a conquista de um espaço para uma "cultura insubmissa". Sabemos que o solo dos corações humanos estão cada vez mais erodidos pela sociedade consumista; Que já não nasce mais uma

ICC VAI PREENCHER TODAS AS SUAS CADEIRAS VAGAS

O Instituto Cultural do Cariri, após vencida a batalha para publicação do número 28 de sua revista ITAYTERA, vai se voltar, agora, para a normalização de suas atividades, compreendendo dois setores.

Primeiro vai cuidar da restauração, interna e externa de sua sede, já deteriorada com o passar dos anos, providenciando o que for necessário, para possibilitar a instituição reativar suas atividades normais.

E depois vai cuidar de promover o preenchimento de todas as suas Cadeiras vagas, inclusive nas áreas de Arte e de Ciências, completando o seu quadro social.

Para esse segundo item, já está mantendo entendimentos com os intelectuais, do Crato e de outras cidades, eleitos para as respectivas cadeiras.

vegetação de bons valores, que já não brota a flor da virtude.

Entretanto, propomos uma correção dessa área outrora tão fértil, fazendo o papel de corretivos e "adubando" os espíritos para que vicejem e frutifiquem. A semente está lançada e também a proposta. Cientes que os nossos propósitos só se legitimarão através da adesão e participação popular, o seu desenvolvimento se efetuará no próprio processo de luta popular pela libertação da cultura.

O Movimento está trabalhando atualmente no lançamento de um livro antológico de literatura popular, reunindo obras de vários poetas do povo. Este livro representará mais um avanço no trabalho autêntico em defesa da arte e da cultura regional.

O MOVIMENTO CULTURAL FLOR DA TERRA nasceu com toda essa garra de ideais e espera viver enquanto dure e persistam os ideais de libertação cultural do brasileiro, em especial do povo cratense.

PLANO DE AÇÃO

— Defender as condições culturais e ecológicas a partir da atuação ampla dos grupos artísticos existentes e a sociedade em geral;

— Lutar pela valorização e preservação da cultura da terra;

— Descobrir e catalogar os artistas da terra;

— Promover os artistas através de shows, festivais, exposições, livros, panfletos, cordéis, etc...;

— Incentivar os grupos artísticos em suas iniciativas e promoções;

— Atuar junto aos grupos artísticos existentes na divulgação e execução de suas atividades.

— Trabalhar junto as autoridades pela legalização e reconhecimento dos grupos artísticos existentes;

— Fornecer o intercâmbio cultural entre os grupos;

JERÔNIMO CÂNDIDO

Movimento Cultural "Flor da Terra"

A Chuva

A cada pingo, uma vida!
Em cada vida, uma esperança
Na esperança: o sofrer.

Continuarás sertanejo
roceiro, robusto
a expiração?
Serás novamente
enganado, oprimido
em busca de chão,

Religião, uma fé!
nesta fé, a razão!!!
Que razão?, Padecer?

Continuarás rezando
e intensamente
a agradecer?
Os alados! Não seriam eles,
que deveriam
anteceder?

.....
E o sertão em mar se transformava...

— Lutar pela formação de novos grupos artísticos;

— Estimular toda e qualquer iniciativa e/ou manifestação que vise a promoção humana e cultural;

— Colaborar na divulgação de novos valores nos centros avançados do País através de entidades estudantis, culturais e demais órgãos ligados direta ou indiretamente à cultura;

— Manter intercâmbio constante entre a central (Crato) e estudantes Cratenses residentes nas diversas regiões do país onde se localizam os postos avançados.

Mãe Natureza POBRE

Quando molhado o sertão
 cresce logo a plantação,
 e a chuva que cai no chão
 floresce a crença e a certeza.
 O mato se reverdece,
 erguendo seus braços em prece
 o camponês agradece,
 a sua mãe natureza.

No galho canta feliz.
 o sabiá, o perdiz,
 desfazendo a cor matiz
 que feneceu a beleza.
 E o homem de tão contente,
 vai improvisando repente,
 no seu torado e batente
 que é sua mãe natureza.

O vento com mais vigor,
 refresca o trabalhador
 voltado pro seu labor,
 com alegria e esperteza.
 Que em sua mão calejada.
 carrega o cabo da enxada,
 na sua terra adorada,
 chamada mãe natureza.

Tudo é vislumbante e belo,
 do menor pé de chinelo,
 àquele imenso amarelo
 trazido do sol pureza.
 E vivendo aquele encanto,
 não tem quem deixe seu canto,
 por menor que seja o tanto,
 de sua mãe natureza.

Pobre é alguém sem vontade própria
 Sem direito, sem exigências.

Pobre é alguém de infinita paciência
 Sem recurso ou indulgência
 Da classe abastada.

Pobre é um burro de carga,
 Pobre é bode expiatório,
 Pobre é o culpado de tudo,
 Pobre é pobre!

Pobre é sempre o último:
 Na fila do inps,
 Na repartição oficial...
 Dá dó de ver pobre tentando
 Tirar documento.

Pobre é mal atendido
 Pobre é mal informado
 Pobre é mal educado
 Pobre é mal tudo.

Pobre morre mais cedo
 Pobre come mais ruim
 Pobre mora mais longe
 Pobre é mais coisa triste.

Eu não sei se a gente quando nasce,
 Bem, se a gente escolhe;
 Porque pobre nunca tem escolha.
 Pobre é sempre injustiçado,
 Ninguém fala, mas todo mundo sabe.

Algo só me perturba, e interroga,
 E serve de consolo.
 Por que JESUS CRISTO veio ao mundo
 De pobre, se podia ter vindo de rei?

**ITAYTERA — Uma Revista do Cariri,
 divulgando a CULTURA de sua gente.**

UM DIA NAS FÉRIAS

Dia manso de sol e de sonho,
De calor de dia, mais redemoinhos,
A levantar um turbilhão medonho
De poeira, das estradas e caminhos.

Pó fino, vermelho-colorau
Solto por pneu de caminhão.
Pés andarilhos esquecidos a que vão
Sem objetividade matinal.

Dia pálido sem feitos maiores,
Dia cálido sem feitos piores.
Tudo é moroso e é rotina,
Sem objetividade vespertina.

Uma cachaça e outra mais,
O tempo corre devagar
Sem pressa nenhuma de passar
O presente torna para trás.

Estórias de heróis vencidos
Façanhas de heróis comuns
Memória de dias já idos
Galhofa, mofo de alguns.

E a fora o trabalho forçado,
Monetariamente nunca recompensado,
Prefiro a vida taciturna
Sem objetividade noturna
Do pequeno produtor.

O AMOR DE UMA PEQUENA

Eu quis fazer um soneto
Do melhor gosto artístico
Que fosse quase perfeito
No parecer de um bom crítico.

Escolhi até uma escola
Da nossa literatura
Tomei do lápis-viola
Pus-me a fazer escritura.

Finalmente já cansado
Sem nada ter conseguido,
Fui dormir desapontado.

Restou o título esquecido
Dele nada vou falar
Se não me vens inspirar.

Dois Momentos

Feira, Esperança de Muitos

Hoje a feira vai ser ruim. A chuva teima, não pára.

As bancas encharcadas, o pessoal encolhido nas soleiras das portas abarrotando os cafés, as marquises, à espera que o temporal passe.

Sábado cinzento.

Estradas atolando retém carros dos municípios vizinhos e, também por isso, Araripina, plena dez horas da manhã, "esquece" seu dia semanal mais movimentado.

Comerciantes locais começam a irritar-se pensando nos compromissos da segunda-feira. Donos de armazéns preocupam-se com o feijão que não veio, o arroz ausente, a farinha mofando. Não podem nem mesmo dar "espiada" nos precinhos dos feirantes para fazer a média, "ver" quanto comprar, qual a alta a formular para crescer logo seus lucros...

Reginaldo, de Arapiraca, fica lamentando o atraso e a impossibilidade em vender todo seu fumo. Olha desconsolado para as rodinhas em cima do balcão, pragueja e vai tomar um cafezinho.

O doceiro, tentando "salvar o dia", oferece esperançoso um "Taurus" a Edmilson da lanchonete.

Duas irmãs (dizem que uma é moça) agarram-se, depois de palavras e alguns tabefes, disputando

o homem comum. O povo corre, torce, aglomera-se, ávido de cenas mais ousadas. Um falso moralista fala grosso mas vai ficando, ao perceber rasgões nos vestidos, seios arfantes, coxas arranhadas, partes íntimas. Alguém grita: polícia. Uns correm outros dispersam-se sorrateiros, as mulheres disfarçam, desaparecem.

No "Tio Patinhas" sobram almoços; só se vende mesmo "bicadas".

Os "carros-de-praça" ferrujam de tanto imobilismo.

Nas escolas, aulas vagas. A criança e até os menos jovens optaram pelo cobertor a ter de enfrentar o frio e a água, além da lama nas ruas mal calçadas ou sem calçamento.

Inexistem nas ruas aqueles amontoados de objetos contrastantes. Nem as moças e rapazes dos sítios a passearem sem destino, sem deveres, "trocando dedos-de-prosa" eles ouvindo, elas esquivando-se, sorrindo...

Não vieram também as kombis com os alto-falantes "berrando" maravilhas, preços baratos, queimas, oportunidades únicas.

Faltaram ainda aqueles "caras" dos megafones "ofertando" retalhos, e utensílios de cozinha.

Os vendedores de versos, de plantas medicinais, de "banha do peixe-boi", de revistas usadas, de legumes e cereais, já "fizeram as malas"; procuram transporte para Feira Nova e Trindade, tentando chegar primeiro para a feira do domingo.

Eunilson, da Maguary, reclama o tempo frio por não poder vender sorvetes nem o seu refresco.

"Otávio das redes", de braços cruzados, na farmácia de Marcelo, espera melhora do tempo.

Seu "Né", do cartório, esfregando as mãos, conversa maneiroso sobre política com "Fred" do Banco do Brasil.

A turma da A A B B desiste do

"racha" pois a quadra está escorregadia. Transferem o treino para o domingo.

Até mesmo o padre Gonçalo lamenta: deixou de ir a Recife; tinha marcado oito batizados e seis casamentos...

O povo do mato, mesmo sem resmungar tanto, vai alimentando as esperanças de inverno e lamenta não poder fazer sua feirinha, vender seu legume, dar um abraço no compadre, saber, com calma, as novidades do mundo. Terá de esperar outros sete dias, voltar de cavalo levando o litro de querosene amarrado num dos lados da sela, teimará em acender seu cigarro de palha ou "bico-fechado", se aprumará no "coxim", preocupando-se antes se as encomendas da mulher, o café, a rapadura e o fumo estão bem protegidos dentro do alforje. Beberá o último "trago" na derradeira bodega da rua onde receberá a "peixeira" e cuidadosamente colocará na cintura para se precaver dos "cabras embuanceiros".

Em matéria de comércio e de papo o dia foi ruim.

O rendoso e mais espontâneo encontro semanal dissolveu-se pelas águas. O cidadão do comércio sofreu, o rurícola frustrou-se. Só os bancos continuam impassíveis. Para eles chuva e verão não afetam; o que conta é o prazo; e o tempo não pára.

Em lugar pequeno a feira semanal é, ainda, a esperança de muitos.

* *
*

Essência das Coisas

Talvez amanhã eu já não exista; por isso escrevo agora.

As palavras surgem e vão se amontoadando, dando emoção e vida a coisas inanimadas. Bom mesmo é não pensar; soltar tudo como se sente sem

se preocupar com censura, imoralidade, religião, política...

Penso em poste e vem logo a idéia de iluminação, ruas desertas, mulheres que ficam nas esquinas à espera de homens...

Em cima da mesa, livros de poesias. Lembro-me de Vinicius, Drummond, Paulo Bonfim, Cecília Meireles, Adalgisa Nery, Ascenso Ferreira, Valdesley, José Newton e de Francisco Rocha, poeta cratense sem nenhum livro publicado.

A monotonia enche, sem dar êsse sentido de humanidade tão necessário. Curioso é que freqüentemente mudamos de conceito. Muitos princípios por nós adotados como irreduzíveis se tornam, em momento, inteiramente transformados. Os psicanalistas, psicólogos, psicopatas e todos os demais "psis" acham sempre explicações, sem jamais nos convencer inteiramente.

Há uma sensação de luta e conformismo, ao mesmo tempo, como se o cérebro trabalhasse mais e o corpo avolumasse reservas, dominando de tal modo as emoções que me sinto estranho.

Tanta gente louca neste mundo louco que nem sei mais em que consiste a lucidez. Enquanto uns se desesperam procurando, outros, "realizados", se isolam. Quando a pessoa não se ajusta dentro de si, "outra" que vier só trará novos problemas.

Ninguém se realiza completamente. Derrota, todavia, é sempre estímulo; vitória precisa de cautela. Vivemos angustiados porque a verdade está em lugares diferentes dos nossos. Tudo tão banal, tão importante que cada vez ficamos mais confusos. Há sempre o jogo do fazer e não fazer, de ser e não ser, de querer e não querer...

Interrogo-me. Luto. Insisto para encontrar a Essência das coisas.

Acho que a melhor regra de vida

(podemos "enquadrar" a existência?) é fazer o que gostamos (se conseguirmos, pois estamos sempre cheios de limitações) sem nos prejudicar nem usurpar o direito de outrem. Estarei certo? Será possível?

Já notaram como no mundo de hoje (só de hoje?) os ricos são também os donos da Verdade, do poder, da honestidade, da saúde e até da vida dos outros? Anula-se o indivíduo; identificam-se as pessoas pelo que elas possuem, ou pelas siglas das quais elas fazem parte: maçnaria, pds, pmdb, pt, católico, comunista, espírita, ateu, anarquista, terrorista, ecologista... Apesar de tudo, como caprichosa ironia, êsses "privilegiados" jamais serão senhores da própria existência.

Continuamos a querer o que não temos, sonhamos sempre com mais, sem completar nunca nossas aspirações.

Quando criança pensava que ser feliz era ser rico; tudo o mais de positivo tornava-se conseqüência. Simples e bom demais para ser correto.

Hoje, alguns dos meus conceitos se modificam. Todavia, não sei ainda em que consiste a Felicidade; abs-trata, amorfa, ilusória.

Depois de tudo, de tantas palavras inúteis e importantes, envolvido pelo contato acariciante do vento serrano, caminho lento entre as palmeiras a oscilarem altivas e preguiçosas. O sol esmaecido desliza pelas copas, fugindo da noite.

Fim de tarde, solidão, desejo do inacessível.

IMPRESSOS?

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI

Onde a sua IMPRESSÃO
causa uma boa impressão...

RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 386

TELEFONE: 521-1223

C R A T O — C E A R A

Lojas

AZTECA

TAVARES & ANDRADE
LTDA.

HONRANDO O PRESTÍGIO QUE
DESFruta APRESENTA AOS
SEUS CLIENTES E AMIGOS UM
COMPLETO SORTIMENTO DE



Calçados

Bolsas

Cintos

Artigos para presentes.

PREÇOS SEM COMPETIÇÕES

Rua Dr. João Pessoa, 359

Fone: 521-1411

CRATO - CE.

INDICE	Pág.
HOMENAGEM AO CEL. FILEMON FERNANDES TELES	4
OS JESUITAS NO CEARÁ COLONIAL	13
FASES DA INDEPENDÊNCIA	25
A ESTRANHA FIGURA DO CEL. JOÃO DA SILVA LEAL	29
DE RITA LOBATO A AMÉLIA PEROUSE	39
ESTRELAS DO EXÉRCITO DE ONTEM	40
NOTAS PARA A HISTÓRIA DA LITERATURA LAVRENSE	42
DISCURSO SOBRE O CARIRI, DEMORANDO NA BAHIA	55
VALOR DE UMA HERANÇA CRÍTICA	58
MINISTRO GERALDO BEZERRA DE MENEZES	60
CANGACEIRO	62
UM FILHO DE CAROLINO SUCUPIRA	63
MADRE ANA COUTO	67
MONSENHOR JOÃO ALBOINO PEQUENO	68
10 POEMAS DE DANDINHA VILAR	71
O OUTRO LADO DA HISTÓRIA	73
DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA	77
OS BISPOS DO CEARÁ E O HOMEM SOFREDOR	87
MACAMBIRA EM FLORAÇÃO	95
O PEQUIZEIRO	97
A SÉCA DE 1915	101
TRAÇOS DA VIDA DO DR. IRINEU PINHEIRO	105
A TEMÁTICA SOCIAL E HUMANA EM BATISTA DE LIMA	106
GONZAGA MOTA: O GOVERNO DO SOCIAL	109
O DIA EM QUE O PADRE CÍCERO VIU UM AVIÃO...	117
O HOMEM MAIS FEIO DO CRATO	121
MORRE MESTRE NOZA	125
IBIAPINA: TRAÇOS DE SUA VIDA	128
DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA PENHA	133
ENCONTRO COM LAMPIÃO	134
JOÃO RANULFO PEQUENO — MEU PAI	137
VIRGULINO, O "CAPITÃO"	141
AVIVANDO RETALHOS	157
CINÉ PARAISO	159
NAÇÃO CARIRI AGORA É REVISTA	162
A COISIFICAÇÃO DO PROFESSOR	165
UMA PRECE, UMA FLOR, UMA VELA...	168
DESPERTAR ECOLÓGICO	169
A PRISÃO DO SARGENTO-MOR ARNAUD	177
A EDUCAÇÃO PARA OS DIAS HOJE, NUM ESPAÇO...	183
ORIGENS DA FAMÍLIA PEREIRA, DA RIBEIRA DO PAJEU	186
PAULA FRASSINETTI ONTEM E HOJE	190



SULCEPA

Cia. Sul Cearense de Papéis

Regozija-se
pelo lançamento
do

28!

número
de

Itaytera

Sinal do vigoroso
esforço dos
intelectuais conterrâneos

CEVEMA

PICK-UP FIAT 84
PICK-UP CITY 84

UM CARRO FORTE PARA O TRABALHO.
VERSATILIDADE TOTAL-PRÁTICA E FUNCIONAL

SPAZIO GL 84

STATUS COM AVANÇADA TECNOLOGIA.
SEGURANÇA E ESTABILIDADE EXCEPCIONAIS.

FIAT 147 C 84

INTERIOR PRÁTICO E RACIONAL.
O PONTO ALTO EM VERSATILIDADE.

PANORAMA 84
CE E GL

A TECNOLOGIA QUE ESTÁ SENDO SEGUIDA.
A ESCOLHA DA VERSATILIDADE E DA
FUNCIONALIDADE.
UM MOMENTO DE SOFISTICAÇÃO.

Veja todos esses modelos e os demais
da linha FIAT no Revendedor autorizado

CEVEMA

Rua Leão XIII - Juazeiro do Norte-Ce.
ALI ESTÁ O ENDEREÇO CERTO DO CARRO CERTO!